

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social

Armando Magno de Abreu Leopoldino

JOSEF BROZEK E A INTERNACIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA
COMO ÁREA DE PESQUISA: um estudo biográfico (1913-2004)

Belo Horizonte

2025

Armando Magno de Abreu Leopoldino

**JOSEF BROZEK E A INTERNACIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA
COMO ÁREA DE PESQUISA: um estudo biográfico (1913-2004)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Psicologia, Psicanálise e Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Regina Helena de Freitas Campos.

Belo Horizonte, MG

2025

L587j
T

Leopoldino, Armando Magno de Abreu, 1990-
Josef Brozek e a internacionalização da história da Psicologia
como área de pesquisa [manuscrito] : um estudo biográfico (1913-2004) /
Armando Magno de Abreu Leopoldino. -- Belo Horizonte, 2025.
212 p. : enc., il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação.

Orientadora: Regina Helena de Freitas Campos.

Bibliografia: f. 179-206.

Apêndices: f. 207-212.

1. Brozek, Josef -- Biografia -- Teses. 2. Educação -- Teses.
3. Psicólogos -- Biografia -- Teses. 4. Pesquisa psicológica -- História --
Teses. 5. Psicologia -- História -- Teses. 6. Instituições -- Teses.
7. Educação -- História -- Teses. 8. Pesquisa educacional -- Teses.
I. Título. II. Campos, Regina Helena de Freitas, 1950-.
III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 150.09

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ATA**DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO
ARMANDO MAGNO DE ABREU LEOPOLDINO**

Realizou-se, no dia 19 de fevereiro de 2025, às 14:00 horas, na sala 5102 da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 1561ª defesa de dissertação, intitulada *JOSEF BROZEK E A INTERNACIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA COMO ÁREA DE PESQUISA: um estudo biográfico (1913-2004)*, apresentada por ARMANDO MAGNO DE ABREU LEOPOLDINO, número de registro 2023650660, graduado no curso de HISTORIA/NOTURNO, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Regina Helena de Freitas Campos - Orientador (UFMG), Prof(a). Marina Massimi (USP), Prof(a). Rodolfo Luís Leite Batista (UFSJ), Prof(a). Raquel Martins de Assis (UFMG).

A comissão considerou a dissertação: APROVADA, destacando a excelência e originalidade do trabalho, o tratamento cuidadoso das fontes, a análise de dados aprofundada e competente e a contribuição expressiva da pesquisa ao campo de conhecimento da História da Psicologia na interface com a Educação na obra de Josef Brozek. A Comissão sugeriu ao candidato dar continuidade ao trabalho no Doutorado, explorando novos aspectos do trabalho do autor relevantes para a expansão da área de conhecimento em História da Psicologia.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 19 de fevereiro de 2025.

Prof(a). Regina Helena de Freitas Campos (Doutora)

Prof(a). Marina Massimi (Doutora)

Prof(a). Rodolfo Luís Leite Batista (Doutor)

Prof(a). Raquel Martins de Assis (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por **Marina Massimi, Usuário Externo**, em 21/02/2025, às 08:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Regina Helena de Freitas Campos, Professora do Magistério Superior**, em 22/02/2025, às 11:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rodolfo Luís Leite Batista, Usuário Externo**, em 24/02/2025, às 13:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Raquel Martins de Assis, Servidor(a)**, em 26/02/2025, às 20:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3991659** e o código CRC **C7CB2AC7**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, que me apoiou integralmente na decisão de me dedicar exclusivamente ao Mestrado. Meu pai e minha mãe, Carlos e Ângela, sempre foram grandes incentivadores dos meus estudos e de inúmeros outros aspectos da vida, no que sou eternamente grato.

Agradeço também à minha irmã, Louiziane, meus primos, primas, tios, tias e sobrinhos, que sempre foram parte da minha construção como sujeito. Não consigo mencionar todos, mas tive muito suporte de todos os lados.

A meus amigos e amigas próximos, que me estimularam, ouviram e estenderam a mão todas as vezes que precisei. Vocês são essenciais na minha jornada desde que me mudei para Belo Horizonte.

Tenho uma série de professores, desde a graduação, que me estimularam muito para os estudos históricos. Seria injusto não citar quase todos. Isso se estende para o Mestrado. Destaco minha professora da primeira aula graduação e também a primeira da pós, Thais Fonseca, por integrar esse ciclo.

Para a pós-graduação, agradeço especialmente à Raquel Assis, pela primeira aula do assunto e por me indicar o caminho; à Marina Massimi pela escuta atenciosa e generosa e à minha orientadora, Regina Helena de Freitas Campos, por acolher o projeto, pelas valiosas contribuições e pelas diversidades oportunidades que me ofereceu.

Agradeço também aos colegas e outros pesquisadores, que compartilharam de seus conhecimentos, de seu tempo e foram muito solícitos e atenciosos comigo.

Agradeço à CAPES pela bolsa que me possibilitou fazer o Mestrado em dedicação exclusiva. “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.

Finalmente, agradeço especialmente meus avós, Donato e Maria (*in memoriam*), por todo o amor que me proporcionaram. Dedico o mestrado à minha avó, pois fui aprovado na semana que ela faleceu. Fico feliz por ter conseguido transmitir a notícia, que foi recebida com um sorriso.

“[...] pois o abecê de nosso ofício aconselha a fugir desses grandes nomes abstratos para tentar estabelecer, por trás deles, as únicas realidades concretas, que são os homens” (Bloch, 2013, p. 39).

RESUMO

Esta pesquisa histórica analisa as relações do psicólogo tcheco Josef Brozek (1913-2004) no desenvolvimento da História da Psicologia como uma área de pesquisa autônoma a partir de meados do século XX. Brozek emigrou para os Estados Unidos no início da Segunda Guerra Mundial e se voltou para a pesquisa e o ensino da área de forma mais destacada a partir dos anos 1960, época em que estabeleceu uma rede de contatos e participou da fundação de diversas instituições, como o periódico *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, a Divisão 26 da *American Psychological Association*, dedicada à História da Psicologia, assim como os Arquivos Americanos de História da Psicologia. Em suas atividades profissionais, Brozek formou parcerias com outros pesquisadores da área e dedicou especial atenção à educação, algo que também se manifestou em sua passagem pelo Brasil na década de 1990. Como perspectiva teórica, o estudo considera a articulação entre a trajetória dos sujeitos e suas relações institucionais, pessoais e políticas, bem como suas conexões com o contexto sócio-histórico. A tese defendida é que Brozek buscou institucionalizar a História da Psicologia com o objetivo de legitimá-la como campo científico, nas definições de Bourdieu. Ele ainda esteve envolvido na internacionalização da área, promovendo um deslocamento transnacional do saber psicológico. O autor foi analisado à luz do contextualismo, metodologia associada ao grupo conhecido como “Escola de Cambridge”, que oferece relevantes contribuições teórico-metodológicas para o estudo de intelectuais e suas obras. Essa abordagem considera os textos como formas de ação, analisando-os em seu contexto de produção e levando em conta as redes de sociabilidade dos autores. Além das publicações de Brozek, foram utilizadas fontes de arquivos e acervos de pesquisadores que trabalharam com este psicólogo. Para interpretar criticamente os documentos, a pesquisa também adotou práticas das biografias contextualizadas e procedimentos da micro-história. Os resultados obtidos contribuem para o debate sobre a agência dos sujeitos nas práticas científicas, bem como sobre os caminhos percorridos na consolidação de perspectivas teóricas, metodológicas e educacionais na História da Psicologia.

Palavras-chave: História da Psicologia; Brozek; transnacional; instituições; educação e pesquisa.

ABSTRACT

This historical research analyzes the relationships of Czech psychologist Josef Brozek (1913-2004) in the development of the History of Psychology as an autonomous research area from the mid-20th century onwards. Brozek emigrated to the United States at the beginning of World War II but turned to research and teaching of that area more prominently in the 1960s, a time when he established a professional network as well as participating in the founding of several institutions, such as the journal *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, the Division 26 of the American Psychological Association, dedicated to the History of Psychology, along with the American Archives of the History of Psychology. In his professional activities, Brozek established partnerships with other researchers in the field and devoted special attention to education, an aspect that also manifested during his time in Brazil in the 1990s. As a theoretical perspective, the study considers the articulation between the trajectories of subjects and their institutional, personal, and political relationships, as well as their connections to the socio-historical context. The thesis defended is that Brozek sought to institutionalize the History of Psychology with the aim of legitimizing it as a scientific field, according to Bourdieu's definitions. He was also involved in the internationalization of the area, promoting a transnational shift in psychological knowledge. The author was analyzed in light of contextualism, a methodology associated with the group known as the "Cambridge School," which provides significant theoretical and methodological contributions for studying intellectuals and their works. This approach considers texts as forms of action, analyzing them in their production context and taking into account the authors' social networks. Besides Brozek's publications, archival sources and collections from researchers who worked with this psychologist were utilized. To critically interpret the documents, the research also adopted practices of contextualized biographies and micro-historical procedures. The results obtained contribute to the debate on the agency of subjects in scientific practices, as well as on the paths taken in the consolidation of theoretical, methodological, and educational perspectives in the History of Psychology.

Keywords: History of Psychology; Brozek; transnational; institutions; education and research.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Conteúdo das caixas do Acervo Josef Brozek.....	26
Quadro 2 - Publicações autobiográfica de Brozek.....	30
Quadro 3 - Índices de citações de Brozek no período de 1964-1970.....	45
Quadro 4 - Universidades e projetos de pesquisa que mais angariaram fundos do NIMH - 1948 a 1963.....	62
Gráfico 1 - Número de membros da APA.....	66
Quadro 5 - Pesquisas em História da Psicologia levantadas por Brozek.....	83
Quadro 6 - Trabalhos de Brozek no Contemporary Psychology.....	85
Quadro 7 - Resenhas de Brozek sobre a História da Psicologia nos anos 1950.....	86
Quadro 8 - Número de publicações por áreas da Psicologia Soviética em 1963.....	89
Quadro 9 - Número de publicações por áreas da Psicologia Soviética em 1968.....	91
Foto 01 - Carta de Josef Brozek a Daniel Antipoff de 12 de julho de 1997.....	168
Quadro 10 - Obituários de Josef Brozek no History of Psychology.....	170
Foto 02 - Certificado de Regina Helena Campos com o trabalho sobre Brozek.....	173

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AAAP - American Association for Applied Psychology
- ABE - Associação Brasileira de Educação
- ABP - Arquivos Brasileiros de Psicotécnica
- ABPsi - Association of Black Psychologists
- AHPA - Arquivos de História da Psicologia Americana
- ANP - Associação Nacional de Pós-Graduação
- ANPEPP - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia
- APA - American Psychological Association
- APS - Association for Psychological Science
- ATA - American Teachers Association
- AUHP - Arquivos UFMG de História da Psicologia
- AWP - Association for Women in Psychology
- BSPA - Black Students Psychological Association
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CDPHA - Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff
- Cheiron - The International Society for the History of Behavioral and Social Sciences
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CP - Contemporary Psychology
- DAM - *De Animorum Medicamentis*
- DASP - Departamento Administrativo do Serviço Público
- DOPS - Departamento de Ordem Política e Social
- DSM - Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders/Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
- FATG - Fundação Aniela e Tadeusz Ginsberg
- FGV - Fundação Getúlio Vargas
- GT - Grupo de Trabalho
- IBRO - International Brain Research Operation
- IDORT - Instituto de Organização Racional do Trabalho
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- ISIS - A Journal of the History of Science Society
- ISOP - Instituto de Seleção e Orientação Profissional

JHBS - Journal of the History of the Behavioral Sciences
LBHM - Liga Brasileira de Higiene Mental
LEC - Liga Eleitoral Católica
MIT - Massachusetts Institute of Technology
NAACP - National Association for the Advancement of Colored People
NAS - National Academy of Sciences
NIH - National Institutes of Health
NIMH - National Institute of Mental Health
NRC - National Research Council
NSF - National Science Foundation
OMS - Organização Mundial da Saúde
OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte
PNPG - Plano Nacional da Pós-Graduação
PUC - Pontifícia Universidade Católica
RHP - Revista de Historia de la Psicología
SBP - Sociedade Brasileira de Psicologia
SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SIP - Sociedade Interamericana de Psicologia
SOSP - Serviço de Orientação e Seleção Profissional
SPA - Serviço de Psicologia Aplicada
SPSSI - Society for the Psychological Study of Social Issues
TCEN - The Cheiron European Newsletter
UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USP - Universidade de São Paulo
VA - Veterans Administration

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
O Desafio Biográfico.....	16
A reincorporação dos sujeitos.....	19
Campo Científico e Habitus na trajetória dos agentes intelectuais.....	21
Metodologia.....	23
Estrutura da Dissertação.....	28
CAPÍTULO 1 - JOSEF BROZEK: ANOS INICIAIS, FORMAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO PROFISSIONAL.....	30
1.1 - Infância, juventude e formação profissional - 1913 a 1939.....	31
1.2 - Início da vida nos Estados Unidos.....	38
1.3 - Desenvolvimento profissional.....	40
1.4 - A docência em Lehigh e a consolidação da História da Psicologia (1959-1963).....	46
1.4.1 - Concepções de ensino.....	47
1.5 - A Psicologia nos Estados Unidos.....	49
1.5.1 - A passagem do século XIX para o XX.....	49
1.5.2 - A Psicologia na primeira metade século XX.....	53
1.5.3 - A ascensão do paradigma behaviorista.....	56
CAPÍTULO 2 - A PSICOLOGIA PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A CONSTITUIÇÃO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA.....	59
2.1 - As ciências na segunda metade do século XX.....	59
2.2 - A Segunda Guerra Mundial e a Psicologia.....	60
2.3 - A reestruturação da APA.....	65
2.4 - As primeiras publicações de História da Psicologia.....	69
2.5 - A História da Psicologia como um campo autônomo de pesquisa.....	71
2.6 - Os Seminários de Verão.....	75
CAPÍTULO 3 - A INTERNACIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA....	83
3.1 - Brozek e a produção soviética.....	84
3.2 - Diversidade de interesses.....	93
3.3 - A pesquisa arquivística.....	96
3.4 - Os anos 80: do internacional ao transnacional.....	100
3.4.1 - Aposentadoria em Lehigh e pesquisa em Würzburg.....	102
3.4.2 - Brozek e a fundação de novos periódicos.....	105
3.4.3 - A Cheiron europeia - 1982.....	107
3.5. A atuação dentro dos Estados Unidos na década de 1980.....	108
3.5.1 - A expansão dos programas de pós-graduação em História da Psicologia nos EUA... 109	
3.5.2 - Contato e estímulo aos jovens pesquisadores.....	111
3.6 - Seminários e eventos ao longo da década de 80.....	112
CAPÍTULO 4 - O DESENVOLVIMENTO DA PSICOLOGIA NO BRASIL.....	115
4.1 - A Medicina.....	116

4.1.1 - A produção brasileira em contato com a internacional.....	120
4.2 - A Educação.....	124
4.3 - A Organização do Trabalho.....	130
4.4 - A fase “universitária” e o avanço da institucionalização.....	133
4.4.1 - A Psicologia e as universidades.....	133
4.4.2 - As institucionalizações.....	138
4.5 - A regulamentação da profissão e a pesquisa universitária.....	140
CAPÍTULO 5 - JOSEF BROZEK E A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL..	144
5.1 - A consolidação da História da Psicologia no Brasil e sua repercussão internacional....	144
5.2 - Antonio Gomes Penna e o Seminário de História da Psicologia da América Latina....	146
5.3 - O contato com Marina Massimi e a expansão da década de 1990.....	153
5.4 - Brozek, a História da Psicologia e o Ensino.....	157
5.4.1 - Concepção de História da Psicologia.....	161
5.5 - A ANPEPP de 1996 e a fundação do Grupo de Trabalho em História da Psicologia....	163
5.5.1 - Desdobramentos.....	165
5.7 - A morte de Josef Brozek: 2004.....	169
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	174
REFERÊNCIAS.....	179
1 - Fontes de Arquivos.....	179
2 - Textos de Brozek.....	182
3 - Bibliografia.....	188
4 - Sites.....	205
APÊNDICES.....	207
APÊNDICE A - Publicações de Brozek no Journal of the International Folk Music Council.....	207
APÊNDICE B – Periódicos com artigos de Brozek sobre temas de fisiologia e Psicologia Aplicada da década de 1940.....	207
APÊNDICE C - Periódicos e instituições com publicações de Brozek em ordem alfabética	

INTRODUÇÃO

A produção latino-americana de historiografia da psicologia é hoje bastante fecunda. Cudina, Ossa e Jacó-Vilela (2021) mostraram o desenvolvimento da área na região, com interesse crescente pelo assunto e a formação de redes de colaboração. As associações científicas e sociedades ajudaram a promover o avanço da investigação historiográfica em psicologia em diversas partes do mundo. Esses autores reconheceram alguns pesquisadores como inspiração para os trabalhos nesse campo de estudos, dentre eles o psicólogo tcheco Josef Brozek (1913-2004). No cenário brasileiro, Klappenbach e Jacó-Vilela (2016, p. 234-235, tradução nossa) afirmaram que “Brozek desempenhou um importante papel em estabelecer a história da psicologia no Brasil”. Um marco desse processo foi a criação do Grupo de Trabalho em História da Psicologia, em 1996, durante o VI Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), realizado em Teresópolis, Rio de Janeiro. Autoras como Regina Helena Campos e Marina Massimi (2004a) destacaram a presença de Brozek como fundamental na formação desse grupo.

Assim, o objetivo desta dissertação é analisar as relações de Josef Brozek com o desenvolvimento da História da Psicologia como área de pesquisa autônoma a partir de meados do século 20, tanto nos Estados Unidos, país onde concentrou sua carreira profissional, quanto seus desdobramentos em outros países, principalmente o Brasil. Brozek foi um psicólogo tcheco, emigrado para os Estados Unidos em 1939, que se envolveu no ensino e pesquisa de História da Psicologia em vários países, sobretudo a partir dos anos 1960. Este autor contribuiu como um mediador para a internacionalização dessa área ao promover pesquisas e ministrar aulas do assunto em diversos países, inclusive no Brasil, o que impactou na formação local de pesquisadores e na consolidação do campo. Até sua morte, em 2004, Brozek apresentou intensa produção científica e estabeleceu contatos ao redor do mundo, contribuindo para a disseminação da pesquisa em História da Psicologia.

Ao examinar inicialmente a figura de Brozek, alguns questionamentos fizeram-se presentes: como se deu sua atuação profissional na História da Psicologia? De que maneira isso se relaciona com realidades socioculturais de seu contexto histórico? Quais as relações entre suas obras e sua vida? Qual a incumbência destinada à educação em suas atuações? Finalmente, de que maneira isso impactou o cenário brasileiro de educação e pesquisa em História da Psicologia? Pela importância que outros pesquisadores atribuem a ele, essa

pesquisa visa contribuir com o assunto por meio de uma biografia historiográfica sobre o autor, buscando compreender seu papel na História da Psicologia.

A tese sustentada é que Brozek teve uma relevante atuação na institucionalização da área. Isso se deu tanto na circulação científica acadêmica por meio de periódicos, congressos e novas sociedades de pesquisa, como na sua vinculação ao ensino superior, a exemplo da criação de departamentos educacionais e cursos dentro de programas de Psicologia, fenômeno que contribuiu para a formação de novos pesquisadores. Entende-se que as instituições não iniciam e nem encerram o processo, mas que estão inseridas no seio de discussões e projetos políticos que envolvem sua contínua afirmação e legitimidade. Longe de serem um processo natural, são frutos de esforços, intenções e anseios em nome da reivindicação do estatuto científico da História da Psicologia, algo que possibilita financiamentos e a expansão do campo. A atenção com a educação, seja por meio de cursos de curta duração ou na estruturação de programas acadêmicos, constituiu-se como pilar central no percurso de Brozek em diferentes países, incluindo o caso brasileiro.

Para efetuar o trabalho, realizei uma pesquisa documental amparada em fontes de arquivos, como cartas pessoais, correspondências com editoras e revistas científicas concentradas nos Arquivos UFMG de História da Psicologia. Ainda como fontes primárias, analisei as publicações de Brozek, incluindo livros, resenhas, artigos científicos e textos autobiográficos, localizados em periódicos internacionais diversos. Esses documentos possibilitaram analisar a trajetória científica e profissional de Brozek, identificando os movimentos de sua vida e de sua carreira. Para compreender melhor a produção teórica do autor, comparei suas publicações com a de outros autores contemporâneos, como Robert Watson e Robert Weyant, a fim de analisá-las em uma perspectiva ampliada. Por fim, utilizei documentos de pesquisadoras que conviveram com Brozek, como Marina Massimi, que doou seu acervo para os Arquivos UFMG, além dos acervos pessoais de Raquel Assis e Regina Helena de Freitas Campos, que gentilmente disponibilizaram materiais que enriqueceram a pesquisa. Para a contextualização, recorri a uma literatura secundária para entender o desenvolvimento da Psicologia articulado às práticas socioculturais, econômicas e políticas, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil.¹

Meu interesse inicial pelo tema surgiu nas disciplinas da pós-graduação em Educação na UFMG, ministradas por Raquel Assis e Regina Helena Campos, que pesquisam a história

¹ No caso estadunidense, recorri às obras de Capshew (1999), Danziger (2006), Hobsbawm (2007, 2010, 2012), Pickren e Rutherford (2010) e Sokal (1984). Já no caso brasileiro, vali-me dos estudos de Antunes (2004, 2017), Campos (2010, 2012), Massimi (1990, 2016) e Penna (1978, 1981), que também foram importantes referenciais teóricos para a circulação das ideias na psicologia e o desenvolvimento da área.

dos saberes psicológicos na sua interface com a educação. Nas aulas, interessei-me pelo campo, aproximando a Psicologia da minha área de formação, a História. Minha curiosidade se voltou para a atuação dos sujeitos dentro dos campos científicos, e agradeço à professora Raquel Assis por me apontar a relevância de uma pesquisa sobre Josef Brozek para o campo da História da Psicologia e seus impactos educacionais.

Escrever a história implica em situar os sujeitos que a produzem: “o estudo histórico está muito mais ligado ao *complexo* de uma fabricação específica e coletiva do que ao estatuto de efeito de uma filosofia pessoal ou à ressurgência de uma ‘realidade’ passada. É o *produto* de um *lugar*” (Certeau, 2015, p. 73). Cada resultado está inserido em uma combinação de elementos interdependentes, cuja combinação forma a história em um momento dado. Para o francês Michel de Certeau, encarar a operação historiográfica seria compreendê-la a partir de um lugar, de procedimentos analíticos e da construção de um texto. Sua realidade pode ser apropriada pois é uma prática humana e, como tal, vincula-se a um lugar social de produção com características socioeconômicas, políticas, culturais e institucionais que balizam a construção do saber. É na imbricação entre os debates acerca da natureza do conhecimento, da produção historiográfica e da relação da História da Psicologia com processos socioculturais que esta investigação se situa. Nesse sentido, busco entender as múltiplas relações de Josef Brozek com a constituição de um campo científico, nas acepções de Bourdieu. Espero que a dissertação possa enriquecer os debates sobre os diferentes caminhos percorridos na pesquisa em História da Psicologia, reconhecendo a agência humana no processo histórico e as formas com que as teorias circulam, são apropriadas e hibridizam-se. Em seguida, apresento alguns norteadores teóricos deste trabalho.

O Desafio Biográfico

Escrever uma biografia historiográfica é certamente uma tarefa de alta complexidade. Envolve o desafio intrincado de buscar um *outro* enquanto se lida com os dilemas da própria implicação como escritor. Em que medida o vivido é uma reconstrução do próprio biógrafo em detrimento da experiência do sujeito biografado? É possível separar o autor de sua obra? Como pensar as relações entre as singularidades e as estruturas presentes? Essas são algumas das questões que pairam sobre o gênero biográfico na História. François Dosse (2015) propôs-se a analisar o gênero, elencando seus desafios e possibilidades. A partir deste autor, teço algumas considerações sobre o tema para esta dissertação, que aborda a vida do

psicólogo tcheco Josef Maria Brozek (1913-2004) e suas relações com a História da Psicologia.

Na época contemporânea, houve uma proliferação do gênero a partir da Revolução Francesa, quando diversos modelos passaram a coexistir. De um lado, buscava-se indivíduos que representassem valores e disposições dominantes e que celebrassem aspectos coletivos; de outro, emergiam heróis que retomavam questões universais, refletindo sobre o sentido da vida e da história. As biografias de inspiração hegeliana, por exemplo, viam o grande homem como a encarnação da vontade coletiva da época, encarnando a Razão e a direção da história. Já as biografias pedagógicas, usadas regularmente no ensino de História, destacavam-se também por exaltar a figura da pessoa retratada, reforçando seus feitos e virtudes como exemplo a ser seguido.

Apesar dessa maior circulação do gênero, o uso da biografia foi relegado a segundo plano com a profissionalização do historiador, ocorrida no final do século XIX. As pesquisas empreendidas se dedicavam ao exame de civilizações, instituições e sociedades, mais do que indivíduos isolados. No século XX, a biografia enfraqueceu-se ainda mais, devido à aproximação da História com as Ciências Sociais e sua preocupação com as massas, o quantitativo e as estruturas. Não era justamente o “ídolo individual” uma das críticas de François Simiand à História no seu ensaio de 1903, denominado *Método histórico e ciência social?* Na prestigiada revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, inaugurada por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, o número de artigos sobre biografias, desde sua inauguração até 1976, apresentou uma variação entre 0 a 0,7% do conteúdo do periódico, evidenciando o apagamento da categoria.² A ascensão do estruturalismo e de uma ortodoxia marxista contribuiu ainda mais para o distanciamento acadêmico do gênero.

As biografias, contudo, passaram a ser revisitadas entre a década de 1980 e 1990, com um interesse renovado. Pode-se observar esse movimento nas novas práticas historiográficas, como as contribuições da micro-história, a renovação da história política, a ênfase ao papel dos atores históricos, o interesse pela vida cotidiana e o alargamento da própria concepção de sujeitos na História. Quanto ao campo da História da Educação, segundo Nagle (1984), o papel das biografias ainda precisava ser melhor elucidado. Vendo a situação décadas depois, entre 2013 e 2023, foram produzidas cerca de 324 teses e dissertações de Educação sobre

² Este dado se encontra em Dosse, 2015, p. 199. Marc Ferro (1989), diretor dos *Annales* desde 1969, já anunciava anos antes conclusões similares sobre a biografia na História como prática acadêmica. Ainda que um dos fundadores da revista, Lucien Febvre, tenha escrito biografias, elas se voltavam mais para a “utilização mental” de uma época que incidia sobre os indivíduos. Em outras palavras, o indivíduo aparecia mais como alguém que permitiria vislumbrar a ação das forças coletivas.

biografias, com um aumento significativo a partir de 2018.³ Isso indica que, se a situação ainda não foi plenamente elucidada, há pelo menos uma atenção crescente ao tema nos últimos anos.

As biografias constituem uma importante maneira de entender as singularidades na história, articuladas com as práticas sociais, políticas, econômicas, culturais e científicas. Elas trazem um questionamento teórico sobre os sujeitos e as diferentes formas de subjetivação, permitindo reconhecer a diversidade e as múltiplas formas de pensar, agir e estar no mundo. As pessoas constroem e ressignificam as estruturas, ao mesmo tempo que são informadas por elas, em uma relação dialética de permanente tensão entre os domínios micro e macro. Narrar e compreender uma vida são pares que andam juntos, com o potencial de fornecer novos meios de compreensão da diversidade humana. Há uma singularidade, mediada pela experiência histórica, que enriquece as leituras sobre diferentes processos sociais. Longe de cair em um modelo que desencarna os sujeitos dos seus contextos em um viés psicologizante, que Bourdieu (2006) denunciou como a “ilusão biográfica”, a proposta é complexificar as vivências e escapar de determinismos simplistas. As biografias históricas abrangem uma diversidade de categorias, desde aquelas que se concentram em sujeitos específicos até as que utilizam a trajetória de grupos para explorar configurações coletivas.

Todavia, elas apresentam o risco de se totalizar a experiência do outro, ignorando as indeterminações da vida frente às tentações de um olhar retrospectivo que parte de um desfecho já conhecido. Somado a isso, há o desafio de analisar a própria relação entre o biógrafo e o biografado, marcada por relações complexas entre identificações e imputações de experiências. Esses desafios, porém, não são exclusivos do gênero biográfico, pois na própria historiografia a reconstrução do passado passa pela mediação do historiador e da linguagem. Para que as obras tenham consistência analítica, é necessário amparo teórico e o uso criterioso de documentos, submetidos a crítica. Como bem lembra Dosse (2015, p. 294): “qualquer história biográfica é apenas uma hipótese confrontada com o acervo documental, expressão de dúvidas, irresolução e simulações imaginárias”.

Estudar um intelectual específico exige cautela para não dissolver o autor em sua obra ou vice-versa. Entre as duas esferas, há uma relação que precisa ser testada. Algo da vida do autor passa para a obra, mas o que exatamente? Cabe ao pesquisador examinar. Dessa forma, essa tensão entre obra e vida deve ser mantida, sem reducionismos, uma vez que o autor percorre várias ambiências sob determinações diversas. Seu pensamento passa por constantes

³ Pesquisa feita no <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>, com o termo “biografia”. Selecionei a Educação como Área de Conhecimento. Acesso em: 13 out. 2024.

elaboraões, formando-se ao longo do tempo. Levando isso em conta, não se pode afirmar que há uma linha monolítica e contínua na obra do autor, no que Skinner (2017, p. 372) denominou de “mitologia da coerência”. A obra manifesta uma intenção, não como uma expressão de motivos internos, mas como uma exteriorização que se concretiza no texto, dentro das convenções linguísticas e sociais, e no círculo de debate em que o autor se insere. Afinal, pensar já é uma forma de ação sobre o mundo.

A reincorporação dos sujeitos

Uma prática historiográfica com bastante ressonância nos meios acadêmicos, com substanciais considerações para a trajetória de indivíduos, é a micro-história. Iniciada sobretudo com os trabalhos dos italianos Edoardo Grendi, Carlo Ginzburg, Giovanni Levi e Carlo Poni, a micro-história opera com uma mudança da escala de forma a empreender uma nova trama na análise do passado. A mudança não significa se prender ao particular, mas entender em que medida o objeto se articula com os contextos existentes e como reage e se insere nas práticas sociais. Por isso são essenciais a análise de redes, contatos, diálogos estabelecidos e filiações que colocam o autor em determinada posição não redutível à macro-análise. Convém esclarecer que abordagens micro e macro não estão em oposição ou em uma relação de redução, pelo contrário, elas dialogam e interagem de forma complementar.

Quanto às biografias históricas, conforme mencionado acima, não são um gênero novo: Jacques Revel (2010) mostra que Plutarco, historiador grego, já as abordava em obras como *Vidas dos homens ilustres*. No entanto, esse gênero participava do regime de historicidade conhecido como *Historia Magistra Vitae*, isto é, a História como Mestra da Vida, em um caráter exemplar que restituía o indivíduo à totalidade. Na Idade Média, apareceram tanto as hagiografias, oferecidas como modelos de conduta e de fé, quanto as autobiografias, as quais edificaram um conhecimento de si pelas jornadas interiorizadas. Nessas obras, a memória desempenhava um papel primordial, pois, aliada à imaginação, conduzia ao pensamento. Já no período Moderno, a exemplaridade pela figura do herói deslocou a presença dos santos para seres humanos e foi tensionada pelo movimento de individualização e de afirmação dos valores terrenos. Com o avançar do tempo, no século XIX, as biografias se concentraram mais propriamente no gênero literário, mas com ressonâncias na História. Entretanto, face às discussões historiográficas, as biografias adquiriram um novo estatuto teórico e metodológico no século XX.

As novidades trazidas pela renovação historiográfica desde os anos 1970 destacaram a redução da escala de análise como um foco privilegiado para seus objetos de estudo. Longe de tratar o indivíduo como uma entidade isolada, esse procedimento busca contextualizar ações humanas na relação do particular com o geral, considerando as experiências vividas como categoria de análise diante de um contexto sociocultural. Nesse ponto, há similaridades relevantes com o contextualismo inglês, que se debruça sobre as interações sociais e suas relações. Peter Burke (2011, p. 25) sublinha “o processo de interação entre acontecimentos importantes e as tendências por um lado, e as estruturas da vida cotidiana por outro”. A redução da escala não necessariamente é apenas um ponto de partida, mas pode se tratar de uma completa reconfiguração da trama historiográfica, com novas perguntas e problemas.

Nessa renovação dos estudos, Sabina Loriga (2011) criticou o afã das ciências humanas de buscar bases científicas sólidas e estáveis na modernidade, mas acabar perdendo os desvios, particularidades e idiossincrasias do ser humano. Ela rejeitou a ideia de sociedade como uma estrutura autônoma e independente dos sujeitos, pois vê uma permanente relação entre essas esferas. A autora propôs examinar a iniciativa dos sujeitos que constituem a história, marcados por uma teia na qual diversas experiências se cruzam, desafiando a ideia de uma homogeneidade do tecido social. O alvo das críticas desse novo olhar historiográfico destinou-se ao projeto de indivíduos descritos de maneira enaltecida e descontextualizada. Pierre Bourdieu (2006), no texto *Ilusão Biográfica*, reforçou a crítica de uma experiência histórica que seria marcada pela intencionalidade livre, puramente lógica e racional dos agentes, cujo percurso seria caracterizado por um todo coerente e linearmente encadeado.

Alguns aspectos levantados por Chartier aprofundaram essa questão dos sujeitos. Ao entender um autor, cabe saber sua relação com a obra, mas também a maneira como ela circula, é utilizada, apropriada e ressignificada por outros grupos, muitas vezes de formas que transcendem as possíveis intenções originais. Essas percepções do social produzem estratégias e práticas que orientam ações, legitimam projetos e justificam condutas (Chartier, 1990). As inculcações não decorrem de instâncias autônomas, mas levam em conta as utilizações e circulações existentes daquilo que se busca conformar. A produção de sentido pelas apropriações situa-se no tempo e no espaço, o que exige tomar o sujeito frente a circunstâncias históricas, não como categoria universal. As formas de agir e pensar estão em relação com estruturas formadas sob múltiplas temporalidades. Um papel fundamental da história é justamente historicizar esse vínculo, perceber discontinuidades em formações socioculturais e identificar diferentes maneiras de apreensão e elaboração do real. Portanto, ao tratar dos sujeitos, “encarná-los” no tempo significa tomá-los em suas formas concretas,

dentro dos contextos socioculturais nos quais se encontram, articulando-as às múltiplas determinações, com as quais eles estabelecem relações variadas. Dessa forma, o historiador busca as homologias entre desejos, crenças e formas de se situar no mundo e as posições ocupadas pelos sujeitos na sociedade, trabalhando-as como construções históricas e, como tais, suscetíveis a mudanças e dispersões.

Campo Científico e Habitus na trajetória dos agentes intelectuais

Para ampliar a perspectiva sobre a trajetória de intelectuais na História da Psicologia, os conceitos de Bourdieu, especialmente os de *habitus* e *campo científico*, são particularmente úteis, incluindo a noção de capital científico. Esses conceitos analisam as dinâmicas de um sujeito em suas relações pessoais e institucionais.

O conceito de *habitus* permite esclarecer as relações entre as ações dos agentes sob os modelos constitutivos, afinal, para Bourdieu, o social está correlacionado à subjetividade. Podemos entender *habitus* como maneiras de ser, orientações constituídas e adquiridas socialmente. A sociedade se internaliza no plano individual na forma de disposições de conduta, espécie de uma matriz de apreciações e ações, um repertório produtor do qual o indivíduo toma como base para se guiar em suas práticas, com maior ou menor grau de consciência.

Pode-se afirmar, então, que Bourdieu não ignorou a ideia de ação e reação do sujeito diante da ordem estabelecida, por isso mesmo a escolha do termo “disposições”, indicando tendências e inclinações. Trata-se de um processo dialético entre as situações específicas e o *habitus*, envolvendo as condições subjetivas e as interiorizações. Essa mediação entre o individual e social é fundamental, uma vez que os sujeitos agem conforme suas disposições e contribuem na estruturação do mundo social de maneira estruturada e estruturante. Enquanto as estruturas emergem das práticas históricas, a mudança ocorre pelo confronto entre disposições e acontecimentos que transformam as ações coletivas, a exemplo de um contexto revolucionário.

Habitus é o produto do trabalho de inculcação e de apropriação necessário para que produtos da história coletiva, as estruturas objetivas (como a linguagem) consigam reproduzir-se, sob a forma de disposições duráveis, em todos os indivíduos,

submetidos aos mesmos condicionamentos, portanto, colocados nas mesmas condições materiais de existência (Bourdieu, 2003, p. 70).⁴

O *campo científico* refere-se à inserção dos agentes e instituições em um âmbito de características sociais específicas, no qual se produz e reproduz a ciência, entendida como a delimitação de problemas a serem investigados, com a mobilização de certos métodos, conceitos e teorias. O campo é permeado por forças em relação, que criam, determinam e colocam condicionantes nos seus espaços, as quais estão em conflito dinâmico pela manutenção e reinserção nas formações. Bourdieu reconhece duas formas de poder nos campos: a primeira seria o poder temporal ou institucional, que são as direções e posições tomadas nos departamentos. A segunda é tanto o poder sobre os meios de produção, tais como contratos, créditos, postos, quanto o de reprodução, ligado à nomeação e gestão das carreiras (2004, p. 35). Essas lógicas de poder operam dentro do capital científico de maneira distintas, mas comunicam-se entre si. Ao introduzir esse conceito, Bourdieu criticou o que ele classifica como tendência pós-moderna, ou seja, a ideia de que para compreender um texto, bastaria lê-lo.

A ideia de uma ciência neutra é uma ficção interessada que permite apresentar como científica uma forma neutralizada e eufêmica (simbolicamente muito eficaz porque particularmente irreconhecível) da representação dominante do mundo social (Bourdieu, 2003, p. 137).

Um agente depende do outro para definir as relações de força, as quais passam pelo capital simbólico, estruturado pelo conhecimento da área e pelo reconhecimento obtido. Este último provém dos pares-concorrentes, capazes de se apropriar simbolicamente da obra e da linguagem científica, avaliando seus méritos. São esses mecanismos sociais que inscrevem o método científico a ser adotado. O estatuto de cientificidade não se limita a referentes externos, mas envolve uma mudança na própria capacidade técnica, como a formação de novos quadros, o interesse pela área, o recrutamento e a expansão das publicações. Como o reconhecimento é conferido por outros, o poder político-institucional caminha junto da epistemologia e da produção teórica. É esse poder que permite o acúmulo de capital científico e sua posterior redistribuição. Seu volume, então, guarda conexões com a posição social dos agentes. Segundo Bourdieu, as aspirações científicas são proporcionais ao nível do capital de reconhecimento.

⁴ O livro de Renato Ortiz (2003) traz um texto do próprio autor, de apresentação inicial, e na sequência escritos de Bourdieu. Para diferenciá-los nas citações, adotarei a referência “Bourdieu, 2003” quando o texto for da autoria do sociólogo francês. Caso seja a parte de Ortiz, a referência será “Ortiz, 2003”.

Após sua consolidação, o campo se torna um estado objetivado por meio de suas obras, publicações e dispositivos institucionais, que mediam as futuras apreciações e ações dos novos pesquisadores, funcionando como uma espécie de estrutura. Para que essa estrutura seja incorporada e reproduzida, garantindo continuidade e força para o campo, é necessário o *habitus* por meio de ações pedagógicas, pois o sistema de ensino assegura a coesão necessária para que o campo acadêmico se mantenha. Os novos membros, recrutados através do acesso ao ensino superior, deparam-se com dispositivos constituídos para a reprodução dos valores científicos estabelecidos, como as revistas especializadas, que consagram produções alinhadas a esses princípios. Assim sendo, o ensino é um espaço privilegiado para a produção científica, por consolidar os fundamentos do campo, solidificar a coesão de seus membros e propiciar a adesão de novos pesquisadores. Com isso, compreende-se a íntima relação da História da Psicologia com a educação, exemplificada pela criação de novos cursos sobre o assunto dentro das universidades⁵ ou pelas aulas ministradas por Brozek durante sua passagem pelo Brasil.

Essa análise é particularmente útil por permitir superar dicotomias simplistas de uma análise social da ciência, ao recolocá-la em sua historicidade concreta por meio da crítica. Significa descortinar, e não anular, os pressupostos erigidos sob os quais se produz ciência e que instituem, ao mesmo tempo, o poder institucional. A formação de um campo científico se remete à legitimidade das práticas estabelecidas, com leis específicas que permeiam as relações de força e de disputa entre agentes e instituições.

Todo autor, pesquisador, teórico, professor é, portanto, uma pessoa de seu tempo. Isso quer dizer que ele fala de determinado local, pertence a certas correntes, possui objetivos específicos e vive em um horizonte cultural compartilhado. Existem interdições, críticas, rejeições e concordâncias que respondem às situações estruturais. A atuação concreta do sujeito - a práxis - é uma unidade dialética entre teoria e prática que, ao mesmo tempo em que é influenciada pela estrutura, a tensiona e a modifica por meio de suas ações, que dão novos sentidos à realidade. Regina Helena Campos (2008) mostra a influência desse debate na constituição da História da Psicologia, permeada por um contexto sociocultural e institucional que orienta, impulsiona e, ao mesmo tempo, coloca limites nos estudos desenvolvidos.

Metodologia

⁵ Vários exemplos disso são vistos no livro de Brozek e Massimi, *Historiografia da Psicologia Moderna* (1998), sobretudo nos capítulos destes autores e nos de William Woodward e o de Hilgard; Leary e McGuire.

As etapas deste projeto consistem, primeiramente, no levantamento dos trabalhos publicados por Brozek e de suas cartas pessoais, as principais fontes analisadas. Brozek foi autor de livros, como a *Historiografia da Psicologia Moderna* (1998), e publicou em vários periódicos científicos ao longo da vida, como no *ISIS* e, de forma mais marcante, no *Journal of the History of the Behavioral Sciences* (JHBS), do qual foi um dos fundadores em 1965. Por conta disso, este periódico será privilegiado na análise, não só pelo volume da produção de Brozek, mas também por ser a revista especializada fundada precisamente para discutir a História da Psicologia e de outras áreas do saber.⁶ Esse periódico nos revela determinadas concepções do grupo envolvido com a constituição da História da Psicologia, uma vez que os impressos exprimem aspectos essenciais da visão de mundo de um determinado grupo (Assis; Peres, 2016).

Em seguida, busquei elencar as obras referenciadas pelo psicólogo tcheco e os autores com os quais ele dialoga e cita, de forma a investigar as interpretações e as apropriações teórico-metodológicas feitas por Brozek. Como a construção científica envolve um processo coletivo, as redes de sociabilidades estabelecidas permitem entender a construção feita em conjunto na História da Psicologia. Finalmente, em uma terceira categoria, textos e escritos que citam Brozek são importantes para explicar de que forma o autor foi lido e mobilizado. O tratamento das fontes inclui sua catalogação, descrição e interpretação, com base na pesquisa analítico-descritiva (Pongratz *in* Brozek; Massimi, 1998). Temos, então, a seguinte divisão:

1. Textos e obras produzidos por Josef Brozek, na lógica das suas expressões de pensamento e ações adotadas, seguindo as categorias:
 - a) Publicações teóricas que abordam a História da Psicologia.
 - b) Acervo pessoal de cartas e documentos enviados para pesquisadoras brasileiras de História da Psicologia, como Regina Helena de Freitas Campos, Marina Massimi e Raquel Martins de Assis.

2. Obras lidas ou elencadas pelo autor, com base no método nominativo e buscando constituir a rede de sociabilidade estabelecida por Brozek, obedecendo a subdivisão:
 - a) Leituras e citações diretas.

⁶ A revista *History of Psychology*, voltada mais especificamente para a Psicologia, foi fundada apenas em 1998.

- b) Parte da biblioteca pessoal do autor, doada para o Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA) e localizada na Sala Helena Antipoff da Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais.
3. Documentos e obras que citam diretamente Josef Brozek, de forma a entender, nos termos do filósofo da linguagem John Austin, sua *dimensão perlocucionária* (citado por Coan, 2013), isto é, possíveis impactos nos leitores e as formas como foi lido e apropriado.

O primeiro passo foi o levantamento de fontes arquivísticas existentes nos Arquivos UFMG de História da Psicologia, fundados em 1997 e localizados na Sala Helena Antipoff, dentro da Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais. Brozek doou parte considerável de seu acervo para esses arquivos a partir de uma de suas visitas ao Brasil na década de 1990. Além de slides sobre psicólogos, Brozek doou parte de sua biblioteca - algo em torno de 75 livros - e uma vasta coleção de periódicos, muitos dos quais participou da fundação ou pertenceu ao conselho editorial. O maior número de itens é do JHBS, mas também estão incluídas revistas científicas de outros países, como a espanhola *Revista de Historia de la Psicología* e as italianas *Storia e Critica della Psicologia* e *Teorie e Modelli*. Brozek também transferiu materiais diversos, como textos autobiográficos, newsletters de periódicos, correspondências com editores e jornais científicos e cartas pessoais, que foram concentrados em seis caixas dentro do Fundo Josef Brozek, listadas logo abaixo. No Acervo Marina Massimi, encontram-se cartas trocadas entre ela e Brozek, que foram de grande valia para reconstruir parte da trajetória profissional internacional do psicólogo tcheco.

Essa documentação foi analisada e utilizada na dissertação como forma de responder à pergunta principal do trabalho. Impossível não destacar o zelo da fundadora do arquivo, Regina Helena Campos, e da equipe de bibliotecários e membros envolvidos na catalogação, conservação e preservação dos documentos. Em seguida, foi feito o mapeamento de fontes on-line, distribuídas em diferentes periódicos. Para isso, o acesso pelo portal de periódicos da CAPES se mostrou de grande utilidade, por permitir o acesso a mais itens que foram utilizados na pesquisa. Agradeço também a Martin Wieser, que disponibilizou o acesso a arquivos da *European Society for the History of the Human Sciences*, organização que sucedeu a Cheiron europeia.

Quadro 1 - Conteúdo das caixas do Acervo Josef Brozek

Caixa	Conteúdo
Caixa 01	<ul style="list-style-type: none"> ● Periódico <i>Geschichte der Psychologie</i> ● Cartas para editores e colegas de trabalho ● Material autobiográfico
Caixa 02	<ul style="list-style-type: none"> ● Material publicado em alemão ● Textos de David Jayne Hill ● Newsletter ● Programa do Seminário de Fechner de 1987
Caixa 03	<ul style="list-style-type: none"> ● Newsletter da Cheiron europeia ● Correspondências ● Resenhas ● Textos publicados
Caixa 04	<ul style="list-style-type: none"> ● Periódico <i>History of Psychology</i> ● Newsletters da APA ● Correspondências de outros autores
Caixa 05	<ul style="list-style-type: none"> ● Correspondências ● Fotografias de psicólogos ● Textos de outros autores, principalmente James Cardno e Robert Watson
Caixa 06	<ul style="list-style-type: none"> ● Textos e materiais de Albert Gilgen ● Texto autobiográfico ● Textos de outros autores, como Helio Carpintero e Solomon Diamond

Fonte: elaborado pelo autor.

Com o objetivo de compreender a vida de um intelectual, entendido como um agente envolvido no debate e reflexão de ideias que é reconhecido como uma figura que determina certos modos de entendimento sobre o assunto, utilizei metodologias vindas da História Intelectual inglesa. Essa corrente interpreta os textos como formas de ação, ao analisar com quem eles dialogam em seus contextos de produção e o que buscam responder. O contextualismo, como essa corrente ficou conhecida, busca entender em que medida as práticas sociais, políticas, econômicas ou culturais se relacionam os intelectuais, os quais, por sua vez, são dotados de agências e constroem novas interpretações com base em suas crenças. Dentre seus autores, destaca-se Quentin Skinner e John Pocock, além das posteriores reflexões de Dominick LaCapra e Mark Bevir. Este projeto se vale também de procedimentos

próprios de biografias contextualizadas na história social, que busca as trajetórias de indivíduos, suas influências e relações com grupos sociais (Schmidt, 2012).

Cabe aqui estabelecer algumas considerações sobre a noção de "influência". O termo pode ser útil ao considerar os diálogos estabelecidos entre autores e ideias, mas deve-se evitar a concepção de algo que paira sobre os indivíduos, conduzindo-os inexoravelmente a rumos pré-determinados. Por isso, considero a noção de “apropriação” como mais adequada para entender as dinâmicas do processo histórico e as maneiras pelas quais uma dada sociedade interpreta e expressa sua realidade. Os autores escolhem quais aproximações - ou não - estabelecerão com obras de destaque. Além disso, as formas como essas obras serão recebidas e lidas precisam ser examinadas de acordo com as diferentes conjunturas.

Para uma análise mais aprofundada das fontes, tem-se em mente as reflexões de Marc Bloch em a *Apologia da história ou O ofício de historiador*. Este autor francês mostra que “só se interpreta um documento por sua inserção em uma série cronológica ou um conjunto sincrônico. [...] Na base de quase toda a crítica inscreve-se um trabalho de comparação” (Bloch, 2001, p. 109). Dessa forma, estabeleceremos a análise do que Brozek escreveu tendo em vista a publicação de outros autores do mesmo período. Muitas vezes, o que é significativo só aparece quando inserido em um quadro mais geral. O confronto e o diálogo entre as fontes permitem compor uma visão mais ampla da atuação de Josef Brozek na consolidação da História da Psicologia. Algumas práticas da micro-história auxiliam nessa compreensão do sujeito (Lima, 2012; Revel, 1998). Conexões entre cultura e sociedade e a atenção à narrativa particular, que ajudam a explorar as relações entre a parte e o todo, são elementos presentes nos trabalhos de autores como Giovanni Levi, especialmente em seu texto *Sobre a micro-história* (in Burke, 2011). A construção das redes de sociabilidades e o método nominativo são de grande valia para dimensionar o contexto de Brozek e seus contatos com outros autores, identificando seus pontos de semelhanças, mas também suas diferenças e idiossincrasias.

Em suma, as metodologias empregadas visam entender em que medida as práticas sociais, políticas, econômicas ou culturais se conectam com os atores históricos, os quais, por sua vez, são dotados de iniciativas e constroem novas interpretações com base em suas crenças. Um pensamento hegemônico, algo que Bevir (1992) chama de *tradição*, é uma condicionante importante, mas não determina mecanicamente as formas de agir e pensar dos sujeitos. Por conta disso, aposto nas noções de agência e interação como forma de interpretar historicamente o percurso de Brozek.

Estrutura da Dissertação

A obra se divide em cinco capítulos, organizados tanto de forma cronológica quanto espacial. No primeiro capítulo, apresento a vida de Brozek desde seu nascimento, em 1913, ressaltando o período da infância marcada por sucessivos deslocamentos entre países, a adolescência já fixada na Tchecoslováquia, sua formação acadêmica e o início da atuação profissional neste mesmo país. Relaciono essa dimensão com aspectos do contexto histórico europeu dessa época, na medida em que isso permite entender como esses fatores foram determinantes na vida de Brozek. Em seguida, reconstruo sua mudança para os Estados Unidos durante o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, e sua carreira no Laboratório de Higiene Fisiológica da Universidade de Minnesota, chefiado por Ancel Keys.

No segundo capítulo, estabeleço uma comparação entre o cenário estadunidense pós Segunda Guerra e o desenvolvimento da Psicologia no país, investigando como a guerra afetou os temas de pesquisa, inclusive aqueles desenvolvidos no laboratório. Na última parte, abordo a constituição da História da Psicologia como um campo autônomo de pesquisa, formalizada na criação da Divisão 26 da *American Psychological Association*, responsável pela área. Destaco, também, a liderança de Brozek nos Seminários de Verão de 1968 e 1971, voltados a professores acadêmicos, como forma de sistematizar a pesquisa e o ensino e elevar o estatuto científico desse campo recém-fundado.

No terceiro capítulo, trato da expansão internacional da carreira de Brozek e seu impacto na História da Psicologia não só dos Estados Unidos, mas também de outros países a partir da década de 1970. Esse período, quando Brozek ocupou o cargo de professor pesquisador, caracterizou-se pela pesquisa em arquivos europeus, a formação de redes científicas com outros pesquisadores, o levantamento de fontes e a divulgação de outros tipos de tradições psicológicas dentro dos Estados Unidos, dominantes nos padrões de pesquisa internacionais. Nessa fase, as pesquisas em História da Psicologia predominaram na atuação de Brozek, embora ele continuasse a realizar trabalhos e participar de eventos relacionados à fome, à desnutrição, comportamento humano e aspectos psicofisiológicos, temas dominantes em sua carreira entre as décadas de 1940 e 1960. Argumento ainda que, na virada da década de 1970 para 1980, houve uma movimentação transnacional do autor na sua relação com a História da Psicologia, momento em que se constituiu como um mediador científico para a institucionalização da área em outros países.

O quarto capítulo aborda a constituição da Psicologia no Brasil enquanto uma ciência própria, considerando suas relações com a História da Educação. Trago nomes importantes

para o tema não com o intuito de ser apologético, mas sim de reconstruir as trajetórias dos sujeitos no processo histórico. Defendo que a Psicologia se constituiu enraizada em tradições socioculturais brasileiras, dentro de um longo processo da constituição de saberes psicológicos no país. Nesse sentido, saliento que houve um diálogo entre as tradições brasileiras e a psicologia produzida em outros países, resultando em um produto próprio. Trata-se de entender que, no momento da chegada de Brozek, já existia uma sólida tradição psicológica dentro do país.

Já no capítulo 5, examino o contato de Brozek com o Brasil, sua participação em seminários, as aulas ministradas e a constituição do Grupo de Trabalho em História da Psicologia no momento do VI Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), realizado em 1996. Em seguida, investigo os desdobramentos após a formação desse grupo e o reconhecimento de Brozek pelos pesquisadores brasileiros. Encerro a dissertação com a morte de Brozek, em 2004, que ensejou uma série de homenagens feitas por pessoas envolvidas com a História da Psicologia em diferentes países.

CAPÍTULO 1 - JOSEF BROZEK: ANOS INICIAIS, FORMAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO PROFISSIONAL

Metodologicamente, este capítulo situa a trajetória de Josef Brozek⁷ (1913-2004) a partir de fontes variadas, tanto em relação aos eventos históricos quanto à Psicologia.⁸ Para aspectos de sua vida, utilizarei como base documentos produzidos pelo próprio Brozek, listados a seguir:

Quadro 2 - Publicações autobiográfica de Brozek

Título	Periódico/Livro	Ano
The American Adventure	The Psychologists (T. S. Krawiec)	1974
Multiphasic Profile: a selective autobiography	Monografias de la Revista de Historia de la Psicología	1984
Ein halbes Jahrhundert Kontakte mit der deutschen Psychologie	Geschichte der Psychologie - Nachrichtenblatt	1987
Josef Brožek: relato de um historiador da psicologia	Coletânea ANPEPP 1996 (Regina H. F. Campos)	1996
From a multiphasic to a monophasic profile: a biobibliographic addendum, 1983-1997	Revista de Historia de la Psicología	1997
65 years of interaction with German history of psychology.	Geschichte der Psychologie - Nachrichtenblatt	1998
History of a historian of Psychology in the United States	History of Psychology	1999
Human Biology: From a Love to Profession and Back Again	American Journal of Human Biology	1999

Fonte: elaboração do próprio autor.

Ciente de que esta é uma produção de memória do próprio autor, confronto essa documentação com a literatura disponível sobre o assunto, tendo em vista as críticas sobre a

⁷ Optei pela grafia adaptada de Josef Brozek ao alfabeto latino, como frequentemente aparece na bibliografia dos Estados Unidos. Assim, “Brožek” virá sem o sinal diacrítico caron, presente no alfabeto tcheco.

⁸ Utilizo Psicologia com letra maiúscula para marcar sua forma institucional, como disciplina constituinte de um campo autônomo de pesquisa. A psicologia, em minúsculo, designa os saberes não institucionalizados, mas que se valem de conhecimentos psicológicos, seja antes da institucionalização ou a psicologia da vida cotidiana, fora do âmbito acadêmico. Os diversos saberes, caracterizados genericamente como “psicológicos”, têm suas denominações de acordo com a especificidade do período examinado e das fontes, ex: faculdades da alma, paixões, emoções, afetos, memória, dentre outros.

constituição de si envolvida nas autobiografias. Essa seleção diversificada de periódicos e em uma fase já de maturidade da carreira envolve uma escolha e um olhar retrospectivo sobre os eventos, que seleciona determinados aspectos em detrimento de outros. Chama a atenção a quantidade de trabalhos para contar aspectos de sua trajetória, o que indica tanto uma vontade de ser lembrado como um senso de autorreconhecimento. Uma vantagem, porém, se apresenta nos relatos do Brozek: típico de seu rigor metodológico, ele costuma elencar, com datas e referências precisas, eventos de sua vida e seus trabalhos científicos. Concilio essa análise com outros documentos presentes nos Arquivos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) de História da Psicologia, sob coordenação de Regina Helena Campos.

A divisão tem como base aspectos profissionais de Brozek, dentro de um quadro de referência que leva em conta tanto sua formação quanto suas atuações profissionais, com foco nos Estados Unidos, país no qual ele desenvolveu a maior parte de seu trabalho. Na primeira etapa, analiso os anos iniciais e de formação profissional até Brozek até sua ida para os Estados Unidos, em 1939. Posteriormente, destaco seu trabalho no Laboratório de Minnesota, ocupação que ele deixou em 1959 para assumir o posto de professor universitário em Lehigh, Pensilvânia, época em que começou a se dedicar ao estudo acadêmico de História da Psicologia. Em seguida, examino a institucionalização da História da Psicologia como uma área autônoma.

Busquei fazer uma ordenação cronológica, embora eu rompa com essa lógica em alguns momentos, para aprofundar em algum tema de modo que a narrativa não fique excessivamente fragmentada pela sequência temporal. Ao falar da música, por exemplo, um tema que se fez presente desde cedo em sua vida e que repercutiu em trabalhos científicos, trouxe diretamente no tópico acerca de sua infância e juventude, mesmo porque Brozek abordou isso recorrentemente em seus escritos, sem tentar fazer uma leitura teleológica desse interesse.

1.1 - Infância, juventude e formação profissional - 1913 a 1939

Josef Maria Brozek nasceu em 1913, em Melnik, cidade na região central da Boêmia. O território pertenceu ao Império Austro-Húngaro até o final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), um Estado formado por aproximadamente 52 milhões de pessoas de diferentes nações e etnias. Com a derrota na Primeira Guerra Mundial e o posterior Tratado de Saint-Germain-en-Laye, de 1919, o Império foi desmembrado. Entre os novos territórios

formados, estavam a Tchecoslováquia⁹ e a Polônia, países onde Brozek viveu boa parte da sua infância e o período até início da vida adulta.

Nos seus dois primeiros anos de vida, Brozek viveu na capital polonesa, Varsóvia, uma das primeiras cidades a sofrer um bombardeio aéreo em consequência dos conflitos. Por conta dos efeitos da guerra, ele se mudou para a Sibéria em 1915, aos dois anos de idade, onde permaneceu até 1920. Com o desdobramento dos combates, seu pai se tornou prisioneiro de guerra em um campo de concentração, tendo que construir pontes na fronteira com a Mongólia. Em 1916, quando o Czar Nicolau II ofereceu anistia para os povos de origem eslava dentro do Império Russo, o pai de Brozek passou a trabalhar em fábricas na parte central dos Montes Urais. Por conta disso, o russo, e não o polonês ou o tcheco, tornou-se o idioma principal de Brozek. Quando a Revolução Russa estourou, em 1917, a família foi forçada a se deslocar continuamente pela região. Sua infância, portanto, foi marcada pelos conflitos bélicos, algo que afetou sua vida familiar.

Em 1920, ele retornou com sua família para Melnik. Os deslocamentos para outras cidades continuaram constantes durante a infância e a adolescência de Brozek. Logo no ano seguinte, a família foi para Metuje, na Silésia, região de fronteira entre a Tchecoslováquia e a Polônia. Outras mudanças viriam ainda em 1924, em Nachod; 1929 na cidade de Melnik; 1930, Brno, e 1931 em Pilsen, todas na Tchecoslováquia. Em 1932, para cursar a universidade, Brozek se deslocou para a capital, Praga, onde permaneceria até 1937.

Na escola, Brozek logo começou a aprender outros idiomas, como alemão e latim. Esse conhecimento se tornaria uma das principais marcas do trabalho deste psicólogo, seja em traduções ou nas mediações entre diferentes países. Quanto a seus interesses pessoais, ele conta que a música foi a arte central em sua vida, cujo ímpeto veio da família. Sua mãe, além de musicista, foi uma cantora soprano e seu avô e tio maternos trabalharam como professores de violino. Na adolescência, Brozek passou a frequentar uma orquestra local de música de câmara. A aproximação desse universo foi tão marcante que, aos 15 anos, Brozek ficou dividido entre se candidatar ao conservatório de Praga ou continuar os estudos mais voltados para a esfera acadêmica. Ele decidiu pela segunda opção, a conselho da mãe. Durante a faculdade, apesar do tempo mais comprometido, ele continuou frequentando concertos e óperas. Praga era uma cidade repleta de espetáculos musicais associados à tradição religiosa de missas, que costumeiramente contavam com a presença de corais e orquestras.

⁹ O país não existe mais, pois ele se desmembrou em dois outros territórios a partir de 1993: República Tcheca e Eslováquia.

Eu aprecio as obras de arte e arquitetura, mas a música sempre foi a forma de arte mais central na minha vida. O ímpeto veio de minha mãe, uma habilidosa tocadora de cítara e uma excelente soprano. Ela adorava cantar para seu próprio prazer (e, não raramente, para sua consolação). [...] Foi minha mãe quem insistiu que eu começasse a aprender violino e impôs a prática tediosa quando eu teria preferido fortemente usar o tempo para brincar de polícia e ladrão com as crianças do bairro. Um reforço breve, mas importante, foi fornecido por seu pai, um excelente instrumentista e inovador professor de violino; ele me fez cantar a música primeiro e depois tocá-la no violino. Meu professor de violino “regular” era o irmão de minha mãe, também um excelente músico.¹⁰

Ao longo de sua trajetória, a música continuou a acompanhá-lo. Ao chegar à América e ser acolhido pela família Bradbeers, de tradição religiosa *quaker*, Brozek compartilhou alguns de seus momentos com eles tocando música barroca no violino. Ele gostava, igualmente, de tocar na Igreja Batista da cidade de Media, próxima à Filadélfia, como forma de retribuir o agradecimento pela acolhida que recebeu da congregação negra da igreja. Ao mesmo tempo, era uma forma de se conectar emocionalmente com suas raízes e família tcheca. Para ele, que afirma não ter treinamento nem inclinação para a prática clínica psicológica, a música era uma forma de “psicoterapia” e de lidar com as adversidades da vida (Brozek, 1984a, p. 18).

O interesse musical se estendeu também para o plano profissional. Brozek deu aulas de violino e de idiomas, conhecimentos que vinha desenvolvendo desde cedo. Academicamente, ele publicou sobre a música em duas revistas. Uma delas foi uma nota em 1955 comentando o Instituto para o Estudo do Folclore de Sarajevo no *Bulletin of the Institute of Folklore Research*, rico em atividades musicais. Já as outras publicações se deram no *Journal of the International Folk Music Council*, de 1957 a 1967, no qual Brozek escreveu resenhas de obras musicais e obituários sobre Ludvík Kuba (1863-1956), estudioso de música eslava, e Bozidar Sirola (1889-1956), autor de obras teóricas e musicais.¹¹ Nas aulas universitárias, esse gosto apareceu na prática de incorporar a música em alguns momentos.

Mesmo com o alento propiciado pela vida musical, a infância e a adolescência de Brozek se passaram em uma região da Europa devastada pela Primeira Guerra Mundial. Após a guerra, a região enfrentou uma forte crise, marcada pela fome, pela remodelação territorial e pelo consequente deslocamento de pessoas. Outro aspecto foram as revoluções, que derrubaram as democracias liberais do continente, com exceção da França e da Inglaterra. A

¹⁰ I appreciate the works of art and architecture, but music always has been the art form most central to my life. The impetus came from my mother, a skillful zither player and a fine soprano. She loved to sing for her pleasure (and, not infrequently, for her consolation). (...) It was my mother who insisted that I begin to learn the violin and enforced the tedious practicing when I would have strongly preferred to use the time for playing cops-and-robbers with the neighborhood children. Brief but important reinforcement was provided by her father, an excellent instrumentalist and innovative violin teacher; he had me first sing the music and then play it on the violin. My “regular” violin teacher was my mother’s brother, also a very fine musician (Brozek, 1984a, p. 17).

¹¹ Ver Apêndice A.

Revolução Russa, em 1917, a ascensão do Fascismo na Itália, em 1922, e os levantes nazistas ainda na década de 1920 foram algumas das mudanças políticas conectadas ao quadro de destruição e instabilidade. A Liga das Nações, órgão recém-criado para instituir as relações diplomáticas entre países, logo mostrou-se inoperante frente ao escalonamento das tensões.

A Crise de 1929, iniciada nos Estados Unidos, espalhou-se rapidamente para outros países. A incipiente recuperação econômica pós-guerra da década de 1920 foi logo derrubada e, mais uma vez, o cenário de desemprego, inflação e recessão voltou a tomar conta. Outra face da crise foi a ascensão da extrema-direita nazista, que chegou ao poder em 1933 na Alemanha com Adolf Hitler (1889-1945). A política externa do nacional-socialismo se caracterizou pelo expansionismo e pela belicosidade, com críticas às imposições do Tratado de Versalhes, acordo das potências vencedoras contra a Alemanha assinado em 1919. Além disso, o país desprezou outros acordos internacionais e, ainda em 1933, deixou a Liga das Nações.

Em 1932, com o agravamento da crise econômica e o aumento das tensões internacionais, Brozek iniciou sua formação acadêmica na Universidade Carolina de Praga, uma das mais antigas da Europa, fundada em 1348. A renomada universidade se dividiu em duas instituições no ano de 1882, a Tcheca e a Germânica. Nesta, um dos professores mais famosos foi o físico Albert Einstein (1879-1955). Durante sua formação, Brozek participou de cursos em ambas as partes. Devido à ocupação alemã da Tchecoslováquia e o advento da Segunda Guerra Mundial, em 1939, todas as instituições de ensino superior tchecas foram fechadas, em resposta aos protestos estudantis contra o regime nazista que havia ocupado o país. A Universidade Carolina só seria reaberta após a derrota do Reich nazista em 1945. A parte alemã, que havia integrado as universidades do regime, também deixou de existir.¹²

Naquela época, a Psicologia era uma especialidade dentro do departamento de Filosofia. A parte inicial do curso, realizada na Faculdade de Teologia e Filosofia, permitiu a Brozek continuar se aprofundando em outros idiomas, como o latim. Na formação universitária, ele se matriculou em disciplinas de Psicologia Experimental e Diferencial, além de buscar outros cursos fora do ambiente acadêmico, como seminários e práticas de laboratório, sobretudo na área de psicotécnica. Alguns dos cientistas que impressionaram Brozek academicamente foram Jindrich Matiegka (1862-1941) na Antropologia Física, William Stern (1871-1938) e Édouard Claparède (1873-1940) na Psicologia Diferencial e, por fim, Walter Richard Miles (1885-1978) na Psicologia Aplicada (Brozek, 1984a, p. 18-19).

¹² Informações disponíveis em: <https://cuni.cz/UKEN-106.html>. Acesso em: 10 jun. 2024.

O contato com a Psicologia dos Estados Unidos começou nessa época, com a obra *Psychometric Methods* de Joy Paul Guilford (1897-1987), obtida por meio de um colega estadunidense que realizava seu intercâmbio na Tchecoslováquia. Futuramente, Guilford recomendaria Brozek para uma bolsa de estudos na Universidade de Nebraska, onde ele atuava como professor. Além de Nebraska, Brozek também estudou na Universidade da Pensilvânia, com o professor Morris Viteles (1898-1996). Graças a essa bolsa, Brozek obteve seu visto de permanência nos Estados Unidos.

Além da antropometria, dos testes e da análise de dados para a seleção profissional, Brozek se interessou pelos efeitos comportamentais da desnutrição. Durante sua atuação como psicólogo industrial em 1938, na cidade de Zlín, ele observou que um grupo de pessoas de uma região montanhosa apresentava baixos níveis de inteligência nos testes, possivelmente relacionados à má alimentação. Apesar de não ter conseguido realizar um estudo sistemático à época, por conta dos eventos políticos, o assunto permaneceu em seu radar. Ao chegar nos Estados Unidos, um dos primeiros trabalhos realizados de pesquisa foi justamente sobre nutrição humana, no laboratório de Higiene Fisiológica da Universidade de Minnesota.

Já o interesse pela História da Psicologia nasceu ainda na graduação. Um momento definidor foi o contato com a obra do psicólogo Hans Henning (1885-1946) *Psychologie der Gegenwart*, entre 1933 e 1934.¹³

Foi nesse período que o interesse pela história da Psicologia ocorreu na minha vida. No segundo ou terceiro ano de estudos universitários, na Universidade Carolina de Praga, encontrei numa livraria local um livro em língua alemã intitulado *Psychologie der Gegenwart – A Psicologia Contemporânea*, com um extenso capítulo introdutório, dedicado ao desenvolvimento da psicologia moderna. O seu autor era Hans, professor universitário de Danzig, cidade que, neste tempo, estava sob ocupação alemã, e que hoje recebe o nome de Gdansk. O livro apareceu no ano de 1932, na sua segunda e revisada edição (Leipzig: A. Kroener). Este autor, por não ser da raça preferida de Adolf Hitler, teve seu livro praticamente desaparecido do mercado. Fui realmente afortunado de ter tido a chance de comprar um exemplar dele no ano de 1933! A leitura do livro me tomou em tal medida, que me coloquei em contato com meu professor de Filosofia na Universidade, pedindo-lhe para que eu apresentasse uma análise detalhada deste livro no seminário filosófico que promovia. O número total das sessões do seminário num semestre foi em torno de 12, sendo que minha apresentação exigiu seis sessões! (Brozek *in* Campos, 2008, p. 57).

A obra, publicada originalmente em 1925, foi a que introduziu Brozek no assunto. No verbete que escreveu em coautoria com Horst Gundlach sobre Henning na *Encyclopedia of*

¹³ Brozek menciona as duas datas em fontes diferentes: em 1985, quando escreve para o periódico alemão *Geschichte der Psychologie* ele fala no ano de 1934. Na década de 1990, porém, ele menciona 1933 em pelo menos duas ocasiões: no artigo para o mesmo periódico intitulado *65 years of interaction with German history of psychology* e no autorrelato que fez para a coletânea da ANPEPP (*in* Campos, 1996).

psychology, Brozek reconhece mais uma vez o livro como “uma excelente introdução à Psicologia do século XX” (Brozek; Gundlach, 2000, p. 115). Henning, de origem judaica, teve sua obra retirada de circulação a partir de 1933, com a ascensão do nazismo ao poder.

O antissemitismo presente na Europa nessa época encontrou máxima expressão na Alemanha. Entretanto, em outros países o ódio aos judeus também se disseminou. Na Áustria, por exemplo, anexada à Alemanha em 1938, o pai da Psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939), sofreu perseguições do novo regime e teve que emigrar para a Inglaterra. Essa política de ódio teve grande impacto na conjuntura acadêmica dos anos 1930, época em que Brozek estava se graduando. Conseqüentemente, perseguições a professores, censura, queima de livros, repressão do pensamento, prisões e assassinatos fizeram parte da trajetória universitária de Brozek, como ele mesmo relata:

Na minha experiência pessoal, os “anos de guerra” começaram por volta do Natal de 1935, quando meu amigo e colega da Universidade Carolina de Praga, Juril Mercink, um sérvio da Alta Lusácia, foi preso pela polícia secreta alemã na fronteira, ao retornar para Bautzen, sob a acusação de ser “inimigo do Estado”. Ele só foi libertado da prisão em 1945, uma década após a detenção.¹⁴

Quanto à sua formação intelectual, o gosto pelo levantamento de bibliografias foi despertado ainda na graduação. No ano de 1935, o professor de pedagogia na Universidade Alemã de Praga, Ernst Otto, vinha trabalhando em um artigo sobre a educação da juventude na Tchecoslováquia. Ele convidou Brozek para uma colaboração científica, que ficou responsável pela listagem de pessoas, instituições e literatura tchecas relevantes para o assunto. No mesmo período, Brozek estagiou com Franz Scola e participou do seminário do psicólogo experimental Johannes Lindworsky no Instituto de Psicologia dessa mesma universidade. O aprendizado, como veremos, logo lhe foi de grande valia, tanto pelos trabalhos na Tchecoslováquia após sua formação universitária quanto por sua atuação futura nos Estados Unidos.

No final de seu percurso acadêmico, em 1936, ele passou a trabalhar como assistente do professor Kozák no Departamento de Filosofia. No ano seguinte, obteve seu doutorado em Psicologia e Filosofia, com a tese “*Memory, Its Measurements and Structure: A Psychotechnological Study*”. Na sequência, Brozek também assumiu um emprego de meio período como psicólogo no Centro de Orientação Vocacional da capital tcheca. Ele logo

¹⁴ In meiner persönlichen Erfahrung beginnen die “Kriegsjahre” um die Weihnachtszeit von 1935, als mein Freund und Kollege an der Karlsuniversität in Prag, Jurij Mercink, ein Sorbe aus der Oberlausitz, auf seiner Rückkehr nach Bautzen an der Grenze von der deutschen Geheimpolizei als “Feind des Staates” verhaftet wurde. Er wurde erst nach 1945, ein Jahrzehnt nach seiner Verhaftung, aus dem Gefängnis befreit (Arquivos UFMG de História da Psicologia (AUHP), Acervo Josef Brozek, caixa 01, documento 13, 1987, p. 47-48, tradução nossa).

deixou o posto, pois conseguiu uma vaga, ainda em 1937, como psicotécnico em uma companhia de sapatos, a *Bata Shoe*, na cidade de Zlín, região leste da Morávia. Durante seu trabalho, Brozek frequentou as reuniões da Sociedade Biotipológica e teve acesso aos dados do Centro Médico da fábrica de sapatos, os quais utilizou para estudar variações no corpo devido ao envelhecimento. Apesar dessa sólida formação, os anos subsequentes foram “tempos difíceis”,¹⁵ dados os efeitos da política expansionista alemã.

A retórica hitlerista de reunir os povos germânicos afetava diretamente a Tchecoslováquia, já que a região fronteiriça, conhecida como Sudetos, fazia parte dos alvos expansionistas da política externa alemã. Em 1938, as tensões se escalaram, com a Tchecoslováquia posicionando tropas nas fronteiras fortificadas contra a Alemanha. O imbróglio levou a uma reunião de Grã-Bretanha, França, Alemanha e Itália para decidir o futuro da região. Esse encontro ficou conhecido como a Conferência de Munique, em setembro de 1938, no qual a soberania tcheca foi sacrificada em prol da Alemanha. O regime nazista, todavia, invadiu a Tchecoslováquia em 1939, quebrando esse acordo estabelecido sob os auspícios da Política de Apaziguamento, conduzida majoritariamente pelos britânicos. Como reação, Grã-Bretanha e França adotaram uma nova postura e ameaçaram a Alemanha com uma possível declaração de guerra caso uma nova invasão ocorresse. Não era nenhum mistério o próximo alvo de Hitler: a Polônia. Em setembro de 1939, Hitler ordenou a invasão do país. Cumprindo o ultimato enviado, os dois países aliados declararam guerra à Alemanha. Tinha início a Segunda Guerra Mundial. O ano de 1939 ficou conhecido como “*drôle de guerre*” ou “Guerra de Mentira”, por conta da ausência de grandes batalhas terrestres. Entretanto, bloqueios marítimos e perseguições a navios de guerra alemães pelos britânicos eram mostras de que a guerra estava em curso.

Em novembro daquele ano, sob recomendação do professor Otto, com quem Brozek havia trabalhado em anos anteriores, o psicólogo tcheco emigrou para os Estados Unidos, porém não sem dificuldades. A agenda inicial de partida estava prevista inicialmente para setembro, porém os recursos financeiros da bolsa de estudos, oriundos do Ministério da Educação da Tchecoslováquia e do Fundo de Pesquisa Denis, ficaram indisponíveis. Para complicar ainda mais a situação, havia a dificuldade diplomática dos passaportes após o começo da Segunda Guerra. Apesar dos obstáculos, Brozek conseguiu partir, via Itália, para Nova York. Tinha início, então, uma nova etapa da vida em outro continente. Em reflexão sobre esse período, Brozek escreveu:

¹⁵ AUHP, Acervo Josef Brozek, caixa 01, doc. 7, 1984, s.p.

Os anos de guerra propriamente ditos estão marcados em meu calendário com cruzes dolorosas e negras, acompanhadas pelos nomes de meus estimados professores universitários que em Praga, após a morte de Heydrich, foram fuzilados como reféns, e pelos meus contemporâneos e amigos, judeus e não judeus, que sofreram nos campos de concentração nazistas e acabaram perdendo a vida.

Os eventos mencionados acima deixaram sombras longas e profundas em minha vida. Foi difícil trazer de volta à consciência as experiências positivas dos anos trinta e esquecer as decepções, sem mencionar os horrores dos anos de guerra. Inicialmente, foi simplesmente impossível para mim falar alemão, nem mesmo com os estudantes alemães que estudavam na Universidade de Minnesota. Mais tarde, alguns deles se tornaram os melhores amigos de nossa família e os visitantes mais apreciados pelos nossos filhos.¹⁶

1.2 - Início da vida nos Estados Unidos

Brozek desembarcou nos Estados Unidos em 1939, região que até então se encontrava fora do confronto mundial. Inicialmente, ele foi recebido por Anna e Howard Brinton, diretores do Centro de Estudos Quaker Pendle Hill em Wallingford, no estado da Pensilvânia. Além deste Centro, Brozek também fez parte de suas atividades na Universidade da Pensilvânia. No ano seguinte, ele rumou para Minnesota, onde havia planejado ficar até 1941. O plano inicial seria permanecer no país durante dois anos de estudos: o primeiro na Universidade da Pensilvânia, na Filadélfia, e o segundo na Universidade de Minnesota, localizada nas cidades de Minneapolis e Saint Paul.

A viagem, destinada à continuidade dos estudos acadêmicos em um pós-doutorado em Psicologia Aplicada, serviu também como possibilidade de fugir do cenário de guerra. A invasão alemã à Polônia, iniciada em setembro daquele ano, reativou a memória desoladora da Primeira Guerra Mundial, ocorrida duas décadas antes. Além da destruição material, este conflito erodiu igualmente a crença no otimismo econômico, no refinamento dos costumes e no avanço civilizacional, época outrora conhecida como *Belle Époque*. O mito da superioridade do homem branco, epítome desse tempo, passou a ser cada vez mais atacado à medida que o embate tornava claro as bases frágeis e racistas que originaram essa ideia.

¹⁶ Die Kriegsjahre im engeren Sinne sind in meinem Kalender mit schmerzlichen, schwarzen Kreuzen gekennzeichnet, versehen mit den Namen meiner geschätzten Universitätsprofessoren, die in Prag nach dem Tode Heydrichs als Geiseln erschossen wurden, und meinen Altersgenossen und Freunden, jüdisch und nichtjüdisch, die in den Nazi-Konzentrationslagern gelitten haben und schließlich umgekommen sind. Die oben genannten Ereignisse haben lange, tiefe, betrübliche Schatten hinterlassen. Es war schwierig, die positiven Erfahrungen der dreißiger Jahre ins Bewußtsein zurückzubringen und die Enttäuschungen zu vergessen, gar nicht zu sprechen von den Schrecklichkeiten der Kriegsjahre. Zunächst war es mir einfach unmöglich, deutsch zu sprechen, auch nicht mit den deutschen Studenten, die an der University of Minnesota studierten. Später wurden einige von ihnen die besten Freunde unserer Familie und für unsere Kinder die beliebtesten Besucher (AUHP, Acervo Josef Brozek, caixa 01, doc. 13, 1987, p. 48, tradução nossa).

Já quanto à situação dos Estados Unidos, eles mantiveram uma postura caracterizada pelo isolacionismo em relação à política europeia após o fim da Primeira Guerra. O país ascendeu como a principal potência econômica mundial, da qual o continente europeu dependia fortemente, especialmente a Alemanha, cuja economia estava comprometida devido à derrota no confronto e às multas fixadas pelo Tratado de Versalhes. Essas conexões fizeram com que a Crise de 1929 se espalhasse também nesses países, não só pela financeirização da economia em nível mundial, mas também pela subordinação ao capital estadunidense. Desse modo, Brozek desembarcou em um país já definido como uma grande potência e em vias de recuperação econômica, pois, em 1939, o pior da crise havia ficado para trás. No que concerne à familiaridade com o país, Brozek havia tido contato, durante a formação em Praga, com práticas metodológicas, estatística e a teoria psicológica dos Estados Unidos. Como vimos, a obra *Psychometric Methods*, de Guildford, foi sua introdução à ciência praticada no país. Entretanto, o idioma inglês ainda não se encontrava plenamente consolidado e algumas práticas educacionais e de costumes eram novidades para o psicólogo tcheco:

Ao chegar na América, eu tinha muito a aprender e a desaprender. Tive que me libertar de uma série de estereótipos, o mais divertido sendo a ideia de que todos os homens americanos usam bonés e que todas as casas americanas têm telhados retos. Tive que me esforçar bastante no meu inglês. Tive que aprender que é considerado falta de educação não frequentar as aulas religiosamente. O aviso direto de "publicar ou perecer" foi transmitido a mim de maneira gentil, inteligente e convincente pelo Prof. John G. DARLEY, diretor do Centro de Aconselhamento Estudantil da Universidade de Minnesota. Mas no que diz respeito à metodologia de pesquisa, análise estatística e aplicações inovadoras da psicologia, eu cheguei às costas ocidentais do Atlântico bastante "americanizado".¹⁷

O primeiro ano foi bastante difícil para Brozek, tanto pela adaptação quanto pelos desgastes físicos e psicológicos advindos da guerra, que afetou sua carreira e sua família.¹⁸ Em 1940, após a turbulência do primeiro ano, ele relatou que pôde finalmente viver sua imersão nos estudos em Minnesota, explorando novas áreas, como História da Medicina, e as relações entre Psicologia e Antropologia Cultural. Ele aproveitou esse período para frequentar cursos e seminários, como os de Florence Goodenough (1886-1959), eminente psicóloga da área do Desenvolvimento.

¹⁷ Upon arriving in America, I had much to learn as well as unlearn. I had to free myself of a host of stereotypes, the most amusing being the idea that all American men wear caps and that all American houses have flat roofs. I had to work hard on my English. I had to learn that it is considered bad manners not to attend classes religiously. The blunt warning "publish or perish" was transmitted to me in a gentle intelligent and convincing way by Prof. John G. DARLEY, director of the Student Counseling Center of the University of Minnesota. But in regard to research methodology, statistical analysis, and innovative applications of psychology, I arrived at the western shores of the Atlantic pretty well "Americanized" (Brozek, 1984a, p. 19).

¹⁸ Nos documentos utilizados nesta pesquisa, em momento algum Brozek mencionou a família que havia ficado na Europa depois de começar sua trajetória profissional nos Estados Unidos.

Seus primeiros projetos de pesquisa, durante a estadia em Minnesota, concentraram-se no Laboratório de Higiene Fisiológica. Brozek, por iniciativa própria, dedicou-se a estudar as funções motoras. Como esse projeto não era remunerado, ele precisava trabalhar em empregos de meio período, com pagamentos precários, a fim de bancar os materiais necessários no empreendimento (Brozek, 1984a, p. 24). A primeira pesquisa paga foi durante o verão de 1941, envolvendo um estudo quantitativo, voltado ao público feminino, do movimento óptico em revistas de propaganda. Meses depois, Brozek participou de um projeto do Departamento de Pesquisa Educacional da Universidade de Minnesota para verificar a eficácia do uso de um filme histórico como instrumento educacional. Desses projetos iniciais, apenas o primeiro resultou em uma publicação: *A New Group Test of Manual Skills*, em 1944, no volume 31 do *The Journal of General Psychology*. As outras publicações¹⁹ da época foram em conjunto com o diretor do laboratório, Ancel Keys (1904-2004), sobre problemas encontrados em estudos compreensivos do ser humano e não tiveram relação com esses projetos iniciais de Brozek.

1.3 - Desenvolvimento profissional

Inicialmente, o plano era voltar para a Tchecoslováquia depois do pós-doutorado, mas o avanço da guerra fez com que Brozek desistisse da intenção original, prolongando sua estadia nos Estados Unidos. No final de 1941, ele foi admitido oficialmente no Laboratório de Higiene Fisiológica da Universidade de Minnesota, que, por conta da entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, estava em um processo de expansão de suas instalações e precisava contratar profissionais para um programa ampliado de pesquisa experimental em nutrição humana. Originalmente o laboratório integrava o Departamento de Fisiologia da Escola Médica, mas, com o cenário da guerra, foi transferido e se tornou *locus* de pesquisa da Escola de Saúde Pública. A recomendação de Donald Paterson (1892-1961), professor da universidade com quem Brozek compartilhava interesses em diferenças individuais e grupais, foi crucial para sua nova colocação profissional (Brozek, 1999a, p. 84). Mais uma vez, portanto, o bom relacionamento com os professores com quem trabalhava permitiu progressões em sua carreira. Em 1944, ele foi promovido a Professor Assistente no

¹⁹ Foram elas: *General aspects of interdisciplinary research in experimental human biology*, *Science*, v. 100, p. 507-512, 1944; *Medical aspects of semistarvation in Leningrad (Siege 1941-1942)*, *American Review of Soviet Medicine*, v. 4, n. 1, p. 70-86, 1946; *A work test for quantitative study of visual performance and fatigue*, *Journal of Applied Psychology*, v. 31, p. 519-532, 1947.

laboratório e, cinco anos mais tarde, alcançou o posto de Professor Associado, uma posição mais estável na carreira acadêmica dos Estados Unidos.

Durante a década de 1940, o laboratório iniciou pesquisas sobre os efeitos a longo prazo das restrições alimentares, incluindo calorias e vitaminas do complexo B, além de investigar estresses ligados a fatores não nutricionais, como tempo de descanso, exposição a altas temperaturas e trabalhos físicos extenuantes. Durante a guerra, esses temas justificaram investimentos em pesquisa por órgãos governamentais, devido aos racionamentos e o maior número de pessoas empregadas.²⁰ Um dos aprendizados científicos relatados por Brozek nessa fase laboratorial foi que a publicação científica de projetos experimentais se concentrava majoritariamente em periódicos especializados, não no formato de livros, mais caros e demorados para escrever (Brozek, 1974c).

Após o conflito mundial, o objeto das pesquisas mudou para o estudo longitudinal do envelhecimento, alinhando-se ao escopo multidisciplinar do laboratório e aos interesses das agências financiadoras. O novo enfoque considerava o estilo de vida das pessoas, incluindo alimentação, atividades físicas e hábitos saudáveis, e seu papel na etiologia de doenças degenerativas do coração. As publicações,²¹ concentradas em revistas científicas fora da área de Psicologia, caracterizaram-se pelo tom interdisciplinar. A parte psicológica se voltava para efeitos comportamentais, tendência então dominante nos Estados Unidos.

Em 1950, a consagração dos trabalhos se deu com o livro *The Biology of Human Starvation*, por Ancel Keys, Josef Brozek, Austin Henschel, Olaf Mickelsen e Henry Longstreet Taylor, com assistências de outros pesquisadores ligados ao laboratório de Minnesota. Essa densa obra, publicada em dois volumes, de 1385 páginas, veio na conjuntura de pesquisas suscitadas pelas grandes guerras e representou o caráter multidisciplinar do laboratório, com vieses morfológicos, bioquímicos, fisiológicos e psicológicos. O livro, resenhada em diversos periódicos,²² foi saudado como “um grande clássico” por conta do

²⁰ Em um artigo de 1943 resultante desse trabalho, publicado no *Journal of Nutrition*, é possível ver as várias assistências financeiras recebidas das indústrias e associações do ramo alimentício, bem como do exército dos Estados Unidos. Ver *Absence of rapid deterioration in men doing hard physical work on a restricted intake of vitamins of the B complex*, do qual participaram Ancel Keys, Austin Henschel, Henry Longstreet Taylor, Olaf Mickelsen e Josef Brozek. Cita-se também um de 1949, publicado no *American Heart Journal*, intitulado *Variability of the electrocardiogram in normal young men*, que contou com financiamento do Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos.

²¹ Cf. Apêndice B.

²² Os periódicos foram: *Nutrition Bulletin*, em 1950; *The American Journal of the Medical Sciences* (1950); *Journal of Internal Medicine* (1951); *Quarterly Review of Biology* (1951); *American Journal of Sociology* (1951); *Journal of Epidemiology & Community Health* (1951); *Archives of Internal Medicine* (1951); *The Journal of the American Medical Association* (1951); *American Journal of Public Health and the Nations Health* (1951); *Psychological Bulletin* (1951); *Gastroenterology* (1951); *Journal of Applied Psychology* (1952); *American Journal of Physical Anthropology* (1952). A variedade de periódicos marca bem o interesse do livro

pioneirismo da pesquisa empreendida com voluntários a respeito dos impactos da fome no corpo humano.

Profissionalmente, Brozek continuou no laboratório na década seguinte, pesquisando e publicando sobre os temas de fisiologia, métodos científicos, envelhecimento e, principalmente, nutrição e comportamento. O laboratório concentrou seus interesses nas doenças coronarianas, cuja ascensão despertou preocupação nas autoridades governamentais, que passaram a demandar mais conhecimentos sobre o assunto. Os principais temas envolviam as relações entre gordura dietética, lipídios no sangue e a epidemiologia das doenças cardiovasculares.

O prestígio conquistado pelo laboratório rendeu a nomeação de seu chefe, Ancel Keys, para o Comitê de Antropometria Nutricional do *National Research Council* (NRC), órgão fundado em 1916 e atrelado às Academias Nacionais de Ciências, Engenharia e Medicina. Brozek ocupou o secretariado do Comitê e, nessa função, organizou uma Conferência do Papel das Medidas Corporais na Universidade de Harvard em 1955. Como resultado do encontro, no ano seguinte ele organizou o livro *Body Measurements and Human Nutrition*, que articula a antropometria com a nutrição humana. Além disso, pela primeira vez, Brozek assumiu a editoria de um periódico, o *Human Biology*, no qual ficou responsável pela seção das resenhas de livros, função que desempenhou de 1954 a 1965.²³ A experiência em periódicos já havia começado na década anterior: entre o final dos anos 1940 e início dos anos 1950, ele havia trabalhado como elaborador de resumos para o *Psychological Abstracts*.

Foi nessa época que Brozek iniciou sua atuação internacional. O principal país foi a Iugoslávia, surgida no final da Primeira Guerra Mundial, em 1918, reunindo os povos eslavos do sul - eslovenos, croatas e sérvios - fora do Império Austro-Húngaro. O governo comunista de Josip Tito (1892-1980) comandou o país a partir de 1943, na resistência à invasão do Eixo na Segunda Guerra Mundial. O primeiro projeto de Brozek no país foi um estudo de campo, em 1953, sobre o impacto da consanguinidade no crescimento infantil, em cooperação com Ratko Buzina (1920-2011), de Zagreb, atual capital da Croácia. O segundo estudo foi uma extensão do que vinha sendo desenvolvido no laboratório de Minnesota, isto é, a epidemia de doenças coronarianas. Ele se deu em parceria com o Instituto Central de Higiene de Zagreb, dirigido por Ivo Brodarec (1912-1989), e a Escola de Saúde Pública da

para os numerosos campos disciplinares que se voltaram a ele, praticamente eu unanimidade quanto à importância da publicação. Brozek escreveu capítulos sobre morfologia, fisiologia e psicologia.

²³ Nesse período no *Human Biology*, Brozek publicou cerca de 11 resenhas de livros e 29 notas. Nesta última categoria, ele buscava demonstrar o tema geral do livro em cerca de um parágrafo, como forma de aumentar a informação relativa ao grande volume de publicações do período.

universidade desta mesma cidade, cujo comando estava nas mãos de Andrija Stampar (1888-1958). Os projetos contaram com o financiamento do Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos e do Instituto de Higiene de Zagreb (Brozek; Buzina; Mikic, 1957). Brozek retornou ao país em 1958, por conta do projeto liderado por Keys para investigar as doenças coronarianas em outros países. Entretanto, como veremos, novas responsabilidades profissionais o impediram de dar prosseguimento a esse projeto.

Além da Iugoslávia, Brozek retomou o contato acadêmico com seu país de origem, a Tchecoslováquia, ao publicar um artigo no país sobre composição corporal.²⁴ Ele o dedicou a Jindrich Matiegka (1862-1941), um pioneiro nos estudos de antropologia física com publicações traduzidas nos Estados Unidos. Futuramente, em 1986, Brozek ainda traduziria o artigo de Matiegka sobre antropometria para o tcheco. Na década de 1960, o contato se estendeu com uma publicação no periódico tcheco *Anthropologie*, ligado ao Museu da Morávia, na cidade de Brno.²⁵ Outros países que contaram com publicações de Brozek na década de 1950 foram a França, a Alemanha e a região da América Latina.²⁶

Ao fim da década de 1950 o laboratório mais uma vez adaptou seu tema de pesquisa ao interesse público corrente: a bioquímica da aterosclerose (Brozek, 1974c). Brozek reconheceu que o espaço para sua atividade dentro da Psicologia Aplicada ficou reduzido. A sua atuação havia se concentrado em antropometria e pesquisas sobre composição corporal até então, porém, sua especialidade em biologia humana experimental não era um campo formalmente existente para oportunidades de emprego. A outra opção que surgiu no horizonte foi a de se dedicar à ocupação acadêmica como professor.

Houve outro curto período de preocupação com comidas racionadas de sobrevivência na década de 1950, mas a doença coronariana estava se tornando cada vez mais o tema dominante. Além disso, enquanto o nível de atividade física recebia atenção especial, através de um estudo extensivo de vários grupos de trabalhadores ferroviários nos EUA, estava se tornando claro que as questões mais importantes residiam em duas áreas às quais eu poderia contribuir pouco: uma análise experimental detalhada das relações entre gordura dietética e lipídios sanguíneos, e o campo de estudos sobre a epidemiologia da doença coronariana. Como eu via então, tinha a escolha de pendurar meu chapéu psicológico em um armário escuro,

²⁴ O título do artigo é *Somatometric studies in human morphology: in memoriam Henrici Matiegka Melnicensis*, de 1956.

²⁵ O artigo é o *Human body composition: models, methods, applications*, de 1965, no v. 3, n. 2 do referido periódico.

²⁶ No caso francês, o trabalho foi, em conjunto com outros autores, *Variabilité et fidélité des mesures biologiques chez les jeunes gens* (1953) - no periódico *Travail Humain*; na Alemanha o *Die Bedeutung der Körpermessungen für die Bewertung des Ernährungszustandes* (1957) - *Anthropologischer Anzeiger*; e o da América Latina tem como título *Evaluación de la obesidad e emaciación en el hombre* (1952) - *Boletín de la Oficina Sanitaria Panamericana*, em parceria com Ancel Keys. No caso da Alemanha, ele também publicou em 1952 um relatório sobre fadiga visual, realizado em parceria com Ernst Simonson, no periódico *Zentralblatt für Arbeitswissenschaft und soziale Betriebspraxis*.

dedicando toda a minha atenção à área de antropometria e pesquisa sobre composição corporal, ou de seguir meu caminho, academicamente e profissionalmente, como psicólogo.²⁷

Desde 1956, Brozek vinha dando aulas no Departamento de Psicologia da Universidade de Lehigh, em Bethlehem, na Pensilvânia. Em junho de 1958, recomendado por um colega, ele recebeu um convite para ser efetivado como professor e chefe do Departamento de Psicologia. Entretanto, ele solicitou que a nomeação fosse adiada em um ano, devido ao trabalho que vinha sendo desenvolvido na Iugoslávia sobre alimentação e doença coronariana. Em 1959, oficialmente, Brozek assumiu o posto de Lehigh.

Iniciou-se uma nova fase profissional, com dedicação crescente à História da Psicologia. Isso não quer dizer, no entanto, que ele parou de se dedicar aos estudos fisiológicos, antropométricos e dietéticos. Ao longo da vida, Brozek publicou²⁸ ainda diversas vezes sobre o tema e participou de eventos científicos, a exemplo do Congresso Internacional de Gerontologia de 1963, realizado em Copenhague, Dinamarca, e o Simpósio Austríaco de Antropologia Física e Nutrição de 1973. Além do seu trabalho acadêmico, Brozek ocupou funções institucionais, seja como membro da Seção de Estudos Nutricionais do Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos, em 1963, ou como conselheiro da Seção de Nutrição da Organização Mundial da Saúde, entre 1964 e 1968. Neste último posto, ele visitou institutos em diferentes partes do mundo acerca da antropometria nutricional. Nos índices de citações, pelo menos até a década de 1970, Brozek foi mais conhecido por seus trabalhos em composição corporal. Os assuntos psicológicos correspondiam a 16% das citações do autor e, mesmo dentro destes, a maior parte dizia respeito à Psicologia Aplicada tanto de nutrição quanto de comportamento.

²⁷ There was another short period of concern with survival rations in the 1950s, but coronary disease was becoming more and more the dominant theme. Furthermore, while the level of physical activity received special attention, through an extensive study of several groups of railroad worker in the US, it was becoming clear that the most important issues lay in two areas to which I could make little contribution: a detailed experimental analysis of the relationships between dietary fat and blood lipids, and the field of studies on the epidemiology of coronary heart disease. As I saw it then, I had a choice of hanging my psychological hat in a dark closet, devoting all of my attention to the area of anthropometry and research on body composition, or of making my way, academically and occupationally, as a psychologist (Brozek, 1984a, p. 20, tradução nossa).

²⁸ Em Brozek, 1974c, 1984a, 1999c há uma listagem completa dessas publicações.

Quadro 3 - Índices de citações de Brozek no período de 1964-1970.

<i>Entries in the Citation Index, 1964–1970, concerning psychological topics (n=77) and other topics (n=434)</i>			
<i>Psychological Topics</i>		<i>Other Topics</i>	
Aging	24	Biology of Human Variation	5
Nutrition and Behavior	32	Body Composition	331
Performance and Fatigue	10	Nutritional Anthropometry	68
Soviet Psychology	7	Nutrition - Other	17
Varia	4	Soviet Science	9
		Varia	4

Fonte: Brozek, 1974c, p. 72.

Contudo, a partir do posto em Lehigh, a História da Psicologia passou a ocupar um lugar de destaque. Um dos principais interesses da mudança de Saint Paul para Lehigh foi justamente o interesse crescente pela área (Brozek, 1999a, p. 86). Como o objetivo desta dissertação é analisar as relações de Josef Brozek especificamente com a História da Psicologia, não entrarei em maiores detalhes de seus outros trabalhos. Vale ressaltar, entretanto, que em 1996 Brozek recebeu uma medalha em reconhecimento às suas contribuições à Psicologia e à Antropologia tchecas. Em 1999, ele foi agraciado com o título honorário de Doutor em Ciências Biológicas pela Universidade de Masaryk, em Brno, na República Tcheca.²⁹

A História da Psicologia não estava, portanto, intimamente ligada à trajetória de Brozek desde o início. Sob o risco de evitar a “ilusão biográfica”, como alertado por Bourdieu (2006), não se pode dizer que ele já estava destinado a explorar esse assunto, apesar de seu interesse desde a graduação. Afirmar isso seria julgar o passado a partir dos seus resultados. Essas vicissitudes profissionais são frutos também do acaso, das contingências e das interseções de possibilidades que se efetivaram em momentos e situações específicos. As mudanças no laboratório, o surgimento de temas pós-guerra nos Estados Unidos e os interesses pessoais de Brozek moldaram cenários nos quais novas possibilidades surgiram. Um elemento importante para explorar o campo da História da Psicologia foi o estímulo de outros pesquisadores, como Robert Watson, como veremos adiante.

²⁹ Ele informa isso em carta enviada a Regina Helena Campos em 19 jul. 1999, acervo pessoal da autora. A informação também se encontra disponível em Hoskovec, 2004, p. 299.

1.4 - A docência em Lehigh e a consolidação da História da Psicologia (1959-1963)

Em 1959, ao assumir a chefia do Departamento de Psicologia na Universidade de Lehigh, na Pensilvânia, Brozek se deparou com um modelo muito diferente do Laboratório de Minnesota. O departamento não desfrutava do mesmo prestígio e enfrentava restrições significativas de recursos financeiros que limitavam sua expansão. A solução pensada inicialmente foi a de verticalizar em uma área mais propensa a angariar financiamentos e bolsas de pesquisa. Várias delas foram consideradas, como nutrição e envelhecimento, mas, segundo o relato de Brozek (1974c, p. 76), ele enfrentou dificuldades em obter cooperação dos colegas da universidade para esses projetos. Frente a esse obstáculo, ele optou por aproximar a Psicologia da área de maior proeminência dentro da universidade: a Engenharia. Além disso, Brozek tentou montar um laboratório de pesquisas ligadas a fatores bioelétricos, com a ajuda de um cientista da Iugoslávia. Contudo, ambos os projetos não foram adiante.

Por razões pessoais, o homem que assumiria uma posição central no Laboratório de Bioeletricidade retornou ao seu país de origem. Isso frustrou todos os esforços nessa direção. As realizações positivas durante esses quatro anos distintos foram pessoais em vez de departamentais, embora novos profissionais promissores, com perspectivas revigoradas e bons antecedentes de pesquisa, entraram no departamento nesse meio tempo.³⁰

Outro desafio foi retomar um contato mais direto com a educação universitária para alunos da graduação e da pós-graduação. Como chefe de departamento, ele acabou por assumir as disciplinas necessárias na grade curricular, adicionando um enfoque histórico, algo caro ao psicólogo tcheco. Uma novidade em sua vida era o ensino para um grande volume de alunos que frequentavam suas aulas. Nas experiências passadas, a docência foi mais pontual e para um número menor de pessoas, como cursos introdutórios no Laboratório de Minnesota em fisiologia humana. Brozek classificou como um “choque cultural” essa nova experiência, adicionando um toque de humor:

Quando me tornei chefe do Departamento de Psicologia da Lehigh University em Bethlehem, Pensilvânia, em 1959, passei por alguns "choques culturais" acadêmicos. Pela primeira vez, estava ensinando psicologia introdutória para várias centenas de estudantes, além de um grande cachorro preto que chegava pontualmente às 8:05 e dormia tranquilamente durante a aula até o toque do sino. Com o tempo, fiquei

³⁰ “For personal reasons, the man who was to assume a pivotal position in the Bioelectrical Laboratory returned to his home country. This brought to naught endeavors in this direction. The positive accomplishments during these different four years were personal rather than departmental, even though new men with promise, fresh research perspective and good research backgrounds had joined the department in the interim” (Brozek, 1974c, p. 77, tradução nossa).

bastante confortável em ensinar grandes turmas e desenvolvi uma técnica especial para resolver o problema das discussões efetivas. Um painel de "voluntários" era convidado a se juntar a mim no pódio, e tínhamos uma discussão não ensaiada sobre as leituras designadas. No final do período, um curto espaço de tempo era destinado a perguntas adicionais da plateia. Como chefe do departamento, ensinava o que precisava ser ensinado, incluindo cursos de psicologia de engenharia e psicologia fisiológica (este, com uma abordagem histórica).³¹

Suas primeiras práticas docentes, ainda fora de um cargo formal, foram de idiomas e de música, ainda na adolescência. Durante sua formação universitária, ele chegou a cogitar ser professor da educação básica, mas seu interesse acadêmico acabou seguindo outra direção, embora a docência continuasse aparecendo em sua vida. Seu primeiro certificado profissional, por exemplo, veio com o ensino de pessoas para a função de bibliotecários, em cidades menores na Tchecoslováquia. Profissionalmente, as atividades em bibliotecas acompanharam sua carreira durante algum tempo, uma vez que, durante os anos universitários em Praga, ele ficou responsável pela biblioteca do Departamento de Filosofia. Em Minnesota, sua experiência o levou a desempenhar essa mesma função como bibliotecário. Além disso, junto com o amigo e colega de trabalho, Ernst Simonson (1898-1974), Brozek ministrou uma disciplina sobre “Fatores Humanos na Indústria”, no Departamento de Engenharia Industrial.

Em 1963, após essa turbulência inicial em Lehigh, Brozek passou ao cargo de professor pesquisador, o que possibilitou que ele se dedicasse ainda mais à História da Psicologia. Como no novo posto a pesquisa era a ocupação central, Brozek passou a ter uma carga horária de ensino reduzida, que passou a se concentrar em seminários e cursos de História da Psicologia voltados principalmente para a pós-graduação.

1.4.1 - Concepções de ensino

Apesar de ser professor universitário, Brozek não se considerava um educador ou docente em sentido mais estrito. Ele afirmou nunca ter dado seus cursos da mesma forma, por conta das constantes atualizações de material de apoio e bibliografia (Brozek, 1974c, p. 60). Dessa forma, ele poderia manter o entusiasmo e frescor no ensino, algo que considerava primordial na prática docente. Brozek concebia os estudantes como parceiros e as

³¹ “When I became chairman of the Department of Psychology at Lehigh University in Bethlehem, Pennsylvania in 1959, I experienced some academic "culture shocks". For the first time I was teaching introductory psychology to several hundred students plus a large black dog who arrived, unfailingly, at 8:05 and slept happily through the lecture until the bell rang. In time I became quite comfortable in teaching large classes and developed a special technique to solve the problem of effective discussions. A panel of "volunteers" was invited to join me at the podium, and we had an unrehearsed discussion of the assigned readings. At the end of the period, a short time was allotted to additional questions from the floor. As a departmental chairman, I taught what needed to be taught, including courses in engineering psychology and in physiological psychology (this, with a historical approach)” (Brozek, 1984a, p. 21, tradução nossa).

universidades como locais de aprendizagem, não de ensino. Para ele, o ambiente universitário deveria facilitar a aprendizagem, unindo professores e alunos, em vez de colocar o docente como aquele que detém unicamente o saber. Para o professor, seria uma maneira de ele se enxergar como um “eterno estudante”. Em experiências futuras, como quando deu aulas no Brasil na década de 1990, esse ponto de vista continuou presente.³²

Nas suas aulas, Brozek estimulava a participação dos alunos. Uma das estratégias consistia em convidá-los para debater as leituras previamente indicadas, como forma de estabelecer diálogo com o texto e entre os colegas. Brozek preferia o formato de seminários, em que estudantes conduziam a análise do texto, aprendendo ao ensinar. Para ele, cabia ao professor designar a bibliografia de apoio, clarificar pontos dos textos escolhidos para a aula e tecer críticas para que os alunos pudessem contra-argumentar. Nas suas disciplinas, Brozek delimitava o contexto cultural e científico de forma a ampliar os horizontes do assunto, assim como fornecia informações adicionais sobre o tema. Esse método possibilitava avaliar os alunos de um jeito mais amplo, extrapolando a rigidez de contar apenas com exames formais. Ele narrou uma de suas experiências específicas:

Os alunos tinham total liberdade na escolha do tema do trabalho de semestre, desde que fosse apresentado em uma perspectiva histórica. A última reunião da classe foi dedicada à apresentação dos resumos dos trabalhos. O nível de desempenho, mesmo por parte dos alunos que haviam obtido notas baixas nos exames escritos formais, foi gratificamente alto. Isso também se aplicou a vários dos próprios trabalhos. Lê-los foi, para mim, um dos aspectos mais satisfatórios do curso, proporcionando a oportunidade de *aprender com os alunos*. A experiência reforçou minha convicção de que a universidade pode ser uma comunidade de estudiosos.³³

Nas aulas, ele buscava que as discussões com base nos textos pudesse desenvolver o interesse dos próprios estudantes, ao mesmo tempo que contextualizava a Psicologia dentro de um quadro mais amplo:

Além de participarem das discussões, os alunos contribuíram para o processo de ensino relatando, em benefício da turma como um todo, sobre materiais que haviam lido. Na primeira metade do curso, os relatórios foram baseados em artigos originais curtos que documentavam o desenvolvimento da psicologia científica, e na segunda metade do curso, os relatórios foram baseados em autobiografias de destacados

³² Abordaremos o assunto com maior profundidade nos próximos capítulos. Sobre isso, ver Brozek e Massimi, 2001, 2002a e 2002b.

³³ “The students had full freedom in choosing the term-paper topic, provided it was presented in historical perspective. The last meeting of the class was devoted to presentation of synopses of the term papers. The level of performance, even by students who had earned low grades in the formal written examinations, was rewardingly high. This was true also of a number of the papers themselves. Reading them was for me one of the most satisfying aspects of the course, providing the opportunity *to learn from the students*. The experience reinforced my conviction that the university can be a community of scholars” (Brozek, 1974c, p. 62, destaque do autor, tradução nossa).

psicólogos americanos. O objetivo desses exercícios era maximizar a oportunidade de expressão dos interesses individuais dos alunos.³⁴

Como veremos adiante, Brozek ficou responsável por organizar Seminários de Verão voltados à profissionalização docente em História da Psicologia. Esses seminários, tendo como público-alvo pesquisadores e professores universitários, promoveram uma intensa troca de experiências de ensino e aprendizagem, incluindo indicações metodológicas e bibliográficas, que foram incorporadas na prática docente de Brozek, conforme relatado acima. Contudo, antes de analisar seu papel na História da Psicologia e nos Seminários de Verão, vamos tratar da situação da Psicologia nos Estados Unidos, um país que se tornou hegemônico mundialmente não apenas nas questões militares, econômicas e políticas, mas também na prática científica psicológica, passando a ditar rumos de pesquisa e orientações teóricas (Danziger, 2006).

1.5 - A Psicologia nos Estados Unidos

Para entendermos melhor a relação de Josef Brozek com a Psicologia que ele encontrou nos Estados Unidos, apresentarei um breve panorama de como essa ciência se desenvolveu em solo estadunidense, buscando compreender suas particularidades e suas relações com outros países.

1.5.1 - A passagem do século XIX para o XX

Os Estados Unidos, na transição do século XIX para o século XX, viviam uma era de acelerada industrialização e urbanização, com maior divisão do trabalho e complexificação das relações de produção. O aumento demográfico e as novas configurações sociais criaram um terreno propício para a busca de soluções práticas para a vida em comum, incluindo o controle e gerenciamento das massas, mobilizando a ciência e a tecnologia como recursos para esse tipo de intervenção. Junto a isso, a expansão educacional, sobretudo a do ensino superior, foi uma das chaves para pesquisa e preparação na busca de um quadro técnico mais qualificado. Essa época, conhecida como Era Progressista (1890-1920), pautou-se por

³⁴ In addition to participating in discussions, the students contributed to the teaching process by reporting, for the benefit of the class as a whole, on materials they had read. In the first half of the course the reports were based on short original articles documenting the development of scientific psychology, and in the second half of the course the reports were based on autobiographies of outstanding American psychologists. The aim of these exercises was to maximize the opportunity for the expression of the interests of individual students (Brozek, 1999, p. 89, tradução nossa).

formular uma nova sociedade ordenada pela racionalidade, eficiência e aproximação com o discurso científico.

Nessa época, o ensino superior dos Estados Unidos se encontrava, nas palavras de Watson (1965, p. 130), em um “estado lastimável”. No final do século XIX, porém, a reforma universitária do país o aproximou do modelo germânico, com a criação de departamentos, periódicos especializados, fortalecimento da pós-graduação e o aumento de disciplinas. A Psicologia conquistou departamentos próprios em uma série de universidades, com destaque para professores que estudaram com Wilhelm Wundt (1832-1920) em Leipzig, na Alemanha. A partir disso, aumentou o número de laboratórios, periódicos e associações.

Uma das preocupações a respeito da Psicologia, no cenário internacional, voltou-se para definir seu objeto de pesquisa e sua posição como ciência. Quanto ao objeto de pesquisa, as definições comportamentais, mentalistas, da consciência ou do inconsciente se alternavam em definir as questões e métodos psicológicos. Danziger (2006) argumenta que a diferença no conhecimento da Psicologia foi referida em termos de “escolas”, termo que revela as discordâncias fundamentais quanto ao objeto de estudo da área.³⁵ Essas diferenças afetaram conceitos, teorias e práticas de pesquisa, com cada tradição reivindicando uma validade universal.

Em relação ao estatuto da Psicologia, ao longo do século XIX, o discurso científico adquiriu proeminência na ordem política, social e econômica. Buscava-se enquadrar toda a realidade e outras formas de atividade intelectual à ciência, entendida como um procedimento que decodificaria as leis do mundo, em um projeto de uniformidade e invariância (Hobsbawm, 2012). O surgimento da Psicologia Científica, geralmente atribuída ao laboratório de Wundt em Leipzig, na Alemanha, em 1879,³⁶ veio na esteira desse discurso, como forma de demonstrar que seu objeto poderia ser investigado de acordo com os padrões hegemônicos de ciência da época, isto é, modelos oriundos das ciências naturais.

³⁵ A respeito desse assunto, o texto de Smith (1988) traz importantes contribuições teóricas.

³⁶ Essa data de origem não é unânime. A institucionalização formal da Psicologia se deu somente em 1883, quando a Universidade de Leipzig reconheceu o Instituto de Psicologia, incluído no orçamento universitário. Ele foi listado pelos responsáveis administrativos pela universidade no ano seguinte. Antes mesmo da chegada de Wundt à universidade, ele vinha desenvolvendo trabalhos psicológicos nos quais ele reivindicava a fundação de uma nova psicologia, como aponta Saulo Araújo (2013). Além disso, Robert Watson (1966) menciona que 1875 seria uma data mais precisa para o surgimento da Psicologia, tanto por Wundt quanto pelo aparato de pesquisa que William James montou em Harvard. Um relatório da tesouraria de Harvard aponta os gastos de 300 dólares por James para o uso em experimentos fisiológicos, utilizados no ensino de psicologia fisiológica. Além disso, Danziger (2006) argumenta, com razão, que diferentes núcleos de Psicologia se desenvolveram simultaneamente em várias partes do mundo, engendrando a formação de psicologias diferentes de acordo com cada país. Sobre a origem sociocultural das ciências, a obra de Pickren e Rutherford (2010) é bastante elucidativa.

Wundt definiu como método do seu laboratório a “introspecção experimental”, afastando-se dos modelos metafísicos de psicologia atrelados à alma ou à mente. Esse laboratório se tornou um eixo de atração onde estudantes e pesquisadores, de várias partes do mundo, desenvolveram seus estudos e, posteriormente, fundaram novos laboratórios. Somado a isso, Wundt criou o primeiro periódico voltado ao assunto, o *Philosophische Studien*, de 1883, renomeado em 1906 para *Psychologische Studien*. Apesar dessa tentativa de desvinculação, a Psicologia na Alemanha permaneceu ligada à Faculdade de Filosofia até meados do século XX.

Apesar de ser creditado como o fundador da Psicologia Experimental, Wundt acreditava que certos fenômenos psíquicos, como religião, linguagem e costumes, eram inacessíveis pelo método experimental. Esses fenômenos, que se desenvolvem ao longo do tempo e são compartilhados entre indivíduos, eram o foco da "Psicologia dos Povos" (*Völkerpsychologie*), um campo que Wundt explorou intensamente nos últimos anos de sua vida, apoiando-se nas pesquisas de etnólogos (Araújo, 2013). Para Wundt, a Psicologia Experimental e a Psicologia dos Povos eram complementares. Nos Estados Unidos, contudo, a vertente alicerçada em torno da fisiologia e da introspecção experimental foi a que obteve as respostas mais positivas. Os dez extensos volumes da Psicologia dos Povos permaneceram relativamente esquecidos no país, mais afeitos ao empirismo e à experimentação. Brozek (*in* Campos, 2008, p. 7) aponta para esses traços socioculturais na história das ciências, que levam a escolhas do que será lido em detrimento de outras opções. No caso de Wundt, ele mencionou que esses dez volumes eram “uma terra incógnita na América”.

A constituição da Psicologia nos Estados Unidos vem de uma época próxima à do cenário europeu, ligada aos estudos desenvolvidos na própria Alemanha, sendo William James (1842-1910) um dos pioneiros no assunto. Apesar de não ter estudado diretamente com Wundt, ele esteve na Alemanha e leu os trabalhos do médico e fisiólogo Hermann von Helmholtz (1821-1894) e do próprio Wundt. Seu trabalho em Harvard, incluindo o primeiro curso universitário de Psicologia Científica e a publicação de *Os Princípios de Psicologia* (1890), foram marcos importantes para a área. James definiu a Psicologia como o estudo da vida mental, posicionando-a como uma ciência natural, a exemplo da química ou da botânica. Ele defendia que a Psicologia deveria focar nas funções da mente, e não na sua estrutura ou conteúdos, uma abordagem conhecida como funcionalismo.

Dentre os psicólogos influentes que estudaram na Alemanha diretamente com Wundt, estiveram Granville Stanley Hall (1844-1924), James McKeen Cattell (1860-1944) e Edward Titchener (1867-1927). Apesar da influência do laboratório de Leipzig, esses psicólogos se

apropriaram de forma diferente das teorias e métodos psicológicos, transformando-os no contexto científico estadunidense. Titchener, por exemplo, ficou conhecido como o fundador do estruturalismo, praticamente ignorou a Psicologia dos Povos e deu um sentido diferente à introspecção wundtiana. Outros, como Edward Lee Thorndike (1874-1949) e seus experimentos com animais, além das apropriações dos trabalhos de Ivan Pavlov (1849-1936), completaram a formação local de uma Psicologia fortemente voltada para o ideal de objetividade e desvinculada de aspectos filosóficos e metafísicos.

Tratava-se de algo crucial para a época, já que a Psicologia, recém-criada, precisava se afirmar como uma ciência para se enraizar dentro do sistema universitário em expansão e garantir acesso a recursos e espaço institucional. Para isso, ela se impôs frente a correntes populares que se valiam de conhecimentos psicológicos, como o espiritualismo e fenômenos psíquicos. Uma das formas de garantir sua proeminência foi construir aparatos de associações, periódicos e reuniões, adotando um discurso científico que se distanciava das outras correntes. Uma das preocupações residia em provar sua utilidade, alinhada ao pragmatismo cultural característico dos Estados Unidos. Os pesquisadores publicavam em revistas e jornais de grande circulação, mostrando que a Psicologia institucionalizada podia ser aplicada na educação, indústria, sistema judiciário e problemas da vida cotidiana (Pickren; Rutherford, 2010). Algumas áreas de atuação dessa nova ciência incluíam desde testes mentais para classificar as crianças dentro do sistema educacional em expansão até a alocação do trabalhador em determinadas vagas na área industrial, como forma de maximizar o rendimento.³⁷ Essas formas de controle, previsibilidade e organização tornaram-se caras nas vidas urbanas agitadas e com alta concentração populacional.

Uma figura relevante para a consolidação da Psicologia dos Estados Unidos foi a de Granville Stanley Hall, que fundou o primeiro periódico da área em 1887, o *American Journal of Psychology*, ainda em circulação. Em 1892, ele se reuniu com outros colegas para fundar a *American Psychological Association* (APA), que se tornaria a principal organização de psicólogos no país. Esta instituição foi vital para o reconhecimento da Psicologia como uma ciência, com Stanley Hall na liderança. Ele, que havia estudado com William James em Harvard, também foi um dos alunos de Wundt na Alemanha. Credita-se a Hall o primeiro trabalho doutoral em um assunto psicológico nos Estados Unidos. Em 1882, Hall assumiu um posto na Universidade Johns Hopkins, em Baltimore, Maryland, instituição acadêmica fundada no contexto de expansão universitária e voltada majoritariamente para a pesquisa. Lá,

³⁷ Nos testes, o nome mais conhecido do período foi o de James McKeen Cattell. Já na área industrial, tem-se o psicólogo de Harvard Hugo Münsterberg (1863-1916) e seu método psicotécnico.

fundou um dos primeiros laboratórios de Psicologia no país. Em 1887, o industrialista Jonas Clark o contactou e forneceu fundos para a fundação de uma nova instituição superior, a Universidade de Clark, presidida pelo psicólogo. Importantes nomes passaram por essa nova universidade, como Franz Boas (1858-1942), um dos fundadores da Antropologia Cultural. Esta instituição formou a maior quantidade de doutores em Psicologia nos Estados Unidos de 1890 a 1920 (Pickren; Rutherford, 2010).

Uma das principais esferas que propiciaram a expansão da Psicologia foi a Educação e, mais uma vez, Hall teve um papel de destaque. O movimento de estudos da infância, iniciado ainda no século XIX dentro dos Estados Unidos, época da escolarização em massa e obrigatória, buscava conciliar conhecimentos científicos sobre a criança com normas de desenvolvimento e de cuidados. A sociedade racional almejada passava, obrigatoriamente, pela formação educacional dos estadunidenses, o que demandava treinamento de professores e organização dos estudantes, tarefas nas quais a Psicologia se inseriu. Na Universidade Clark, muitos psicólogos concluíram seu doutorado com Stanley Hall em assuntos educacionais e seguiram carreira na área. Pode-se citar Henry Herbert Goddard (1866-1957), responsável por trazer da França o primeiro teste para a medida de capacidade mental e Lewis Terman (1877-1956), que revisou o teste trazido por Goddard e o transformou nos conhecidos Testes de Inteligência de Stanford-Binet. Psicólogos de outros locais, como Lightner Witmer (1867-1956), também atuaram na educação, oferecendo assistência aos escolares para problemas na aprendizagem, no que denominou “psicologia clínica”. Essa abordagem era distinta da concepção de clínica que se consolidou após a Segunda Guerra Mundial, em 1945, algo que exploraremos adiante.

1.5.2 - A Psicologia na primeira metade século XX

Em vista do que foi discutido, pode-se dizer que a Psicologia nos Estados Unidos, mesmo tendo importado certas práticas e conceitos, desenvolveu suas próprias concepções, métodos e teorias, entranhados nas práticas culturais, sociais, institucionais e econômicas do país. Em outras palavras, ela se “indigenizou” (Danziger, 2006). Pickren e Rutherford (2010) demonstram como as configurações religiosas, educacionais e da vida cotidiana criaram uma abertura cultural que facilitou a receptividade à ciência psicológica, dotada de contornos próprios, assentada na abordagem pragmática do funcionalismo e permeada por discussões e conflitos. Essas tensões dentro da Psicologia estabeleceram quais perspectivas se tornariam centrais ou periféricas dentro da disciplina. Na História das Ciências, diferentes correntes e

visões competem para afirmar seus paradigmas explicativos, muitas vezes relegando outros ao segundo plano, não necessariamente por sua capacidade heurística, mas devido a negociações, interesses institucionais ou através de mudanças culturais e sociais. Essa dinâmica reflete a natureza complexa e multifacetada da Psicologia.

No século XX, a Psicologia ganhou forte impulso com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), principalmente devido aos testes de inteligência para recrutamento de soldados coordenados por Robert Yerkes (1876-1956). Os testes começaram a ganhar notoriedade ainda no final do século XIX, como exemplificado pela publicação de *Mental Tests and Measurements*, por James Cattell em 1890, que cunhou a expressão “testes mentais”. Neste trabalho, Cattell se preocupou em definir padrões de experimentação para a nova ciência, valendo-se da psicometria. Além de seu uso militar, os testes foram aplicados na educação, na orientação vocacional, na avaliação da personalidade, entre outras áreas, contribuindo para o desenvolvimento da abordagem quantitativa na Psicologia, ao lado da psicofísica. Os testes adquiriram ainda mais relevância face à preocupação em construir uma sociedade dentro dos padrões da Era Progressista e facilitar a adaptação dos indivíduos à nova ordem.

Após a guerra, acompanhando a ascensão econômica dos Estados Unidos, iniciou-se um período de forte otimismo e prestígio em relação à Psicologia (Sokal, 1984). Os testes se expandiram e passaram a ser aplicados em diferentes áreas, com a premissa de valorizar as capacidades individuais e promover o gerenciamento científico. Esse entusiasmo e crença nos testes levaram à tentativa de universalizar os resultados como princípios globais do ser humano, buscando identificar características inatas. Paralelamente, a Psicologia ganhou grande popularidade através de programas de rádio, jornais e revistas, destacando-se a Psicanálise como uma das correntes dominantes.³⁸ A própria emergência do termo “personalidade” foi tributária das teses de Freud.

Financeiramente, as pesquisas em Psicologia haviam se beneficiado de programas de pesquisa por entidades privadas filantrópicas, como a *Commonwealth Foundation*, a *Rockefeller* e a *Josiah Macy Jr.*, algo que impulsionou o desenvolvimento de laboratórios e das publicações. Esses recursos estavam direcionados para aplicações práticas na pesquisa, beneficiando especialmente áreas como a Psicologia do Desenvolvimento Infantil, com programas notáveis no *Teachers College* da Universidade Columbia e em outras instituições

³⁸ Freud sabia bem disso, embora não compartilhasse a empolgação recíproca em relação aos estadunidenses. Salvo algumas exceções, o psicanalista austríaco tinha uma visão bastante negativa em relação aos Estados Unidos e seu povo. Chegou a reclamar com Sándor Ferenczi, em 1922, que a popularidade da análise na América não rendera a ela um retorno financeiro. Além disso, apontava para uma circulação errônea de suas ideias, em chavões propagados por médicos e jornalistas. Ver a biografia de Freud escrita por Peter Gay (1989b, p. 511-513).

renomadas, nas quais mulheres pesquisadoras desempenharam um papel significativo, apesar de tradicionalmente excluídas de outras áreas acadêmicas. Além das universidades, o NRC estabeleceu uma seção de Psicologia sob o comando de Robert Woodworth (1869-1962).

No entanto, a Psicologia abarca diferentes visões frequentemente contraditórias entre si, devido à presença de múltiplos atores e perspectivas teórico-metodológicas. O otimismo que levou à universalização dos resultados dos testes não foi compartilhado por todos os setores. Surgiram críticas denunciando a extrapolação dos dados para tentativas de controle social, além de questionamentos sobre os limites da medição da inteligência através dos testes. A questão racial foi profundamente controversa, especialmente nos debates gerados pelas pontuações mais altas obtidas por brancos em testes psicológicos em comparação com negros, imigrantes e mesmo entre diferentes regiões do país. Alguns psicólogos, como William McDougall (1871-1938) e Robert Yerkes, interpretaram esses resultados como evidência de uma suposta superioridade racial inata. Esse ponto de vista foi amplamente contestado por outros estudiosos, como o educador William Bagley (1874-1946), que argumentou que os testes simplesmente refletiam a extensão da educação recebida, não habilidades inatas. O antropólogo Franz Boas e seu grupo de alunos, incluindo psicólogos, destacavam os fatores culturais na discussão sobre raça, enfatizando a influência da educação e do ambiente social nas diferenças observadas. Nas diferenças sexuais, Helen Woolley (1874-1947) destacou similaridades entre homens e mulheres na testagem, contrapondo-se à visão predominante que enfatizava as diferenças. Woolley³⁹ interpretou as desigualdades observadas sob a ótica das diferentes formas de socialização que homens e mulheres experimentam ao longo de suas vidas.

As tensões se fizeram sentir dentro do plano institucional. A APA, cujo crescimento vinha sendo modesto até por volta desse período, não incluía a Psicologia Aplicada, área em franca expansão. Como consequência, surgiram outras organizações, como a *American Association for Applied Psychology* (AAP) em 1937. A recusa da APA em se envolver com temas sociais que afetavam os psicólogos da época, como o desemprego ocasionado pela Crise de 1929, levou à criação de associações alternativas, como a *Psychologist's League* e a *Society for the Psychological Study of Social Issues* (SPSSI), mais envolvidas na assistência a seus membros.

A despeito das contendas no seu interior, a Psicologia continuou a se desenvolver na década de 1930 com as novidades trazidas pelos psicólogos da Gestalt, muitos dos quais

³⁹ Essa pesquisadora obteve seu doutorado em Psicologia na Universidade de Chicago em 1900 utilizando testes psicológicos.

emigraram da Alemanha devido à ascensão do Nazismo ao poder, em 1933. Os estudos desenvolvidos por alguns de seus membros, como Kurt Lewin (1890-1947), promoveram pesquisas nas áreas de motivação social e de grupo, com desdobramentos para a Psicologia Social dos Estados Unidos. Lewin teve ainda um papel de destaque ao utilizar a Psicologia para intervir em problemas de discriminação e preconceito contra minorias. No entanto, os psicólogos da Gestalt enfrentaram desafios significativos na transição para os EUA, incluindo barreiras linguísticas que resultaram em atrasos na tradução de seus trabalhos, a adaptação a universidades de menor porte sem programas de pós-graduação e, principalmente, a predominância do paradigma behaviorista (Schultz; Schultz, 2011).

1.5.3 - A ascensão do paradigma behaviorista

A década de 1930 nos Estados Unidos se caracterizou pela consolidação de diferentes escolas ou sistemas de Psicologia, que refletiam a heterogeneidade do campo. Entretanto, uma delas se destacou como a dominante: o behaviorismo.⁴⁰ A história dessa orientação, no entanto, começou décadas antes. A publicação do manifesto de John Watson (1878-1958), *Psychology as the Behaviorist views it*, em 1913, acabou se tornando símbolo de um movimento cujas raízes são mais profundas, pois vão desde a crítica científica à introspecção e à consciência até uma proximidade com o modo de vida nos Estados Unidos. Watson inovou ao aplicar princípios científicos ao comportamento humano, especialmente dentro do contexto em que se buscava uma aproximação da Psicologia aos problemas práticos do cotidiano.

Falar em ascensão behaviorista tem como corolário uma tradição de pesquisa com determinadas orientações metodológicas e epistemológicas. Para entender isso melhor, é necessário que se entenda as discussões em torno da Ciência no início do século XX, sobretudo com a reorientação de seus pressupostos e o caso particular do chamado “Círculo de Viena”. As mudanças no mundo do intelecto vieram em um período de avanços técnicos industriais, com a eletricidade, métodos mais precisos de medição e o estímulo a pesquisas, inclusive com a criação de prêmios para os cientistas. O caso do Nobel, justamente nessa virada de século, é sintomático desse processo.

⁴⁰ Isso não quer dizer que foi sem críticas. A primeira presidente da APA (1905), Mary Whiton Calkins (1863-1930), concordava com Watson que a Psicologia havia se afastado dos problemas cotidianos, mas o criticava pelo abandono do método introspectivo. Além disso, a Psicologia Social nascente dos anos 1920 contestava a exclusividade de métodos experimentais nas pesquisas, valorizando outras abordagens nos problemas sociais.

Desde o final do século XIX, a noção de evolução, seleção natural e apropriações diversas do darwinismo estavam em voga. Aliado a isso, novos estudos de genética e eugenia, áreas que lidavam com o homem social, apresentavam fortes conotações políticas e ideológicas, ao oferecerem soluções para o ordenamento da sociedade e das “raças”, tópico de discussão frequente da época. Antigas teorias científicas passaram a ser inadequadas para a explicação dos novos ordenamentos sociais, provocando a necessidade de outras explicações e interpretações do mundo em diferentes esferas do conhecimento. Para deixar a situação ainda mais complexa, uma crise de valores e a desconfiança da noção de progresso despontaram no horizonte, algo que seria ampliado após a catástrofe das guerras mundiais.

[...] todos os historiadores ficam surpresos com o fato de a transformação revolucionária na visão de mundo científica naqueles anos [na virada do século XIX para o XX] estar inserida em um abandono mais geral e dramático dos valores, verdades e maneiras estabelecidos e longamente aceitos de encarar o mundo e estruturá-lo conceitualmente. Pode ser puro acaso, ou escolha arbitrária, que a teoria quântica de Planck, a redescoberta de Mendel, as *Logische Untersuchungen* de Husserl, a *Interpretação dos sonhos* de Freud e a *Natureza morta com cebolas* de Cézanne possam todos ser datados de 1900 - como teria sido possível inaugurar o novo século com a *Química Inorgânica* de Ostwald, a *Tosca* de Puccini, a primeira novela *Claudine* de Colette e *L'Aiglon* de Rostand -, mas a coincidência de inovações dramáticas em diversas áreas não deixa de ser impressionante (Hobsbawm, 2010, p. 396).

Uma das respostas a essa agitação intelectual e científica pode ser lida na formação de um círculo de intelectuais em Viena, na Áustria, a partir da década de 1920, caracterizado pelo intercâmbio científico entre cientistas e filósofos. Esse movimento deu origem ao chamado "positivismo lógico", influenciado especialmente pelas teorias quânticas e da relatividade no campo da Física. Além dos fatos empiricamente verificáveis, como no positivismo do século XIX, a nova corrente valorizou tanto a lógica quanto a linguagem, combinando “racionalismo e empirismo num projeto epistemológico comum” (Dittrich *et al.*, 2009, p. 180). Somado a isso, o princípio do operacionismo argumentava que os fatos científicos não devem ser descritos de forma realista em termos de suas propriedades intrínsecas, mas sim com base nas operações que são realizadas para estudá-los, nas quais o observador desempenha um papel ativo sobre o meio.

Essa nova epistemologia científica teve um impacto considerável na Psicologia dos Estados Unidos, principalmente a partir da década de 1930. Uma evidência desse impacto pode ser vista no desenvolvimento do neo-behaviorismo. Mesmo que seus autores tenham formulado seus pontos de vista anteriormente ao operacionismo e ao positivismo lógico e mantivessem reservas quanto à nova epistemologia, ainda assim eles remodelaram certos

pressupostos de acordo com esses novos preceitos.⁴¹ Isso representou uma reafirmação dos princípios de cientificidade na Psicologia.

A partir dos anos 1930, esse modelo behaviorista se afirmou como dominante, mantendo algumas continuidades com o período anterior, expressas nas práticas experimentais de laboratório. A objetividade passou a ser a palavra-chave desse cenário, com o intuito de aproximar a Psicologia das ciências naturais e afastá-la de aspectos mais reflexivos e metafísicos. Uma das mudanças fundamentais foi o foco no comportamento como principal objeto de estudo. Metodologicamente, caberia ao pesquisador, não ao sujeito investigado, obter os dados considerados legítimos para a ciência. Orientado pelo operacionismo, a ciência deveria se constituir apenas de conceitos definidos com base em operações observáveis.

Após a Segunda Guerra Mundial, isto é, após 1945, a “síntese neo-behaviorista” se tornou ainda mais dominante no campo psicológico, apagando outros sistemas teóricos (Danziger, 2006). Devido à posição de liderança internacional dos Estados Unidos no pós-guerra, os princípios científicos desse movimento também se impuseram em outros países. Esse foi o cenário que Brozek encontrou ao chegar no país para seus estudos pós-doutorais e na sua atuação profissional. No próximo capítulo, abordo como a prática científica no geral e a Psicologia em particular foram impactadas pelo cenário da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria.

⁴¹ O positivismo lógico e o operacionismo, devido à sua associação, são comumente tidos como sinônimos, algo incorreto, como alertou Dittrich *et al.* (2009, p. 183).

CAPÍTULO 2 - A PSICOLOGIA PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A CONSTITUIÇÃO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

2.1 - As ciências na segunda metade do século XX

A prática científica da segunda metade do século XX caracterizou-se por uma crescente compartimentalização, a ponto de cientistas de diferentes áreas precisarem de instrumentos didáticos para se comunicarem uns com os outros (Hobsbawm, 2007). Somado a isso, a concentração das pesquisas em países com maior poderio econômico e político, como os Estados Unidos, consolidou sua hegemonia nesse setor. Pelo grau de especialização e atenção às ciências dadas pelo Estado,⁴² as preocupações metodológicas pairavam no horizonte dos profissionais. No caso de Brozek, ele se destacava por uma atenção redobrada às correções e à precisão das informações em suas publicações, o que não só o projetava entre seus pares, mas também referendava seus projetos e resultados. As ligações com os governos, de quem os cientistas dependiam dos recursos e financiamentos, os pressionavam com demandas de resultados práticos. A presença massiva da tecnologia no cotidiano das pessoas, resultante da atividade científica, reforçava as cobranças por resultados vindas até mesmo da própria população.

As justificativas dos projetos passavam também por uma questão que ganhou mais relevância: a crescente desconfiança em relação à própria ciência. Na segunda metade do século XX, após o uso da bomba atômica e sob ameaça de uma guerra nuclear, o receio da população em relação ao progresso prometido pela ciência adicionou um novo elemento à equação: os sentimentos anticiência, que passavam por uma variedade de fatores, desde a incompreensão das práticas até a sensação de pertencimento a uma comunidade que se sentia enganada por aqueles que, supostamente, ocultavam um saber superior. O medo das consequências práticas do progresso científico contribuiu para esse cenário.

Esse processo se acentuou ainda mais na década de 1970, especialmente com problemas ambientais, a exemplo dos buracos na camada de ozônio e a acelerada elevação da temperatura média do planeta. As novas pesquisas biológicas suscitaram um reavivamento do debate entre natureza e cultura, ou hereditariedade e ambiente. As relações entre sexo e gênero, debatidas de forma expressiva após a Segunda Guerra Mundial, evidenciam bem as

⁴² Do ponto de vista financeiro, na década de 1970, os Estados Unidos financiaram dois terços da pesquisa básica do país, cujo valor chegava a 5 bilhões de dólares por ano, empregando cerca de 1 milhão de cientistas e engenheiros (Hobsbawm, 1995, p. 526).

tensões dentro do exercício científico (Löwy; 2003; Löwy; Rouch, 2003). Tornou-se ainda mais notória a impossibilidade de dissociar a pesquisa das suas consequências sociais, ainda mais levando em conta os impactos tecnológicos. Portanto, nesse cenário em que o financiamento vinha majoritariamente do Estado, as investigações estavam sujeitas a interesses pragmáticos e pressões sociopolíticas.

Não por acaso, ganhou força um novo olhar sobre a História das Ciências. As obras de Michel Foucault (2005, 2008) questionaram uma visão linear marcada pela racionalidade imanente aos processos históricos, apostando nas dispersões e discontinuidades. Thomas Kuhn, ao publicar *As Estruturas das Revoluções Científicas*, em 1962, acentuou o caráter dinâmico de mudança nas ciências, trazendo o conceito de “paradigmas” como modelos explicativos que guiam o raciocínio e conduta de uma comunidade científica dentro de uma conjuntura. As interpretações hegemônicas, segundo Kuhn, poderiam sofrer com anomalias que revelariam a inadequação do modelo dominante, ocasionando, então, as revoluções científicas. Tanto Foucault quanto Kuhn são amplamente citados e apropriados pelos praticantes da História da Psicologia institucionalizada a partir da década de 1960 (Brozek; Ross; Watson, 1969; Brozek; 1975b).

As incertezas quanto aos fundamentos das ciências naturais, com questionamentos axiomáticos e de novos paradigmas interpretativos, abriram espaço para uma abordagem mais ampla da História das Ciências. Nesse contexto, o novo olhar para a História da Psicologia, situada entre as humanidades, ciências sociais e naturais, pode ser compreendido como parte das transformações no fazer científico. Ao mesmo tempo, afirmava a Psicologia como uma ciência reconhecida e sólida, capaz de revisitar seu passado e demarcar uma nova etapa no presente.

2.2 - A Segunda Guerra Mundial e a Psicologia

Assim como a Primeira, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) impulsionou a Psicologia. Os testes psicológicos, revisados e modernizados, foram novamente aplicados para a seleção de militares. Psicólogos também atuaram no treinamento dos combatentes e nos serviços de inteligência, a exemplo do *Office for Strategic Services*. Diante da guerra, o NRC destinou recursos para pesquisas na área, que passaram a ser geridos pelo recém-criado Comitê de Emergência em Psicologia. A guerra não apenas reforçou a popularidade da Psicologia, mas também ampliou suas fronteiras, introduzindo novos conceitos, técnicas e instrumentos, além de fortalecer sua conexão com outros campos (Capshew, 1999). A

Psicologia passou a agir ainda mais fortemente na conformação de práticas sociais e do cotidiano, revelando-se uma área importante na mediação entre o governo federal e a população, tanto pelas pesquisas quanto pelos serviços oferecidos.

Um campo em particular que experimentou crescimento exponencial foi a Psicologia Clínica, especialmente no final da guerra. Seu impulso veio do atendimento a ex-combatentes da guerra, direito garantido pela lei denominada *Servicemen's Readjustment Act of 1944*, mais conhecida como *G.I. Bill of Rights*.⁴³ A aprovação da lei veio acompanhada de pressão tanto dos recrutadores quanto dos combatentes, que estavam lidando com o expressivo número de problemas psicológicos ocasionados pela guerra. Logo no ano seguinte à sua aprovação, cerca de 450 psicólogos já estavam servindo nas Forças Armadas (Pickren; Rutherford, 2010).

Após a guerra, a proximidade da Psicologia Clínica com os meios militares continuou a se estreitar, uma vez que a *G.I. Bill of Rights* também conferia benefícios educacionais para os ex-combatentes, em uma época de expansão do mundo universitário estadunidense. Para formar o quadro clínico necessário para o treinamento dos psicólogos que prestariam atendimento, a APA, reestruturada no contexto da guerra, abandonou sua postura de não intervenção em assuntos clínicos ou de Psicologia Aplicada e montou um programa de treinamento para esses psicólogos, com recursos advindos do *Veterans Administration*⁴⁴ (VA), sob o comando de James Grier Miller (1916-2002). A APA se preocupava em estabelecer altos padrões de excelência, como forma de conservar o prestígio da Psicologia, cujos financiamentos continuaram aumentando após a guerra. Por conta disso, essa organização passou a exigir o título de doutorado para atuar como clínico, a despeito do treinamento ainda apresentar uma ênfase excessivamente acadêmica. Devido a essas mudanças, a clínica psicológica, que anteriormente costumava designar intervenções escolares, passou a se aproximar de um sentido mais corrente de psicoterapias e acompanhamento dos pacientes. A Psicanálise, bastante disseminada e com boa aceitação entre as pessoas, também contribuiu com a popularização dos atendimentos clínicos.

Os programas de treinamento propiciados pela VA congregavam diferentes áreas de especialidade nas pesquisas, explorando novidades da época, a exemplo da psicofarmacologia, impulsionada pela invenção de novos medicamentos, como *Miltown* e *Valium*, utilizados no tratamento da ansiedade. Pode-se dizer que esse período também marcou uma fase de transformação significativa para a Psiquiatria. Em 1952, foi publicada a

⁴³ <https://department.va.gov/history/100-objects/object-46-draft-of-gi-bill/>. Acesso em: 14 mai. 2024. A partir de 1946, ela incluiu o financiamento para o treinamento de psicólogos clínicos, incluindo psicoterapias, em universidades renomadas.

⁴⁴ Atual *Department of Veterans Affairs*.

primeira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*), conhecido como DSM, pela *American Psychiatric Association*, incorporando uma compreensão psicossocial das doenças mentais (Russo; Venâncio, 2006). Tanto a primeira quanto a segunda versão, de 1968, evidenciaram a influência dos conceitos psicanalíticos em sua elaboração. A publicação do DSM pode ser interpretada na chave de um dos embates entre Psicologia e Psiquiatria na época, demarcando uma disputa pela autoridade diagnóstica frente ao avanço dos psicólogos nas práticas psicoterápicas (Nicaretta, 2004).

Outros órgãos de fomento, como a Fundação Ford e agências governamentais, incluindo o Departamento de Defesa dos Estados Unidos e, especialmente, a *National Science Foundation* (NSF), desempenharam um papel crucial na liberação constante de verbas do Congresso. Esses investimentos propiciaram uma expansão notável da Psicologia em todas as vertentes de modo geral. Somente na área clínica, o governo investiu mais de 250 milhões de dólares em treinamento e pesquisa no período de 1948 a 1960 (Nicaretta, 2004). Mesmo com o domínio do paradigma comportamental ou neo-behaviorista, outras áreas também receberam recursos para a pesquisa, como as de interação e cooperação social, programas familiares e da infância, psicopatologia, aprendizagem verbal e personalidade.

Quadro 4 - Universidades e projetos de pesquisa que mais angariaram fundos do NIMH - 1948 a 1963.

Instituição Universitária	Pesquisador chefe	Projeto	Quantia (dólares)
Yale	Neal Miller	Leis comportamentais de motivação e conflito	532.200
Wisconsin	Harry Harlow	Comportamento social de primatas	524.350
Harvard	Henry Murray	Competição e cooperação nas interações sociais	287.601
New York	Isidor Chein	Vício de drogas em menores de idade	246.412
Clark	Tamara Dembo	Desenvolvimento mental em pessoas afetadas pela paralisia	238.616
Stanford	Leonard Horowitz	Estudos em aprendizagem verbal	230.239
Illinois	Charles Osgood	Comunicação de informações sobre saúde mental	219.329
California	Richard Lazarus	Antecedentes e conseqüências do	191.779

Instituição Universitária	Pesquisador chefe	Projeto	Quantia (dólares)
		estresse psicológico	
Michigan	Ronald Lippitt	Programa Intercentro sobre famílias, jovens e crianças	176.608
Johns Hopkins	Jerome Frank	Avaliação de psicoterapia individual e de grupo	141.137
Columbia	James Bieri	Efeitos individuais, sociais e informacionais no julgamento	122.693
Chicago	Carl Rogers	Processo e facilitação para a mudança de personalidade	118.360

Fonte: Pickren e Rutherford (2010, p. 222), adaptada pelo autor.

As inquietações sobre saúde mental se intensificaram nos Estados Unidos pós-guerra, uma vez que o grande número de soldados ocupando leitos de hospitais inquietaram as autoridades. Soma-se a isso o medo da população diante da possibilidade de um conflito nuclear, tornando a situação ainda mais grave, especialmente com a conquista soviética da bomba nuclear em 1949. Nessa conjuntura, o governo federal criou em 1946 o *National Institute of Mental Health* (NIMH), sob a direção do psiquiatra Robert Felix (1904-1990), como parte dos Institutos Nacionais de Saúde. Junto com o VA, o NIMH foi uma das principais agências a destinar recursos para pesquisa e formação de profissionais para atuar com saúde mental. Essa prestigiada organização contou, por sua vez, com a presença numerosa de psicólogos em posições de poder e no comando de pesquisas (Pickren; Schneider, 2005). A Psiquiatria, como área tradicionalmente dominante e com mais recursos, não raramente entrava em conflito com outras, como a Psicologia, pela manutenção do estatuto privilegiado. Um desses embates, como vimos, dizia respeito à condução das psicoterapias e à capacidade de fazer diagnósticos. Isso não significa que a Psiquiatria formasse um bloco monolítico, dado que discussões da época também contestaram seus saberes e o processo de patologização dos desviantes da ordem. Tem-se o exemplo de psiquiatras como Ronald Laing (1927-1989) e Thomas Szasz (1920-2012), que desafiaram os critérios estabelecidos de doença mental.

As consequências dos novos estudos e perspectivas atingiram o próprio campo da Psicologia, uma vez que o domínio da vertente experimental passou a ser criticado por psicólogos como Gordon Allport (1897-1967) e Henry Murray (1893-1988), que realçaram a importância de incluir fatores sociais e antropológicos no estudo do comportamento. Em

Harvard, isso resultou na criação de um Departamento de Relações Sociais em 1945, separado da Psicologia e comandado pelo sociólogo Talcott Parsons (1902-1979). Do outro lado da querela, encontrava-se Edward Boring (1886-1968), que reafirmou a tradição experimental como a que representava as bases científicas da Psicologia, embora também reconhecesse o outro ponto de vista.

Qual a conjuntura mais geral do país nessa época? Os Estados Unidos viviam na década de 1950 e 1960 uma fase que ficou conhecida como *Anos Dourados*, caracterizada pelo baixo desemprego, crescimento econômico vigoroso e afirmação internacional como superpotência. Os direitos trabalhistas, benefícios sociais e a proteção da população deram a tônica do “Estado de Bem-Estar Social”. Esse contexto de prosperidade e ampliação da Psicologia contribuiu para a procura acentuada de psicoterapias, ao passo de ser possível dizer em uma “psicologização da cultura” e a transformação da saúde mental em mercadoria (Pickren; Rutherford, 2010, p. 214).

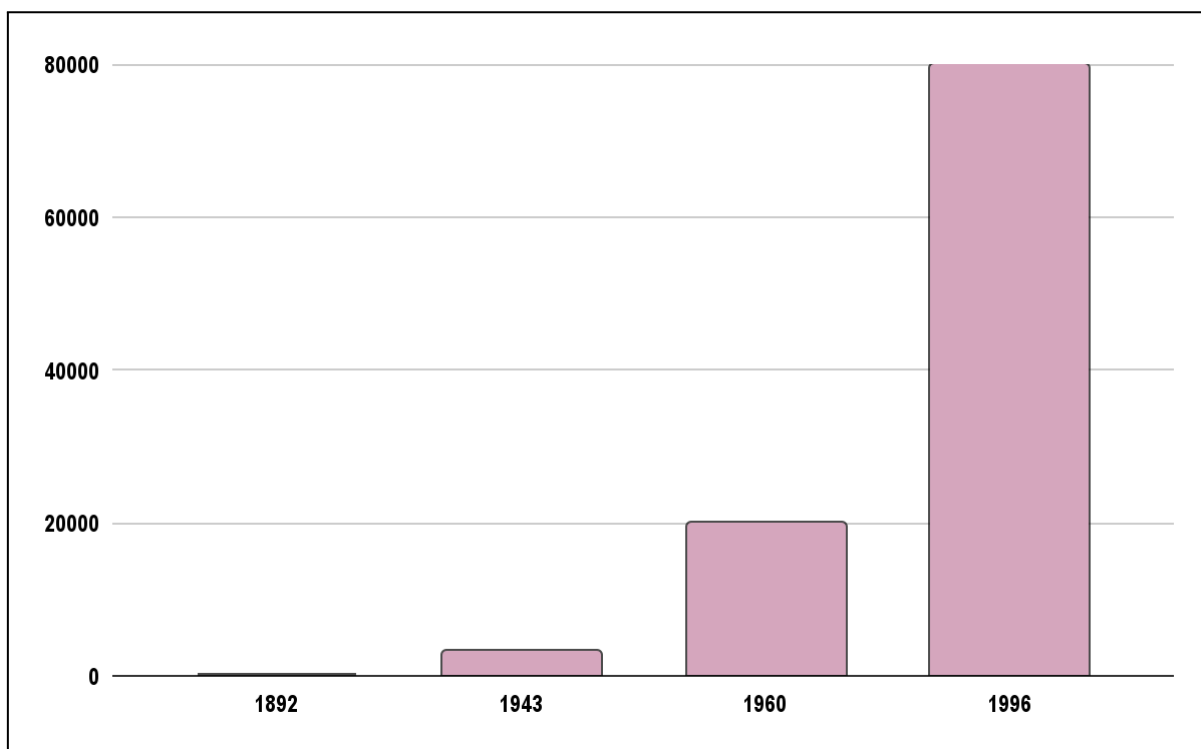
No entanto, o racismo institucionalizado, a exclusão de mulheres e o preconceito contra minorias de forma geral evidenciaram outros lados da sociedade estadunidense. A eclosão do Movimento dos Direitos Civis, a luta feminista e o movimento de Contracultura apontaram os limites da aparente estabilidade social. No plano externo, a Guerra Fria (1945-1989) e a ameaça nuclear marcaram a tensão mundial existente. A luta contra o comunismo levou não apenas a intervenções, como a Guerra da Coreia (1950-1953), mas também a perseguições internas no movimento conhecido como Macarthismo, liderado pelo senador Joseph McCarthy (1908-1957), de Wisconsin. Esse movimento resultou na exclusão de eminentes pesquisadores, incluindo psicólogos, sob suspeita de simpatia comunistas, mesmo que as alegações fossem infundadas.

A competição contra a União Soviética deu-se em diferentes ambiências, inclusive na ciência, o que justificou significativos investimentos em pesquisa, desenvolvimento e tecnologia nos Estados Unidos, consolidando o país como um centro de produção do conhecimento psicológico, influenciando na disseminação de métodos e técnicas, assim como na validação do que era considerado conhecimento legítimo. Nas disputas internas, as novas demandas sociais da contracultura levaram a Psicologia, sobretudo a partir dos anos 1960, a se aproximar das humanidades. O caso de Abraham Maslow (1908-1970), que ocupou a presidência da APA em 1968, representa bem essa guinada, sobretudo com seus conceitos de experiências de pico, autoatualização e hierarquia de necessidades, que ressoaram entre os envolvidos na contracultura. Maslow, no entanto, repudiou sua vinculação ao movimento, criticando os jovens hippies como “indisciplinados e excessivamente indulgentes”, além de

ter apoiado a Guerra do Vietnã (1955-1975) (Pickren, Rutherford, 2010, p. 229). Essa guerra foi um divisor de águas em diferentes assuntos, inclusive aqueles que envolveram a pesquisa psicológica. Os protestos contra o conflito se somaram ao movimento contracultural de contestação aos valores dominantes. A deterioração econômica provocada pela situação no Vietnã e os horrores noticiados diretamente para a população, por meio da intensa cobertura midiática, trouxeram desgastes para os Estados Unidos com a opinião pública. Os financiamentos das pesquisas ficaram comprometidos e a própria relação do governo federal com as universidades deteriorou consideravelmente (Pickren; Schneider, 2005). Brozek, por exemplo, não pôde realizar o Terceiro Seminário de Verão para professores e pesquisadores em História da Psicologia, uma vez que a NSF não disponibilizou recursos como havia feito para os dois primeiros (Brozek *in* Campos, 2008, p. 60).

2.3 - A reestruturação da APA

A *American Psychological Association*, antes da Segunda Guerra, tinha um perfil mais modesto, ocupando-se da publicação de alguns periódicos e organizando reuniões anuais. Após a guerra, no entanto, a organização adquiriu tons diferentes. O seu rápido crescimento e a incorporação de outras associações projetaram a APA como o mais importante órgão representativo dos psicólogos nos Estados Unidos. Como vimos, sua participação ativa no treinamento de psicólogos clínicos para o VA propiciou ainda mais força para a associação. Com isso, a APA passou a credenciar programas de pós-graduação em diferentes setores, como o de Clínica e o de Aconselhamento. Com a ramificação da Psicologia, outras divisões foram criadas dentro da APA para contemplar esse alargamento do campo. O número de membros também cresceu expressivamente: 3.200 em 1943, 20.000 em 1960 e mais de 80.000 em 1996 (Dewsbury, 1996, p. 3; Watson, 1963, p. 484).

Gráfico 1 - Número de membros da APA

Fonte: elaboração do próprio autor, com base em Dewsbury (1996) e Watson (1968).

Com esse novo estatuto, a APA se tornou uma organização que chancelou disciplinas científicas e acadêmicas, definiu parâmetros e conferiu visibilidade à Psicologia, além de servir de lobby para grupos. Nas décadas subsequentes à guerra, 17 novas divisões foram adicionadas nas 19 já existentes.⁴⁵ Somado a isso, mais de 120 novos periódicos em Psicologia surgiram ligados à APA entre 1945 e 1975.

Nesse período, a população dos EUA passou de 140 para 220 milhões. Acompanhando o crescimento demográfico, o ensino superior recebeu mais verbas - 200 milhões em 1950 para 3 bilhões de dólares em 1970 -, com abertura de novos cursos e programas de pós-graduação (Gilgen, 1982). Nessa reestruturação, a promoção da Psicologia como atividade científica foi ampliada e, dentre as novas ações, encontravam-se novos periódicos de resenhas, como o *Contemporary Psychology*, fundado em 1955,⁴⁶ do qual Brozek foi um editor. Pode-se citar também, no rol de novas ações envolvendo a Psicologia,

⁴⁵ O número de divisões foi visto com desconfiança por alguns membros. Eles acusavam uma dissolução da Psicologia e a perda de suas características centrais (Evans; Sexton; Cadwallader, 1992, p. 188). Atualmente, a APA conta com 56 divisões.

⁴⁶ O periódico, sob o comando de Edwin Boring, veio em um quadro de grande volume de publicações em Psicologia. Uma das estratégias valorizadas passou a ser a utilização de resenhas para acompanhar os novos títulos.

os programas educacionais televisionados, que acompanharam a tradição dominante do behaviorismo (Evans; Sexton; Cadwallader, 1992).

A proximidade da Psicologia com questões políticas internas pode ser vislumbrada no jantar que a APA promoveu em 1957 para celebrar sua parceria de dez anos com o Escritório de Pesquisa Naval. Os Estados Unidos, envoltos em inúmeras guerras, interessavam-se particularmente pelas tecnologias e saberes sobre o comportamento humano. O projeto *Camelot*, destinado à interferência em questões políticas e sociais ao redor do mundo, foi representativo da ingerência do país em assuntos de outros países. Esse projeto contou com a participação de psicólogos com o intuito de prever e modificar o comportamento das populações, promovendo a contrainsurgência em relação às revoltas que desafiavam a ordem capitalista dominante. Dessa maneira, observa-se como as preocupações com a Guerra Fria e com os movimentos sociais levaram a esse aumento dos projetos de pesquisa.

No entanto, esse período de expansão da Psicologia não foi isento de conflitos. Um dos embates ocorreu entre a parte aplicada e a pesquisa acadêmica. Este último setor havia ditado os rumos até então, porém foi ameaçado pelo crescimento do primeiro e de sua demanda tanto pela sociedade quanto pelos governos do país. A partir dos anos 1960, o número de psicólogos vinculados à prática profissional superou o de psicólogos ligados à pesquisa experimental acadêmica dentro da APA. Os choques crescentes entre os dois grupos levaram ao rompimento no final da década de 1980, quando um grupo de experimentalistas acadêmicos se separou da instituição e formou a *Association for Psychological Science* (APS).

O avanço da segunda onda do feminismo, simbolizado pela obra *A Mística Feminina*, de 1963, escrita por Betty Friedan (1921-2006), não só se apropriou de conteúdos psicológicos para tecer suas críticas como também desafiou o establishment da APA. Em 1969, um grupo de mulheres se reuniu na convenção anual da APA para discutir temas como sexismo, ausência de pesquisas voltadas para as mulheres e casos de assédio. Um fruto dessa reunião se materializou com a *Association for Women in Psychology* (AWP). Algumas propostas incluíram abolir a patologização de experiências femininas e proibir o contato sexual entre terapeuta e paciente. Com essas duras críticas recebidas, a APA montou uma comissão para discutir a situação feminina e, em 1973, foi constituída a Divisão 35, responsável pela Psicologia das Mulheres, uma das maiores divisões até o presente.

Acompanhado esse panorama, surgiram novos periódicos, como o *Sex Roles* em 1975 e o *Psychology of Women Quarterly* em 1977.⁴⁷

Na dimensão racial, a situação de exclusão e discriminação pautavam o cenário dos Estados Unidos, não só nos evidentes casos da região sul, cujo regime das leis *Jim Crow*, desde o século XIX, oficializaram a segregação entre brancos e pessoas de cor, mas também em outras partes, como na Pensilvânia e em Nova York. As pesquisas do casal Kenneth e Mamie Clark, formados na Universidade Howard, evidenciaram os efeitos negativos da segregação e do racismo no desenvolvimento do *self* desde o final da década de 1930 (Clark; Clark, 1939, 1940, 1950). O casal, envolvido na luta pelos direitos civis, fundou ainda a *Northside Center for Child Development*, um centro de serviços educacionais e proteção às crianças desassistidas, que realizava intervenções fundamentadas em pesquisas sociais.

O combate à segregação vinha de várias instâncias, como da *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP), que se engajou em batalhas judiciais contra a separação em escolas. A organização levou seus argumentos, embasados nos psicólogos que atuavam contra o racismo, incluindo Kenneth Clark, para a corte no *Brown v. Board of Education of Topeka, Kansas*, em 1952. A decisão unânime da corte em 1954 foi acabar com a segregação racial nas escolas, usando as pesquisas das Ciências Sociais como parâmetro para seu veredito. Foi a primeira vez que uma pesquisa em Psicologia foi citada em uma decisão da máxima instância judiciária dos Estados Unidos (Benjamin; Crouse, 2002, p. 38). A Psicologia de forma geral e a APA, no entanto, mantiveram-se refratária às discussões raciais durante muito tempo. Um dos primeiros movimentos institucionais nessa direção se deu quando um grupo de psicólogos negros, pleiteando maiores oportunidades de emprego e de acesso ao ensino superior, criou a Divisão 6 na organização negra *American Teachers Association* (ATA), focada no ensino e aplicação da Psicologia e campos correlatos na educação (Holliday, 2009). Depois da Segunda Guerra, contudo, a organização se enfraqueceu.

Devido à falta de representação na APA e ao avanço da luta pelos direitos civis, psicólogos negros formaram a *Association of Black Psychologists* (ABPsi) durante a convenção anual da APA de 1968, que estabeleceu seus próprios periódicos, como o *Journal*

⁴⁷ Pela importância do tema e sem a intenção de esgotá-lo em um espaço exíguo, sugiro algumas obras específicas. Além da já citada obra *A History of Modern Psychology in Context*, menciono também o clássico *The Psychology of Sex Differences*, de 1974, de Eleanor Maccoby and Carol Jacklin, que reexamina o assunto das diferenças sexuais. Apesar das críticas de um viés excessivamente biológico, a obra foi um marco nas pesquisas que propunham novos olhares críticos. O livro *Handbook of Gender Research*, organizado por Joan Chrysler e Donald McCreary, de 2010, traz um apanhado bastante diverso, tanto em temas quanto em autores. Por fim, o capítulo de Furumoto e Scarborough (2002) - *Placing Women in the History of Psychology: the First American Women Psychologists* - aborda a perspectiva das mulheres na História da Psicologia.

of *Black Psychology*. Além das críticas, a ABPsi continuou a pressionar a APA por mudanças, uma vez que ela ainda mantinha o discurso de não intervir em “questões sociais”, mesmo estando plenamente envolvida com os interesses militares e políticos de governos dos Estados Unidos. Na convenção anual de 1969, a APA foi confrontada por mais uma organização recém-surgida, a *Black Students Psychological Association* (BSPA). As críticas tanto da ABPsi quanto da BSPA incluíam os vieses racistas em testes e práticas psicológicas, falta de oportunidades dentro da Psicologia e ausência de suporte na pós-graduação para pessoas negras (Simpkins; Raphael, 1970). Com todas essas pressões, mudanças surgiram nas décadas seguintes, seja dentro das universidades ou pelas agências de financiamento, como o *Minority Fellowship Program*, ligado ao NIMH.

Em suma, apesar do crescimento e da influência crescente da APA, várias contestações internas e externas acompanharam sua expansão. Além de mulheres e negros que desafiaram a estrutura hegemônica da APA, outros grupos, como asiáticos e hispânicos, também expressaram descontentamento com a falta de engajamento da APA em questões sociais relevantes. Esse cenário de críticas e o surgimento de novas instituições e divisões impulsionaram psicólogos a buscar temas até então ausentes na Psicologia. Dentre eles, a ausência de pesquisas em História da Psicologia ganhou visibilidade.

2.4 - As primeiras publicações de História da Psicologia

Uma das primeiras pesquisas voltadas para a História da Psicologia na forma de livro⁴⁸ se deu com o James Mark Baldwin e seu livro *History of Psychology* (1913), no qual ele estabeleceu um paralelismo entre a reflexão coletiva e o pensamento individual. Baldwin definiu a Psicologia como a ciência da mente, encarregada de investigar a maneira como o ser humano pensa sobre si mesmo. Assim, a História da Psicologia estudaria o desenvolvimento da compreensão humana sobre a mente, a alma ou o espírito ao longo do tempo, ou seja, essencialmente uma reflexão sobre aquilo que o autor apontou como autoconsciência.

Baldwin organizou seu livro cronologicamente, apresentando autores renomados da Filosofia e suas teorias sobre a alma ou o *self*, que ele considera sinônimos de mente. A partir do século XIX, ele também abordou temas de pesquisa, métodos e teorias, mas mantendo o foco em autores clássicos. Influenciado pelas teorias de Darwin, Baldwin examinou a

⁴⁸ Se pensarmos em artigos que se voltam a temas mais específicos do desenvolvimento da Psicologia, há uma variedade maior. A consulta está disponível em: <https://psychclassics.yorku.ca/topic.htm#history>. Acesso em: 10 jul. 2024

evolução da mente ao longo da história, dividindo em quatro períodos: a) pré-histórico e pré-lógico, caracterizado pelos povos primitivos, místicos e emocionais; b) antigo ou não-científico, associado aos gregos antigos, no qual a visão sobre a mente se funde com a compreensão do mundo; c) medieval ou substantivo, marcado pela distinção entre mente e corpo como substâncias diferentes, culminando na filosofia de Descartes; d) moderno, caracterizado pela reflexão e interpretação científica, com a diferenciação entre sujeito e objeto.

Outro marco para a História da Psicologia, tornando-se um índice de leitura no tema, foi a obra *A History of Experimental Psychology*, de Edwin Boring, publicada em 1929. Este livro representou um esforço acadêmico significativo para abordar a Psicologia sob uma perspectiva científica e serviu como guia para pesquisas no campo por mais de meio século. Durante a primeira metade do século XX, a maioria dos currículos que incluíam a História da Psicologia adotavam a obra de Boring como sua principal referência (Hilgard, Leary, McGuire, 1991). Desde a primeira edição, este psicólogo de Harvard acreditava que a Psicologia precisaria se guiar por uma orientação histórica, pois isso promoveria uma legitimação científica da área.

O título da obra é bastante ilustrativo da concepção de Boring. Defensor da Psicologia Experimental frente ao avanço da Aplicada, ele foi um apoiador assíduo do experimentalismo dissociado de práticas utilitárias, sob o argumento de que isso permitiria que a ciência progredisse (O'Donnell, 2002). No livro, Boring reconheceu o mérito da Filosofia no desenvolvimento dos saberes psicológicos, mas isso deixou de fazer sentido de acordo com o desenvolvimento da Psicologia desde as últimas décadas do século XIX. Na primeira edição, o último capítulo trouxe o seguinte questionamento:

[...] Até que ponto a nova psicologia se justificou? Há uma crítica à psicologia moderna, muitas vezes falada e por vezes escrita, de que a nova ciência não teve muito sucesso, de que foi, em comparação com as suas ambições, relativamente estéril, de que se propôs a estudar a mente pelo método experimental, e de que que ganhou muito conhecimento sobre as sensações (que os fisiologistas poderiam ter adquirido), um pouco mais, e nada de grande importância sobre a mente racional, a personalidade e a natureza humana [...].⁴⁹

⁴⁹ [...] To what extent has the new psychology justified itself? There is a criticism of modern psychology, often spoken and sometimes written, that the new science has not quite succeeded, that it has been, as compared with its ambitions, relatively sterile, that it set out to study mind by the experimental method, and that it has gained a mass of knowledge about sensation (which the physiologists might have gained), a little else, and nothing of great moment about the rational mind, the personality and human nature (Boring, 1950, p. 741, tradução nossa).

Na segunda edição, de 1950, Boring respondeu sua indagação da primeira publicação ao afirmar que a Psicologia agora se encontrava em um estado satisfatório de maturidade, tendo prosperado e provado seu valor. Nessa reedição, o autor realizou modificações substanciais no livro. Além de alterar os capítulos e seus conteúdos, ele adicionou uma nova perspectiva de análise histórica, diminuindo o peso dos “grandes nomes”⁵⁰ em favor do *Zeitgeist*, isto é, o espírito de uma época, que foi utilizado como uma forma de ver as influências do contexto, embora sem demonstrar de que forma os sujeitos lidam e ressignificam as informações.

Na relação da Psicologia com a hegemonia dos Estados Unidos após a Segunda Guerra, é notável que o volume de recursos financeiros, juntamente com a posição política e cultural do país, criou uma situação na qual o fluxo de informações se tornou menos uma troca entre países e mais uma via assimétrica, com as práticas e pesquisas psicológicas estadunidenses afirmando-se ante o cenário internacional. Para outras partes do mundo ocidental, tornou-se difícil ignorar o que acontecia nos Estados Unidos, enquanto dentro deste país era comum a falta de informações sobre os estudos desenvolvidos em outras localidades. Dessa forma, muitas obras passaram a se apresentar não apenas como a História da Psicologia dos Estados Unidos, mas como a História da Psicologia Moderna (Danziger, 2006).

2.5 - A História da Psicologia como um campo autônomo de pesquisa

Foi nesse contexto que Robert Watson publicou seu artigo *The History of Psychology: A Neglected Area* em 1960. Até então, os interesses no tema eram de fato mais dispersos, com incursões históricas esporádicas realizadas por autores que trabalhavam em outros campos. Para fundamentar suas críticas, ele analisou textos publicados nos principais periódicos da área,⁵¹ o interesse dos membros da *American Psychological Association* (APA) e a quantidade de psicólogos que participavam da *History of Science Society*.

Em seu artigo, Watson argumentou que a "era da especialização", com seu foco em se afirmar dentro do padrão científico dominante, estava levando a Psicologia à fragmentação e à negligência de outros fatores importantes. Watson não cita diretamente Sigmund Koch (1917-1996), mas, tal como ele, repercute a ideia de uma “desorientação da psicologia”. Essas

⁵⁰ O autor enumera em especial quatro grandes nomes dentro da Psicologia: Darwin, Helmholtz, James e Freud. Considerando a revolução promovida no pensamento, Boring elenca Darwin e Freud como figuras de ainda mais destaque (Boring, 1950, p. 743).

⁵¹ Os periódicos eram o *American Journal of Psychology*, o *Journal of General Psychology* e o *Psychological Bulletin*. Watson identificou, em um período de 20 anos, apenas 38 trabalhos com orientação histórica dentro de mais de 2800 artigos. Isso representava pouco mais de 1% de temas relacionados à História.

ideias, todavia, não eram exatamente novas. A literatura apontando para uma “crise da Psicologia” coincide quase com a fundação de sua prática científica, muitas vezes com intenções políticas de grupos que buscavam oferecer uma solução para tal crise (Wieser, 2016).

Para Watson, voltar o olhar para a história seria uma maneira de perceber o enraizamento cultural das ciências e explorar novas possibilidades de pesquisa. A pesquisa histórica contribuiria, ainda, para conectar os diferentes campos dentro da Psicologia, atuando como uma força aglutinadora das diversas tradições, algo que possibilitaria um conhecimento mais abrangente. Não obstante, para esse autor o interesse não seria o suficiente, já que a História como disciplina não se resumia a um compilado de nomes e fatos em ordem cronológica. A pesquisa precisaria estar ancorada em conceitos, teorias e métodos próprios. Para ampliar os horizontes científicos, seria essencial que a Historiografia, a Filosofia da História e a História das Ciências fossem incorporadas nas pesquisas e discussões, levando em conta seus fatores socioculturais. Watson atribui à ignorância do passado a repetição dos mesmos erros, uma perspectiva compartilhada por outros estudiosos do tema, como Michael Wertheimer (1927-2022) (*in* Brozek; Massimi, 1998, p. 21-42).

Uma das críticas feitas no artigo salienta que o provincialismo da produção nacional estava levando ao desconhecimento do que ocorria em outros países. Ironicamente, em outro trabalho, Watson cometeu o mesmo erro que havia criticado, ao qualificar o trabalho na América do Sul como "insignificante" (Watson, 1963, p. 491). Nas décadas anteriores alguns pesquisadores americanos já haviam identificado uma rica produção psicológica na região (Beebe-Center; McFarland, 1941 e Hall, 1946). Em relação ao Brasil, o *Psychological Register* de 1932, editado por Carl Murchison e baseado no trabalho de Henrique Roxo, listou importantes psicólogos do país.

O artigo sobre a negligência em relação à História da Psicologia foi um ponto de partida para outras mobilizações. Na dimensão institucional, em 1960, foi proposta uma reunião para pessoas interessadas no assunto durante a convenção da APA, que seria realizada em setembro daquele ano. Esses eram os "grupos de interesse especial", um recurso do comitê responsável pelo programa da Associação. A reunião contou com a presença de 36 pessoas, na qual os participantes discutiram os trabalhos realizados, as dificuldades dos departamentos em aceitar teses sobre História devido às metodologias diferentes, além da ausência de arquivos para obtenção de fontes. Pelo seu interesse na área, Josef Brozek se juntou a esse grupo. As reuniões continuaram nos anos seguintes, com a publicação de circulares informativas (newsletters). Na mesma época, também surgiu um maior interesse pela História da Psiquiatria, a exemplo de Eric Carlson, que contribuiu tanto com pesquisas

interdisciplinares com a Psicologia quanto com a futura fundação do periódico *Journal of the History of the Behavioral Sciences* (JHBS).⁵²

A interdisciplinaridade pareceu ser um dos pontos centrais entre os envolvidos. Além de Carlson e George Mora, psiquiatras, o historiador John Burnham (1929-2017) participou das reuniões da APA desde os anos 1950, incentivando os membros a formarem um grupo de pesquisa em História da Psicologia, assim como as primeiras organizações contaram com a presença de sociólogos e pesquisadores de História das Ciências. Em particular, as pesquisas na História da Psiquiatria eram de interesse próximo para Watson, como evidenciado na publicação *History of the Behavioral Sciences Newsletter*, de 1960, associada à *American Psychiatric Association*. Nessa circular, nota-se a articulação entre áreas no seguinte excerto:

A Newsletter é direcionada a todos os interessados na história de qualquer uma das ciências comportamentais, seja aqueles envolvidos em pesquisas específicas, atividades bibliófilas ou estudos gerais. Ela engloba antropólogos, psiquiatras, psicólogos, sociólogos e todos os outros que trabalham nesta área, como biólogos, neurologistas e historiadores.⁵³

Em 1962, durante o Encontro Anual da American Psychological Association, Watson apresentou o trabalho "O papel e o uso da História nos currículos de Psicologia" em um simpósio sobre "Estratégias no Ensino de Psicologia".⁵⁴ O autor enfatizou a estreita relação entre História e Psicologia, argumentando que ambas as disciplinas se preocupam com a compreensão do ser humano, seus pensamentos, comportamentos e experiências. Watson reiterou que desconhecer o passado não nos protege de seus efeitos. Inspirado por Benedetto Croce (1866-1952) e Robin Collingwood (1889-1943), ele defendeu a ideia de que toda história é contemporânea, pois iluminar o passado também revela as condições do presente. Dessa forma, como os interesses atuais moldam nossa perspectiva sobre o passado, a pesquisa histórica enfrenta constantes desafios, pois cada época revisita o passado com novas questões

⁵² O termo "ciências comportamentais" tinha preferência sobre a denominação "ciências sociais", sobretudo pelo cenário da Guerra Fria, caracterizada pela disputa entre Estados Unidos e União Soviética também na área científica. Assim, por conta de financiamentos e programas governamentais, a expressão "ciências comportamentais" possuía menos chance de recusas. Outro fator é que, em alguns orçamentos de pesquisas, o investimento em ciências sociais era indisponível, logo, falar em comportamento poderia aumentar a chance de concorrer para tipos mais diversos de programas e bolsas. Finalmente, a tradição behaviorista e as experimentações dentro da Psicologia predominaram dentro dos Estados Unidos durante parte significativa do século XX, com forte apelo de áreas próximas como a Fisiologia, a Física, a Biologia e a Medicina. Entretanto, vendo o programa do Instituto de Verão, vê-se o apelo para maior atenção às raízes filosóficas da Psicologia, além da filosofia da ciência (Brozek; Watson; Ross, 1969, p. 308).

⁵³ "The Newsletter is directed toward all those interested in the history of any of the behavioral sciences, whether they are engaged in specific research, bibliophile activities, or general study. It includes anthropologists, psychiatrists, psychologists, sociologists, and any others who are working in this area, such as biologists, neurologists, and historians" (*in Journal of the History of the Behavioral Sciences*, v. 1, n. 1, 1965, tradução nossa).

⁵⁴ Publicado no *Journal of the History of the Behavioral Sciences* em 1966, v. 2, n. 1.

orientando a investigação. Tal como vimos, ignorar o passado seria um convite à repetição dos mesmos erros para Watson.

A história nos mostra que a ciência da psicologia faz parte da empreitada humana. Há uma influência libertadora na história. Presos pelas realidades desta vida e limitados pelas circunstâncias como estamos, através do conhecimento da história podemos aprofundar e ampliar nossa experiência. Reconhecer a riqueza de nossa herança, conhecer nossa afinidade com tempos e lugares passados, ver nosso próprio tempo e lugar como parte de uma grande progressão, são partes do papel e do uso da história.⁵⁵

No ano seguinte, em 1963, Watson prosseguiu em suas iniciativas de expandir a produção em História da Psicologia, com a publicação do livro *The Great Psychologists: from Aristotle to Freud*, cuja organização do conteúdo se dá em torno de figuras proeminentes e sobre momentos decisivos na história da ciência, destacando "grandes saltos de desenvolvimento" na área. Apesar de enfatizar a noção de precursores e adotar uma perspectiva que tende ao presentismo, a obra pauta um renovado interesse na produção acadêmica de outros países e de influências vindas das humanidades. Este psicólogo criticou o "empirismo extremo" e a predominância dos métodos quantitativos na Psicologia, propondo uma maior valorização dos aspectos teóricos e históricos (Watson, 1963, p. 486).

Com base na prática contextualista, entendo que todos esses textos são formas de ação. Os diferentes textos em circulação em um período acerca do mesmo tema fomentam ideias e atraem novos interlocutores. Seguindo Watson na valorização das investigações históricas, pode-se citar os trabalhos de Stocking (1965) e Young (1966).⁵⁶ Os textos não apenas identificaram a ausência de pesquisas na área, mas também mobilizaram esforços para criar um novo campo autônomo de pesquisa, atraindo novos pesquisadores e possibilitando a solicitação de recursos financeiros para sustentar essas investigações. Esse esforço ficou patente no projeto de um periódico voltado à História da Psicologia, proposto em 1962. No ano seguinte, o projeto foi apresentado à agência financiadora *Psychological Press*⁵⁷ e, após aprovação, começou a receber trabalhos para publicação. Em janeiro de 1965, a primeira edição do *Journal of the History of the Behavioral Sciences* foi publicada, periódico em circulação até hoje. O Conselho Editorial era composto por profissionais de diversas áreas, incluindo membros das newsletters de História da Psiquiatria e de História da Psicologia.

⁵⁵ "History demonstrates to us that the science of psychology is part of the human enterprise. There is a liberating influence to history. Bound by the realities of this life and hemmed in by circumstances as we are, through knowledge of history we can deepen and broaden our experience. To realize the richness of our inheritance, to know our kinship with times and places past, to see our own time and place as part of a grand progression, are a part of the role and use of history" (Watson, 1966, p. 69, tradução nossa).

⁵⁶ Hilgard, Leary e McGuire (*in* Brozek; Massimi, 1998, p. 400) denominam essa mobilização de um "chamado às armas" em favor das pesquisas históricas.

⁵⁷ Watson foi fundador e um dos acionistas da *Psychological Press*.

Outra iniciativa foi a fundação de uma divisão específica da área dentro da APA. Apesar das relutâncias iniciais envolvendo a formalização, o grupo entendeu que isso seria fundamental para legitimar seu trabalho. Para isso, os membros recolheram as assinaturas necessárias para peticionar uma nova divisão. Em setembro de 1965, a APA aprovou a formação da Divisão 26, responsável pela História da Psicologia. O estatuto de sua fundação ficou sob a responsabilidade de Josef Brozek, que também havia participado da fundação do JHBS. Brozek esteve ainda no movimento de mais uma institucionalização da área, os Arquivos Americanos de História da Psicologia (*The Archives of the History of American Psychology*), fundados em novembro de 1965 na Universidade de Akron, sob a direção de John Popplestone (1928-2013) e que contou com Brozek e Watson como membros do seu Conselho Consultivo.

Em 1966, durante a convenção anual da APA em Nova York, Brozek atuou como diretor de programa da recém-criada divisão. Ele havia enviado questionários a respeito dos planos de pesquisa dos membros, como forma de sistematizar a produção da área (Brozek, 1968a). Além do papel institucional, este psicólogo tcheco, que havia participado da Segunda Reunião da Sociedade Psicológica Soviética, em 1963, tornou-se um importante elo entre a produção internacional e a americana, graças ao seu interesse e fluência em vários idiomas. Isso se refletiu em suas traduções e publicações, que incluíram livros e publicações estrangeiras (Brozek; Massimi, 2002a, 2002b).

Como desdobramento desse processo institucional, Brozek dirigiu, com a parceria de Watson, o Primeiro Instituto da NSF para o Ensino da História da Psicologia em 1968, na Universidade de New Hampshire, Durham. A segunda edição, de 1971, em Lehigh, também ficou sob sua responsabilidade. Esses eventos, denominados de *Summer Institutes for the History of Psychology*, contribuíram para a sistematização científica e educacional desse novo campo recém-fundado.

2.6 - Os Seminários de Verão

Esses Seminários de Verão, financiados pela *National Science Foundation*, duraram seis semanas e reuniram cerca de trinta estudantes, pesquisadores e professores interessados na área. A importância do evento pode ser resumida na anedótica fala de um dos membros, Julian Jaynes, que relatou usar uma gravata para a foto tirada no último dia do primeiro seminário como forma de simbolizar a notoriedade do encontro. Um dos frutos do primeiro Instituto de Verão foi a *Cheiron - The International Society for the History of the Behavioral*

and Social Sciences, cuja primeira reunião ocorreu no ano seguinte, em Princeton, liderada por Jaynes.

O Segundo Seminário, na década de 1970, marcou uma nova fase da História da Psicologia nos EUA, caracterizada por sua expansão e internacionalização. Enquanto o primeiro encontro consolidou a institucionalização, o segundo refletiu uma consequência desse desenvolvimento. Mais uma vez financiado pela NSF e dirigido por Josef Brozek, a segunda reunião ocorreu em 1971, na Lehigh University, Pensilvânia, mantendo o público-alvo de professores universitários e pesquisadores de História da Psicologia, contando igualmente com a presença de estudantes. A maioria dos participantes foi composta por membros de universidades dos Estados Unidos, mas a solenidade congregou integrantes vindos de Israel, Canadá, Tchecoslováquia, Iugoslávia e Holanda.

Ambos os eventos visavam aprimorar as habilidades de ensino na área. Para isso, eles contaram com palestrantes incumbidos de ministrar aulas e realizar conferências durante o seminário. No primeiro seminário, foram eles: Henry Guerlac, David Krantz e Robert MacLeod, além dos já citados Brozek, Watson, Mora e Jaynes. Além desses membros, visitantes e convidados ilustres marcaram presença, como Joseph Agassi e Richard Solomon. Um dos convidados de honra, Boring, estava hospitalizado e não pôde comparecer. O eminente psicólogo, que havia enviado um telegrama de boa sorte para o seminário, acabou falecendo durante sua realização. O segundo seminário, por sua vez, contou com palestras de T. S. Krawiec, Robert Weyant, Rand Evans, David Joravsky, van Hoorn e Mary Henle. Brozek estabeleceu parcerias profissionais com muitos desses pesquisadores ao longo de sua carreira acadêmica.

Uma das tônicas desses programas de verão foi a diversidade de interesses profissionais e teóricos de seus membros, os quais defendiam a interdisciplinaridade e a aproximação entre as disciplinas. Ainda que suas formações tenham se concentrado na vertente experimental, eles representaram um interesse renovado na Psicologia, marcando uma nova geração. Jean-Paul Sirinelli (2006) nos lembra que o conceito de geração não está vinculado apenas à idade, mas também envolve pertencimentos e autorrepresentações de um grupo unido por eventos agregadores ou modelos. Por conta desses seminários, que trouxeram uma visão mais ampliada da Psicologia, pode-se falar em uma nova geração de psicólogos, cuja atuação foi fundamental para a profissionalização da História da Psicologia.

Havia uma concordância quase unânime entre os palestrantes dos Seminários sobre a importância do contexto nas produções científicas e o estado de compartimentalização da Psicologia diante de seu crescimento nas últimas décadas. Os participantes defenderam a

valorização do contato com fontes primárias e com o trabalho direto dos cientistas estudados, aspectos essenciais para uma melhor formação acadêmica e profissionalização dos historiadores da Psicologia. Um dos objetivos dos *Summer Institutes* foi estabelecer um programa docente qualificado, qualificando o ensino por meio do compartilhamento de experiências e bibliografias. Nesse contexto, Robert Weyant (1968, p. 506) destacou a atuação proeminente de Brozek. Como diretor, o psicólogo tcheco coordenou todas as sessões, exceto as aulas dos visitantes, e auxiliou os participantes com orientações para a pesquisa em História da Psicologia.

No ensino, os professores concordaram que o envolvimento direto dos alunos com a investigação histórica seria crucial para a formação de novos pesquisadores. Incentivou-se o trabalho com as fontes primárias e os textos dos próprios psicólogos, indo além dos manuais de leitura.

No que diz respeito aos cursos de história da psicologia, foi enfatizado o envolvimento ativo dos estudantes no processo de aprendizagem. No curso de graduação de Brozek sobre a história e os sistemas da psicologia, os estudantes contribuem de várias maneiras. Eles são responsáveis por uma leitura atenta e pela apresentação de textos originais selecionados por eles mesmos que documentam o desenvolvimento da psicologia científica. Autobiografias de contribuintes destacados para a psicologia são lidas e discutidas. Trabalhos de conclusão de curso fornecem meios adicionais para individualizar a formação.⁵⁸

Nas aulas, eles defenderam que a alternância entre apresentações de alunos e do professor seria mais adequada do que apenas aulas expositivas, pois isso estimularia o interesse dos estudantes, que poderiam participar também na escolha dos textos. Como o professor deveria estar familiarizado com a produção histórica para conduzir melhor suas aulas, os seminários incluíram painéis de historiografia, responsáveis por fazer levantamentos bibliográficos e organizar tópicos de metodologia. A presença de obras orientadas para o ensino ajudou a solidificar a área e a ampliar seu raio de alcance para novos alunos, ao sistematizar a produção existente. Conforme argumenta Farr (2010, p. 32): “os manuais são importantes na história de uma disciplina, pois eles possuem uma influência formativa na socialização de gerações sucessivas de estudantes de pós-graduação”.

Diante do grande volume de livros especializados, Brozek sugeriu fazer notas curtas sobre eles, cerca de um parágrafo, servindo como guia introdutório para o leitor. Ao longo dos

⁵⁸ In regard to courses in the history of psychology, students' active involvement in the process of learning was stressed. In Brozek's undergraduate course on history and systems of psychology, students contribute in several ways. They are responsible for thoughtful reading and reporting of self-selected original texts documenting the development of scientific psychology. Autobiographies of outstanding contributors to psychology are read and discussed. Term papers provide additional means for individualizing the course (Brozek; Schneider, 1973, p. 92, tradução nossa).

anos, Brozek se destacou por uma vasta produção, muitas das quais fazendo esse tipo de informe. Apenas no JHBS, ele conta com 127 menções, incluindo notas de livros, comentários, citações, artigos e resenhas.⁵⁹ Outro periódico em que Brozek aparece com mais de uma centena de menções é o ISIS, vinculado à *History of Science Society*. Um de seus principais eixos de atuação foi a redação de breves comentários e listas bibliográficas, o que permitiu uma maior circulação da História da Psicologia produzida em diferentes regiões, incluindo o Brasil, uma vez que Brozek resenhou obras das pesquisadoras Marina Massimi (1998) e Regina Helena de Freitas Campos (2003). No cenário internacional, Brozek atuou como mediador cultural da produção psicológica dos Estados Unidos com uma série de países, como Alemanha, Tchecoslováquia e União Soviética, que exploraremos no próximo capítulo.

Um dos grandes debates dos seminários foi o motivo pelo qual alguém deveria estudar ou ensinar História da Psicologia, com o escopo dos argumentos variando desde o gosto pessoal até a predição do futuro. Esse tema tornou-se ainda mais relevante diante do financiamento público obtido, pois isso colocava a própria validade do encontro em jogo. Além dos argumentos de Watson, que já vimos, outros participantes também concordaram sobre a importância de conhecer o ser humano em suas várias dimensões. Devido a essa diversidade, poderia-se falar em "Histórias da Psicologia". Na concepção do grupo, compreender as teorias que tentam modificar o comportamento envolve questões sociais, criminais, econômicas, políticas e educacionais, baseadas em concepções específicas do ser humano e com impactos diretos em suas vidas (Weyant, 1968). A História da Psicologia permite identificar o que é comum e recorrente dentro do campo, dando-lhe sentido.

Todos os membros do corpo docente enfatizaram que o professor de História da Psicologia tem a oportunidade de mostrar que certos problemas se repetem ao longo da história da psicologia e que há um conjunto comum de questões fundamentais em todas as áreas de especialização. A análise histórica ajuda a dar sentido ao campo como um todo.⁶⁰

Reconheceu-se que a Psicologia, por um período considerável, aproximou-se demasiadamente do paradigma naturalista de ciência, negligenciando aspectos das Ciências Humanas e Sociais. A proposta não era abandonar esse paradigma, mas incorporar outros

⁵⁹ O número inclui tanto as resenhas que fez quanto as que recebeu. Os números também compreendem os trabalhos fisiológicos ou de Psicologia Aplicada de Brozek, ou seja, não são todos referentes à História da Psicologia.

⁶⁰ All staff members stressed that the teacher of the history of psychology has the opportunity to show that certain problems recur throughout the history of psychology, and that there is a common set of fundamental issues across areas of specialization. Historical analysis helps bring meaning to the field as a whole (Brozek; Watson; Ross, 1969, p. 308, tradução nossa).

aspectos como forma de ampliar o espectro da pesquisa psicológica. Apesar disso e das ressalvas feitas durante as conferências, a tendência de estudar a partir de “grandes homens” continuou prevalecendo. Como alternativa, foram propostas abordagens mais dinâmicas, baseando-se na obra de Thomas Kuhn “A estrutura das revoluções científicas”, bastante citada pelos participantes. Por outro lado, o otimismo com o uso de computadores reforçou a prescrição quantitativa dominante na Psicologia dos Estados Unidos.

Gardner Murphy, ex-presidente da American Psychological Association, então na Menninger Clinic, e autor de um livro recente sobre Psicologia Oriental e outro sobre a História da Psicologia, previu que os computadores seriam utilizados por historiadores em sua busca por uma história intelectual generalizada. Ele mencionou que a American Historical Association já estava examinando o uso de computadores no estudo de padrões econômicos. Ele propôs que o historiador pode fazer história intelectual idiográfica utilizando métodos quantitativos. Ele concluiu que as abordagens idiográfica e nomotética devem ser combinadas na busca por leis na história.⁶¹

Nos debates, as controvérsias foram reconhecidas como objetos de pesquisa valiosos para entender os diferentes temas abordados pela prática científica, embora muitos periódicos as recusassem para manter uma aparência de racionalidade científica. A falta delas, por outro lado, perpetuaria as ideias existentes, ignorando novas possibilidades. Joseph Agassi, um dos visitantes-participantes, opôs-se à apresentação das ciências de forma pura e simplificada. Ele argumentou que os vieses e preconceitos dos cientistas deveriam ser investigados, bem como as discontinuidades nas ciências. Tensões, porém, não significam necessariamente rompimento. O caso do psicólogo Edwin Boring, que representava a vertente mais experimental, é simbólico dessas relações. Além de ter sido convidado de honra do Primeiro Instituto, Watson reconheceu Boring como seu grande mentor no estudo de História da Psicologia. Em outras palavras, ao pregar maior diversificação na área, isso não significava ruptura com outras tradições.

Outro ponto discutido por alguns membros se deu nas relações entre objetividade e subjetividade na História das Ciências, a exemplo de David Krantz, da Faculdade Lake Forest. Baseando-se em Thomas Kuhn e Herbert Butterfield, teóricos de referência nos Seminários, Krantz argumentou que sistemas de crenças e valores não residem apenas no cientista, mas também na relação com seus mestres, discípulos e na situação social da ciência

⁶¹ Gardner Murphy, past president of the American Psychological Association, now at the Menninger Clinic, and author of a recent book on Oriental psychology and another on the history of psychology, predicted that computers will be employed by historians in their search for a generalized intellectual history. He mentioned that the American Historical Association is already examining the use of computers in the study of economic patterns. He proposed that the historian can do intellectual idiographic history utilizing quantitative methods. He concluded that the idiographic and nomothetic approaches should be combined in the search for laws in history (Brozek; Watson; Ross, 1969, p. 34, tradução nossa).

como um todo, que pode perpetuar determinados pontos de vista em detrimento de outros. Se os quadros referenciais das teorias estabelecem pontos de partida diferentes, o embate pode ser infrutífero, já que estão comparando unidades heterogêneas. Assim, é fundamental ir além do modelo dos grandes nomes ao considerar igualmente as práticas sociais nas quais os cientistas estão inseridos. Além de Krantz, Agassi também defendeu essas premissas. Krantz concluiu que também há aspectos de construção teórica nas ciências, rompendo com a noção de que os fatos falariam por si mesmos. Ele estendeu essa lógica para a área da História, dependente da seleção e interpretação dos historiadores.

A diversidade de opiniões nos Seminários, apesar das concordâncias, pode ser ilustrada pelas falas de Julian Jaynes, da Universidade de Princeton. Jaynes acreditava que a Psicologia não era definida por um objeto específico, mas por um conjunto de problemas, e que sua fragmentação resultava da excessiva compartimentalização. Nesse ponto, ele estava de acordo com o restante do grupo. A discordância surgiu quando Jaynes afirmou que a pesquisa histórica é um interesse pessoal, e que o historiador não deveria se preocupar tanto com questões metodológicas, considerando-o mais um amador. Jaynes separava a História em "o que de fato aconteceu" e "o que é apropriado para questões contemporâneas", acreditando em um processo histórico independente das interpretações. Se uma das intenções do Seminário era sistematizar a organização científica da divisão, essa concepção de Jaynes entrava em contradição com o próprio evento. No entanto, essas divergências revelam que a Psicologia, em geral, e a nova área de História da Psicologia, em particular, não são blocos monolíticos, mas sim caracterizados por visões divergentes.

Para compreender melhor essa discussão, recorro às contribuições de Quentin Skinner (2017), em *Meaning and Understanding in History of Ideas*, que identifica algumas mitologias recorrentes na História das Ideias. Uma delas é a tendência de estabelecer continuidade entre autores de épocas diferentes, como se estivessem discutindo o mesmo tema. O historiador do presente utiliza seu ponto de vista privilegiado para fornecer o sentido da discussão, uma forma do que Skinner designa como "paroquialismo". A noção de influência também precisa ser especificada, pois pode ter um sentido vago e impreciso, como se as ideias pairassem no ar. O historiador deve explicitar como um autor se apropria de outro autor ou de determinado conceito, rastreando os diferentes usos e tentando identificar as perguntas que o pesquisador buscava responder.

A fim de exemplificar com algumas exposições dos seminários, não poderia concordar com a ideia de que a visão materialista de Demócrito, na Grécia Antiga, apresentaria uma continuidade direta com o materialismo dos behavioristas, como sugerido pelo palestrante

Robert MacLeod, pois os autores não discutiram sob os mesmos referenciais, portanto eles pautavam aspectos discrepantes. Outro convidado, Thom Verhave, chegou a afirmar que basicamente todas as ideias de Frederic Skinner (1904-1990) já estariam presentes no filósofo Espinosa (Brozek; Watson; Ross, 1970, p. 33-34). Baseando-me na leitura de Quentin Skinner, isso seria incorrer na mitologia das doutrinas, revelando uma visão teleológica da História. Além disso, os sentidos que as palavras possuem variam histórica e culturalmente, devendo ser compreendidos pelo historiador dentro de suas especificidades. A discussão sobre a alma no século XVIII, por exemplo, possuía sentidos diferentes de quando os gregos abordavam o assunto. Para evitar essa distorção, o historiador deve atentar para as diferenças no contexto das épocas e reconhecer que as apropriações podem transformar ideias e conceitos, conferindo-lhes novos sentidos.

Os Seminários tiveram como objetivo principal unir seus membros em torno de metas compartilhadas, buscando firmar a História da Psicologia como um campo científico de pesquisa, algo essencial diante da expansão e aumentos dos recursos destinados à Psicologia. Segundo Bourdieu (2004), um campo científico é definido por regras específicas de produção científica, problemas comuns e a mobilização de certos conceitos, teorias e métodos. As forças em interação criam e determinam os condicionantes dentro dos espaços, gerando um conflito dinâmico pelas formações e posições ocupadas. Portanto, para que a História da Psicologia pudesse se consolidar nesse contexto, era necessário reivindicar acesso aos poderes institucionais, como posições em departamentos, e aos recursos necessários, como financiamento e oportunidades de carreira acadêmica. Os Seminários se configuraram como uma dessas inserções na complexa rede de relações científicas, uma vez que formar novos pesquisadores e aumentar o número de pessoas interessadas no assunto foi um dos objetivos desses eventos. Ainda conforme Bourdieu, o *habitus* é essencial para a reprodução das estruturas, agindo como disposições que dão certa unidade a um campo. Para sua transmissão, recorre-se às práticas educativas, objetivo central das conferências realizadas.

Um dos resultados desses Seminários de Verão foi a motivação gerada entre seus membros, que solidificou o campo de História da Psicologia nos Estados Unidos, reforçou a coesão intracampo e gerou repercussões internacionais, especialmente pela atuação posterior de Josef Brozek. Além disso, o intercâmbio científico e profissional possibilitou a expansão dos horizontes teóricos e metodológicos. A aproximação entre os participantes ficou visível nos diversos relatos sobre o Seminário, extrapolando o âmbito das relações científicas formais e se estendendo também para reuniões informais e atividades de lazer. A fundação da

Cheiron, por exemplo, ocorreu durante um jantar no apartamento de Brozek (Brozek; Massimi, 2002b; Brozek; Watson; Ross, 1969; Watson, 1975).

O que os autores, de forma comum, entendiam como a História da Psicologia? Um domínio que precisava de maior atenção para se expandir como campo de pesquisa e como área educacional. Eles valorizavam uma abordagem pluralista, utilizando metodologias diversas que refletissem a variedade existente na prática científica. Ao mesmo tempo, eles defenderam que a História da Psicologia conferia coesão à Psicologia, ao identificar os elementos comuns dentro dos diferentes sistemas teóricos. Essa postura em favor da pluralidade ganha contornos ainda mais nítidos quando se examina o cenário universitário da época, predominantemente de orientação biológica (Watson, 1965).

Um terceiro seminário, previsto para a década de 1970, foi cancelado devido à falta de financiamentos da *National Science Foundation*, que, sob o comando de Richard Nixon na presidência dos Estados Unidos (1969-1974), suprimiu os programas de institutos de verão (Brozek, 1999a, p. 93).

No próximo capítulo, examinarei os desdobramentos da História da Psicologia já consolidada como um campo autônomo. Concentrarei a análise na atuação internacional de Josef Brozek e a institucionalização da pesquisa também em outros países.

CAPÍTULO 3 - A INTERNACIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

Entre 1965 e 1966, Josef Brozek assumiu a direção do programa de História da Psicologia da recém-fundada Divisão 26 da American Psychological Association. Para organizar o programa científico, cuja primeira versão foi apresentada na convenção anual da APA em 1966, ele conduziu uma pesquisa entre os membros, com o propósito de sistematizar a produção do campo, questionando sobre atividades e planos de pesquisa. O resultado, publicado no *Journal of the History of the Behavioral Sciences* em 1968, incluiu pessoas de 49 faculdades, universidades e institutos de diferentes regiões dos Estados Unidos e Canadá. Os temas abordados variaram desde estudos focados em indivíduos específicos até considerações filosóficas.

Quadro 5 - Pesquisas em História da Psicologia levantadas por Brozek.

Lista de Temas de Pesquisa
Países
Desarranjos
Domínios
Funções
Geral (livros)
Geral (artigos)
Pessoas
Considerações filosóficas
Sistemas
Teorias
Testes
Variados

Fonte: elaboração do próprio autor, com base em Brozek (1968a).

Nas predileções do próprio Brozek, chama a atenção seu interesse internacional. Ele aponta como seus tópicos de pesquisa os desenvolvimentos recentes da Psicologia na Tchecoslováquia, Iugoslávia e Polônia, assim como os primeiros trabalhos holandeses sobre cronometria mental e textos em latim de saberes psicológicos. Finalmente, ele adicionou um de seus projetos em desenvolvimento: a produção psicológica russa e soviética. Para efeito de

comparação, apenas outros dois pesquisadores estavam engajados em assuntos fora dos Estados Unidos.⁶²

O alcance internacional da atuação e produção de Brozek, contudo, antecede a década de 1960. Ele enfatizava que as ciências são empreendimentos internacionais (Brozek, 1975b, p. 46), algo corroborado pela sua trajetória acadêmica. Em 1953, Brozek passou um semestre na Academia Iugoslava de Ciências e Artes como cientista visitante. Cinco anos mais tarde, em 1958, ele retornou à região da Croácia para novas pesquisas com o grupo de Ancel Keys, chefe do laboratório de Minnesota. Em 1957, atuou como professor visitante no Hospital de Doenças Nutricionais na Cidade do México. Quanto à sua produção bibliográfica, Brozek publicou um artigo em sua terra natal, a Tchecoslováquia, em 1956. As publicações dessa época concentraram-se em Higiene Fisiológica, Desnutrição e Comportamento. Seus trabalhos com Ernst Simonson, na década de 1950, permitiram o contato com a produção em língua alemã, mas foi com a História da Psicologia que a colaboração internacional se efetivou,⁶³ não apenas nesse caso, mas também em outros.

As atuações institucionais de Brozek contribuíram para sua circulação entre países, seja como professor pesquisador, a partir de 1963, ou pelo posto de Conselheiro na Organização Mundial da Saúde, entre 1964 e 1968. Em 1963, Brozek foi enviado como delegado da APA para o Segundo Congresso da Sociedade Psicológica da União Soviética, em Leningrado, um marco tanto para sua trajetória quanto para a História da Psicologia em âmbito internacional. Neste capítulo, examinarei a internacionalização da História da Psicologia por meio da figura deste psicólogo tcheco, que cumpriu um papel essencial não apenas na disseminação do conhecimento, mas para o intercâmbio científico entre diferentes tradições, configurando uma produção “policêntrica” (Danziger, 1991).

3.1 - Brozek e a produção soviética

O interesse de Brozek pela produção soviética se estendeu a diversos ramos. O domínio do russo como língua nativa e o período da infância vivido no país aproximaram-no do universo científico da região. Dentre os temas estudados, estavam os efeitos da fome durante o cerco a Leningrado na Segunda Guerra Mundial; fatores políticos na prática científica; pesquisas nutricionais e de hipertensão arterial e tópicos de pesquisa biomédica

⁶² Foram eles: James Adams, sobre Áustria e Alemanha, e Theodore Mischel, sobre a Alemanha. Ver Brozek, 1968a, p. 183.

⁶³ AUHP, Acervo Josef Brozek, caixa 01, doc. 7, 1984, s.p.

(Brozek, 1974c, p. 66), assuntos conectados ao que Brozek trabalhou durante sua fase laboratorial nos Estados Unidos. Com o deslocamento do seu interesse para a História da Psicologia, especialmente a partir dos anos 60, sua atenção também se voltou para os desenvolvimentos dessa área na União Soviética

Desde 1961, já como professor na Universidade de Lehigh, Brozek vinha publicando listas de livros eslavos recém-publicados sobre Psicologia no periódico *Contemporary Psychology* (CP), jornal que se dedicou⁶⁴ à publicação de resenhas. Brozek atuou como seu Editor Consultivo de 1960 a 1979, cargo que já havia exercido em outro jornal, o *Soviet Psychology*.⁶⁵ Entre notas, listas e resenhas (tanto as feitas quanto as recebidas), Brozek apareceu 86 vezes, distribuídas da seguinte forma:

Quadro 6 - Trabalhos de Brozek no *Contemporary Psychology*⁶⁶

Tipo de publicação	Resenha	Foi resenhado	Notas	Listas	Total
Quantidade	44	10	5	27	86

Fonte: elaboração do próprio autor.

Para o autor, as resenhas eram uma maneira profícua de alargar o diálogo dentro do campo, ao sistematizar o grande volume de produções e intermediar o contato entre diferentes países (Brozek, 1974c, p. 67-69). Ele atribuía a elas uma variedade de funções, inclusive educacionais:

Escrevi minha primeira resenha publicada de um livro quando era estudante na Universidade Charles, e espero que o último texto a sair de minha caneta seja uma resenha de livro. Resenhar livros tem sido uma resposta a necessidades profundamente sentidas: expandir meus horizontes, pensar de forma crítica e responsável [...], manter-me atualizado em minhas leituras profissionais, compartilhar informações com meus colegas e alunos e, assim, ensinar. Talvez eu tenha ensinado mais alunos de pós-graduação escrevendo resenhas de livros (e ajudando outros a escrevê-las de forma eficaz) do que fiz em palestras *ex cathedra*.⁶⁷

⁶⁴ O CP iniciou sua circulação em 1956 e se estendeu até 2017.

⁶⁵ O periódico se chamava *Soviet Psychology and Psychiatry* entre 1962 e 1966. Neste ano, assumiu a denominação *Soviet Psychology*. Em 1992, passou a se chamar *Journal of Russian & East European Psychology*. A denominação aparece no site <https://www.tandfonline.com/loi/mrpo20>. Acesso em: 27 ago. 2024.

⁶⁶ Apesar de alguns temas serem da parte de nutrição e fisiologia, a maioria é referente à História da Psicologia.

⁶⁷ I wrote my first published book review when I was a student at Charles University, and I expect that the last piece of writing to come from my pen will be a book review. Reviewing books has been a response to deeply felt needs: to expand my horizon, to think critically and responsibly [...], to keep up-to-date in my professional reading, to share information with my colleagues and students and thus - to teach. I may have done more graduate teaching by writing book reviews (and helping others to write them effectively) than I did *ex cathedra* (Brozek, 1984a, p. 21-22).

Através delas, Brozek conseguiu manter ativo seu interesse pelos assuntos históricos, mesmo durante sua fase dedicada à prática experimental. Desde a década de 1950, ele vinha publicando resenhas diretamente relacionadas à História da Psicologia, com destaque para o periódico ISIS (*A Journal of the History of Science Society*):

Quadro 7 - Resenhas de Brozek sobre a História da Psicologia nos anos 1950

Resenha	Periódico	Ano
Review of W. Dennis et al. (Eds.), <i>Current Trends in Psychology</i>	<i>Journal of Abnormal and Social Psychology</i>	1950
Review of E. G. Boring, <i>A History of Experimental Psychology</i>	ISIS	1951
Review of W. Dennis (Ed.), <i>Readings in the History of Psychology</i>	ISIS	1951
Review of E. G. Boring et al. (Eds.), <i>A History of Psychology in Autobiography</i>	ISIS	1953
Review of A. A. Roback, <i>History of American Psychology</i>	ISIS	1954
Review of H. Misiak & V. M. Staudt, <i>Catholics in Psychology</i>	ISIS	1956

Fonte: elaboração do próprio autor, com base em Brozek (1999a).

Ele acreditava que as resenhas permitiam um diálogo com os autores, articulando diferentes pontos de vista. Não é à toa que Brozek trabalhou no assunto em diversos periódicos, como no *Human Biology* e no *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, divulgando igualmente listas de publicações recentes. Neste último, Brozek direcionou suas ações para as publicações internacionais, algo possibilitado pelo domínio de múltiplos idiomas. Uma de suas principais contribuições nessa função foi atualizar as informações sobre a Psicologia soviética. O reconhecimento de seu trabalho manifestou-se de diferentes formas, como a carta de 1993, enviada por Saul Rosenzweig (1907-2004), agradecendo os comentários de Brozek sobre seu livro *Freud, Jung and Hall the Kingmaker*, publicado em 1992. Nela, Rosenzweig escreve sobre o papel de Brozek no assunto: “conheço seus esforços a esse respeito há muitos anos e valorizo suas ideias diante disso”.⁶⁸

O interesse nas publicações científicas se expandiu consideravelmente após a Segunda Guerra Mundial. Durante a Guerra Fria, a obtenção de informações pelos Estados Unidos

⁶⁸ “I have known of your own efforts in these regards for many years and value your thoughts accordingly”. Carta de Saul Rosenzweig a Josef Brozek, 20 fev. 1993. AUHP, Acervo Josef Brozek, caixa 03, doc. 57, tradução nossa.

tornou-se um processo vital para conter o avanço comunista, algo apregoado pela Doutrina Truman ainda durante os anos 1940. Na década seguinte, surgiram uma série de programas para financiar pesquisas e traduções, concentrados nas áreas biológicas e de saúde, além dos incentivos a resumos, informações sobre a História das Ciências e listas de materiais disponíveis. Os fundos provinham de diferentes instituições, como o *National Institutes of Health* (NIH) e o *Veterans Administration* (VA). Em 1956, o bibliotecário do NIH, Scott Adams, recomendou a criação de um programa de tradução de materiais biomédicos vindos da Rússia, resultando no *Russian Scientific Translation Program*. Variadas instituições, a exemplo da NSF, também coordenaram programas de traduções que incluíram países como Israel, Polônia e Tchecoslováquia (Clopine, 1962, p. 188-189). Diferentes departamentos governamentais, como educação, comércio e energia atômica, participaram desses projetos.

A formação de Brozek, seu domínio de idiomas e o trabalho à frente do laboratório em Minnesota o qualificaram para atuar nessas iniciativas, como evidenciado na bolsa concedida pela NSF (n. 19469), que ele utilizou tanto para pesquisas na região quanto para realizar traduções de textos russos (Brozek, 1962a). Outra de suas atividades se deu na divulgação de listas com os últimos lançamentos científicos, como em seu já citado trabalho de 1955 a 1965 na revista *Human Biology*. Relembro, também, que ele se tornou membro do conselho editorial da revista *Soviet Psychology*, que traduzia trabalhos de eminentes psicólogos soviéticos. Essa atuação projetou Brozek como um intelectual reconhecido no campo, ganhando proeminência na cena científica e possibilitando a obtenção de recursos⁶⁹ dentro desse contexto favorável à pesquisa relacionada a outros países. Seu rigor com traduções, por exemplo, acentuava sua posição de destaque nas comunicações entre Estados Unidos e União Soviética:

Nossos problemas com os russos começam no nível lexicográfico. Assim, quando eles dizem que "mir" é seu objetivo, não se pode ter certeza, sem referência ao contexto, se eles querem dizer paz (mir como sinônimo de "pokoi") ou o mundo, o universo (mir como sinônimo de "vseleonnaya"). Este exemplo pode ser usado como munição para piadas afiadas, mas reflete de forma dramática a existência de sérios problemas lexicais de comunicação. Mais relevante para a psicologia do que os homônimos paz-universo são fatos como o de que "soznanie", uniformemente aceito como o objeto da psicologia soviética, significa não apenas consciência, no sentido de consciência subjetiva, processos conscientes, mas também consciência usada em contextos como "klassovoe soznanie" (consciência de classe, e consciência).⁷⁰

⁶⁹ Além da NSF, Brozek também obteve financiamento do NIH - Bolsa T-10 (Brozek, 1962b, p. 667).

⁷⁰ Our troubles with the Russians begin at the lexicographic level. Thus when they say that mir is their goal, you cannot be sure without reference to the context whether they want peace [mir as synonym of pokoi] or the world, the universe [mir as synonym of vseleonnaya]. This example may be used as ammunition for pointed jokes but it reflects in a dramatic way the existence of serious lexical problems of communication. More relevant for psychology than the peace-universe homonyms are such facts as that soznanie, uniformly accepted as the subject matter of Soviet psychology, means not only consciousness, in the sense of subjective awareness, conscious

Um dos seus primeiros trabalhos publicados sobre a produção psicológica na União Soviética se deu em 1962, intitulado *Current Status of Psychology in the USSR*, publicado no *Annual Review of Psychology*.⁷¹ Nele, Brozek trouxe um balanço importante das produções existentes, da disponibilidade de versões traduzidas em inglês e dos principais pesquisadores que trabalhavam no assunto, como o psicólogo Gregory Razran (1901-1973), um dos pioneiros nessa intermediação da Psicologia soviética e estadunidense.⁷² Brozek observou que a influência do leninismo e do marxismo fez-se presente no desenvolvimento da Psicologia soviética ao longo dos anos, mas que, de meados dos anos 1930 até os anos 50, houve uma “seca severa” na organização psicológica soviética (Brozek, 1965, p. 422). Entretanto, na década de 1960, a área passou por um momento de diversificação e diálogo internacional. Isso se deu sobretudo a partir da morte de Josef Stálin, líder comunista que governou o Estado soviético de 1924 a 1953. Nesse período, a entrada na chamada “coexistência pacífica” da Guerra Fria (Hobsbawm, 2007, p. 239), somada à estabilidade econômica, favoreceu a propagação de pesquisas internacionais. Brozek observou, da mesma forma, certa diminuição das tensões ideológicas entre Ocidente e Oriente.

De acordo com esse mapeamento realizado, Brozek concluiu que as vertentes social e clínica⁷³ eram quase inexistentes no país, predominando a tradição fisiológica, assentada nas ciências naturais, com inspiração nos trabalhos de Sechenov e Pavlov sobre a Teoria do Reflexo. Na visão soviética dominante da época, a psique era concebida como uma função cerebral, reflexo da realidade objetiva, em que o ser humano interage ativa e constantemente com seu ambiente, pois a vida é permeada de atividades concretas, cuja variação se dá nos conteúdos. Por conta disso, processos psíquicos devem ser estudados sob as condições materiais do ser humano. A personalidade atua como mediadora com o mundo exterior e, como entendiam que a psique orientaria a vida, os soviéticos dedicaram especial atenção à formação das características distintivas da personalidade e seu papel nos processos mentais (Brozek, 1962a). Como resultado, o comportamento humano se guiaria pela atividade consciente, caracterizando uma separação entre a consciência individual e a consciência social, que se inter-relacionam de maneira complexa.

processes, but also consciousness used in such contexts as *klass ovej soznanie* [class consciousness, and conscience] (Brozek, 1961a, p. 713-714, tradução nossa).

⁷¹ No ano anterior (1961b), Brozek publicou no *Contemporary Psychology* uma lista de livros recentes, divididos por temas, sobre a Psicologia na União Soviética.

⁷² Em 1961, Razran visitou laboratórios e institutos soviéticos, onde pôde conversar com diretores e pesquisadores (Brozek, 1964). A diminuição das tensões ideológicas foi relatada em diferentes momentos, como em Brozek, 1962a e 1965.

⁷³ No sentido adotado nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial, ou seja, relativo a tratamentos de saúde, higiene mental, atendimentos individuais, de pequenos grupos e práticas de psicoterapia.

Quanto à visão sobre o ser humano, a Psicologia soviética compartilhava uma noção otimista sobre o desenvolvimento de suas habilidades, talentos e capacidades. Com base nisso, a educação ganhou centralidade, pois a infância se configurava como um momento privilegiado para análise e ação voltadas à formação da personalidade. Como corolário dessa concepção, a pesquisa laboratorial cedeu espaço a práticas nas chamadas condições naturais, focando a investigação dos processos psicológicos no contexto da vida concreta, com vistas à solução dos problemas práticos.

Sua atenção ao que ocorria no bloco soviético, em conjunto com o contexto político-científico dos Estados Unidos, possibilitou que Brozek fosse enviado como delegado da APA ao Segundo Congresso da Sociedade Psicológica da União Soviética,⁷⁴ realizado em Leningrado no ano de 1963, quatro anos após o primeiro congresso de Moscou, em 1959. Brozek (1964) relatou que o Segundo Congresso privilegiou três temas: a construção do comunismo e o problema do desenvolvimento da personalidade harmoniosa; novos problemas humanos ocasionados pelo progresso tecnológico e, por fim, visões contemporâneas dos mecanismos reflexos do comportamento (atividade psíquica) e seu significado para a Psicologia. Ele também notou que a Sociedade Psicológica Soviética possuía uma divisão específica para a História da Psicologia,⁷⁵ algo inexistente nos Estados Unidos. Outra grande diferença se deu na ênfase dada à Psicologia Educacional e da Infância, que dominavam no bloco comunista, mas eram áreas de baixa representação nos Estados Unidos.

Quadro 8 - Número de publicações por áreas da Psicologia Soviética em 1963.

Nº	Área	Publicações	%
1	Psicologia geral	216	22,6
2	Psicologia infantil e educacional	359	37,5
3	Psicologia do trabalho da engenharia e do esporte	72	7,5
4	Psicologia anormal (defectologia), psicopatologia	86	9,0
5	História da psicologia	42	4,4
6	Comportamento animal	9	0,9

⁷⁴ Em 1963, a Sociedade contava com 20 divisões e aproximadamente 1240 membros. No Congresso de 1963, o número de participantes chegou a 3205, sendo 70% homens e 30% mulheres (Brozek, 1965).

⁷⁵ Na década de 1970, houve uma diminuição de trabalhos publicados sobre a pesquisa histórica em Psicologia na URSS (Brozek, 1983).

Nº	Área	Publicações	%
7	Métodos experimentais	24	2,5
8	Ensino de psicologia	8	0,8
9	Psicologia no exterior	17	1,8
10	Crítica e bibliografia	28	2,9
11	Crônica científica	30	3,1
12	Discussões e debates	23	2,4
13	Literatura científica popular	44	4,6
TOTAL		958	100,0

Fonte: adaptado de Brozek (1965, p. 426).

Brozek concluiu seu relato apresentando as considerações feitas na *All-Union Conference on Philosophical Problems of the Physiology of Higher Nervous Activity and Psychology*, realizada em 1962, em Moscou. Ele reproduziu uma fala proferida na reunião conjunta da Academia Soviética de Ciências e da Academia Soviética de Ciências Médicas, em 1950. Nela, afirmou-se que o culto à figura do líder prejudicou as pesquisas críticas, favorecendo o dogmatismo. Além disso, essa perspectiva promoveu uma visão excessivamente biologizante do ser humano, relegando os aspectos sócio-históricos a segundo plano. A resolução preconizou, por fim, maior abertura para o pluralismo de metodologias e a valorização de trabalhos interdisciplinares, mas sem que a Psicologia fosse dissolvida em outra área.

O culto à personalidade de Stalin afetou negativamente o progresso e os resultados da Conferência de 1950. Ele inibiu a iniciativa criativa dos cientistas participantes, fomentou o dogmatismo e distorceu a própria ideia de crítica científica. Em vez de uma troca amigável e livre de ideias, a solidez das proposições e conclusões teóricas era estabelecida por decreto. Rótulos prejudiciais eram aplicados àqueles que tinham opiniões divergentes.

Um dos erros da Conferência de 1950, ainda não totalmente remediado, foi a biologização (*biologizatorskie tendentsii*) das ciências do homem, expressa numa atitude negativa em relação à psicologia, desconsideração da natureza sociohistórica da mente humana e negligência do caráter ativo da reflexão do homem sobre seu ambiente.⁷⁶

⁷⁶ The cult of Stalin's personality affected negatively the progress and results of the 1950 Conference. It held down the creative initiative of the scientists participating, fostered dogmatism, and distorted the very idea of scientific criticism. Instead of a friendly, free exchange of ideas, the soundness of theoretical propositions and

Brozek notou que a história da Psicologia na União Soviética se transformou nas décadas de 1950 e 1960. Em 1955, foi fundada a revista *Problemas de Psicologia (Voprosy Psikhologii)*, a primeira em um período de 20 anos. Em 1957, surgiu a já referida Sociedade de Psicologia, responsável pela organização do Congresso de 1963, ao qual, como vimos, Brozek compareceu como delegado da APA. Já nos anos 1960, especificamente em 1966, Moscou sediou o 18º Congresso Internacional de Psicologia, realizado de quatro em quatro anos. Essa data foi a mesma da transformação dos departamentos em faculdades de Psicologia, nas cidades de Moscou e Leningrado (atual São Petersburgo). Em 1968, um decreto do Conselho de Ministros da União Soviética inaugurou a concessão de títulos acadêmicos avançados⁷⁷ em Ciências Psicológicas. Para Brozek, foi um momento distintivo de consolidação da Psicologia como uma área autônoma dentro do país (Brozek, 1970a). Neste mesmo ano, organizou-se o Terceiro Congresso da Sociedade Psicológica, na cidade de Kiev - capital da atual Ucrânia. Brozek realizou uma análise quantitativa de seu conteúdo, como forma de mapear a estrutura psicológica do bloco soviético:

Quadro 9 - Número de publicações por áreas da Psicologia Soviética em 1968

Nº	Área	%
1	Psicologia da criança e da educação	29,2
2	Psicologia geral-experimental	20,7
3	Psicologia médica	15,2
4	Tecnopsicologia	12,8
5	Educação física e psicologia esportiva	7,3
6	Personalidade, psicologia diferencial	5,9
7	Psicologia social	3,8
8	Psicofisiologia	2,2

conclusions was established by decree. Damaging labels were being attached to those who held divergent opinions. One of the errors of the 1950 Conference, still not fully remedied, was the biologizing (*biologizatorskie tendentsii*) of the sciences of man, expressed in a negative attitude to psychology, disregard of the sociohistorical nature of the human mind, and neglect of the active character of the reflection by man of his environment (Brozek, 1964, p. 567, tradução nossa).

⁷⁷ Equivalente a um doutorado no Brasil. Anteriormente, era comum receber o título de Ciências Pedagógicas com especialização em Psicologia.

Nº	Área	%
9	História da psicologia	1,2
10	Relatos filosófico-teoréticos	1,0
11	Psicologia comparativa	0,7
TOTAL		100,0

Fonte: adaptado de Brozek (*in* Campos, 2008, p. 17).

Em comparação com o congresso anterior, nota-se um recuo no volume de produções em História da Psicologia, ao passo que a Psicologia Infantil e Educacional continuou predominante. Em 1969, agraciado com financiamento de um programa entre a Academia de Ciências dos Estados Unidos e a da União Soviética, Brozek voltou ao país novamente para uma apresentação no Instituto de História das Ciências e Tecnologia de Moscou e no Instituto I. V. Pavlov para o Estudo da Atividade Nervosa Superior (Brozek, 1984a).

A atenção com as publicações soviéticas continuou ao longo da década seguinte.⁷⁸ Ao longo de sua trajetória, Brozek estabeleceu uma série de parcerias com outros psicólogos, com os quais publicou em conjunto. Isso pôde ser visto durante seu trabalho em Minnesota e não foi diferente com a História da Psicologia, a exemplo do psicólogo tcheco Jiří Hoskovec (1933-2011) e do psicolinguista estadunidense Dan Slobin (1939-). Ele reforçou sua visão da ciência como um empreendimento transnacional dizendo que os “contatos com cientistas no exterior continuam a reforçar minha fé na unidade científica e intelectual do mundo e a esperança de uma possível unidade organizacional, político-econômica também” (Brozek, 1974c, p. 64, tradução nossa).⁷⁹ Uma delas se deu com o italiano Luciano Mecacci (1947-), também interessado na História da Psicologia soviética e que havia estudado com Alexander Luria (1902-1977) em Moscou.

Mecacci e Brozek examinaram as definições da psicofisiologia soviética, procurando demonstrar as diferenças no sentido dos termos entre autores soviéticos e ocidentais. Em

⁷⁸ Os trabalhos incluíram artigos e resenhas (Brozek, 1965, 1968b, 1969a, 1970a, 1971a, 1971b, 1971c, 1972a, 1972c, 1973a, 1973b, 1973c, 1974a, 1974b, 1975b, 1983; Brozek; Brady, 1971; Brozek; Hoskovec, 1966a; Brozek; McPherson, 1973; Brozek; Mecacci, 1974; Brozek; Slobin, 1968; Mecacci; Brozek, 1973), capítulos de livros (Brozek *in* Corson, 1976; Brozek; Massimi, 1998) e livros inteiros (Brozek; Slobin, 1972). Além disso, ele foi coeditor e autor na então *Soviet Psychology* de duas edições relativas aos “50 anos da Psicologia Soviética”, em 1968 e 1969.

⁷⁹ “Contacts with scientists abroad continue to reinforce my faith in the scientific, intellectual unity of the world and the hope for an eventual organizational, politico-economic unity as well” (Brozek, 1974, p. 64)

linhas gerais, eles concluíram que os estudos soviéticos realçavam o Sistema Nervoso Central e o papel do cérebro na interação dos organismos com seu meio (Mecacci; Brozek, 1973). Os autores relacionaram essa ênfase à defesa de Pavlov, nos anos 30, para fundir tanto elementos subjetivos quanto objetivos das atividades cerebrais. A tradição pavloviana, dominante na União Soviética, foi revigorada com a incorporação da neurofisiologia e da cibernética, sobretudo a partir dos anos 1950, fato que ajudou a relativizar um modelo ortodoxo que vigorou anteriormente no país.

Uma das últimas atividades diretas de Brozek no país se deu em 1978, na participação em uma oficina sobre os Efeitos dos Fatores Ambientais no Sistema Nervoso Central e no Comportamento, realizado em Suzdal, cidade próxima a Moscou. Com base nessa movimentação, não parece exagero afirmar que Brozek se tornou uma figura proeminente na comunicação psicológica e científica entre Estados Unidos e União Soviética, recebendo financiamento e acolhimento nos institutos de pesquisa de ambas as partes. O fato do russo ser sua primeira língua nativa, sua concepção internacional de pesquisa científica, sua disposição pessoal e o momento de organização e consolidação de uma nova divisão de História da Psicologia nos Estados Unidos confluíram para favorecer esses intercâmbios. Uma década depois, Brozek (1983, p. 300) relatou sobre a falta de acompanhamento dos desenvolvimentos recentes da História da Psicologia na União Soviética, algo que acentua seu papel prévio nesse processo.

Tentei demonstrar que a trajetória de Brozek permite compreender alguns dos meios de organização da ciência durante a Guerra Fria, revelando um cenário de grande complexidade, no qual interesses políticos governamentais se misturavam ao engajamento de determinados sujeitos na pesquisa. Seria uma visão excessivamente simplista reduzir os interesses e ações individuais ao plano político, como se Brozek fosse apenas um emissário do governo estadunidense. Trata-se, efetivamente, de uma negociação dentro das condicionantes históricas entre um sujeito e seu contexto político, que age, aciona e modifica as disposições existentes.

3.2 - Diversidade de interesses

Com os postos de professor em Lehigh, as pesquisas de fisiologia humana e os estudos de História da Psicologia em diferentes países, Brozek estava atuando em múltiplas frentes. Pesquisas fora dos Estados Unidos não eram estranhas ao psicólogo tcheco, como as visitas de campo à Iugoslávia na década de 1950 ou sua atuação pela OMS, discutidas no capítulo

anterior. Em 1964, Brozek ajudou a organizar o Simpósio de Adaptação ao Envelhecimento, parte do 15º Congresso Internacional de Psicologia Aplicada, realizado na Iugoslávia. Na década de 1970, seus interesses internacionais na História da Psicologia se expandiram consideravelmente, acompanhando o aumento das redes de sociabilidade científica, especialmente na Europa.

A reaproximação com a Tchecoslováquia,⁸⁰ terra natal de Brozek, deu-se juntamente com os trabalhos em História da Psicologia sobre a União Soviética. De lá veio seu principal parceiro internacional de publicação, Jiří Hoskovec, professor no Departamento de Psicologia da Universidade de Praga. Ao longo de mais de 35 anos, Brozek e Hoskovec publicaram uma série de textos em conjunto (Brozek, 1999a, p. 96-97). Suas primeiras parcerias remontam a 1966, com publicações em periódicos tchecos da situação da História da Psicologia nos Estados Unidos. Em 2002, eles colaboraram uma última vez ao detalhar a contribuição de Norbert Fabian Capek para a Psicologia tcheca.

O interesse de ambos concentrou-se, sobretudo, em dois temas: primeiramente o trabalho do fisiologista tcheco Jan Evangelista Purkinje (1787-1869) e, futuramente, a Psicologia tcheca após a Revolução de Veludo em 1989, que derrubou o regime comunista. Tratando especificamente do primeiro desses temas, Purkinje foi um investigador nas áreas biomédicas e do corpo humano, cujos interesses científicos também abrangeram a Psicologia. Em 1969, no Simpósio Centenário de Praga em sua homenagem, Brozek apresentou um trabalho sobre as contribuições do fisiologista para o conhecimento psicológico. Ele publicou ainda diversos trabalhos sobre Purkinje (Brozek, 1999a, p. 98-101), muitos dos quais em coautoria com Hoskovec, incluindo um relato biográfico presente no livro de 1997 intitulado *A Pictorial History of Psychology*, de Bringmann *et al.*

Em 1970, por meio de uma cooperação entre a Academia de Ciências e Artes da Iugoslávia e a Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos, Brozek pôde visitar este país da Europa Central durante os meses de verão. Ele investigou os princípios de bibliometria no país, ou seja, o estudo quantitativo das bibliografias, de forma a identificar padrões de desenvolvimento dos campos científicos e o clima político e cultural que circundava as publicações. Brozek percebeu a influência soviética imediatamente depois da Segunda Guerra Mundial, mas, após o rompimento dos países em 1948, obras traduzidas de outros locais, como França e Alemanha, passaram a substituir as soviéticas. A literatura em inglês se tornou dominante a partir dos anos 1960, refletindo a expansão da influência

⁸⁰ Seu primeiro trabalho acadêmico publicado foi uma resenha na *Lusatian-Serbian Bulletin* em 1935, durante sua formação em Praga.

estadunidense na região. Em 1971, Brozek voltou ao país para participar do Quarto Congresso de Psicólogos Iugoslavos, onde notou um aumento do interesse e da produtividade nas pesquisas em Psicologia dentro do país (Brozek, 1972c).

Foi durante essas visitas que ele iniciou suas pesquisas sobre o dálmata Marcus Marulus (1450-1524), a quem se credita o primeiro uso da palavra “psicologia”, escrita no tratado *Psichiologia: de ratione animae humanae liber unus*, por volta de 1515. Brozek explorou arquivos de diversos países em busca de mais informações, localizando uma biografia escrita por Franciscus Natalis, um contemporâneo mais jovem de Marulus. Em 1973, Brozek apresentou suas primeiras descobertas sobre o tema tanto na revista italiana *Episteme* quanto na 81ª Conferência Anual da APA (Brozek, 1975a). Ele continuou a acompanhar a trajetória do autor dálmata, estabelecendo no futuro novas frentes de trabalho, como as com Marina Massimi, que serão examinadas nos próximos capítulos. Outro autor da região que foi objeto de estudos de Brozek foi o psicólogo esloveno Mihajlo Rostohar (1878-1966).

Paralelamente, Brozek investigou a obra do fisiologista holandês Franciscus Cornelis Donders (1818-1889) sobre a velocidade dos processos mentais. Ele aplicou a metodologia historiométrica à literatura psicológica, acompanhando a longevidade da citação do autor. Com isso, Brozek percebeu que o artigo de 1868 de Donders, traduzido para o alemão, foi citado significativamente durante um período de cem anos (Brozek *in* Campos, 2008, p. 15 e p. 53). Além disso, em suas apurações, ele descobriu uma tese defendida na Universidade de Utrecht por Johann Jacob de Jaager, um dos estudantes de Donders, que tratava da obra do mestre. Junto com Maarten Sibinga, em 1970, Brozek traduziu e editou essa tese como parte da série “Clássicos Holandeses da História da Ciência”, financiada pela Sociedade Holandesa para a História da Medicina, Matemática e Ciências Exatas. Além de Donders, Brozek também traduziu uma carta com conteúdo psicológico de Pierre-Louis Moreau de Maupertuis (1698-1759), que ocupou a presidência da Academia Real de Ciências e de Literatura de Berlim.

Assim, são perceptíveis algumas das principais contribuições de Brozek para a História da Psicologia: as traduções de obras e a intermediação nas publicações internacionais.

Um aspecto muito importante da organização do domínio da história da psicologia foram as traduções. Traduzir pode parecer um trabalho pedante e sem outro interesse a não ser o ganho econômico. Muito pelo contrário, as traduções podem revelar tesouros: fontes de informações relevantes para a história da psicologia e

outrora inacessíveis. A inacessibilidade pode ter duas razões: o idioma dos materiais originais e a sua localização (Brozek; Massimi, 2002b, p. 115).

Brozek serviu como um elo entre diferentes tradições de Psicologia, ampliando a visão sobre a prática científica e combatendo o provincialismo nas pesquisas, conforme alertado anteriormente por Watson (1960). Em sua visão, a História da Psicologia deveria comportar “histórias locais e regionais” (Brozek, 1999a, p. 88), dentro da sua ótica da ciência como um empreendimento internacional.

3.3 - A pesquisa arquivística

Na década de 1970, esses variados temas de pesquisa foram impulsionados por outra prática profissional de Brozek: a investigação em arquivos, sobretudo os europeus. Conforme discutido no capítulo anterior, ele havia contribuído para a institucionalização dos Arquivos de História da Psicologia Americana (AHPA), na Universidade de Akron. Durante esse período de internacionalização, apoiado por bolsas concedidas por diversas instituições, Brozek aprofundou-se em diferentes aspectos da História da Psicologia e reuniu uma série de documentos para futuras pesquisas, tanto em trabalhos individuais quanto em colaboração com outros estudiosos. Um dos exemplos foi o mapeamento dos arquivos do Departamento de Psicologia da Universidade Charles, em Praga. O próprio fundo de Josef e Eunice Brozek, em Akron, reuniu materiais de diversos países e idiomas.

Além da pesquisa feita na Iugoslávia em 1970, Brozek foi à Tchecoslováquia em 1972, onde examinou manuscritos contendo ideias psicológicas nos arquivos do Museu Nacional de Praga e no Museu da Literatura Nacional. No ano seguinte, ele ampliou seu raio de ação com duas visitas à Europa. A primeira ocorreu entre março e maio de 1973, patrocinada por uma bolsa de estudos sênior em ciência da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), por meio da qual estabeleceu ou reforçou contatos profissionais, a exemplo de Nino Dazzi e Luciano Mecacci na Itália, Ingemar Nilsson na Suécia e Ludwig Pongratz na Alemanha. Brozek aproveitou essa viagem para aprimorar as pesquisas que vinha desenvolvendo sobre o holandês Donders. Sua base de operações durante essa estadia foi na Universidade de Ciências Humanas em Estrasburgo, na França, então dirigida pelo professor Lucien Braun (1923-2020). A partir desta cidade, ele visitou colegas na Inglaterra, França, Alemanha e Holanda (Brozek, 1975b). Os relatos dessas pesquisas foram publicados em 1975 no periódico *History of Science*, com o artigo intitulado *Contemporary West European Historiography of Psychology*.

A segunda viagem, realizada entre maio e agosto de 1973, fez parte de um intercâmbio acadêmico com a Academia de Ciências da Tchecoslováquia. Nessa ocasião, Brozek prosseguiu suas pesquisas sobre os manuscritos de Purkinje⁸¹ e Rostohar, além de visitar Iugoslávia, Itália e Hungria em busca de documentos relativos à vida de Marcus Marulus. De 1973 a 1974, concomitantemente ao desenvolvimento das pesquisas, Brozek ocupou a presidência da Divisão 26 da APA. Ele também participou do seminário internacional *The History of Science in Contemporary Culture*, realizado na Itália em 1975, onde apresentou sobre os usos variados dos critérios quantitativos (Brozek; Dazzi, 1977). Em 1977, ele publicou novamente no *History of Science*, desta vez sobre o desenvolvimento da historiografia da Psicologia no leste europeu, o que inclui a Tchecoslováquia. Nesses relatos de 1975 e 1977, ele listou os desenvolvimentos mais recentes sobre a História da Psicologia, seja na forma de desenvolvimentos institucionais ou de produções bibliográficas. Na década de 1980, Brozek atualizou as informações e incluiu novas regiões, como a América do Sul, no texto *Study of the History of Psychology Around the World: Recent Institutional and Organizational Developments*, publicado em 1983 na *Revista de Historia de la Psicología*.

Em 1976, Brozek retornou à Europa, desta vez na Alemanha Ocidental, como pesquisador sênior do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (*Deutscher Akademischer Austauschdienst*). O contato com o país, devido à circunstância traumática dos eventos relacionados à Segunda Guerra Mundial, foi especialmente sensível para o psicólogo tcheco.⁸² Suas primeiras publicações em alemão foram retomadas na década de 50, envolvendo os estudos que vinha desenvolvendo nas áreas biológicas, fisiológicas e nutricionais. Foi a História da Psicologia, contudo, que se tornou o foco de interesse e colaboração entre ele e outros psicólogos das duas Alemanhas e da Suíça. Em 1965, como ponto de partida dessa temática, Brozek publicou sobre a “Psicologia Objetiva” em um Dicionário Histórico de Filosofia. Ele também noticiou sobre os temas históricos do 4º Congresso da Sociedade Psicológica da Alemanha Oriental, realizado em 1975.⁸³ Do lado alemão, Pongratz (*in* Brozek; Massimi, 1998, p. 105) reconheceu que esses contatos com a Psicologia dos Estados Unidos foram fundamentais para reviver o interesse pelo tema na Alemanha.

⁸¹ Os materiais transcritos estão em um livro que Brozek organizou com Hoskovec, publicado em 1987. Nota-se a importância desses trabalhos para a compilação dos arquivos existentes na História da Psicologia, especialmente porque o material foi escrito em francês, alemão, inglês e tcheco.

⁸² AUHP, Acervo Josef Brozek, caixa 01, doc. 67, 1984, s.p.

⁸³ Psychologie objektive. *In*: RITTER, Joachim.; GRUNDER, Karlfried; GABRIEL, Gottfried (org.). **Historisches Wörterbuch der Philosophie**, Volume 7, P-Q, Coluna 1661-1664. A notícia dos temas se encontra em Brozek, 1983, p. 305.

Durante sua estadia de três meses como pesquisador sênior, Brozek partiu de Solingen e visitou diversas outras cidades universitárias alemãs,⁸⁴ onde ministrou aulas e conferências sobre Psicologia Soviética, História da Psicologia e Historiografia da Psicologia Alemã Contemporânea, estabelecendo uma parceria com Solomon Diamond (1906-1988), psicólogo estadunidense também envolvido na pesquisa da área. Juntos, eles publicaram um capítulo sobre as “Origens da Psicologia Objetiva”, em um livro organizado por Heinrich Balmer em 1976. Esse texto foi reimpresso em 1982 no livro alemão “História da Psicologia”, novamente organizado por Balmer, traduzido para o italiano nesse mesmo ano.⁸⁵

Brozek continuou a fazer e estimular levantamentos documentais ao longo das próximas décadas, como no caso dos arquivos alemães em Psicologia. Ele considerava essas trocas científicas entre países como construção de pontes entre diferentes tradições, exprimindo seus interesses interdisciplinares:

Uma parte importante da construção de pontes foi a troca de literatura científica, especialmente com os países da Europa Central e Oriental. Desde o final da Segunda Guerra Mundial, com a cooperação ativa de toda a família, enviei ao exterior bem mais de 20 toneladas de livros e periódicos, muitos deles em várias áreas da medicina. Grande parte do material recebido em troca foi depositada na Biblioteca Bierce da Universidade de Akron, em Akron, Ohio, como parte das coleções de livros e periódicos que correspondem ao acervo dos Arquivos da História da Psicologia Americana.⁸⁶

Seu gosto pela pesquisa arquivística, manifestado nas visitas e no seu papel durante a fundação do AHPA, fica visível também em uma de suas publicações:

Às vezes, perguntas simples envolvem o historiador, se ele não for alérgico à poeira dos arquivos, em um conjunto de atividades notavelmente complexo. O sabor da pesquisa em arquivos tende a ser agri-doce (como o molho para o Pato à Pequim), rico tanto na emoção da descoberta de informações cruciais quanto nas decepções resultantes de materiais ausentes ou, ainda pior, conhecidos por terem existido, mas perdidos. Na busca por documentos, a sorte é tão importante quanto a diligência. Em comparação com uma história baseada em materiais já publicados, a pesquisa em arquivos tende a ser uma operação de “maior risco, maior ganho”.⁸⁷

⁸⁴ As cidades foram: Berlim, Bochum, Bonn, Gießen, Hamburgo, Heidelberg, Mannheim, Munique, Munster, Würzburg, além dos contatos nas universidades de Colônia e da Basileia (Brozek, 1987, p. 50-51).

⁸⁵ Ver Brozek; Diamond, 1976, 1982a, 1982b.

⁸⁶ “An important part of bridge building was the exchange of scientific literature, especially with the countries of Central and Eastern Europe. Since the end of the Second World War with the active cooperation of the whole family, I have sent abroad well over 20 tons of books and journals, many of them in various areas of medicine. Much of the material received in exchange has been deposited in the Bierce Library of the University of Akron, Akron, Ohio, as a part of the collections of books and journals paralleling the holdings of the Archives of the History of American Psychology” (Brozek, 1984a, p. 23, tradução nossa).

⁸⁷ “At times, simple questions involve the historian, if he is not allergic to the dust of the archives, in a remarkably complex set of activities. The flavor of archival research is apt to be sour-sweet (like the sauce for the Peking duck), rich both in the thrill of discovery of critical pieces of information and in the disappointments resulting from materials missing or, still worse, known to have existed but lost. In the search for documents,

Quanto aos Estados Unidos, Brozek visitou arquivos na Universidade de Rochester, em Nova York, e na Universidade de Bucknell, na Pensilvânia, como parte dos trabalhos da década de 70. Além das habituais pesquisas e publicações, sobretudo no *Journal of the History of the Behavioral Sciences* (JHBS), Brozek se engajou em dois grandes projetos: uma coleção de monografias em História da Psicologia, que seriam publicadas anos mais tarde, em 1984, e a organização do livro *R. I. Watson's Selected Papers on the History of Psychology*, em parceria com Rand Evans (1942-2021), publicado em 1977. Esta obra traz uma série de publicações de Watson, com introdução dos autores e organizado em cinco áreas: 1) autobiografia; 2) desenvolvimento organizacional da História da Psicologia dos Estados Unidos; 3) quadro multidimensional da História da Psicologia; 4) campos e aspectos selecionados da Psicologia e 5) eminentes psicólogos. Na introdução, Watson é reconhecido como aquele que aglutinou as pesquisas dispersas na área, legitimando a formação de um novo campo científico (Brozek; Evans, 1977, p. viii-ix).

Duas resenhas, feitas por Carl Duncan (1978) e John Burnham (1979), destacam a relevância de Watson para a História da Psicologia e a importância da compilação de seus escritos. A proximidade entre Brozek e Watson, além da organização institucional da História da Psicologia, manifestou-se também no debate acadêmico. Em pelo menos duas resenhas publicadas no JHBS (1979a, 1980a), Brozek saúda os trabalhos de Watson tanto por sua importância teórica quanto por seu impacto no ensino da área. Ambos compartilhavam a premissa de que a Psicologia não poderia ser compreendida sem situar os problemas dentro de um contexto mais amplo e considerar sua interação com outras áreas do conhecimento, como Filosofia, Física, Biologia, Educação e Ciências Sociais. Estimulado pelo debate, Brozek teceu considerações críticas à obra de Watson, apontando um espaço excessivo dedicado à Filosofia da Ciência; a ambiguidade no título sobre a Psicologia pertencer ou não a uma ciência comportamental; bem como a ausência de um índice onomástico. Watson, em sua réplica dentro da mesma edição da resenha, concordou com os apontamentos levantados por Brozek (Brozek, 1979a, p. 190-192).

Nessa mesma época, Brozek continuou atuando em projetos nas áreas fisiológicas e de desnutrição. De 1973 a 1978, foi membro do Painel de Desnutrição do Programa de Cooperação Científica e Médica entre Estados Unidos e Japão, além de ter chefiado um comitê, entre 1979 e 1981, sobre desenvolvimento mental e comportamento na União

good luck is as important as diligence. In comparison with a history based on already published materials, archival research is apt to be a 'higher risk, higher gain' operation" (Brozek, 1975a, p. 18-19, tradução nossa).

Internacional das Ciências Nutricionais. Na década de 70, Brozek participou de simpósios e conferências relacionados à desnutrição e seus impactos mentais e comportamentais, o que ampliou seu raio de atuação para diversos países: Áustria, Suécia e Nigéria em 1973, Japão em 1974 e 1976, Colômbia em 1975, África do Sul e Porto Rico em 1979.⁸⁸ O interesse por outros continentes também se estendeu à História da Psicologia, como no seu acompanhamento da literatura do assunto produzida na Ásia e na Oceania (Brozek, 1983, 1990a). Ele chegou a ser convidado pelo professor chinês Gao Juefu (1896–1993), que mantinha um centro de pesquisa de História da Psicologia no Departamento de Educação da Universidade de Nanquim, na China, para passar um tempo na instituição, mas Brozek lamentou não ter podido comparecer (Brozek, 1997, p. 421).⁸⁹

3.4 - Os anos 80: do internacional ao transnacional

O termo “transnacional” ganhou destaque nas últimas décadas, como diagnosticado por Weinstein (2013) e Fonseca (2019). No entanto, a ampla circulação de seu uso nem sempre é acompanhada por uma precisão adequada, correndo o risco de ser mais um rótulo do que uma prática efetiva. Para refletir sobre a aplicação do termo, apresento aqui uma definição dessa abordagem e analiso sua pertinência para examinar o papel de Josef Brozek na consolidação da História da Psicologia.

O viés transnacional passou a ser empregado de forma mais ampla pelos cientistas sociais a partir da década de 1980, como contraponto ao conceito de globalização, visando compreender o fenômeno da imigração. Nos anos 1990, impulsionados pelos estudos subalternos, teorias pós-modernas e pós-coloniais, os historiadores, especialmente da América Latina, valeram-se do termo para interpretar a região fora de uma narrativa universalista derivada dos Estados Unidos e Europa, a qual apresentava uma carga excepcionalista. A produção historiográfica voltou-se a essas questões como alternativa aos trabalhos eurocentrados, que não levavam em consideração as especificidades do espaço-tempo latino-americano fora de um paradigma ocidental. A abordagem transnacional, portanto, apresentou-se como uma crítica às visões imperialista e nacionalistas, que relegavam a

⁸⁸ No caso da Nigéria, sob os auspícios da Organização Internacional de Pesquisa Cerebral (IBRO - sigla em inglês), da OMS e da UNESCO, Brozek deu aulas em um workshop sobre as Influências Nutricionais nas Funções Cerebrais na Universidade de Ibadan. Em Porto Rico e na África do Sul, suas participações também se deram através de aulas e palestras (Brozek, 1984a, p. 38-39).

⁸⁹ Neste ano de 1997, cessou a correspondência entre Brozek e Gao. Ele não mencionou o motivo de não ter podido ir à China. No entanto, Blowers (2006) reconhece em Brozek um importante elo na comunicação da Psicologia ocidental com a chinesa.

América Latina a um lugar de subalternidade e dependência, retratando a região como uma zona de atraso e incompletude. Em vista disso, os autores enfatizaram que o conhecimento histórico não se encontra sob uma única narrativa universal, mas depende dos processos sociais e da participação dos atores globais. A utilidade da abordagem transnacional alcançou novas regiões e áreas de estudos, iluminando novas formas de pensar os objetos de estudos para além dos limites nacionais.

Convém ressaltar que estudos de intelectuais afro-americanos e caribenhos, como Frantz Fanon (1925-1961), já haviam esboçado essa crítica, mesmo que sem adotar a terminologia transnacional. Eles destacaram as interdependências entre metrópoles e colônias e a necessidade de considerar o empreendimento colonial para compreender adequadamente a organização política, econômica e social das metrópoles.

Pode-se dizer, então, que a abordagem transnacional busca compreender as conexões e interações entre sujeitos, ideias, instituições, materiais e mercadorias que transcendem fronteiras nacionais. Essa movimentação é imanente à própria natureza do objeto de estudo, que não pode ser compreendido sem levá-la em consideração. A atenção se volta à dimensão sociocultural, destacando os intercâmbios, redes de sociabilidade, trocas, circulações e apropriações que ocorrem em diferentes contextos. Dessa forma, o viés transnacional não é um método, mas uma forma de análise que varia de acordo com a empiria do objeto estudado, uma vez que nem todos os processos são moldados por ele, já que dependem de aspectos concretos da experiência histórica. Maria Lígia Prado argumenta que o transnacional é “uma maneira particular de observar os objetos de investigação, aberta a várias preferências metodológicas e a muitos problemas diferentes” (Prado, 2012, p. 19, tradução nossa).

A perspectiva transnacional criticou certos segmentos da história comparativa que obscureciam as interações e reificavam as diferenças, argumentando que a busca precipitada por homogeneização e generalização comprometeu a complexidade da explicação histórica. Compartilho a visão de que a comparação em si não é um problema, desde que fuja das justaposições simplistas e não desconsidere os processos históricos locais. Ademais, na própria dimensão transnacional, deve-se tomar o cuidado de não subestimar as zonas de concentração do poder, os centros hegemônicos e as assimetrias nas relações políticas e econômicas. Não se trata de ignorar a nação, mas entender como os movimentos ocorrem e se transformam dentro dela.

Dada a trajetória profissional de Brozek, que abrange aulas, participação em congressos, seminários e pesquisas arquivísticas em diferentes países, é difícil estudá-lo sem levar em conta suas atividades que ultrapassaram as fronteiras dos Estados Unidos. Ao se

basear no trabalho de outros países, indo além da simples interação com suas produções, Brozek exemplifica como a hegemonia do conhecimento advindo dos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial, foi constantemente desafiada por novas formas de conhecimento elaboradas em outras regiões, mesmo que dentro de relações desiguais de poder. Isso pode ser evidenciado através de suas resenhas e publicações sobre livros, que demonstram o cruzamento entre as elaborações de diferentes matrizes teóricas e culturais. Ainda que reconhecendo o peso preponderante dos Estados Unidos, argumento que a produção desse país deve ser pensada à luz dos desenvolvimentos internacionais diversos, e não apenas sob uma lógica de imposição. Nesse contexto, especialmente após 1945, as divisas entre o nacional e o estrangeiro possuem maior opacidade do que uma análise exclusivamente ancorada em limites nacionais poderia sugerir à primeira vista, justamente por conta desses movimentos e relações entre os atores históricos.

Uma vez que Brozek circulou por diversos países e estabeleceu contato com seus pesquisadores, sua figura pode ser analisada sob a ótica de um mediador cultural, envolvido na montagem de redes de colaboração científica, circulações teóricas e articulação de instituições relacionadas à História da Psicologia. Esse processo se acentuou fortemente na virada da década de 1970 para 1980, como veremos a seguir.

3.4.1 - Aposentadoria em Lehigh e pesquisa em Würzburg

Em 1979, no final da década, alguns acontecimentos impactaram a trajetória de Josef Brozek: sua aposentadoria formal da Universidade de Lehigh, onde ocupava o posto de professor pesquisador, e sua ida para a Alemanha Ocidental como pesquisador sênior Fulbright na Universidade de Würzburg, onde firmou parceria com Ludwig Pongratz, com quem havia estabelecido contato em viagens anteriores para o país. Paralelamente, Brozek assumiu como chefe de departamento do Comitê de Nutrição, Desenvolvimento Cerebral e Comportamento, ligado ao *National Research Council* e à *National Academy of Sciences* dos Estados Unidos. De 1980 a 1981, também atuou como Coordenador Residente do Programa Mundial da Fome, da Universidade das Nações Unidas para Estudos Avançados e Professor Sênior do Departamento de Nutrição e Ciência dos Alimentos no MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts).

Como visto, o interesse de Brozek pelas duas Alemanhas se intensificou nos anos 70, época caracterizada por sua atuação internacional concentrada na Europa. Na parte oriental do país, sob a órbita soviética, Brozek identificou a ausência de cursos de História da Psicologia

nos anos 50, embora no geral as disciplinas contivessem uma quantidade considerável de informações históricas. A reforma universitária feita no país em 1968 levou à formulação de um curso próprio em “História das Ideias em Psicologia”, parte integrante do currículo de formação acadêmica. Em relação à situação dos arquivos, o psicólogo tcheco estranhou a ausência de um centro especializado em Psicologia, embora mantivesse a esperança de um projeto unificado de coleta, catalogação e divulgação das informações:

Por mais estranho que pareça, em um país onde a psicologia científica foi primeiramente institucionalizada e onde não faltam importantes arquivos gerais [...], não existem arquivos especializados em psicologia nem instrumentos de busca no campo. Com as atividades psicológicas (Heidelberg, Passau) recentemente estabelecidas na Alemanha Ocidental, pode-se esperar que na Alemanha Oriental seja estabelecido em breve um registro central dos materiais existentes e amplamente dispersos sobre a história da psicologia, que todos os materiais sejam catalogados e que as informações sejam efetivamente disseminadas. Além disso, tal instituição deve desenvolver um programa ativo e vigoroso para a coleta de materiais que, atualmente, estão amplamente dispersos.⁹⁰

Já na Alemanha Ocidental, do lado capitalista, Brozek apontou para a limitação de instituições de treinamento em História da Psicologia, concentradas em apenas três universidades: Heidelberg, Würzburg e a Universidade Livre de Berlim. Em contrapartida, os arquivos recém-estabelecidos em Heidelberg e na Universidade de Passau, que havia montado um Instituto para a História da Psicologia Moderna em 1981, foram saudados com entusiasmo por Brozek (1983, p. 309). Nenhuma das Alemanhas dispunha de um periódico especializado em História da Psicologia, resultando em publicações ocasionais espalhadas pelas revistas já existentes, como a *Psyche* e a *Psychologische Beiträge*. Essas informações puderam ser obtidas graças ao período que Brozek passou no país a partir de 1979, repetido várias vezes ao longo da década seguinte, o que ampliou suas redes científicas, evidenciado em suas colaborações com Ramón León (1950-) e Horst Gundlach (1944-).

O foco da visita de 79 a 80 foi a preparação do livro *Historiography of Modern Psychology*, em coautoria com Pongratz, que foi publicado no Canadá em 1980. O planejamento do livro consistiu em um apanhado teórico, metodológico e filosófico sobre a Psicologia, além de abordar seu desenvolvimento global, valorizando o pluralismo e uma concepção expandida da História das Ciências. Nele, Michael Wertheimer, autor de um dos

⁹⁰ “Strange as it may be, in a country in which scientific psychology has first been institutionalized and where important general archives are not lacking [...], no specialized psychology archives and no finding aids in the speciality exist. With the psychological activities (Heidelberg, Passau) recently established in West Germany, it may be hoped that in East Germany a central registry of the existing and widely scattered materials on the history of psychology will soon be established, that all the materials will be catalogued, and that the information will be effectively disseminated. In addition, such a facility should develop an active, vigorous program for the collection of materials that at present are widely scattered.” (Brozek, 1983, p. 304, tradução nossa).

capítulos, destacou uma noção compartilhada por Brozek (1997) e outros colegas: a perspectiva histórica como aquela que possibilita integrar a Psicologia, vista como fragmentada.⁹¹ A edição do livro, contudo, teve seus contratempos. Segundo Brozek (1990a, p. 97), nem o capítulo teórico dedicado aos métodos nem as contribuições dos historiadores marxistas da psicologia foram entregues a tempo.

Em 1986, a obra foi traduzida para o italiano. Já no Brasil, em 1998, o livro foi reformulado, ampliado e, no lugar de Pongratz, a coautoria foi de Marina Massimi, com quem Brozek escreveu o capítulo da “Historiografia da psicologia no Brasil”. Autores brasileiros renomados na área participaram dessa empreitada, como Antônio Gomes Penna e seu capítulo sobre “A presença do pensamento filosófico na psicologia contemporânea”, Regina Helena de Freitas Campos com “Introdução à historiografia da psicologia” e “Arquivos e bibliotecas para a história da psicologia brasileira”, em parceria com Massimi, e Mitsuko Aparecida Makino Antunes escreveu “Algumas reflexões acerca dos fundamentos da abordagem social em história da psicologia”.

O livro aborda a situação da América Latina, incluindo o Brasil, no capítulo escrito por Rubén Ardila (1942-). O interesse de Brozek pela região parece ter se acentuado em 1975, quando resenhou as obras de Ardila *Los Pioneros de la Psicología* (1971) e *La Psicología en Colombia: Desarrollo Histórico* (1973) no vigésimo volume da revista *Contemporary Psychology*. Essa troca aproximou Brozek de Ardila, que então foi convidado para participar da obra. Na versão brasileira do livro, há outro estudo da História da Psicologia na América Latina, escrito por Hugo Klappenbach e Pablo Pavesi. Eles demonstraram que o interesse pelo assunto na região era relativamente recente, acentuando seus desenvolvimentos frente às características regionais.

No final das contas, o nascimento da psicologia experimental inscreveu-se no conjunto de problemas das jovens sociedades latino-americanas, e seu desenvolvimento, suas áreas de interesse e modelos de conhecimento acompanharam as acidentadas transformações dessas sociedades. Essas afirmações não supõem a adesão a qualquer reducionismo mecanicista de tipo socioeconômico ou político; mais vale, conforme analisou Bourdieu, o desenvolvimento pluri-determinado que gera as instituições sociais e políticas, e origina, ao mesmo tempo, o campo cultural e científico (Klappenbach; Pavesi *in* Brozek; Massimi, 1998, p. 192).

Assim como no Brasil, a Psicologia na América Latina se conectou intimamente tanto com educação quanto com a medicina. Klappenbach e Pavesi reconheceram, ainda, a figura

⁹¹ Sobre a história da crise e fragmentação da Psicologia, recomendo a leitura de Wieser, 2016, que defende um olhar histórico contextualizado sobre as teorias e métodos.

de Ardila como um dos pioneiros nas pesquisas históricas. A futura parceria de Brozek e seu contato com pesquisadores da região demonstraram que ele permaneceu atento aos desdobramentos da Psicologia nos mais diversos cenários.

Como parte das atividades que vinha desenvolvendo na Alemanha durante sua bolsa Fulbright, Brozek participou em Leipzig, nos dias 1 e 2 de novembro de 1979, do Simpósio Internacional em homenagem aos 100 anos do laboratório de Wundt, marco da fundação da Psicologia, estruturado em três eixos: Wundt e a Psicologia, Wundt e o desenvolvimento da Psicologia em diferentes países e Wundt e as outras disciplinas que não a Psicologia. No ano seguinte, Leipzig sediou o XXII Congresso Internacional de Psicologia, que contou com sessões temáticas em História da Psicologia. Além de Leipzig, outras cidades incluídas no roteiro dessa bolsa de pesquisa de 1979/1980 foram Marburgo, Berlim, Mainz, Mannheim, Munique, Nuremberg, Oldemburgo e Tübingen, nas quais Brozek coletou informações para pesquisas, elaborou relatórios e proferiu palestras.

3.4.2 - Brozek e a fundação de novos periódicos

Em fevereiro de 1980, Brozek participou do Encontro do Centenário de Wundt, realizado em Roma, na Itália, onde apresentou um trabalho sobre o impacto de Wundt nos Estados Unidos, em coautoria com Dazzi e Ferruzzi. Conforme identificado por ele, o país apresentava uma rica cena universitária em História da Psicologia (Brozek, 1983). Nos meses subsequentes, Brozek deu palestras em diferentes cidades na França, Espanha, Itália, Turquia e Alemanha.⁹² Esses eventos foram importantes pois ampliaram a circulação de Brozek para outros países e permitiram novas parcerias, como a com Marina Massimi em Padova.

Além da Itália, a Espanha também passou por notáveis avanços na profissionalização da Psicologia. Os primeiros departamentos da área foram estabelecidos em 1968 nas universidades de Madri e Barcelona, dentro das Faculdades de Filosofia. Em 1980, formou-se um comitê profissional de psicólogos responsáveis por aprimorar a profissão. Somado a isso, o departamento de Madri foi transformado em uma faculdade própria, algo seguido pelos de Barcelona e de Valência. Foi nesse cenário que se deram os Encontros Centenários de Wundt na Espanha, conhecidos como o “Primeiro Centenário de Psicologia Científica” e “Os Começos da Psicologia Experimental”, realizados em Barcelona e Valência, respectivamente, nos quais Brozek e Pongratz apresentaram trabalhos. A parceria se realizou por meio do

⁹² Foram elas: Estrasburgo, Barcelona, Valência, Roma, Bologna, Padova, Trieste, Ancara, Istambul e as já citadas da Alemanha (Brozek, 1984a, p. 39).

Comitê Conjunto dos Estados Unidos e da Espanha para Assuntos Educacionais e Culturais, que financiou uma cooperação entre pesquisadores de ambos os países para o estudo da História da Psicologia nos periódicos estadunidenses.

As atividades de Brozek na Alemanha, Itália e Espanha também se estenderam aos periódicos científicos, nos quais ele integrou os conselhos editoriais.⁹³ No caso italiano e espanhol, ele participou ativamente da construção de duas novas revistas: a italiana *Storia e Critica della Psicologia* e a espanhola *Revista de Historia de la Psicología*, ambas fundadas em 1980. A primeira foi descrita por Brozek como sucessora de *Per un'Analisi e Critica della Psicologia*, de 1977. Essa revista teve Raffaello Misiti (1925-1986) como seu diretor e Luciano Mecacci como redator, ambos vinculados ao Instituto de Psicologia do Conselho Nacional de Pesquisa Italiano. No JHBS, Brozek anunciou a nova revista como relevante para a comunidade científica internacional, destacando o fato de ter o inglês como seu segundo idioma (Brozek, 1981). Em 1984, foi lançada outra revista científica, *Teorie e Modelli*, na qual Brozek integrou o Comitê Científico. Em 1988, ele publicou nela um artigo sobre os desenvolvimentos recentes da historiografia no Brasil, algo que demonstra a articulação entre diferentes tradições psicológicas por meio dos periódicos.

No caso espanhol, Brozek relatou (1997, p. 426) ter conversado com Helio Carpintero e José Maria Peiró em 1979 sobre o lançamento do novo periódico, do qual estes dois últimos se tornaram diretores. Ele também manifestou seu apoio por meio de uma publicação no JHBS, em conjunto com Ramón León, na qual celebrou a *Revista de Historia de la Psicología* como uma manifestação do crescimento e diversificação da História da Psicologia na Espanha e desejou sucesso para a publicação, que continua em circulação até a data deste estudo (Brozek; León, 1980, p. 394-395). Ao longo dos anos, Brozek se manteve no Conselho Editorial da revista, além de publicar alguns textos nela.⁹⁴ Em 2010, seis anos após sua morte, Brozek continuava a ser um dos autores estrangeiros com o maior número de publicações no periódico (Carpintero *et al.*, 2010, p. 281).

⁹³ Na Alemanha, a revista que Brozek integrou o Conselho Consultivo foi a *Archiv für Psychologie*. Em 1984, ele acompanhou a fundação do “*Geschichte der Psychologie - Nachrichtenblatt deutschsprachiger Psychologen*”, periódico que em tradução livre seria “História da Psicologia - Boletim dos Psicólogos de Língua Alemã”. Brozek esteve na sua lista de distribuição inicial. Cf. AUHP, Acervo Josef Brozek, caixa 01, doc 6, 1984, s.p.

⁹⁴ Como não se constitui objetivo desta dissertação analisar especificamente os trabalhos de Brozek em relação ao periódico espanhol, não entrarei em maiores detalhes, mas em Brozek - “*From a multiphasic to a monophasic profile: a bibliographic addendum, 1983-1997*” (1997, p. 433-434) - há uma lista das publicações em espanhol e na *Revista*. Além disso, Brozek integrou o Comitê Editorial da *Revista*. Cf. AUHP, Acervo Josef Brozek, caixa 01, doc. 10, 1985, p. 45.

3.4.3 - A Cheiron europeia - 1982

Vimos anteriormente que a fundação da Cheiron - *The International Society for the History of Behavioral and Social Sciences* - deu-se no decorrer do Seminário de Verão de 1968, após um jantar em que Julian Jaynes sugeriu, animadamente, uma organização que continuasse o trabalho do que vinha sendo realizado. Os participantes aderiram à proposta, embora não sem preocupações: em que medida a Sociedade não entraria em conflito com a recém-criada Divisão 26 da APA? Todavia, os próprios organizadores da divisão, como Brozek e Watson, concordaram que a sociedade seria benéfica para a História da Psicologia, justamente por incorporar membros de outros países e disciplinas de outras áreas (Scarborough, 2004). No mesmo ano, John Sullivan organizou uma reunião inaugural em Nova York e, junto com Mary Henle e Jaynes, constituiu o comitê do programa da Sociedade. Essa instituição, logo na segunda reunião, em 1970, na cidade de Akron, passou a ser denominada de Cheiron, em homenagem à figura mitológica grega do centauro, notável pela sua sabedoria e inteligência.

A organização, que realiza encontros até o presente, vivenciou notável sucesso e expansão após esses acontecimentos. Entretanto, o crescimento da História da Psicologia europeia na década de 80 e as dificuldades econômicas envolvendo viagens internacionais, com o encarecimento do preço das passagens aéreas, criaram um cenário propício para a formulação de uma organização própria na Europa. Segundo Brozek (1983, p. 298), a situação anterior dificultava a participação dos mais jovens, público para o qual a participação nas reuniões teria uma “importância crucial”. Em 1981, ele conversou com o professor holandês Hans Rappard, da Universidade Livre de Amsterdã, sobre a criação de uma filial europeia da Cheiron durante uma visita a Cambridge, Massachusetts. Rappard acolheu a ideia e organizou o simpósio científico no qual a Cheiron Europeia foi fundada, em 1982, na capital holandesa. O primeiro comitê da organização contou com vários membros que já haviam colaborado com Brozek: Helio Carpintero, Nino Dazzi, Horst Gundlach, Ingemar Nilsson e o próprio Rappard.⁹⁵

Sua experiência prévia na institucionalização da História da Psicologia nos Estados Unidos e na fundação do periódico JHBS permitiu que Brozek compartilhasse sua experiência na organização de revistas científicas e sociedades de História da Psicologia em outros países, destacando-se como um elemento-chave na constituição da área como um campo autônomo

⁹⁵ Cf. *The Cheiron European Newsletter* (TCEN), v. 1, n. 1, p. 5, 1982. AUHP, Acervo Josef Brozek, caixa 03, doc. 02, 1982.

de pesquisas também em outras nações. Assim, mais do que noticiar sobre a situação internacional, Brozek atuou como mediador científico da História da Psicologia de maneira transnacional, interligando diferentes contextos. Ele contribuiu para a constituição do campo não como uma extensão do que era feito nos Estados Unidos, mas de acordo com as características e evoluções locais, que assumiram novas configurações e significados próprios. Ele acompanhava regularmente os desenvolvimentos da Psicologia nos países por meio da literatura publicada, trazendo-a, muitas das vezes, nos periódicos estadunidenses. Seu reconhecimento foi referendado não só pelos autores com os quais trabalhou conjuntamente, mas também pelas traduções de seus trabalhos, principalmente suas resenhas (Brozek, 1997, p. 416).

Outras iniciativas somaram-se às suas nas conexões internacionais. Um exemplo disso é a revista canadense *German Journal of Psychology*, fundada em 1977, que passou a cobrir a literatura psicológica produzida na Alemanha. Essas iniciativas ganharam ainda mais relevância devido à queda significativa na cobertura de publicações alemãs pela APA na década de 1980 (Brozek, 1997). Adicionalmente, o historiador estadunidense da psicologia, William Woodward, da Universidade de New Hampshire, realizou pesquisas na Universidade de Heidelberg, na Alemanha, com uma bolsa de estudos Alexander von Humboldt, sob a supervisão do professor Carl-Friedrich Graumann entre 1981 e 1982. Dessa forma, o objetivo não é sugerir que Brozek foi o único a realizar tais interações, mas sim aprofundar a análise da atuação de um indivíduo específico nas práticas científicas. Isso permite revelar aspectos mais gerais por meio de um exame detalhado das suas contribuições e estratégias, oferecendo um olhar mais preciso sobre seu impacto no campo.

3.5. A atuação dentro dos Estados Unidos na década de 1980

O percurso europeu de pesquisa de Brozek continuou a se expandir ao longo das próximas décadas, como veremos a seguir. Entretanto, ele manteve seus projetos e atividades também nos Estados Unidos, país onde residia desde 1939. Apesar de ter se aposentado do cargo de professor pesquisador em Lehigh em 1979, Brozek retornou à universidade em 1982, desta vez como professor adjunto - uma posição parcial e não permanente, geralmente sob contratos temporários e voltada para convites pontuais de docência. Essa função garantiu a Brozek maior flexibilidade, especialmente considerando suas frequentes viagens internacionais.

Desde a década anterior, Brozek havia se envolvido na publicação de um projeto colaborativo para comemorar o centenário da nomeação de David Jayne Hill (1850-1932) como presidente da Universidade de Bucknell, na Pensilvânia.⁹⁶ Hill foi um dos primeiros a receber o título de “Professor de Psicologia”, em substituição à denominação de “Filosofia Mental”. O livro *Explorations in the History of Psychology in the United States* (1984), que demorou cerca de dez anos para ser publicado, foi organizado por Brozek como uma coleção de monografias, documentando a origem da Psicologia acadêmica nos Estados Unidos, laboratórios pioneiros e a transição da “velha para a nova Psicologia” (Brozek, 1984b, p. 28).

A obra veio como uma resposta a um quebra-cabeças científico: o pouco espaço nas revistas especializadas para pequenas monografias, mas que também são inviáveis comercialmente para a edição na forma de livros (Brozek, 1997, 1999a).⁹⁷ Dessa forma, o livro traz uma coleção de seis monografias organizadas da seguinte forma: Rand Evans escreveu sobre “As Origens da Psicologia Acadêmica Estadunidense”, James Blight sobre “A Teoria da Mente de Jonathan Edward: suas aplicações e implicações”, Brozek trouxe um capítulo biográfico de “David Hill: entre a velha e a nova psicologia”, William Woodward escreveu acerca da “Psicologia da Vontade de William James: seu impacto revolucionário na psicologia dos Estados Unidos”, John Popplestone e Marion McPherson redigiram sobre “Laboratórios Pioneiros de Psicologia em Ambientes Clínicos” e Michael Sokal fez o capítulo de “James McKeen Cattell e a Psicologia dos Estados Unidos nos Anos 1920”. O livro foi resenhado por diferentes autores em três prestigiados periódicos: Carl Porter Duncan⁹⁸ no *The American Journal of Psychology* (1985), Kurt Danziger no *ISIS* (1985) e Richard Littman no *JHBS* (1986). As resenhas foram favoráveis, reforçando o ponto de Brozek sobre o espaço limitado para a publicação de monografias e o estudo mais aprofundado de temas específicos.

3.5.1 - A expansão dos programas de pós-graduação em História da Psicologia nos EUA

Como discutido no capítulo anterior, os Seminários de Verão, organizados em 1968 e 1971, focaram no ensino universitário de História da Psicologia. Após sua realização, e em parte graças a eles, houve um aumento substancial dos programas de pós-graduação na área, além de um incremento nas disciplinas ofertadas na graduação. Durante o primeiro seminário, foram analisados cursos já existentes em algumas instituições, como as Universidades de

⁹⁶ Na época, ela se chamava Universidade de Lewisburg.

⁹⁷ Um trecho do prefácio do livro se encontra o Boletim Informativo da Cheiron europeia. Cf. TCEN, v. 2, n. 1. AUHP, Acervo Josef Brozek, caixa 03, doc. 4, 1984, p. 8.

⁹⁸ Sempre assinava textos como C. P. D.

Case Western Reserve, New Hampshire, Cornell, Princeton e o ensino de graduação em West Virginia Wesleyan (Brozek; Watson; Ross, 1969, p. 309). No caso da Case Western Reserve, o curso abordava a História das Ciências de maneira geral, sem foco exclusivo na Psicologia. O primeiro programa de doutoramento em História da Psicologia surgiu entre 1966 e 67, em New Hampshire, cidade onde o primeiro seminário transcorreu. O responsável pela sua efetivação foi Robert Watson, que, inicialmente, havia sido enviado pela APA para o credenciamento do programa, mas acabou sendo recrutado no ano seguinte, em 1967 (Scarborough, 2004). Alguns dos primeiros estudantes do programa e/ou participantes dos seminários tornaram-se reconhecidos historiadores da Psicologia, como Barbara Ross, Elizabeth Scarborough, Michael Sokal e William Woodward, alguns dos quais Brozek publicou em conjunto. O programa realçava especialmente as práticas e experiências de ensino, algo presente desde os momentos iniciais da formação do campo de História da Psicologia.

Posteriormente, na década de 1970, a pós-graduação em História da Psicologia se expandiu, incluindo outros países, a exemplo da Universidade de Carleton em Ottawa, no Canadá. Essas experiências eram compartilhadas nas reuniões da Cheiron, como forma de estimular a continuidade da expansão dos programas.

[...] ou em nossas reuniões de negócios da Cheiron, que frequentemente servem como veículos não apenas para as transações esperadas, mas também para o compartilhamento de experiências. (A propósito, eu diria àqueles que não são membros da Cheiron que poderiam pensar que a reunião de negócios é um item do programa que deveria ser cortado a todo custo. Eles estariam errados! Historiografia, se não história, é feita ali!).⁹⁹

As disciplinas históricas atraíam matrículas mesmo de alunos que não fossem se especializar na área, que também apresentavam seus trabalhos em reuniões da Cheiron e da APA. Outras universidades dos Estados Unidos que iniciaram seus próprios cursos de História da Psicologia foram Lehigh, Maine, Massachusetts, Chicago e a Universidade Estadual de Nova York em Fredonia.

A expansão da História da Psicologia ocorreu também na graduação. Perlman e McCann (1999) mapearam cerca de 400 catálogos de graduação em Psicologia nos Estados Unidos desde 1961, identificando um crescimento substancial do tópico “História e Sistemas de Psicologia” nos cursos ao redor do país, refletindo as mudanças científicas e institucionais.

⁹⁹ “or at our Cheiron business meetings which frequently serve as vehicles not only for the expected transactions but also for sharing of experiences. (In passing I might say to those who are not members of Cheiron, that they might judge the business meeting to be one item in the program to be cut at all costs. They would be wrong! Historiography, if not history, is made there!)” (Watson, 1975, p. 12, tradução nossa).

Nas maiores instituições, conhecidas como *Doctoral Universities*, ou seja, aquelas que oferecem o doutorado, 82% incluíram disciplinas relacionadas à “História e Sistemas de Psicologia”. Os autores ainda mencionaram que a APA, na Conferência Nacional de 1991, recomendou que os currículos de graduação integrassem uma base de conhecimento alargada, representando a diversidade da disciplina.

A partir da década de 1970, observa-se não apenas o aumento na produção em História da Psicologia, mas também uma virada crítica, distanciando-se tanto de concepções unitárias sobre a ciência quanto de abordagens laudatórias de psicólogos. As análises históricas dessa nova fase passaram a considerar de forma mais veemente fatores extradisciplinares no desenvolvimento das teorias científicas, conectando a Psicologia a outros domínios da sociedade e da cultura. Nesse período, as pesquisas sobre grupos historicamente excluídos da sociedade passaram a ganhar força, embora suas participações e contestações dentro da História da Psicologia remontem a períodos anteriores (Hilgard; Leary; McGuire, 1991). Tudo isso compôs o movimento de situar a Psicologia fora de um saber único sobre o ser humano, ao reconhecer sua diversidade teórica e as influências históricas e culturais em seu desenvolvimento.

Em reflexão sobre o desenvolvimento da História da Psicologia nas últimas décadas, Vaughn-Blount *et al.* endossaram a tese de que o assunto beneficia todos os psicólogos, ao ponderar acerca dos objetos psicológicos ao longo da história e ampliar o entendimento sobre o ser humano. As autoras, ecoando a concepção de outros pesquisadores, acreditam que a História da Psicologia confere coerência ao campo, dada a diversidade de vertentes. Apesar disso, na década de 2000, ainda havia professores não especializados na área ministrando a disciplina de História da Psicologia. Outro problema constatado foi a posição periférica que essa disciplina ocupava dentro da Psicologia, pois, para elas, o contato com a história da disciplina deveria se dar em todas as etapas da formação. O grupo também defendeu a importância da análise histórica de tradições intelectuais e grupos marginalizados ao longo do tempo (Vaughn-Blount *et al.*, 2009).

3.5.2 - Contato e estímulo aos jovens pesquisadores

Ao longo da vida, Brozek foi um entusiasta na formação de novos pesquisadores em História da Psicologia. Isso se manifestou na parceria com antigos estudantes que se tornaram seus colegas de profissão, como Woodward e Sokal, que escreveram capítulos em livros

organizados por Brozek.¹⁰⁰ Mais de uma vez em seus textos, ele mencionou a nova geração com contentamento: “Meus contatos, em ambos os continentes e por correspondência, com a geração mais jovem e recente de psico-historiadores de língua alemã foram extraordinariamente interessantes e estimulantes para mim. Espero que eles, com o tempo, também se reflitam em publicações”.¹⁰¹ Uma iniciativa institucional se deu com a concessão de bolsas, com recursos advindos da venda de parte de sua biblioteca pessoal, para que pesquisadores pudessem ir a Akron pesquisar nos arquivos de História da Psicologia. O primeiro a participar desse programa foi Hoskovec, em 1985, seguido por Lothar Sprung (Woodward, 2004).

Na década de 90, ele reverenciou a iniciativa da fundação de um periódico feita por jovens estudantes de Psicologia na República Tcheca, após sua separação da Eslováquia. Ele contribuiu com artigos para esse jornal fundado pelos discentes (PROPSY), os quais contemplaram desde o estudo de Psicologia em Praga nos anos 30 até a história do ensino de Psicologia no Brasil, contextualizando a situação político-econômica do país americano para os tchecos (Brozek, 1997). Isso mostra não apenas o estímulo para as pesquisas na área de História da Psicologia, mas também a inter-relação entre diferentes tradições culturais e científicas, possibilitando diálogos e conexões.

3.6 - Seminários e eventos ao longo da década de 80

Assim como na década anterior, os anos 80 se caracterizaram por pesquisas e trabalhos diversos, que variaram desde propostas internacionais para definir metas para a humanidade até estudos sobre comportamento. Em 1981 e 1982, Brozek participou de reuniões internacionais sediadas na capital espanhola, Madri, com o intuito de definir metas para a humanidade, conhecido como *Nuevas Metas*. Posteriormente, em 1983, ele editou os anais de um simpósio internacional sobre Desnutrição em Comportamento em Lausanne, na Suíça, organizado pela Fundação Nestlé. Outra tarefa se materializou na organização do livro *Malnutrition and human behavior: experimental, clinical and community studies* (1985). No entanto, sua atuação foi mais uma vez preponderante na História da Psicologia.

¹⁰⁰ Exemplos estão presentes nos livros: Brozek; Pongratz (1980); Brozek, 1984b; Brozek; Massimi, 1998.

¹⁰¹ “Meine Kontakte, auf beiden Kontinenten und durch Post, mit der jüngeren und jüngsten Generation deutschsprechender Psychohistoriker sind für mich ausserordentlich interessant und anregend gewesen. Ich hoffe dass sie, mit Zeit, ihre Widerspiegelung auch im Druck finden werden”. AUHP, Acervo Josef Brozek, caixa 01, doc. 7, 1984, s.p., tradução nossa.

Em 1985, ocorreu o Simpósio Internacional Hermann Ebbinghaus no Instituto de História da Psicologia Moderna em Passau, na Alemanha, entre 30 de maio e 02 de junho. O programa contou com apresentações de membros dos Estados Unidos, dentre eles John Popplestone, de Akron, falando sobre o legado dos estudos de memória em aparatos e metodologias, Marion McPherson apresentou sobre a influência do método de combinação na psicometria, ao passo que Brozek discorreu acerca da "primeira repercussão da obra 'Sobre a Memória' na psicologia americana."¹⁰² Nos anais, Brozek publicou um trabalho denominado "Ebbinghaus na América: sua sorte - boa e ruim" (Brozek, 1998, p. 13). No mesmo ano, Brozek passou um mês em Valência, na Espanha, colaborando no projeto sobre os primeiros periódicos em Psicologia dos Estados Unidos.¹⁰³

No ano acadêmico de 1986 a 1987, Brozek foi professor visitante no Instituto de Passau, sob coordenação de Werner Traxel (1924-2009). Nesse período, ele organizou o Simpósio Internacional Gustav Theodor Fechner, de 12 a 14 de junho, cujas atas foram publicadas por Brozek e Gundlach em 1988. Esse simpósio marcou uma celebração do centésimo aniversário da morte de Fechner (1801-1887), homenageado pelas práticas experimentais e pelos estudos em psicofísica. O seminário contou com a presença do brasileiro Antônio Gomes Penna, um dos responsáveis pela intermediação de Brozek com o Brasil, como veremos nos próximos capítulos. Em agosto de 1987, foi a vez de Brozek apresentar um estudo na Conferência em Praga sobre "J. E. Purkinje na Ciência e na Cultura", tema que estudava desde a década de 1960. O título do trabalho, em conjunto com Hoskovec, foi "Purkinje - o Desconhecido", tendo como base as anotações de suas aulas sobre a psicologia empírica e fisiológica na Universidade de Breslau entre 1827 e 1842. Essa apresentação consta no livro de 1987 que Brozek e Hoskovec organizaram.

Ainda em 1987, foi estabelecido o Grupo de Trabalho Alemão¹⁰⁴ em História da Psicologia, que promoveu sua primeira reunião em 1988, noticiada com entusiasmo por Brozek (1990, p. 99; 1998, p. 14). Esse GT fazia parte da Sociedade Alemã de Psicologia, da qual Brozek era membro. Ao longo dos anos, ele participou de algumas das reuniões desse grupo, como a de 1994, na qual apresentou novamente sobre Purkinje. No final da década, formou-se a Sociedade Espanhola de História da Psicologia, cujo primeiro simpósio aconteceu em Madri, no ano de 1988, também noticiado por Brozek (1998, p. 16).

¹⁰² O programa se encontra no periódico alemão *Geschichte der Psychologie*, v. 2, n. 5, p. 4-6, 1985 - AUHP, Acervo Josef Brozek, caixa 01, doc. 9, 1985.

¹⁰³ Os autores também trabalharam com periódicos britânicos, a exemplo do texto *English Psychology in the Journal Mind*, s.d. AHUP, Acervo Josef Brozek, caixa 06, doc. 21.

¹⁰⁴ Ver *Aufruf zur Mitarbeit - Fachtagung für Geschichte der Psychologie* - AUHP, Acervo Josef Brozek, caixa 02, doc. 39, 1988, p. 106-107.

Na década de 90, Brozek prosseguiu com suas atuações internacionais, sobretudo na Alemanha e na Tchecoslováquia.¹⁰⁵ Em 1991, em mais um simpósio realizado em Passau, Brozek e Hoskovec apresentaram sobre a relação de Purkinje com a psicologia. Em 1992, no 38º Congresso da Sociedade Alemã de Psicologia, ocorrido em Tréveris, os dois psicólogos discorreram sobre a Psicologia na Tchecoslováquia após o fim do regime comunista com a Revolução de Veludo, em 1989. Esse tema ocupou boa parte dos interesses de Brozek nessa década, que relatou suas descobertas também durante sua visita ao Brasil (*in* Campos, 2008, p. 62-64). No início dos anos 90, a Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos e da Tchecoslováquia financiaram visitas de Brozek às instituições psicológicas do país, que relatou um impacto negativo das décadas de dominação do Partido Comunista Tcheco, ao perseguir cientistas que não estivessem totalmente alinhados ao regime, o que prejudicou o andamento das pesquisas. No decorrer dos anos, Brozek e Hoskovec¹⁰⁶ continuaram acompanhando as vicissitudes da Psicologia no país, descrevendo as mudanças nos currículos acadêmicos, como a extensão do curso de 4 para 5 anos, assim como a fundação de novas instituições psicológicas.¹⁰⁷ Os autores também redigiram um capítulo no volume alemão intitulado “História Ilustrada da Psicologia”, de 1993. Em 1996, a convite da Universidade de Ljubljana, Brozek visitou a Eslovênia em mais uma parceria com Hoskovec.

Nessa mesma época, a atenção de Brozek se voltou para outro país que acompanharemos mais de perto: o Brasil. Sua porta de entrada foi a tradução de seu trabalho experimental “Nutrição, desnutrição e comportamento”, publicado no periódico *Cadernos de Pesquisa* em 1979. A partir daí, seus estudos e atuações em História da Psicologia ganharam destaque. Antes de explorar esse caso particular, no entanto, voltaremos nossa atenção para a situação da Psicologia no Brasil, considerando seu peculiar desenvolvimento e os diversos atores históricos envolvidos no processo.

¹⁰⁵ A partir de 1993, a Tchecoslováquia se desmembrou na República Tcheca e Eslováquia. Brozek continuou acompanhando sobretudo a primeira.

¹⁰⁶ (1990, 1993a, 1993b, 1995a, 1995b, 1997, 1998).

¹⁰⁷ Outros trabalhos foram apresentados em eventos internacionais, como os da Cheiron Europeia ou no 38 Congresso da Sociedade Alemã de Psicologia. Cf. Brozek, 1997, p. 422 e p. 435.

CAPÍTULO 4 - O DESENVOLVIMENTO DA PSICOLOGIA NO BRASIL

As teorias psicológicas produzidas no Brasil caracterizam-se pela originalidade e desenvolvimento próprio, relacionadas aos aspectos sócio-históricos da formação brasileira. Seu desenvolvimento não se fez pelo simples traslado das ideias, mas por apropriações de acordo com as características locais. A desvalorização da contribuição nacional para o desenvolvimento da psicologia não faz jus à sua riqueza, seja ela na versão institucional e científica ou então nos saberes psicológicos anteriores, enraizada em diferentes tradições culturais. Em outras palavras, a psicologia local, ainda que com influências de matrizes europeias e estadunidenses, adquiriu contornos próprios, moldada pelas características de uma sociedade em constante transformação. Dessa maneira, questiona-se a pretensão de universalidade epistemológica sobre o ser humano, pois deve-se levar em consideração as peculiaridades de diferentes tempos e espaços. Isso não implica cair em um relativismo cultural, mas sim dialogar diferentes tradições de conhecimento de modo a compreender tanto os aspectos gerais quanto as especificidades. Embora não seja objetivo deste trabalho percorrer os saberes psicológicos - termo empreendido para caracterizar a psicologia antes de sua era científica (último quartel do século XIX) -, recomendo as obras de Marina Massimi (1990, 2016, 2023) acerca desse assunto no contexto da história brasileira. A autora, com notável erudição e amparada por sólido aparato teórico, conceitual e metodológico, percorre a longa duração desses saberes no Brasil, mostrando como seu desenvolvimento se relaciona com as estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, o que significa levar em conta o empreendimento colonial, o contato entre diferentes povos e as violências perpetradas pela escravidão.

Ao longo do século XIX, as mudanças sociais demandaram novos conhecimentos e respostas para a problemática trazida dentro de uma sociedade em transformação, em um país recém-independente. Saúde, habitação, gerenciamento social, mas também cursos superiores, imprensa, livro e novas instituições favoreceram o desenvolvimento de novas ideias psicológicas como forma de compreender a situação social, intervir sobre os problemas e promover ajustamentos. A psicologia apareceu como objeto de estudo dentro de diversas áreas, como teologia, medicina, pedagogia e filosofia, ora em concepções metafísicas, ora na perspectiva naturalista. A preocupação girava em torno da subjetividade como propedêutica às teorias do conhecimento e do entendimento sobre o ser humano (Massimi, 1990). Nessa época, as investigações religiosas na busca de compreensão de aspectos morais, sentimentais e do mundo interior tinham destaque.

Paralelamente, entender o ser ganhou uma nova dimensão durante a afirmação do Estado. O gerenciamento da população implicava definir os papéis que os sujeitos deveriam ocupar no processo social. Assim, a psicologia se fez presente nas áreas responsáveis pela manutenção da ordem social, como a medicina e a educação. Embora seu desenvolvimento tenha ocorrido também em outros âmbitos, como na questão carcerária ou nos modos para a aculturação de indígenas, abordarei a autonomização da psicologia dentro de três áreas, em que, paulatinamente, foi adquirindo estatuto próprio: a Medicina, a Educação e a Organização para o Trabalho. Busco compreender o que se entendia como psicologia na época, alguns de seus múltiplos usos e os caminhos percorridos na experiência histórica brasileira.

Posteriormente, percorrerei alguns dos caminhos da chamada “fase universitária” da Psicologia, à qual acrescento a dimensão “institucional”, que compreende a década de 1930 até o início da de 1960, culminando na regulamentação da profissão instaurada pela Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962. Finalizo o capítulo com as vicissitudes da Psicologia após esse marco, com o incremento da formação de psicólogos e da expansão da pós-graduação no Brasil, fomentando o setor de pesquisa. O objetivo é examinar a produção psicológica brasileira e a situação que Josef Brozek encontrou no país no momento da instalação do Grupo de Trabalho em História da Psicologia, no ano de 1996, no qual ele teve um papel relevante.

Esse percurso visa historicizar o processo de constituição científica da Psicologia, entendida em seus embates e rupturas. Tem-se o objetivo, igualmente, de mostrar os esforços dos atores históricos envolvidos nesse processo, não em uma abordagem laudatória, mas articulados a práticas sociais, políticas e econômicas da história do Brasil. O resgate de nomes relevantes nesse processo não tem a finalidade de mitificá-los, mas sim reafirmar como esses sujeitos, diversos em suas posições teóricas e políticas, são parte indissociável do conhecimento e da prática científica.

4.1 - A Medicina

A organização populacional do século XIX, em franco crescimento demográfico, contou com a ingerência do Estado em diversos assuntos, a exemplo na profilaxia de doenças que assolavam o Brasil, como a febre amarela, a cólera e a varíola. Algumas patologias, como a sífilis, costumavam ser associadas a desordens mentais. Nesse sentido, a Medicina adquiriu destaque como área produtora de conhecimento e intervenção pública. Além desses males, outra preocupação se fez presente: a alienação mental, um fenômeno ligado à moral que

envolvia a população em desarranjo de suas funções intelectuais.¹⁰⁸ Dessa forma, a preocupação com fenômenos psicológicos dentro da Medicina teve início antes mesmo da constituição autônoma da Psicologia no Brasil.

Nesse contexto, o movimento higienista, uma das ramificações da área médica, teve como uma de suas subdivisões a Higiene Mental, que foi um importante *locus* da produção de pesquisas em práticas relacionadas à psicologia, com vistas à prevenção do desarranjo não apenas individual, mas também social. Ela passou a ser um setor da constituição de discursos e intervenções em problemas como marginalidade, loucura e criminalidade, uma vez que o avanço de um país passava a ser condicionado ao controle das massas, conforme os preceitos do Positivismo. Foi nesse período que foram construídos os primeiros hospícios no Brasil, como o Hospício de Pedro II, em 1852. Sua criação atendia, de um lado, a exclusão do louco e, de outro, a prevenção social da loucura (Antunes, 2007). Na virada do século XIX para o XX, esse cenário se alargou com a fundação de novos espaços e a remodelação de antigos recintos.

Nessas instituições, como no Hospício do Juqueri (SP), sob Francisco Franco da Rocha (1864-1933), os estudos sobre a loucura ajudaram a dar corpo para o fenômeno psicológico e demarcar mais nitidamente as fronteiras entre essa área e a Psiquiatria. Este médico organizou práticas psicoterápicas no estabelecimento, assim como coordenou a revista *Estatísticas e Apontamentos* (1898), que revelava tanto os preceitos teóricos quanto os casos clínicos do hospício. Nas décadas seguintes, Franco da Rocha participou da fundação da revista *Memórias do Hospital do Juqueri* (1924), sucedida por *Arquivos da Assistência Geral a Psicopatas do Estado de São Paulo* (1936). A delimitação da Psicologia também se deu no Hospital Nacional dos Alienados,¹⁰⁹ no Rio de Janeiro, sob direção de Juliano Moreira (1873-1933) e Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947), onde se instalou o provável segundo laboratório de Psicologia do Brasil (1907),¹¹⁰ comandado por Maurício Campos de Medeiros (1885-1966).

¹⁰⁸ As paixões, principal causa da alienação mental, foram associadas às causas morais da loucura no tratado do médico francês Philippe Pinel (1745-1826). Pinel definiu as paixões como “modificações desconhecidas da sensibilidade física e moral” (citado por Teixeira, 2019, p. 553).

¹⁰⁹ Anteriormente denominado Hospício D. Pedro II, criado pelo decreto nº 82 de 18 de julho de 1841 e inaugurado em 1852, foi o primeiro instituto para o tratamento de alienados, termo adotado na época. Em 1890, com a proclamação da República no ano anterior, ele se desvinculou da Santa Casa e foi para o controle federal com o nome de Hospício Nacional de Alienados. Em 1911, já sob Juliano Moreira, passou a ser chamado de Hospital Nacional de Alienados, termo que durou até 1927, quando assumiu o nome de Hospital Nacional de Psicopatas. Fonte: <http://historiaeloucura.gov.br/index.php/hospital-nacional-de-alienados>. Acesso em: 13 mar. 2024.

¹¹⁰ O primeiro teria sido o Laboratório no Pedagogium em 1906. Novamente acompanho a leitura de Antunes sobre o tema (Antunes, 2007, p. 46).

Em 1923, Gustavo Riedel (1887-1934) criou um laboratório com aparelhagem para Psicologia Experimental na Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, instituição fundada na década de 1910. No ano seguinte, em 1924, Waclaw Radecki (1887-1953) assumiu a direção desse laboratório. O fato de ser um órgão auxiliar da Medicina não impediu a produção de pesquisas científicas psicológicas, pelo contrário, foi antes um importante estímulo. O laboratório contribuiu igualmente para a formação de psicólogos e ainda teve um papel de referência em práticas psicoterápicas, ainda bastante escassas nesse momento.¹¹¹ Além disso, contou com produções relativas à organização do trabalho, divulgação científica dos resultados das pesquisas, utilização da literatura científica em Psicologia e cursos ofertados. Em 1932, o laboratório foi transformado no Instituto de Psicologia da então Universidade do Rio de Janeiro. No entanto, frente a embates entre as áreas da Psicologia e da Medicina, o Instituto foi refundado em 1937, vinculado à recém-reorganizada Universidade do Rio de Janeiro, que passou a se chamar Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), sob a direção de Jayme Grabois (1908-1990).

Além dos hospícios, a Liga Brasileira de Higiene Mental, também fundada em 1923 por Riedel, foi uma instituição que impulsionou os rumos da psicologia no Brasil. A Liga estabeleceu um laboratório e propôs gabinetes de Psicologia vinculados às clínicas psiquiátricas, embora adotasse perspectivas voltadas à eugenia e endossasse a tese de degeneração racial já nos seus anos iniciais. O Seminário Brasileiro de Psicologia e as Jornadas Brasileiras de Psicologia, organizados pela Liga, sistematizaram e difundiram pesquisas realizadas na área. Dentre os temas debatidos na Liga, estavam questões educacionais, sociais, profiláticas e relacionadas ao trabalho.

Esse desenvolvimento da Psicologia não se deu de forma homogênea, mas se definiu por diferenças regionais e no interior das próprias instituições. As ideias de Odilon Gallotti (1888-1959) no Rio de Janeiro, James Ferraz Alvim¹¹² em São Paulo e Ulisses Pernambucano (1892-1943) em Recife seguiram caminhos diferentes daqueles propostos pela higiene social da raça. Pernambucano, por exemplo, preocupou-se com a assistência aos doentes mentais, formando profissionais dedicados a esse público, incluindo uma atenção especial à educação, como evidenciado pela criação da *Escola para Anormais* (termo corrente da época). Sua visão de doença mental, oposta ao organicismo, considerava-a “resultante da dinâmica do processo

¹¹¹ Nessa questão, menciona-se o trabalho internacionalmente reconhecido de Domingos Jaguaribe (1843-1926) e seu laboratório de psicofisiologia em São Paulo. Este médico cearense se dedicou ao estudo e tratamento de casos de alcoolismo, com tratamento psicoterápico e práticas educativas nas escolas do estado (Massimi, 1990, p. 67-68).

¹¹² Não foi possível localizar a data exata do nascimento e morte de Alvim.

psicológico, considerando o sujeito como agente [...] e admitindo os fatores sociais como co-determinantes” (Antunes, 2017, p. 54).

Outro pilar no qual a psicologia encontrou espaço para expansão foi o das Teses de Doutorado nas Faculdades de Medicina, em que temas como emoções, alucinações mentais, higiene, ninfomania, sexualidade e assuntos psicossociais figuravam entre os assuntos abordados desde o século XIX.¹¹³ Um dos destaques é a tese de Henrique Roxo (1877-1969), defendida em 1900, sobre a *Duração dos Atos Psíquicos Elementares*, considerada como o primeiro trabalho de Psicologia Experimental, no qual Roxo utilizou um número expressivo de dados psicométricos para buscar correspondências entre estruturas cerebrais e atividade psíquica. No século XX, houve um aumento do rigor metodológico e a ampliação do embasamento teórico que sustentava os estudos nesse campo, como a tese de Maurício de Medeiros, *Métodos em Psicologia*, de 1907. Medeiros, que foi aluno de Georges Dumas (1866-1946) na França, fundou e dirigiu, no mesmo ano, o Laboratório de Psicologia Experimental da Clínica Psiquiátrica do Hospício Nacional, no Rio de Janeiro. Posteriormente, propôs à Universidade do Brasil a inclusão de cursos de Psicologia Normal em clínicas psiquiátricas (Pessotti, 1975).

Genserico Aragão de Souza Pinto (1888-1958) publicou, em 1914, a primeira tese fundamentada na Psicanálise dentro do Brasil, intitulada *Da Psicanálise: A Sexualidade nas Neuroses*. Antes mesmo desse trabalho, porém, as teorias psicanalíticas apareceram por meio de nomes como o dos psiquiatras Juliano Moreira e Antônio Austregésilo (1876-1960). A circulação da Psicanálise no Brasil também se fez presente no anteriormente mencionado Franco da Rocha, que desde 1918 discutia as ideias de Freud em suas aulas na Faculdade de Medicina e publicou seu opúsculo *A Doutrina de Freud* em 1919. Em 1927, este médico e professor também fundou a Sociedade Brasileira de Psicanálise. Além dele, Henrique Roxo escreveu um capítulo sobre o assunto em seu *Manual de Psiquiatria* de 1921. As ideias de Sigmund Freud (1856-1939) foram apropriadas, com ressalvas, nos limites do modelo organicista de Emil Kraepelin (1856-1926), dominante no país (Castro, 2020, p. 353).

Esses eventos sinalizam como a Psicologia, embora emaranhada na Medicina ao longo do século XIX, começou a delinear contornos próprios e desenvolver sua própria especificidade, tanto em relação aos objetos de estudo quanto aos procedimentos teórico-metodológicos. Esse processo culminaria com sua autonomização como área de pesquisa e conhecimento nas décadas iniciais do século XX.¹¹⁴ Estudos, aplicações e testes

¹¹³ Sobre esse assunto, os trabalhos de Nádia Rocha (*in* Massimi; Guedes, 2004) são bastante esclarecedores.

¹¹⁴ A regulamentação da profissão e dos cursos de formação vieram mais tarde, em 1962.

ajudaram a moldar uma prática psicológica adaptada ao cenário brasileiro, em diálogo com autores internacionais.

4.1.1 - A produção brasileira em contato com a internacional

Vimos, até aqui, alguns autores brasileiros que contribuíram para o desenvolvimento e autonomização da Psicologia. Continuaremos a ver essa produção, mas também identificar o contato de autores estrangeiros com a produção local, focando em alguns nomes representativos desse processo. Em seguida, deterei-me em dois artigos publicados na década de 1940 por pesquisadores dos Estados Unidos, com o intuito de analisar como a produção brasileira foi percebida naquele país, que começava a se consolidar como um centro hegemônico de pesquisa.

O primeiro caso é o de um estudo realizado no Pedagogium em 1913 por Plínio Olinto (1886-1956), *Fadiga intelectual em escolares*, que foi citado por Édouard Claparède. Olinto, que estudou com Henri Piéron (1881-1964) em 1921, organizou o primeiro curso de Psicologia do Trabalho, em 1936, e criou laboratórios para cursos de Psicologia Geral e Psicologia Clínica no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Isaías Pessotti (1975) atribui a ele a primeira obra que refletiu sobre a História da Psicologia brasileira, intitulada *A Psicologia Experimental no Brasil*, publicada em 1944.

Já o médico carioca Nilton Campos (1898-1963), autor de extensa obra, formou pesquisadores e trabalhou em múltiplas áreas dentro da Psicologia, como a fisiológica e a social. Ele estudou com Wolfgang Köhler (1887-1967) na Alemanha, um dos mais importantes nomes da corrente gestalista, que prefaciou sua obra *Psicologia da Vida Afetiva*, de 1930. Quando Köhler visitou o *Mackenzie College*, em São Paulo, no mesmo ano, foi Campos quem fez o discurso de boas-vindas. Posteriormente, ele substituiu Radecki no laboratório do Hospital Engenho de Dentro e, por conta da incorporação do órgão à Universidade do Brasil, Campos assumiu a cátedra de Psicologia do curso de Filosofia em 1944.¹¹⁵ Por sugestão de seu assistente, Antonio Gomes Penna (1917-2010), Campos criou e se tornou editor da revista *Boletim do Instituto de Psicologia*, cujas publicações tiveram início em 1950. Ele defendia que a Psicologia permanecesse vinculada à Medicina, temendo que sua separação resultasse na desqualificação do campo. Por conta disso, ele se posicionou de forma contrária a outros de sua área, como Emilio Mira y López (1896-1964), que defendiam a

¹¹⁵ Nota-se que Campos já havia ocupado a cadeira de Psicologia Educacional em 1939, em substituição a Lourenço Filho.

autonomização. Além do prefácio de Köhler, Nilton Campos também foi referenciado em um estudo sobre memória do psicólogo e educador John Alexander McGeoch (1897-1942), em 1930, no *Psychological Bulletin*.¹¹⁶

Temos outros casos marcantes. Um deles pode ser visto na correspondência de Helena Antipoff (1892-1974) com Édouard Claparède e Jean Piaget (1896-1980), que foi fundamental para divulgar parte da produção psicológica brasileira no exterior. Já Manuel Bergström Lourenço Filho (1897-1970) ganhou reconhecimento internacional com seus testes ABC de maturidade infantil para a aprendizagem da leitura e escrita. Em outra situação, psicólogos brasileiros, como Noemy Rudolfer (1902-1980), expandiram sua atuação para outros países, lecionando como professores-visitantes no Paraguai e no Chile, onde contribuíram para a sistematização científica da Psicologia. Radecki, por sua vez, após deixar seu cargo no laboratório da Colônia do Engenho de Dentro em 1933, passou a lecionar Psicologia Geral na Universidade de Montevideu, no Uruguai, e também realizou trabalhos na Argentina. O número cresceu ainda mais a partir da década de 1960, quando se observou uma maior presença de professores brasileiros em universidades dos Estados Unidos e de países da América Latina.

Na década de 1940, dois artigos de autores dos Estados Unidos examinaram a situação da Psicologia na América Latina e no Brasil. O primeiro deles é o *Psychology in South America* (1941), escrito pelos pesquisadores de Harvard John Gilbert Beebe-Center e Ross McFarland. O segundo, intitulado *The Present Status of Psychology in South America* (1946), teve como autora Margaret Hall, ligada ao *Bureau of Child Study* do Conselho de Educação da Universidade de Chicago. Esta pesquisadora, com o apoio do Departamento de Estado de Washington e das embaixadas americanas, passou um ano visitando dez países na América do Sul, estabelecendo contatos com os profissionais e as instituições de Psicologia, ainda que essa denominação não fosse explicitamente utilizada.

O primeiro desses textos, *Psychology in South America*, traz uma radiografia da situação desse trecho do continente, mas abordarei especificamente o que ele diz sobre a circunstância brasileira. Beebe-Center e McFarland argumentam que, assim como em outros países da América Latina, a Psicologia brasileira tendia a uma abordagem utilitarista e possuía menor independência em relação a outras disciplinas quando comparada aos Estados Unidos. Os autores atribuíram isso à influência da França e do Positivismo, o que, segundo eles,

¹¹⁶ Trata-se do artigo *Memory*, no *Psychological Bulletin* v. 27, n. 7, p. 514-563, 1930. Campos é citado junto com Radecki em seu trabalho “Pesquisas experimentais da influencia do material mnemonico esquecido sobre a associação voluntaria”, publicado no *Anais da Colônia de Psicopatas*, 1928, n. 1, p. 219-243.

enfraquecia a posição da Psicologia frente a outras áreas do conhecimento, como a Filosofia e a Sociologia. Outra consequência seria o estatuto marcadamente filosófico da área, afetando tanto o treinamento profissional quanto os métodos adotados. A descentralização da pesquisa, comum na América do Sul, era ainda mais pronunciada no caso brasileiro devido à influência francesa e ao estabelecimento tardio das universidades no país.

Beebe-Center e McFarland listaram diversos psicólogos que trabalhavam no país, como Radecki, Grabois, Campos e Lucília Tavares. Eles se basearam no *Psychological Register*, de 1932, editado por Carl Murchison, que arrolou importantes profissionais de diferentes partes do mundo, sendo que o levantamento de nomes brasileiros foi realizado por Henrique Roxo. Os autores também discutiram o desenvolvimento dos laboratórios no Brasil, como os de São Paulo e do Rio de Janeiro, e mostraram-se impressionados com o trabalho da Psicologia Experimental no Departamento Médico da Aeronáutica, dirigido pelo médico militar Ângelo Godinho dos Santos. Parte das informações obtidas no artigo veio dos próprios brasileiros, como da professora Noemy Rudolfer, citada pelos autores. Eles dedicaram ainda parte significativa do tópico sobre o Brasil a Arthur Ramos (1903-1949), detalhando sua trajetória profissional, especialmente na questão racial e antropológica.

Os autores concluíram propondo a nomeação de emissários que conectassem os conhecimentos psicológicos produzidos nas diferentes partes do mundo, sugerindo que o espanhol e o português fossem admitidos como línguas exigidas para o título de doutor, além dos já aceitos francês e do alemão. Eles também fizeram algumas recomendações, como a tradução de obras, a inclusão de periódicos sul-americanos nas bibliotecas dos Estados Unidos e a criação de instituições de pesquisa autônomas voltadas exclusivamente para a Psicologia, elementos essenciais para o intercâmbio científico.

Ao final da década de 1960, o colombiano Rubén Ardila (1969) fez um balanço da Psicologia na América Latina e revisou o artigo de Beebe-Center e McFarland, apontando os desenvolvimentos na região quase 30 anos após a publicação de *Psychology in South America*. Entre eles, podemos citar o incremento da dimensão clínica, particularmente voltada à Psicanálise, e o recente reconhecimento da Psicologia como uma área independente em vários países.

O outro desses estudos, de Margaret Hall, corroborou a avaliação de que a Psicologia como profissão independente ainda era rara na América do Sul. Seus profissionais vinham de outras áreas, majoritariamente da Medicina, da Pedagogia e da Filosofia. A autora identificou um problema de continuidade para a pesquisa e o ensino de Psicologia, devido à falta de autonomia do campo, fenômeno que trazia consequências negativas para o treinamento

profissional. Assim como Beebe-Center e McFarland, ela listou uma série de nomes de destaque da Psicologia no Brasil, como Roberto Mange, Anitta Cabral, Heloísa Marinho, Noemy Rudolfer, Helena Antipoff, Cecília de Castro Silva, Durval Marcondes e Lourenço Filho.

Hall também salientou o contato de psicólogos brasileiros com os Estados Unidos, como o treinamento que o médico e psicanalista gaúcho Décio Soares de Souza (1907-1970) realizou na Universidade de Columbia, em Nova York. A comunicação entre os dois países também se realizou através da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, financiada em parte pela Fundação Rockefeller. Nessa instituição, a pesquisadora enfatizou o papel de Donald Pierson (1900-1995) como mediador intelectual da produção estadunidense com a brasileira. Todavia, Hall observa que o acesso à literatura e à produção científica norte-americanas ainda era limitado, devido ao alto custo dos livros, à demora nas traduções e à falta de informação sobre as publicações mais recentes.

Esse artigo ainda realçou a proeminência da Psicologia no setor industrial e na orientação profissional, por conta das organizações criadas, a exemplo do IDORT (Instituto de Organização Racional do Trabalho), de 1931, e do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), de 1942. A outra área destacada foi a da formação de professores, cujos cursos frequentemente ofereciam mais disciplinas de Psicologia do que as próprias universidades. Nesse aspecto, Hall considerou a situação brasileira comparável à de instituições nos Estados Unidos. Ao final, a autora elencou uma série de problemas que comprometiam a profissionalização da Psicologia na América do Sul e sugeriu algumas soluções, enfatizando que tais mudanças deveriam surgir internamente nos países, e não a partir de intervenções externas.

O que se observa é que ambos os artigos trouxeram informações importantes da situação da Psicologia nos países da América do Sul, fazendo recomendações para que eles estreitassem laços com os Estados Unidos. Esses estudos podem ser interpretados não apenas como tentativas de mapear a situação da Psicologia na região, mas também como parte do processo de expansão científica dos Estados Unidos, majoritariamente após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Isso fica mais nítido nas críticas à vinculação do Brasil com a produção francesa e nas sugestões de estabelecimento de centros de estudos vinculados às universidades norte-americanas.

Em suma, o objetivo ao longo desses itens foi caracterizar o desenvolvimento das práticas psicológicas dentro da Medicina, importantes para a posterior autonomização da Psicologia em uma agenda própria de pesquisas e aplicações. Além disso, busquei ressaltar o

contato da produção brasileira com a de outros países, demonstrando que esse processo não se limitou à mera importação de ideias, teorias e conceitos.

4.2 - A Educação

Pudemos observar como a Psicologia encontrou solo fértil para sua expansão dentro da Medicina. Agora, examinaremos isso na Educação, outra área que capitaneou as teorias psicológicas para a sistematização da ação pedagógica. No entanto, com uma diferença fundamental: se, na Medicina, a Psicologia começou a germinar, na Educação ela se transformou em ciência matricial, revelando um franco desenvolvimento e um processo avançado de consolidação. Na primeira área, a porta foi aberta; na segunda, a Psicologia já se encontrava plenamente instalada.

Uma das vinculações entre as áreas se realizou nas Escolas Normais, fundamentalmente na segunda metade do século XIX. Nela, a psicologia se relacionou à pedagogia como conhecimento e educação das “faculdades da alma”, termo comumente adotado. Deveria-se conhecer as faculdades da inteligência, da sensibilidade e da vontade a fim de educar e direcionar o desenvolvimento humano, prática alimentada pela crença iluminista na civilização por meio da instrução, que se fez presente no Brasil ao longo do século XIX. A instrução elementar, com vistas à adaptação social, voltou-se para a organização dos diferentes grupos sociais. Dessa forma, complexificou-se os conhecimentos escolares tidos como necessários,¹¹⁷ bem como a especificidade da educação pública frente ao espaço doméstico, o que incluía seus espaços físicos e os tempos escolares (Faria Filho, 2000). Uma das facetas disso foi a discussão sobre métodos de ensino com base em metodologias científicas.

O processo educativo não se restringiu à dimensão escolar, uma vez que também se fez presente na nascente imprensa brasileira, cujo interesse pelo conhecimento do mundo íntimo do ser humano a aproximou da psicologia. Nessa nova configuração das ideias psicológicas, influenciada pelo materialismo francês, houve um deslocamento da alma para as esferas do *eu* e das faculdades mentais, enquadrando-as nos processos científicos de observação e experimentação. Em outras palavras, a subjetividade tornou-se objeto do conhecimento científico e ganhou proeminência diante dos projetos de formação nacional.

¹¹⁷ O exemplo trazido por Massimi (1990) sobre a psicologia dentro dos programas de curso, manuais, concursos e exames do Colégio Pedro II, fundado em 1838, é bem elucidativo. A autora trabalha ainda as colaborações entre conhecimentos psicológicos e pedagógicos em outras instituições, como na Escola Normal de São Paulo (1846), no Lyceu Paulistano (1849) e na Escola Americana (1870).

Além disso, teve um papel central na institucionalização da Psicologia nas escolas brasileiras, uma vez que conhecer e direcionar o aluno tornou-se uma pauta central no final do século XIX e no início do XX. Nessa época, a ascensão da Psicologia Experimental configurou uma nova particularidade da Pedagogia Científica.

Na transição do século XIX e XX, as relações entre Psicologia e Educação ganharam uma dimensão ainda mais ampla com a ascensão da República no Brasil, em 1889. As mudanças advindas com a Abolição da Escravidão, em 1888, foram importantes marcos na virada do século. O projeto de embranquecimento, ancorado nas teses do racismo científico, demarcava a hierarquia social baseada na concepção de raça, relegando os negros a posições inferiores e os preterindo no mercado de trabalho, especialmente em relação aos imigrantes brancos trazidos da Europa, considerados superiores. Dessa forma, a República iniciava sob forte tensão sociorracial e uma crescente proletarização da sociedade, devido ao aumento da urbanização e do aprofundamento do capitalismo no Brasil, com sua economia de mercado e o trabalho operário para a reprodução do capital.

Além disso, a nova forma de governo precisava construir um imaginário que a legitimasse, apoiando-se em símbolos, bandeiras, datas, nomes e heróis (Carvalho, 1989, 1990). Na esteira desse processo que sobreveio a construção da figura de Tiradentes, pois, remetendo-se ao passado brasileiro, ela tentava estabelecer uma relação de continuidade entre os anseios anteriores e a Proclamação de 1889, em um sentido quase escatológico de aspirações políticas nacionais. O ideal positivista de Auguste Comte (1798-1857) também marcou esse período dos anos iniciais da República no Brasil, com forte apelo em grupos militares e civis, envolvendo figuras como Rui Barbosa (1849-1923) e Benjamin Constant (1836-1891).

A educação, nesse contexto, também sofreu modificações, conectadas à necessidade de pensar sistemas de ensinos voltados para as massas, dado o expressivo crescimento populacional. A Reforma Benjamin Constant, iniciada em 1890, ampliou o currículo, instituiu o modelo seriado e valorizou o ideal de ensino científico, em contraposição à tendência literária.¹¹⁸ Ela também regulamentou e promoveu o Ensino Secundário, tendo como base o Ginásio Nacional. Esse é o cenário inicial de instalação, ainda que restrito, de uma escola pública, gratuita, laica e obrigatória. As metodologias de ensino também sofreram transformações, como o Método Intuitivo, o qual, dentre outros fatores, valorizava o ideal de observação em contraponto ao “formalismo da escola antiga”, nas palavras de Rui Barbosa,

¹¹⁸ A disciplina Filosofia foi transformada, nessa reforma, em Psicologia e Lógica. Posteriormente, implementou-se nas Escolas Normais as disciplinas de Psicologia e de Pedagogia.

um dos responsáveis pela divulgação do método no Brasil (citado por Silva; Machado, 2014, p. 203).

Além da Reforma Benjamin Constant, outras reformas estaduais foram empreendidas nessa mesma época, especialmente em função do Federalismo previsto na Constituição de 1891, que concedia autonomia na organização da educação pelas Secretarias do Interior. Em São Paulo, a Reforma Caetano de Campos, de 1893, expandiu-se para outras localidades e teve como uma de suas principais marcas a criação de grupos escolares, nos quais as classes eram divididas em séries de etapas sucessivas, cada uma com um professor. Um mesmo prédio poderia abrigar várias dessas classes. Essa organização também dispunha de outros funcionários responsáveis pelo andamento escolar, como porteiros e diretores. Do ponto de vista estrutural, assinala-se a presença de pátios, bibliotecas, refeitórios, locais de ginástica, reunidos sob um ideal administrativo caracterizado pela racionalização e pela concepção higienista (Veiga, 2007).

Os desafios educacionais não eram pequenos. Enfrentava-se taxas elevadas de analfabetismo, alta repetência, ausência de estrutura física, falta de materiais adequados e carecia-se de uma preparação mais efetiva dos profissionais da educação. As escolas tornaram-se palcos onde diversos desejos e aspirações se manifestavam: dos alunos, professores, famílias, direção, sociedade e governantes, sob disputas e negociações. A renovação educacional e a instauração de uma educação pública e abrangente exigiam a preparação de novos quadros, a qualificação de administradores, a adoção de reformas políticas e regulações, além da criação de uma cultura escolar que promovesse identidade por meio de valores e representações específicos da escola. Resolver esse quebra-cabeças, entre as pressões para inculcar valores desejos pelas elites dirigentes e as reivindicações das crescentes classes populares que demandavam acesso à educação, tornou-se uma tarefa primordial na montagem de um sistema escolar nesses anos iniciais da República.

Assim, a educação precisava se adequar à modernidade e aos valores científicos. Entretanto, que tipo de educação era desejada e quais seriam seus limites? Os projetos eram variados e, muitas vezes, divergentes. Manoel Bomfim (1868-1932) defendia a educação como uma forma de solucionar problemas históricos brasileiros, não apenas no plano econômico, mas também no avanço da democratização da sociedade. Este educador, médico e psicólogo rejeitava a preponderante tese da degeneração do país por conta da raça negra. O médico José Ricardo Pires de Almeida (1843-1913), por sua vez, endossava uma visão nacionalista, monarquista, conservadora e entusiasta da educação dentro do higienismo. Para ele, a educação seria um componente para instruir o homem também no componente moral e

sexual, evitando a degradação dos costumes e a libertinagem. Intelectuais como Antônio Carneiro Leão (1887-1966) defendiam uma educação limitada, voltada para a instrução profissional, pois acreditavam que os educandos poderiam tomar consciência de sua situação, pleitear melhorias e, como corolário, ocasionar distúrbios sociais. Já Antônio de Sampaio Dória (1883-1964) apoiava a instrução técnica, voltada para a organização científica do trabalho. Esse tipo de instrumentalização da educação, com o objetivo de preparar a mão de obra para a indústria,¹¹⁹ era um projeto compartilhado também entre outros setores da intelectualidade brasileira.

Nesse contexto de expansão do sistema educacional e de novos saberes sobre a criança, envolvendo também os processos de ensino-aprendizagem, podemos situar o movimento da Escola Nova. O escolanovismo, surgido no século XIX, buscava o “humano novo” a ser formado por uma educação ancorada em preceitos científicos. Sua origem é frequentemente associada à fundação da *New School* britânica em Abbotsholme, por Cecil Reddie (1858-1932), em 1889. Quase uma década depois, em 1898, Adolphe Ferrière (1879-1960) fundou o *Bureau International des Écoles Nouvelles*, com o objetivo de organizar esse movimento educacional.

A organização escolar dessa conjuntura, segundo Campos (2012), esteve sob a influência das novas ciências da educação, apresentando duas características marcantes: o indivíduo como unidade básica de análise e a classificação e distribuição dos alunos por idade ou desenvolvimento mental, procedimento gestado em laboratórios de Psicologia, com seus testes de aptidão, inteligência e personalidade. No Brasil, esse processo ganhou contornos mais nítidos no início do século XX e, na década de 1920, o escolanovismo foi a principal referência nas reformas estaduais do ensino. Essa renovação teve como um de seus marcos a criação da Associação Brasileira de Educação (ABE), fundada em 1924 e responsável pela organização das Conferências Nacionais de Educação. Nomes como Lourenço Filho, Fernando de Azevedo (1894-1974) e Anísio Teixeira (1900-1971) figuraram entre os educadores de destaque na cena pública.¹²⁰ O *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, de

¹¹⁹ O conceito de indústria mobilizado pelos intelectuais da época vai além do ambiente das fábricas e do trabalho, como lembra Mirian Warde. Ele diz respeito a uma atividade humana controlada, algo fundamentado pela psicologia da época. Para esse objetivo de formar um novo ser humano, de acordo com os valores vigentes, a educação adquiriu especial importância. Ver prefácio desta autora para a obra de Marta Carvalho - *Molde Nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1998.

¹²⁰ No interior do próprio movimento escolanovista há divergências entre seus membros e uma pluralidade de posições, como os de Paschoal Lemme e Edgar Süsskind de Mendonça. Não é objetivo deste trabalho adentrar esse assunto com a profundidade que ele merece, mas indico alguns trabalhos, como os de Carvalho (1989) e Brandão (1999).

1932, pode ser visto como um dos símbolos do intenso debate educacional que permeou essa época.

Todo esse movimento foi alvo de contendas entre diferentes grupos. Os católicos, por exemplo, exerceram pressão contrária aos reformadores escolanovistas, disputando visões educacionais e poder político, que pode ser visto na fundação da Liga Eleitoral Católica (LEC) em 1933. Longe de ser um embate desinteressado, estava em jogo a organização social brasileira e a formação nacional por meio da educação, a partir de uma proposta centralizadora iniciada com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, em 1930. Além disso, grupos socialistas também pautaram a discussão educacional, criticando os grupos dominantes e o sistema capitalista. Essas disputas resvalaram na própria Psicologia. Alceu Amoroso Lima (1893-1983), por exemplo, insurgiu-se contra ela no artigo *O Instituto Oficial de Psychologia*, em 1932, publicado na revista *A Ordem*, dos católicos. Lima não poupou Radecki de severas críticas, identificando no trabalho do polonês a ascensão de uma Psicologia naturalista que, segundo ele, era repudiada pela maioria dos brasileiros.

Na dimensão institucional, o Pedagogium, no Rio de Janeiro, criado em 1890 com o objetivo de ser um museu pedagógico e um centro de pesquisas educacionais, sediou aquele que é provavelmente o primeiro laboratório de Psicologia Experimental do país, em 1906, sob idealização de Alfred Binet (1857-1911), destacado psicólogo parisiense, e Manoel Bomfim, profissional que dirigiu esse órgão. Algumas das pesquisas desse laboratório foram divulgadas na revista *Educação e Pediatria*, articulando instituições de âmbitos variados. Outros exemplos incluem o laboratório de Psicologia Experimental da Escola Normal de São Paulo, fundado em 1912, com o empenho de Clemente Quaglio (1872-1948) e sob a direção de Ugo Pizzoli (1862-1934) a partir de 1914; o Instituto de Psicologia de Pernambuco, em 1925, por Ulisses Pernambucano, e a Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, que contava com seu próprio laboratório de Psicologia, coordenado por Helena Antipoff a partir de 1929. Esses institutos foram responsáveis, entre outras atividades, pela revisão e aplicação de testes psicológicos e pedagógicos, pelo avanço da psicometria, pela seleção e organização de alunos, além da preocupação com a educação de pessoas com deficiência. Os laboratórios estavam associados às Escolas Normais, que formaram muitos profissionais da Psicologia e incentivaram a publicação das primeiras obras específicas do ramo (Antunes, 2017).¹²¹

¹²¹ Temos o *Compêndio de Pedologia* (1911) de Clemente Quaglio, citado por Claparède em 1915; *Noções de Psicologia* (1916) de Manoel Bomfim e a *Psicologia* (1920) de Antonio de Sampaio Dória. Outros autores são elencados por Samuel Pfromm Netto (1982, p. 160).

Esses institutos foram fundamentais também para a circulação dos conhecimentos psicológicos produzidos em outros locais, promovendo o intercâmbio e a colaboração com eminentes psicólogos da época, como Édouard Claparède, Léon Walther (1889-1963) e Théodore Simon (1873-1961), que foram a Belo Horizonte, onde ministraram cursos. Estes dois últimos, em conjunto com Antipoff, compuseram a comissão contratada por Francisco Campos (1891-1968), Secretário do Interior de Minas Gerais, para implementar a Escola de Aperfeiçoamento da cidade, em 1929. Além da presença desses intelectuais, a tradução de obras de psicólogos estrangeiros, como na coleção organizada por Lourenço Filho - *Biblioteca de Educação* - e os estudos desenvolvidos por brasileiros na Europa e nos Estados Unidos colocaram o Brasil em sintonia com a produção internacional.

Apesar de algumas iniciativas estaduais terem inserido a disciplina antes de 1928, foi nesse ano que a Psicologia se tornou obrigatória nos currículos dos cursos normais. Além dos laboratórios, as experiências práticas conduzidas em sala de aula conferiram contornos mais nítidos a essa ciência no solo brasileiro. O cenário educacional nas décadas iniciais da República, portanto, é revelador da presença da Psicologia como ciência base da Pedagogia. Aquela deveria fornecer substrato objetivo para esta, de forma a ser a sustentação científica do processo educativo, o que demonstra o status alcançado pela Psicologia no Brasil. A preocupação não se restringia apenas à expansão do ensino, mas também à sua qualidade e vinculação a procedimentos científicos, visando à modernização de técnicas e métodos. Buscava-se depurar qualquer carga metafísica ou especulativa, fundamentando-se em “bases positivas” dentro dos ideais dominantes de ciência, especialmente o Positivismo e o Pragmatismo.

A produção psicológica dessa época é indicativa também da própria História da Educação brasileira, com os dados psicossociais levantados, a organização educacional e a materialidade das práticas dos agentes escolares na estruturação do sistema público de ensino. Defendo que as ideias dos pensadores sejam encarnadas nas suas práticas sociais, culturais e dos lugares institucionais ocupados, o que permite ver aquilo que Carvalho (2007, p. 344) denomina da “zona de interseção entre o projetado e o instituído”. A Educação e a Psicologia se entrelaçaram uma na outra, muito por conta dessa relação próxima que as duas áreas desenvolveram na edificação da educação escolar republicana.

Pode-se, assim, rejeitar algumas ideias, como a de que o Brasil estava atrasado em relação ao cenário internacional ou então que apenas importava teorias estabelecidas em outros países. Da mesma forma, a Psicologia não pode ser reduzida à ideia de controle, adaptação e sujeição: embora tais práticas tenham ocorrido, houve também ações de natureza

diversa, como as de Recife e Belo Horizonte. O caso de Antipoff e seu conceito de “inteligência civilizada” revela a preocupação não apenas com fatores determinados pelo nascimento, mas pelo acesso aos instrumentos culturais desenvolvidos pela civilização. Tornava-se fundamental, então, analisar fatores sociais, o caráter, a ação pedagógica e as práticas culturais no ambiente de desenvolvimento da criança. Os testes, portanto, revelariam mais as condições de educação das crianças do que suas capacidades inatas.

A complexidade do desenvolvimento teórico, científico e institucional das ciências deve compreender não apenas os discursos dominantes, mas também as ações que se contrapõem a essa perspectiva. Como já afirmado, diferentes correntes circulam dentro de um mesmo domínio do conhecimento, disputando entre si qual explicação será paradigmática, nos termos de Thomas Kuhn (2013). Perceber esses movimentos elucidam as possibilidades de mudança e as “anomalias” na organização científica. Trata-se, certamente, de um cenário mais complexo, que tenta percorrer os diferentes caminhos pelos quais determinada teoria atravessa e se desenvolve. É uma preocupação histórica perceber essas construções ao longo do tempo, de maneira que determinado quadro não seja visto como inexorável, mas como fruto de diferentes possibilidades em curso dentro de um mesmo momento.

4.3 - A Organização do Trabalho

Com o crescimento e complexificação da sociedade no século XIX, a Medicina Social foi uma das áreas a intervir na gestão populacional, ao definir comportamentos aceitos e aqueles que seriam considerados patológicos. Dentro desse preceito de organização da população, o trabalho tornou-se uma das preocupações centrais, especialmente diante da industrialização que o Brasil vivenciou nas primeiras décadas do século XX. Assim, essa esfera seria privilegiada para a ingerência, acreditando-se que, por meio do trabalho, seria possível combater desvios sociais.

Para entender o papel da Psicologia nesse setor, é necessário examinar a organização trabalhista brasileira nesse período. As ideias anarcossindicalistas, marcadamente nas duas primeiras décadas, fortaleceram-se frente ao crescimento de sindicatos, publicações operárias, manifestações e ações coordenadas. Com o triunfo da Revolução Russa, em 1917, e o advento da União Soviética, em 1922, o ideário comunista ganhou força no Brasil, como na fundação do Partido Comunista Brasileiro neste mesmo ano. As lutas em torno dos direitos trabalhistas intensificaram-se nesse período, a exemplo da conquista do direito às férias em 1925. Dessa

forma, a futura Consolidação das Leis Trabalhistas, em 1943, relaciona-se muito mais a esse contexto de pressões e demandas dos trabalhadores do que a uma benesse do Estado.

Uma das respostas do empresariado, temeroso diante dessa expansão proletária em solo brasileiro, foi a de definir métodos calcados em valores científicos não só para selecionar e controlar o processo produtivo, mas também como forma de intervenção nas organizações de trabalhadores e promoção de ajustamentos sociais, a exemplo da repressão a espaços de lazer como forma de dissolver laços sociais. A ciência era tomada como um bastião de neutralidade para dissuadir determinados comportamentos, sob o signo de um dito saber científico, estaria acima de questionamentos e lutas sociais. Uma das ciências apropriadas para esses fins foi a própria Psicologia, com a crença de que ela poderia contribuir para a intervenção em problemas e na modernização social do país.

Na década de 1920, iniciaram-se as aplicações da Psicologia à esfera do trabalho, com vistas à melhor organização, racionalização do processo produtivo e melhoria da eficiência. Pode-se mencionar a seleção de alunos, por meio da psicotécnica, para o Curso de Mecânica Prática no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, sob Roberto Mange (1885-1955). Na década de 1930, com o avançar do fenômeno, houve a fundação do Instituto de Organização Racional do Trabalho, posteriormente designado como IDORT, bem como outras organizações, como o Conselho de Higiene e Segurança do Trabalho e o Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional. Mange ainda organizou e dirigiu o SENAI a partir de 1942, onde contratou profissionais da Psicologia (Lourenço Filho, 1955).

Os movimentos dos testes, sobretudo a partir da década de 1920,¹²² proporcionaram um novo impulso aos estudos psicológicos, por meio de conferências, livros, traduções ou intercâmbios científicos. No caso de brasileiros indo para o exterior, Isaías Alves (1888-1968) frequentou o *Teachers College* da Universidade de Columbia. No sentido inverso, o psicólogo francês Henri Piéron, que substituiu Alfred Binet no Laboratório de Psicologia da Universidade Sorbonne, veio diversas vezes ao Brasil, onde ministrou cursos de Psicotécnica e realizou conferências. Entre seus discípulos, encontravam-se Lourenço Filho e Noemy Rudolfer.

Esse movimento foi determinante na incorporação da Psicologia à gestão do mundo trabalhista. Internacionalmente, os testes ganharam impulso por conta de sua utilização nos Estados Unidos, dentro da Primeira Guerra Mundial. Os *Army Mental Tests*, que envolveram nomes como Robert Yerkes, Walter Scott e Walter Bingham, tiveram como principal função o

¹²² Tem-se os casos de Helena Antipoff em Belo Horizonte, Isaías Alves na Bahia, Ulisses Pernambucano no Recife, Lourenço Filho em São Paulo e no Distrito Federal, para citar alguns.

recrutamento de soldados que fossem mais bem adaptados aos postos necessários na guerra. Para isso, eles mapearam habilidades mentais com o intuito de fazer a seleção. Mesmo após a guerra, essas experiências continuaram a ser aplicadas na seleção de mão de obra, sobretudo na indústria e nos ambientes de trabalho. No Brasil, a produção teórica de Radecki e seus cursos atraíram membros do Exército brasileiro,¹²³ que não apenas assistiram a suas aulas, mas também desenvolveram pesquisas no laboratório do Engenho de Dentro com o objetivo de selecionar aviadores.

Os testes se disseminaram para as áreas educacional, do comércio e da indústria, buscando racionalizar o processo de produção e administrar a economia e a sociedade brasileiras com base em preceitos científicos. A obra pioneira de Medeiros e Albuquerque, intitulada *Tests: introdução ao estudo dos meios científicos de julgar a intelligencia e a applicação dos alumnos* (1924), embora tenha se concentrado na situação educacional, também abordou a aplicação para as outras áreas mencionadas. Isaías Alves, em *Teste individual de intelligencia* (1927) e *Os testes e a reorganização escolar* (1930), associou a guerra à criação de testes coletivos de inteligência, com repercussões nas atividades profissionais, nos saberes pesquisados e na produção econômica. Segundo Alves, uma das vantagens dos testes seria a possibilidade de retirar a carga subjetiva inevitavelmente presente nas avaliações. Posteriormente, outras organizações e serviços de orientação, a exemplo do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP),¹²⁴ concentraram parte significativa das pesquisas psicológicas experimentais, em paralelo com as universidades. Em São Paulo, o Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da USP (Universidade de São Paulo) manteve um setor de Psicologia Aplicada desde 1946, sob Raul de Moraes (Netto, 1982).

O que se percebe são as múltiplas atuações e relações existentes no desenvolvimento da Psicologia no Brasil, como nos campos da educação, do trabalho e da clínica. Embora dotados de forte preocupação científica, muitas vezes os testes não contemplavam uma análise dos processos sociais de segregação e pobreza, endossando uma perspectiva ligada a critérios de nascimento e aptidões individuais. Trata-se de um processo multifacetado, pois ao mesmo tempo que a Psicologia foi utilizada como seleção, orientação e sustentáculo do discurso

¹²³ Foram eles: o capitão Ubirajara da Rocha e os tenentes Arauld Bretas e Alberto Moore, todos médicos (Centofanti, 1982, p. 186).

¹²⁴ Segundo texto do próprio ISOP, ele “foi criado em 8 de agosto de 1947 com o propósito de proporcionar ao ensino, à administração, à indústria e ao comércio os mais modernos e eficazes recursos de psicologia aplicada. Em 1981 sua denominação mudou para Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais, mantendo-se contudo a sigla ISOP. Foi extinto em 29 de maio de 1990.” <https://repositorio.fgv.br/communities/37c0cdb5-1163-41cc-9503-e2dd10ff672f>. Acesso em: 17 abr. 2024.

dominante, desenvolviam-se de outro lado seus métodos, técnicas de pesquisa e difusão de seu conhecimento, sendo apropriada por diferentes grupos que rejeitavam essa perspectiva do controle. É o que Campos (2008, p. 31) argumenta sobre, em cada domínio do conhecimento, haver diversas teorias em disputa na explicação dos fenômenos que pretende estudar. Tem-se uma diferença significativa com os já citados casos de Helena Antipoff em Belo Horizonte e de Ulisses Pernambucano em Recife, cujas apropriações da Psicologia não possuíam um sentido da sujeição. Cabe aos historiadores, portanto, permanecerem atentos a disputas e às diversas correntes que circulam em uma mesma época.

4.4 - A fase “universitária” e o avanço da institucionalização

Nos anos 1930, a Psicologia já apresentava sinais bem marcados de sua autonomia como campo de pesquisa. Isso não quer dizer, no entanto, que ela havia se emancipado totalmente das outras áreas, conforme diagnosticado por Beebe-Center e McFarland (1941). No Brasil, ainda não havia uma formação específica em Psicologia, embora a mobilização para que isso ocorresse tenha se acentuado gradualmente nesse período. Vejamos uma síntese dessa fase.

4.4.1 - A Psicologia e as universidades

No Brasil da década de 1930, mudanças significativas transcorreram em várias esferas. Entre elas, pode-se citar o avanço da industrialização, a promulgação de leis trabalhistas, a ascensão de Vargas com o movimento que foi denominado Revolução de 1930, além do avanço da urbanização e do aumento demográfico. Desde a década anterior, militares tenentistas e grupos da classe média ligados a esse cenário de maior dinamismo e intelectuais de matrizes diversas participaram de protestos e formularam projetos para aquilo que seria uma nova proposta de país, ligada à identidade nacional.

A educação foi uma das pautas que ganhou força, com o empenho de montar um sistema nacional centralizado e unificado. Alguns desdobramentos disso foram a criação do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, em 1930, rebatizado Ministério da Educação e Saúde em 1937; do Departamento Nacional de Ensino (1930); e do Conselho Nacional de Educação (1931). Anísio Teixeira foi nomeado diretor de Instrução Pública do Rio de Janeiro, de 1931 a 1935, gestão responsável pela criação do Instituto de Pesquisas Educacionais (1933) e pela organização dos Institutos de Educação. Durante o primeiro

governo de Vargas (1930-1945), alguns intelectuais que participaram de reformas ou que elaboraram projetos no período anterior ocuparam mais uma vez postos administrativos vinculados ao poder, a exemplo de Fernando de Azevedo na Direção Geral da Instrução Pública de São Paulo, durante os anos iniciais da década de 1930.

Ainda nesse período, por meio do Decreto 19.851, de 11 de abril de 1931,¹²⁵ a administração do ensino superior foi centralizada, estabelecendo-se padrões para as instituições de ensino desse nível e favorecendo o regime universitário. Anteriormente, as únicas universidades brasileiras eram a do Rio de Janeiro, de 1920, e a de Minas Gerais, criada em 1927. Na década seguinte, passaram a integrar o rol as universidades do Rio Grande do Sul, em 1934, mesmo ano da criação da Universidade de São Paulo (USP), uma variante do modelo federal. A Universidade do Rio de Janeiro foi rebatizada de Universidade do Brasil em 1937, ao passo que a Universidade do Distrito Federal, criada por Anísio Teixeira em 1935, durou apenas até 1939. No setor privado, surgiram as Faculdades Católicas no início da década de 1940, embriões da futura Pontifícia Universidade Católica (PUC).

Nesse caminho dessa expansão educacional e da criação de departamentos e cadeiras de Psicologia é que se pode entender o que Annita Cabral (1911-1991) chamou de “fase universitária da Psicologia” (Cabral, 1950, p. 49).¹²⁶ Entre as décadas de 1930 a 1960, ela cresceu também dentro de sociedades, congressos, órgãos de pesquisa, periódicos, associações especializadas e setores de aplicação. Por conta disso, acrescento à chamada era universitária o “período institucional”.

No ano de 1931, Manuel Bergström Lourenço Filho fundou o Serviço de Psicologia Aplicada em São Paulo, pertencente à Diretoria Geral do Ensino. Para o Serviço de Assistência Técnica, este psicólogo paulista escalou Noemy Silveira Rudolfer para ocupar a chefia do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA). Após a transferência de Lourenço Filho para o Rio de Janeiro, Noemy ocupou a cátedra de Psicologia Aplicada à Educação no Curso de Aperfeiçoamento de Professores do Instituto Pedagógico Caetano de Campos, transformado em Instituto de Educação em 1933. No ano seguinte, este instituto foi incorporado à

¹²⁵ O decreto foi referente ao ensino superior no Brasil. No seu texto, diz-se: “Dispõe que o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferencia, ao systema universitario, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados, e que a organização technica e administrativa das universidades é instituida no presente Decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras.” Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 30 set. 2024.

¹²⁶ Lourenço Filho em *A Psicologia no Brasil* (1955, p. 96-99) demonstra como a Psicologia, presente até então basicamente no currículo das escolas normais, avançou na década de 30 para os cursos de aperfeiçoamento, para os Institutos de Educação e para as faculdades e universidades. Este autor especifica algumas das cadeiras e subdivisões presentes.

recém-criada Universidade de São Paulo e, em 1938, foi extinto para a criação da seção de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras desta mesma universidade (Monarcha, 2009). A incorporação dos Institutos de Educação às universidades foi uma tendência observada a partir da década de 1930, época em que cadeiras de Psicologia, como a de Psicologia Educacional, passaram a aparecer nas universidades.¹²⁷ A consolidação desse campo no Brasil entrou em uma nova fase, caracterizada por dois desdobramentos: o crescimento no meio universitário e o avanço da Psicologia Aplicada.

Com o surgimento das faculdades de Filosofia, Ciências e Letras na expansão universitária a partir dos anos 1930 e com a Lei Orgânica do Ensino Normal, de 1946, a presença da Psicologia nos currículos continuou a fomentar seu desenvolvimento no Brasil. Em diferentes matrizes, ela figurava nos cursos de Filosofia, Pedagogia, Administração, Jornalismo, Educação Física, Sociologia, Direito e Medicina. Nos Institutos de Educação, a presença da Psicologia da Criança e da Aprendizagem ocupava um lugar de destaque. Além dessas organizações, as clínicas psicológicas infantis e as instituições especializadas, como as Sociedades Pestalozzi e o ISOP foram eixos em torno dos quais a Psicologia completou seu processo de expansão.

Na administração de Anísio Teixeira como Secretário de Educação no Rio de Janeiro, de 1931 a 1935, a Escola Normal se transformou no Instituto de Educação (1932), onde eram oferecidos cursos para profissionais de educação, além de testes e medidas escolares, comandados por Isaías Alves. O Instituto de Educação do Rio Janeiro,¹²⁸ por sua vez, foi incorporado à Universidade do Distrito Federal, em 1935, mesmo ano em que ela foi fundada. O ensino de Psicologia Educacional ficou a cargo de Lourenço Filho, ao passo que o serviço de testes foi incorporado depois ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP),¹²⁹ do qual foi diretor em 1938. Os estudos feitos no setor de Ortofrenia, comandado por Arthur Ramos, integraram-se a esse departamento. O INEP constituiu-se de um centro de pesquisas e conhecimento para a Psicologia, seja pela *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, publicada desde 1944, ou pelos Centro Brasileiro de Pesquisa Educacional nos anos 1950, incluindo suas divisões regionais. As pesquisas sobre o desenvolvimento mental de crianças e

¹²⁷ A formação de professores para o ensino secundário, desde o Estatuto de 1931 (Decreto nº 19.890), dava-se na colaboração entre os institutos especializados e a seção de Pedagogia vinculada às Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras a partir de 1939. Após a Reforma Universitária de 1968, apareceram os centros, departamentos ou faculdades de Educação (Cunha *in* Lopes; Faria Filho; Veiga, 2000, p. 203).

¹²⁸ Esses institutos visavam a produção de ciências da educação, estimulando a especialização dos docentes e a publicação de trabalhos. *Cf.* Vidal; Rabelo, 2019.

¹²⁹ Inicialmente, o órgão, criado em 1937, foi denominado Instituto Nacional de Pedagogia. Já em 1938, ele foi reestruturado e passou a se chamar Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Em 1972, o INEP passou a se chamar Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Em 2001, o nome de Anísio Teixeira passou a constar oficialmente no nome do instituto.

adolescentes serviram como base para a seleção e orientação profissional de outros órgãos (Lourenço Filho, 1950).

Nessa fase, conforme observa Annita Cabral (1950), a Psicologia se deslocou da consciência para o comportamento. Ainda que com aproximações do modelo estadunidense, a tradição franco-genebrina mantinha grande influência no pensamento brasileiro, o que pode ser observado na tradução realizada por Lourenço Filho de autores como Claparède, Piéron, Wallon e Binet. Essa dupla influência de tradições francesas e americanas foi uma marca da Psicologia nesse período de 1930 a 1960, algo que pode ser vislumbrado também no âmbito universitário paulista. No caso francês, professores como Jean Maugué (1904-1990), Roger Bastide (1898-1974) e Claude Lévi-Strauss (1908-2009) compuseram o grupo de estrangeiros ligados à USP. Na tradição americana, Otto Klineberg (1889-1992), psicólogo canadense que atuava nos Estados Unidos, trabalhou na Faculdade de Filosofia dessa mesma universidade. Já a Escola Livre de Sociologia e Política, polo privado de ensino superior, teve a presença do sociólogo Donald Pierson (1900-1995). A partir da década de 1930, porém, cresceu a preponderância dos autores americanos na bibliografia de diferentes obras e instituições.

Todavia, diferentemente do que disse Cabral (1950, p. 66), o Brasil não foi simplesmente um consumidor imparcial dessa ciência, pois também se destacou como produtor, absorvendo e desenvolvendo diversas correntes, como evidenciam os trabalhos originais de aplicação de testes. Além disso, a partir da década de 1940, professores brasileiros começaram a ocupar o lugar dos estrangeiros nas universidades. É importante ressaltar que o desenvolvimento da Psicologia no país não se restringiu às universidades, uma vez que abrangeu igualmente outros institutos, como o IDORT, fundado em 1931, a Fundação Getúlio Vargas (FGV), criada em 1944, e o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), instituído em 1938, que contava com procedimentos de Psicologia Aplicada para recrutar funcionários públicos federais.

As mulheres desempenharam um papel fundamental nesse desenvolvimento. Tomemos como exemplo a própria Annita Cabral, que analisou a trajetória do movimento psicológico no Brasil em um artigo que integraria o livro organizado por George Kisker, *World Psychology*, mas que acabou não sendo publicado. Esta autora foi aluna de Kurt Koffka (1886-1941) e de Max Wertheimer (1880-1943) nos Estados Unidos e foi orientada por Roger Bastide em São Paulo, onde obteve seu doutorado, passando a ocupar a cátedra de Psicologia no curso de Filosofia. Na UFMG, Helena Antipoff foi a primeira ocupante da cadeira de Psicologia Educacional.

Podemos citar novamente o exemplo de Noemy Silveira Rudolfer, que recebeu uma bolsa de estudos no *Teachers College*, na Universidade de Columbia, trabalhou com Lourenço Filho tanto na Escola Normal Caetano de Campos, nos anos 20, quanto na Diretoria-Geral do Ensino de São Paulo no início da década seguinte. Noemy dirigiu o Serviço de Psicologia Aplicada, que se tornaria o Laboratório de Psicologia Educacional, e, posteriormente, foi professora dessa disciplina no Instituto de Educação da USP. Com a extinção do Instituto, ela ocupou a cadeira de Psicologia Educacional na universidade. Suas áreas de trabalho envolveram ramos variados, como os da aprendizagem, do desenvolvimento da personalidade, da Psicologia da Criança e da Adolescência e da Psicologia Individual.

Outros nomes importantes incluem Heloísa Marinho e Ofélia Cardoso no Rio de Janeiro; Graciema Pacheco e Ida Silveira no Rio Grande do Sul; Simone Bensabath na Bahia; Anita Barreto no Recife, Betti Katzenstein e Aniela Ginsberg em São Paulo, além de muitas outras, de várias nacionalidades.¹³⁰ Apesar disso, Cabral (1950, p. 59) assinala que os compêndios sobre o tema, ainda que de grande qualidade teórica, eram predominantemente de autoria masculina.

As pressões para a constituição da Psicologia como uma área universitária autônoma ganharam força ao longo dos anos. Uma das críticas era que a vinculação a uma seção majoritariamente filosófica fazia com que os estudos científico-experimentais ficassem em segundo plano. Outro problema se dava no número diminuto de cátedras do assunto, insuficientes para contemplar uma gama maior de temas. Além disso, os programas dependiam em demasia das decisões do professor catedrático, o que dificultava a instalação de um sistema contínuo de pesquisas.

Uma preocupação recorrente da Psicologia era afirmar seu estatuto científico. A autonomização recém-conquistada e os embates com outras áreas, como a Psiquiatria, trouxeram a necessidade de referendar seu valor científico na sociedade, sobretudo em uma era, a partir dos anos 1920, que adotava um discurso de modernização. A falta de regulamentação e de uma formação específica fragilizava sua posição em relação a áreas já consolidadas, como a Medicina. Assim, o processo de institucionalização se conectou aos esforços de buscar validação acadêmica e científica, uma maneira da área delimitar sua posição dentro das práticas sociais e políticas que envolvem o campo científico.

¹³⁰ Aproveito para indicar o capítulo de Mitsuko Antunes na obra de Massimi e Guedes (2004), no qual a professora e pesquisadora indica vários outros nomes que não foram citados nesta dissertação, além de obras e periódicos sobre a Psicologia.

4.4.2 - As institucionalizações

A institucionalização foi uma das formas de aglutinar os esforços em torno de um estatuto próprio para a Psicologia no Brasil. Um marco importante foi a criação, em 1945, da Sociedade de Psicologia de São Paulo,¹³¹ que contou com a colaboração do psicólogo social Otto Klineberg, convidado dos Estados Unidos para atuar no estado de São Paulo entre 1945 e 1947. Como mostram Costa e Yamamoto (2017), Klineberg ajudou a trazer para o Brasil a noção de sociedades científicas, a partir de sua experiência na *American Psychological Association*. Idealizada por Annita Cabral, a Sociedade de Psicologia de São Paulo se envolveu na delimitação das grades curriculares dos primeiros cursos para a formação de psicólogos e fundou, em 1949, o *Boletim de Psicologia*, revista científica pioneira na divulgação do conhecimento psicológico no país. Outra instituição, a Associação Brasileira de Psicólogos, foi fundada em 1954.

Diversos outros periódicos surgiram nesse período de consolidação da Psicologia no Brasil, como os *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* (ABP), locus de produção do conhecimento psicológico, e a *Revista de Psicologia Normal e Patológica*, de 1955, ligada à PUC-SP. A circulação de saberes psicológicos, por outro lado, não começou apenas com revistas especializadas na área. Ainda que não consagradas exclusivamente à Psicologia, outras publicações trouxeram, mesmo em anos anteriores, relevantes estudos e pesquisas da área, como o *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, da USP; a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, criada pelo INEP, e os *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, publicação da Liga Brasileira de Higiene Mental.¹³²

A ausência de regulamentação da profissão levou com que alguns profissionais se voltassem ao autodidatismo ou aprendessem de forma empírica no próprio emprego. A formação de psicotécnicos para a indústria e o comércio têm um ponto marcante a partir de 1947 no ISOP, dirigido pelo espanhol Emilio Mira y López, onde também foram realizadas importantes pesquisas de caráter mais pragmático, especialmente na área de personalidade. Ele criou ainda a Associação Brasileira de Psicotécnica, em 1949, foi redator-chefe dos *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*,¹³³ ministrou cursos em várias instituições brasileiras e

¹³¹ Essa sociedade teve como seu primeiro diretor Roberto Mange.

¹³² Um importante trabalho desse assunto é o *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil*, lançado em 2011 e organizado por Ana Maria Jacó-Vilela, com colaborações e coordenações de outros pesquisadores. O trabalho foi parte do projeto do Conselho Federal de Psicologia chamado *Memória da Psicologia Brasileira*.

¹³³ Em 1968 o periódico passou a se chamar *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada* e a partir de 1979 foi renomeado *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, ligado à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

possui uma vasta obra teórica. No Brasil, Mira y López participou ativamente da regulamentação da profissão.

Em Minas Gerais, Pedro Parafita de Bessa (1923-2002) planejou, em parceria com Mira y López, o Serviço de Orientação e Seleção Profissional (SOSP), em 1949, vinculado ao ISOP. Ele também teve atuação destacada em outras esferas, como na fundação da Sociedade Mineira de Psicologia, em 1957, e na implementação dos cursos de Psicologia no estado. Na década seguinte, Bessa prestou consultorias nacionais para o currículo desses cursos após a Lei 4.119/62, que dispôs sobre a regulamentação da formação em Psicologia e da profissão de psicólogo (Júnior *et al*, 2022). Outra figura proeminente nesse mesmo estado foi o holandês Reinier Rozestraten (1924-2008), que contribuiu para a consolidação desse campo por meio de seus trabalhos nas áreas de experimentos, psicofísica, trânsito e na docência. A trajetória profissional de Rozestraten se estendeu ainda para outros estados, a exemplo de São Paulo, onde participou da fundação da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, em 1971.¹³⁴

Na década de 1950, os congressos e seminários envolvendo a Psicologia ganharam espaço. Em 1953, realizou-se o I Congresso Brasileiro de Psicologia, em Curitiba, no Paraná; em 1955, no Rio de Janeiro, ocorreu o I Seminário Latino-americano de Psicotécnica; e, em 1959, a Sociedade Interamericana de Psicologia (SIP) promoveu seu VI Congresso.¹³⁵ Ainda nessa década, foram criados cursos e disciplinas de Psicologia Clínica, como no caso da USP, assim como cursos de graduação em Psicologia, a exemplo das diversas Pontifícias Universidades Católicas (Miranda e Santos, 2022).

A criação do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ambos em 1951, com a distribuição da primeira bolsa para pesquisa em Psicologia, assim como a inclusão da Psicologia nas reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), sinalizaram o avanço ocorrido nesta década (Antunes, 1997). Essas sociedades e institutos científicos propiciaram novos trabalhos e debates na área através de publicações, seminários e encontros de psicólogos de diferentes abordagens e matrizes teóricas.

¹³⁴ Em 1991, a instituição foi sucedida pela Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP). Desde 2005, para atender a preceitos da legislação, adotou a terminologia de “Associação Brasileira de Psicologia”, embora tenha mantido o uso de SBP em eventos e publicações. *Cf.* Jacó-Vilela, 2011.

¹³⁵ A SIP foi fundada em 1951 na Cidade do México, influenciando o desenvolvimento da Psicologia na América Latina. Ela foi responsável pela organização do primeiro Congresso Interamericano de Psicologia em 1953, em Santo Domingo, na República Dominicana. Em 1967, essa instituição fundou a *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology*, ainda em circulação. A SIP é reconhecida por ter sido importante promotora da produção psicológica de língua inglesa na América Latina. *Cf.* Klappenbach & Pavesi *in* BROZEK; MASSIMI, 1998, p. 199.

Por fim, os Conselhos Regionais e Federal de Psicologia, criados pela Lei 5.766, de 20 de dezembro de 1971, simbolizam a culminância desse processo, os quais, dentre outras funções, faziam o credenciamento e a supervisão da prática profissional. Na mesma década, o aumento de trabalhos de Psicologia apresentados nas reuniões da SBPC e a criação da Academia Paulista de Psicologia, sob Carlos Del Nero (1924-2010), em 1979, estimularam pesquisas em torno do assunto, que passou a incluir com mais destaque suas dimensões históricas.

4.5 - A regulamentação da profissão e a pesquisa universitária

A Lei Número 4.119, de 27 de agosto de 1962, constitui um ponto de referência para a Psicologia no Brasil, uma vez que dispôs sobre os cursos de formação na área e regulamentou a profissão de psicólogo. Como vimos de maneira panorâmica, antes de sua promulgação já se dava um intenso movimento de luta, envolvendo diversas figuras como Mira y López. Em 1953, A Associação Brasileira de Psicotécnica, sob seu comando, entregou ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) um memorial e um anteprojeto relativo ao assunto. No ano de 1957, o Parecer nº 412 da Comissão de Ensino Superior do MEC deu início ao processo legislativo. Dentre as instituições ouvidas nessa conjuntura, estiveram as psicotécnicas e as universitárias. Portanto, acompanho Miranda e Santos (2022) no argumento de que as condições científico-profissionais já se encontravam presentes para a promulgação da referida legislação.

A partir da década de 1960,¹³⁶ as universidades brasileiras passaram por um processo de modernização, caracterizado pela expansão do ensino superior e pela Reforma Universitária de 1968. A Ditadura Militar, em 1968, sob os Acordos MEC-USAID,¹³⁷ iniciou o programa de reforma do ensino superior, baseado no modelo estadunidense, ou seja, do sistema de departamentos substituindo o de cátedras. Esse processo foi alavancado pelo contexto político do Brasil, que, sob a Ditadura Militar (1964-1985), sustentava a crença de

¹³⁶ A partir deste parágrafo e em alguns seguintes, Campos e Leopoldino (2024 - no prelo) discutiram aspectos similares sobre a Psicologia e a expansão universitária brasileira. Os textos sofreram modificações, com discussões de novos assuntos e supressão de outros.

¹³⁷ O grupo HISTEDBR - História, Sociedade e Educação do Brasil - da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) traz uma contextualização desses acordos produzidos nos anos 1960 entre o Ministério da Educação e Cultura e a *United States Agency for International Development* (USAID), que previam assistência técnica e financiamento da educação brasileira, desde o primário até o ensino superior. O contexto era fortemente marcado pelo tecnicismo e a educação como pressuposto do desenvolvimento, na teoria do capital humano. Seu impacto foi bastante sensível na questão universitária. <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/mec-usaid>. Acesso em: 13 mar. 2024. Para isso, ver também a Lei da Reforma Universitária, nº 5.540, de 28 de novembro de 1968.

que o atraso tecnológico era responsável pelos níveis alarmantes de pobreza no país. Nesse cenário de mudanças, o Conselho Federal de Educação implementou o sistema de pós-graduação por meio do Parecer 977 (conhecido como Sucupira) no ano de 1965. Assim, acreditava-se que o desenvolvimento econômico seria alcançado por meio de investimentos maciços em ciência e tecnologia, o que justificou os aportes financeiros nas universidades. Por conta disso, essas instituições passaram a concentrar a pesquisa nacional. Por outro lado, o aumento do número de estudantes e os debates acadêmicos em torno de melhores condições - sejam para as universidades ou para a população em geral - levaram à organização de movimentos estudantis, acompanhados, no entanto, de forte repressão governamental e restrição dos direitos civis.

Nesse contexto, a profissão de psicólogo, recém-regulamentada em 1962,¹³⁸ vivenciou um crescimento expressivo tanto na graduação quanto na pós-graduação, com a abertura de cursos em ambas as modalidades. O primeiro programa *stricto sensu* no campo da Psicologia foi o mestrado em Psicologia Clínica, inaugurado pela PUC-RJ em 1966. Já em 1970, a Universidade de São Paulo lançou os cursos de mestrado em Psicologia Experimental e em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. Em 1972, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul criou o mestrado em Educação, com uma área de concentração em Psicologia Educacional. Os primeiros doutorados na área de Psicologia no Brasil surgiram na USP, em 1974, nas mesmas áreas dos mestrados mencionados. Diferentemente dos períodos anteriores, quando a pesquisa se concentrava em laboratórios e órgãos de racionalização do trabalho, agora ela passou a se desenvolver majoritariamente no ambiente universitário público.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), que havia vivenciado uma expansão na década de 60, tornou-se um órgão central no ensino superior, sobretudo a partir da década seguinte, em 1970.¹³⁹ Gozando de maior autonomia, ela implementou um sistema de avaliação dos cursos e aprovou o primeiro Plano Nacional da Pós-Graduação (PNPG 1975-1979), contribuindo para a expansão e a internacionalização desse âmbito. Assim, a CAPES foi uma das principais responsáveis pela consolidação da pesquisa universitária, fenômeno que se estendeu pelas décadas seguintes. Outras instituições relevantes foram as Associações Nacionais de Pós-Graduação (ANP) que, a partir dos anos 1970, contribuíram na articulação dos programas de pós-graduação, estabelecendo diálogos entre as universidades dentro dessa fase de crescimento. Com a abertura de novos cursos e

¹³⁸ Lei Número 4.119, de 27 de agosto de 1962.

¹³⁹ O Decreto nº 74.299, de 18 de Julho de 1974, fixou as atribuições da CAPES. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-74299-18-julho-1974>. Acesso em: 14 mar. 2024. Parte importante desse desenvolvimento da pesquisa no Brasil se deu via instituições, como a CAPES e o CNPq.

dos estudos em andamento na Psicologia, recém-regulamentada, houve uma demanda por maior reflexão sobre o que vinha sendo desenvolvido na área. Como narram Costa e Yamamoto (2016, p. 143), “a expectativa era de que a existência de uma entidade representativa de pesquisadores facilitaria a compreensão das necessidades específicas da área, além do que permitiria sua participação ativa nos momentos de decisão.” Foi nesse contexto que surgiu a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), oficializada em 1983, durante o 35º Encontro Anual da SBPC, no Pará. A proposta para sua criação partiu da própria CAPES, como forma de conectar a produção existente. Carolina Bori (1924-2004), então vice-presidente da SBPC, teve uma atuação proeminente nessa fundação.

Os simpósios da ANPEPP, organizados ainda na década de 1980, ajudaram a estruturar a comunicação entre pesquisadores e os trabalhos científicos em curso no país, essencial para o aprimoramento dos programas de pós-graduação em Psicologia. Gomes e Fradkin (2015) relatam que todos os programas de pós-graduação foram convidados a enviar professores para o primeiro encontro, em 1988, no que a maioria atendeu. A Associação decidiu pela organização em Grupos de Trabalho (GT) como forma de sistematizar os debates e consolidar os resultados.

A partir da década de 1990, a organização dos programas de pós-graduação em torno de áreas de concentração, linhas e grupos de pesquisa ganhou mais solidez (Pinheiro, 2019). Não obstante, a transição dos anos 1980 para os 1990 foi marcada pela crise econômica, o que afetou diretamente a política científica brasileira (Lima, 2009), a exemplo do fechamento da CAPES no Governo Collor (1990-1992), que seria reaberta somente no governo seguinte, de Itamar Franco (1992-1994). Isaías Pessotti (1988) traça um diagnóstico de alguns problemas enfrentados nessa fase de expansão: as tensões departamentais e conflitos de poder institucional dentro das universidades, uma vez que a Psicologia adquiriu um estatuto equivalente ao de outros campos; a dissociação entre o trabalho acadêmico e a atuação profissional aplicada; a fragmentação da categoria em subdivisões, com o aumento da demanda pelo curso e o crescimento no número de profissionais formados, resultando em maiores competições; além de possíveis lacunas na formação, especialmente nos aspectos teóricos, metodológicos e humanísticos, em um contexto de crescente tecnificação do conteúdo curricular.

No próximo capítulo, analiso os impactos dessa expansão para a História da Psicologia e os contatos de Josef Brozek com o Brasil. Para isso, acompanho suas redes científicas com o país, sobretudo nas figuras de Antonio Gomes Penna, Maria do Carmo

Guedes, Marina Massimi e Regina Helena de Freitas Campos. Da mesma maneira, busco traçar sua participação em seminários, eventos, as aulas ministradas e seu auxílio na constituição de arquivos de pesquisa, o que permite entender sua articulação com a Psicologia do país.

CAPÍTULO 5 - JOSEF BROZEK E A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL

Como se deu o contato de Josef Brozek com a História da Psicologia produzida no Brasil? De que maneira ele impactou o cenário brasileiro de pesquisa e ensino nessa área? Quais seus contatos com autores brasileiros e de que forma isso projetou a produção nacional em outros países? Tendo em vista essas questões, busco compreender as conexões entre Brozek, as relações científicas e as redes de sociabilidades desenvolvidas no país, elementos que contribuem para entender os desdobramentos da História da Psicologia tanto no Brasil quanto no cenário internacional.

5.1 - A consolidação da História da Psicologia no Brasil e sua repercussão internacional

Diante da expansão relatada, de quais maneiras a História da Psicologia foi pensada como uma área autônoma no contexto brasileiro? Diversos autores, como Plínio Olinto (1944), Annita Cabral (1950) e Lourenço Filho (1965, 1969) examinaram os caminhos percorridos pela Psicologia no Brasil. Na década de 1980, no entanto, houve uma mudança perceptível na produção psicológica do país, conforme apontado por Brozek e Massimi (1998). Em vez de seguir uma visão de progresso contínuo da ciência, passou-se a revisitar os processos variados e contraditórios que moldaram sua trajetória no país, promovendo uma reflexão crítica sobre a história e epistemologia da área. Durante esse período, os trabalhos de Antonio Gomes Penna (1978; 1981; 1987a), Samuel Pfromm Netto (1981), Rogério Centofanti (1982) e Isaías Pessotti (1988) ganharam destaque por investigarem o desenvolvimento da Psicologia no Brasil, evidenciando um interesse crescente pelas suas raízes históricas em comparação com décadas anteriores. Fruto também desse movimento de expansão são os artigos de Angelini e Agatti na *Revista Latinoamericana de Psicología*, em 1987.

Dentre as pioneiras nessa área, encontra-se Maria do Carmo Guedes (1933-), que iniciou sua carreira de professora universitária de Psicologia na PUC-SP em 1964. Trabalhando de perto com Carolina Bori e Sílvia Lane (1933-2006), Guedes foi combativa tanto no ensino quanto na pesquisa em Psicologia, em um momento pautado pela reforma universitária, pela criação de novos cursos de Psicologia e pela expansão da pós-graduação. Suas participações na SBPC e no Congresso Interamericano de Psicologia, em 1973, realizado em São Paulo, atestam seu engajamento no fortalecimento do estatuto da Psicologia como campo de pesquisa, ensino e aplicação. Nas décadas seguintes, a gestão à frente da Editora da

PUC-SP (1985-1988) e, sobretudo, da Fundação Aniela e Tadeusz Ginsberg (FATG), a partir de 1989, ajudou a impulsionar as pesquisas abrangendo o tema de História da Psicologia - desde a graduação.

No ano de 1987, o Rio de Janeiro sediou o “Seminário Nacional História da Psicologia no Brasil”, promovido por Hannes Stubbe e Miriam Langenbach, do Departamento de Psicologia da PUC-RJ, o primeiro do gênero na América Latina. O alemão Stubbe, que trabalhou como professor associado na PUC-RJ de 1983 a 1988, foi um dos autores que estabeleceu uma conexão entre a produção acadêmica brasileira e a internacional, ao estudar temas como a etiologia da doença entre os indígenas brasileiros. Em 1987, este autor publicou o livro “História da Psicologia no Brasil - as culturas indiana e afro-brasileira até a atualidade” (tradução livre).¹⁴⁰ Em 1989, durante um congresso na Alemanha, Stubbe participou de uma mesa sobre América Latina, junto com Jürgen Kagelmann e Ramón León, onde apresentou o estado da historiografia da psicologia na América Latina.¹⁴¹ Os trabalhos e participações na divisão europeia da Cheiron,¹⁴² fundada em 1982, erigiram essa ponte entre os países durante a fase de internacionalização da produção em História da Psicologia.

Stubbe relata, no noticiário recapitulando o Seminário, alguns marcos históricos da Psicologia ao longo dos séculos XIX e XX, enfatizando personalidades de destaque. Os 36 trabalhos apresentados no evento foram tematizados em 10 mesas-redondas, subdivididas nos seguintes itens:

1. 25 anos de regulamentação da profissão no Brasil, um balanço crítico;
2. História da psicologia no Brasil;
3. História da psicologia no Mundo;
4. A psicologia nos regimes totalitários;
5. A psicologia e a realidade brasileira;
6. Psicologia clínica;
7. Psicologia comunitária;
8. Psicologia da educação;
9. Psicologia e justiça;
10. Psicologia do trabalho.

¹⁴⁰ *Geschichte der Psychologie in Brasilien: von den indianischen und afrobrasilianischen Kulturen bis in die Gegenwart* o título original.

¹⁴¹ AUHP, Acervo Josef Brozek, Caixa 01, doc. 18, 1989, p. 50.

¹⁴² Atual *European Society for the History of the Human Sciences* (ESHHS). *The International Society for the History of Behavioral and Social Sciences* é o nome atual da divisão fundada nos Estados Unidos, em 1968.

Uma das recomendações foi que se realizassem dissertações e teses abordando as lutas pela regulamentação da Psicologia, por meio do uso de documentação histórica e de metodologias da História Oral, bem como estudos sobre a profissionalização dos psicólogos. Entre os vários trabalhos apresentados, destacaram-se as discussões sobre temáticas raciais, como a presença marcante de negros nos presídios brasileiros e aspectos da violência policial (Stubbe, 1988). Stubbe foi ainda um dos editores responsáveis pela fundação do *Journal of Psychology in Africa* em 1988, periódico que vinha com textos em português, francês e inglês. Este psicólogo enviou uma cópia para Josef Brozek, que se ofereceu para resenhas críticas e congratulou Stubbe pela nova revista científica, especialmente diante de uma conjuntura afetada pela crise econômica.¹⁴³

5.2 - Antonio Gomes Penna e o Seminário de História da Psicologia da América Latina

Alguns traços da biografia e dos textos de Antonio Gomes Penna lançam luz sobre a interação da Psicologia brasileira com o cenário internacional, sobre suas relações políticas e também seu contato com Josef Brozek, com quem compartilhava algumas premissas teóricas que serão abordadas mais adiante. Penna foi um dos intermediadores do contato de Brozek com a produção acadêmica brasileira, e essa relação se iniciou nos seminários internacionais de História da Psicologia, estendendo-se em eventos feitos no Brasil. A admiração de Brozek por Penna fica clara, por exemplo, na sua tentativa de produzir uma biografia deste filósofo e psicólogo brasileiro.¹⁴⁴

Antonio Gomes Penna, formado inicialmente em Economia, começou a dar aulas de Psicologia em 1944 no Instituto La-Fayette, mesmo ano em que concluiu mais uma formação, desta vez em Direito. No ano seguinte, ingressou no curso de Filosofia na então Universidade do Brasil. O ano de 1948 foi um período profissional decisivo na vida do autor: formou-se em Filosofia e iniciou um trabalho como assistente de Nilton Campos na cadeira de Psicologia da Faculdade Nacional de Filosofia. Uma das disciplinas ministradas foi a de Teorias e Sistemas Psicológicos Contemporâneos, reveladora de seus interesses pelo desenvolvimento da Psicologia.

¹⁴³ AUHP, Acervo Josef Brozek, Caixa 03, doc. 65, 1989.

¹⁴⁴ Brozek carta a Marina Massimi, 20 ago. 1998. Acervo Marina Massimi, Pasta 1. a. 001 - doc. 1.a.28. Brozek também sugeriu a Regina Helena Campos que ele poderia escrever a parte relativa a Penna no *Dicionário Biográfico*, que estava em preparação. Brozek, carta a Regina Helena Campos, 19 jul. 1999. Acervo pessoal de Regina Helena Campos.

Na década seguinte, Penna ingressou no Instituto de Psicologia, ainda trabalhando com Campos, onde se manteve até 1958, quando pediu demissão para assumir como professor de Psicologia Educacional no Instituto de Educação, fundado por Anísio Teixeira e dirigido por Lourenço Filho. Em 1950, Penna assumiu, inicialmente de forma interina, as cadeiras de Psicologia Educacional e Psicologia Geral na então Universidade do Rio de Janeiro (atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Uerj).¹⁴⁵ Foi nessa fase que Penna começou a dar cursos de Psicologia Aplicada para as Forças Armadas brasileiras, os quais se prolongaram até 1968.

Penna, em colaboração com Eliezer Schneider (1916-1998), participou da instauração do curso de Psicologia da UFRJ após a regulamentação da profissão em 1962. O curso e o departamento foram oficialmente criados dois anos mais tarde, em 1964, em meio a contendas com grupos da Psiquiatria. A direção de Penna perdurou até 1967, ano em que o Instituto de Psicologia assumiu as rédeas do curso após a extinção da Faculdade Nacional de Filosofia. A partir de 1970, no contexto da já citada expansão universitária brasileira, Penna foi um dos fundadores e atuou como chefe e coordenador da Pós-Graduação em Psicologia Aplicada do ISOP/FGV, função que exerceu até 1992. Além disso, foi procurado para ocupar a vice-direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Gama Filho, na qual foi chefe do Departamento de Psicologia e responsável pela criação do mestrado na área.

Quanto à atuação política, Penna protestou contra a perseguição ao Partido Comunista, mesmo não sendo membro, e foi um crítico da Ditadura Militar brasileira, participando da Marcha dos Cem Mil em 1968. Como professor universitário, assinou um documento contra as violências sofridas pelos estudantes e frequentemente se recusou a punir alunos por se reunirem para debates, mesmo aqueles de natureza política. Seu próprio filho, Lincoln de Abreu Penna, foi preso durante 42 dias na Ilha das Flores para interrogatório. Penna e sua esposa, a também professora universitária Marion Merlone dos Santos Penna, foram acompanhados de perto e punidos pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), órgão repressivo do regime. Nos inquéritos, uma das acusações - sem nenhum fundamento - era a de que os sistemas psicológicos da Gestalt e da Fenomenologia seriam “disfarces da doutrina marxista” (Penna, 2014, p. 13). As constantes vigilâncias dos militares ao psicólogo atravancaram algumas progressões na carreira, como para a chefia do Instituto de Psicologia da UFRJ, conseguida apenas durante um período maior de abertura do regime, em 1979, ano em que já poderia se aposentar.

¹⁴⁵ Lourenço Filho era então o professor catedrático de Psicologia Educacional. A Psicologia Geral integrava o curso de Filosofia.

Em seus quase 30 livros, muitos escritos com base em suas aulas, Penna dedicou especial atenção a aspectos introdutórios da Psicologia e de suas diferentes correntes. Seus trabalhos incluem temas de percepção, aprendizagem, motivação, emoção, cognitivismo, além de livros sobre a *História das Ideias Psicológicas* (1981) e uma *Introdução à História da Psicologia Contemporânea* (1978), nos quais me deterei com mais detalhes. Além desses temas, o autor possui uma série de volumes introdutórios aos sistemas psicológicos. No geral, Penna compartilhou com seu mestre Nilton Campos uma crítica à Psicologia que se voltava para a parte mais técnica e que não dava a devida atenção a aspectos históricos, filosóficos e culturais. Ele criticou uma formação voltada em demasia para o mercado, pois acreditava que isso negligenciava os aspectos sociais, resultando na absorção completa do psicólogo dentro do sistema econômico, sem margens para questioná-lo (Antonio Gomes Penna, 1997). Condizente com sua formação, o autor primava por reflexões éticas e epistemológicas.

No primeiro livro citado, *História das ideias psicológicas*, de 1981, Penna adotou o termo “ideias psicológicas”, que Massimi define como a designação de estudos psicológicos anteriores ao advento da psicologia considerada científica. Brozek creditou a Penna a introdução deste termo no Brasil (Campos, 2008, p. 19 e p. 69). Neste livro, dividido em três partes, Penna aborda na primeira seção suas premissas teóricas, que se aproximam das discussões de Brozek e de seu grupo sobre os fundamentos da História da Psicologia. Penna deixa claro os aspectos externalistas que envolvem a história das ciências, isto é, condições culturais, sociais e econômicas. Endossando a visão de Gaston Bachelard (1884-1962), Penna (1981, p. 17) argumenta que a epistemologia seria uma história das ciências “sempre em ato”. Além de Bachelard, ele se apoia em autores como Alexandre Koyré (1892-1964), Georges Canguilhem (1904-1995) e Michel Foucault (1926-1984) em uma visão descontínuista das ciências, que desafia a lógica de um acúmulo contínuo e linear de informações. O caráter dialético da História das Ciências se caracteriza por momentos de ruptura do saber, seguidos pela reorganização e sistematização de suas bases. Antes do corte epistemológico, há um período de acumulação, semelhante ao que Thomas Kuhn (2007) explorou com profundidade em *A Estrutura das Revoluções Científicas*, obra de referência na estruturação da divisão científica da História da Psicologia (Brozek; Watson; Ross, 1969). O conflito se faz presente na disputa das diferentes matrizes disciplinares, uma vez que, para um saber se afirmar, ele precisa remover aqueles considerados impróprios.

Um dos pontos de sua crítica é ao conceito *Zeitgeist*, ou “espírito do tempo”, por sua carga especulativa e metafísica. Nesse quesito, ele representou uma dissonância dos

historiadores da psicologia que frequentemente usavam esse termo.¹⁴⁶ A previsibilidade que o conhecimento histórico supostamente proporcionaria foi também mencionada nas análises de Michael Wertheimer (*in* Brozek; Massimi, 1998, p. 21-41), que reafirmou, ao final de seu texto, haver uma tendência a naturalizar as coisas dentro do *Zeitgeist*. Penna, por sua vez, se opôs à possibilidade de previsões na história, já que ela é marcada pelas contingências. Outro risco que este autor apontou é o de uma ciência baseada em precursores, algo que poderia mitificar os cientistas e deslocar suas ideias de forma a atender os interesses do presente. Em outras palavras, o que um precursor de fato fez nem sempre corresponde àquilo que lhe foi atribuído. No entanto, em algumas de suas obras, Penna chega a utilizar o termo “antecipações” de pensamento.¹⁴⁷

Além dos aspectos externalistas, Penna também defendeu investigar os discursos das obras sem subsumi-las aos aspectos externos. Ele se posicionou contra as concepções que reduziriam as ideias psicológicas a aspectos biológicos do comportamento humano, sobretudo por desconsiderarem circunstâncias históricas e os meios sociais. Conforme sua visão, há a captação de significados, interpretações, centro de atos e projetos, o que leva o ser humano muito além de respostas biológicas e condicionais. Levando isso em conta, deveria-se ter o cuidado de não converter regras de conduta em normas universais. Essas normas e regras precisariam ser submetidas à “descentração”, conceito que ele toma de empréstimo de Piaget, para a passagem de conhecimentos mais sofisticados no plano epistêmico ao reconhecer as diferentes perspectivas e articulá-las em um raciocínio mais complexo.

Penna desdobrou sua análise ressaltando Ignace Meyerson (1888-1983) como grande promotor da psicologia histórica com a obra *Les fonctions psychologiques et les oeuvres*, de 1948, na qual defende a análise do homem não como entidade abstrata, mas na concretude de suas ambiências sociais e materiais, visto através de outros homens também situados historicamente. Para este psicólogo francês, a variação não se verifica apenas no conteúdo, mas nas funções psicológicas em si, o que o leva a defender a historicização do homem nas

¹⁴⁶ Wertheimer, Pongratz e Boring são alguns exemplos. Já Brozek utiliza o conceito reconhecendo suas ambiguidades e limites. Ele o enxerga como metáfora de elementos culturais para a ação humana em determinado cenário e que não basta para engendrar uma explicação histórica. No caso de Pongratz, ainda que depurando a carga metafísica, não escapa totalmente a ela, como na inspiração hegeliana de uma força que leva à mudança contínua. Ver Brozek; Massimi, 1998, p. 43-45 e Brozek *in* Campos, 2008, p. 10-11.

¹⁴⁷ Isso acontece, por exemplo, no capítulo que escreveu para o livro de Brozek e Massimi (1998, p. 52) quando comenta que Ebbinghaus em seus testes de memória teria feito uma “aplicação *avant la lettre* do método fenomenológico”, bem como teria “antecipado os trabalhos de Chomsky”. Pelo menos nesse capítulo, Penna ainda comenta que a tese de Descartes acerca do caráter puramente mecânico dos animais e do corpo humano formou um silogismo que teria culminado com o advento do behaviorismo de Watson (1998, p. 50), o que seria uma visão teleológica, dado que os autores formulam suas proposições em épocas diferentes e buscando responder situações também diferentes.

análises psicológicas. Além disso, Penna utilizou uma gama variada de autores, em sua maioria franceses, que, para ele, saíam dos aspectos tradicionais ou metódicos de análises históricas e sociais, como Lucien Febvre, Marc Bloch, Henri Pirenne, Maurice Halbwachs e Norbert Elias.

As outras partes do livro são constituídas de um apanhado de autores que trabalharam conhecimentos psicológicos ao longo de suas obras, em uma perspectiva mais clássica, isto é, de iniciar pelos gregos para desembocar nos autores da tradição científica. De aspecto mais descritivo e menos analítico que a primeira seção, ele condensou uma tradição europeia das ideias psicológicas. Não há atenção, nessa obra, ao cenário brasileiro ou de como essas ideias chegaram por aqui. A terceira seção é mais reduzida quando comparada às outras duas, talvez por sua obra anterior dedicada à Psicologia Contemporânea.

Já no livro *Introdução à História da Psicologia Contemporânea*, lançado no final da década de 70, Penna trabalha em três eixos, algumas vezes mesclados entre si. O primeiro deles é o temático, no qual discute a linguagem, a aprendizagem, a percepção e a sociolinguística. O segundo refere-se às correntes psicológicas, como a Psicanálise, o Behaviorismo, a Reflexologia, a Fenomenologia e o Gestaltismo. Finalmente, o terceiro dos eixos é o de autores, como Piaget, Maslow e Freud, com pesos diferentes para cada um, sendo a Piaget que ele dedica a maior quantidade de páginas. Um aspecto relevante do livro é a apresentação das posições dos autores e dos sistemas, bem como as críticas feitas a elas.

Diferentemente da obra de 1981, ela não apresenta uma seção específica para discussão epistemológica, uma vez que ela já transcorre no interior dos eixos. Exemplo disso pode ser observado na seção que discute os testes de QI e a determinação genética, a partir do artigo de Arthur Jensen (1923-2012) publicado na *Harvard Educational Review* em 1969, que suscitou forte controvérsia ao sugerir diferenças raciais sobre bases genéticas. Penna argumenta que os testes, ao contrário do que alguns de seus autores tentaram afirmar, estão impregnados de valores culturais. De forma geral, Penna não considerava a Psicologia como uma área monolítica, mas entendia que a parte social, embora com métodos distintos, era tão científica quanto as pesquisas que empregam metodologias das ciências naturais.

Os livros de Penna chamaram a atenção de Ramón León, psicólogo peruano de quem Brozek se tornou bastante próximo. León destacou que os livros de Penna, com notável erudição e estilo, faziam parte de sua biblioteca. O contato entre esses autores foi estabelecido por volta de 1981, via cartas (Jacó-Vilela, 2010). No ano seguinte, León publicou uma resenha de *Introdução à história da psicologia contemporânea* no JHBS. Este psicólogo peruano obteve seu doutorado na Alemanha, sob orientação de Ludwig Pongratz, com quem

Brozek havia publicado *Historiography of Modern Psychology*, em 1980. Nesse livro, León escreveu capítulos junto com Brozek, referente à historiografia da psicologia alemã de 1970 a 1979, além de abordar a produção espanhola. A parceria se repetiu ainda em outras ocasiões, a exemplo do JHBS, no qual Brozek e León publicaram em conjunto duas vezes: a primeira em 1980, anunciando o novo periódico espanhol de História da Psicologia, *Revista de Historia de la Psicología*, já a segunda no ano de 1983, ao escreverem uma resenha recomendando uma obra alemã sobre a Psicologia no século XX.¹⁴⁸ Os dois também trabalharam conjuntamente na obra *Historiografia da Psicologia Moderna*, de Brozek e Massimi, que traduziu passagens do livro anterior, de 1980, adicionando novas discussões.

Pela data, León foi provavelmente um dos primeiros mediadores do contato mais próximo de Brozek com a América Latina, além de ter sido uma ponte fundamental no contato de Penna com Brozek. No que se refere ao Brasil, o primeiro contato formal de Brozek com o país se deu em 1979, por meio da tradução realizada por Maria Clotilde Rossetti Ferreira de seu texto de 1977, “Nutrição, Desnutrição e Comportamento”. A segunda parte desse trabalho foi atualizada por Brozek especialmente para a edição brasileira, cuja tradução para o português ficou a cargo de Elettra Greene. Brozek relatou que esse contato e o Congresso Internacional de Nutrição e Desenvolvimento em Lisboa, em 1983, despertou seu interesse em aprender português (Brozek, 1979b, 1997).

Em 1983, Brozek já havia reconhecido as obras de Penna no texto *Study of the History of Psychology Around the World* (Brozek, 1983, p. 344). No ano seguinte, em 1984, Penna escreveu uma resenha do livro *Historiography of Modern Psychology*, elogiando seu escopo. Em 1987, Brozek convidou Penna a participar do Simpósio Internacional sobre Gustav Theodor Fechner que ele organizou no Instituto de História da Psicologia Moderna, na Universidade de Passau, na Alemanha.¹⁴⁹ Esse contato entre o psicólogo brasileiro e o tcheco ampliou a rede internacional de pesquisadores: o colombiano Rubén Ardila e o espanhol Helio Carpintero, via Brozek, conheceram pessoalmente Penna e elogiaram seus trabalhos teóricos e sua contribuição para a História da Psicologia (Jacó-Vilela, 2010).

No livro que Brozek e Massimi lançaram no Brasil, Penna escreveu um capítulo intitulado *A presença do pensamento filosófico na psicologia contemporânea*, no qual discorreu sobre as contribuições do pensamento filosófico à psicologia. Apoiando-se em

¹⁴⁸ BROZEK, Josef; LEÓN, Ramón. New journal of the history of psychology. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 16, n. 4, p. 394-395, 1980 e BROZEK, Josef; LEÓN, Ramon. Gerhard Strube (Coordinator). *Die Psychologie des 20. Jahrhunderts* (The Psychology of the Twentieth Century). Zurich: Kindler Verlag, 1976-1979. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 19, n. 3, p. 309-311, 1983.

¹⁴⁹ TCEN, v. 5, n. 1, 1986, p. 12. AUHP, Acervo Josef Brozek, caixa 03, doc. 09, 1986 e AUHP, Acervo Josef Brozek, caixa 02, doc. 39, p. 110-111. Penna apresentou sobre “Henri Bergson e a Psicofísica de Fechner”.

Koyré e Max Wertheimer, o psicólogo brasileiro defendeu o método histórico de análise, buscando compreender as razões que levaram os autores, ao longo da história, a formular seus problemas. Para ele, não se trata de ignorar o método experimental, mas entender seus limites e buscar conciliar ambas as práticas.

(...) Ressalte-se que a capacidade de perceber novos problemas implica, efetivamente, uma nova e mais frutífera maneira de perceber o mundo. Supõe, na verdade, a afirmação de um ato de desobediência aos padrões culturais consagrados que disciplinam e limitam nossa maneira de contemplar a realidade. (...) (Penna *in* Brozek; Massimi, 1998, p. 57).

Em abril de 1988, Antonio Gomes Penna esteve à frente da organização do Primeiro Seminário de História da Psicologia da América Latina, no Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais (novo ISOP) da FGV, no Rio de Janeiro. Penna dirigia o programa de pós-graduação do ISOP, que patrocinou o seminário em conjunto com a Associação Brasileira de Psicologia e a Associação Brasileira de Psicologia Aplicada. Como presidente honorário do Seminário, encontrava-se Brozek. O Instituto da FGV, embora sofrendo redução no quadro de trabalhadores, mantinha atividades de ensino, pesquisa e publicações, como a editoração dos *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, em seu quadragésimo volume.¹⁵⁰ Nos cursos de mestrado e doutorado oferecidos pelo Instituto, observava-se a presença da disciplina de História da Psicologia como eletiva ou em domínios conexos, tanto nas áreas de concentração em Psicologia Cognitiva quanto em Psicologia Social e da Personalidade.

Nas tramitações internacionais, Brozek reportou sobre esse seminário no periódico alemão *Psychologie und Geschichte*, em 1990, destacando a presença de participantes oriundos de diversas partes do mundo e lamentando a situação econômica do Brasil, que comprometia a publicação do evento na forma de um livro. O Seminário de História da Psicologia de 1988 também foi detalhado no boletim informativo da *Cheiron*,¹⁵¹ que traz detalhes dos participantes brasileiros e estrangeiros, além das apresentações que abordaram as conexões entre a psicologia latino-americana e a europeia. Brozek, por exemplo, reuniu uma bibliografia sobre a historiografia da psicologia na América Latina e apresentou resultados de sua pesquisa empreendida em países da América Central e do Sul sobre os efeitos da desnutrição. Além do Seminário, Brozek visitou São Paulo a convite da professora Maria do Carmo Guedes.

¹⁵⁰ Os *Arquivos Brasileiros de Psicologia* foram iniciados por Mira y López em 1949.

¹⁵¹ TCEN, primavera de 1989, p. 18-20. AUHP, Acervo Josef Brozek, caixa 03, doc. 13, 1989. A partir de 1988, a Newsletter da Cheiron deixou de vir com volume e número e passou a ser editada de acordo com as estações do ano. A partir de 1993, entretanto, ela voltou a trazer esses dados. Como forma de fidelidade ao acervo arquivístico, preferi manter a catalogação original.

Os organizadores do seminário anterior, Langenbach e Stubbe, também enviaram ou apresentaram trabalhos no evento, assim como Marion Merlone dos Santos Penna, esposa de Antonio Penna.¹⁵² A psicóloga ítalo-brasileira Marina Massimi expôs suas pesquisas em andamento sobre as ideias psicológicas antes da institucionalização da Psicologia como um campo próprio. O segundo seminário, a ser realizado em São Paulo, ficou sob a incumbência de Guedes. Além disso, Stubbe e Ramón León, parceiro de quase uma década de Brozek, elaboraram uma carta aberta para seus colegas a respeito da fundação de uma filial latino-americana da *Cheiron*. A ideia, contudo, não foi para frente, como reportado pelo próprio Brozek.¹⁵³ Esse contato de pesquisadores com a produção brasileira não era exatamente uma novidade, uma vez que Brozek já havia mencionado os trabalhos de Penna e Massimi em outras publicações internacionais.¹⁵⁴

Nessas movimentações, pode-se afirmar que ocorreu um estreitamento de laços da Psicologia sob uma perspectiva transnacional. Torna-se mais complicado, a partir dessas conexões, delimitar apenas psicologias restritas a localidades sem levar em conta o processo de circulação do conhecimento que os seminários, os agentes e os periódicos propiciaram. O mesmo se aplica a outras ciências sociais e humanas. No periódico da *Cheiron* europeia, é comum encontrar índices de outras revistas científicas para divulgar o conteúdo de diversos campos do saber. Como exemplo, uma das edições traz o conteúdo da *History of Anthropology Newsletter* de 1989,¹⁵⁵ com um artigo sobre a Antropologia no México. Brozek, pelo papel desempenhado, foi uma figura ativa nesse processo.

5.3 - O contato com Marina Massimi e a expansão da década de 1990

Outro caso do contato de Brozek com pesquisadores no Brasil se deu com Marina Massimi, ítalo-brasileira que chegou ao país em 1981 e desenvolveu seu mestrado e doutorado na USP, sob orientação de Isaías Pessotti. Massimi havia se encontrado com o casal Josef e Eunice Brozek em 1980 na cidade italiana de Padova, quando fazia sua pós-graduação

¹⁵² Stubbe não pôde comparecer, mas enviou o trabalho. TCEN, primavera de 1989, p. 19. AUHP, Acervo Josef Brozek, caixa 03, doc. 13, 1989.

¹⁵³ TCEN, v. 12, n. 1, 1994, p. 13. AUHP, Acervo Josef Brozek, caixa 03, doc. 23, 1994.

¹⁵⁴ As obras de Penna foram o centro de um relato sobre os desenvolvimentos na História da Psicologia brasileira, publicado na revista italiana *Teorie e Modelli*, em 1988. Já a obra de Massimi “História da psicologia brasileira: da época colonial até 1934” esteve em uma Newsletter de 1991 da Divisão 26 da APA. Cf. Brozek in Campos, 2008, p. 67.

¹⁵⁵ TCEN, outono de 1989, p. 60. AUHP, Acervo Josef Brozek, caixa 03, doc. 14, 1989.

no programa de filosofia da ciência da Universidade de Pádova.¹⁵⁶ Como visto no capítulo 3, Brozek vinha pesquisando as origens do termo “*psychologia*”, investigando a trajetória intelectual de Marcus Marulus (1450-1524), autor da Dalmácia a quem se atribui o primeiro uso da palavra. Massimi credita a esse encontro uma ampliação das perspectivas de pesquisa em História da Psicologia, com visitas a bibliotecas e arquivos a serem examinados (Massimi, 1984). Começava aí uma longa relação de amizade e de trabalho.

Em 1991, Brozek escreveu uma resenha no *JHBS* sobre o livro de Massimi, *História da Psicologia Brasileira da Época Colonial até 1934*, publicado no ano anterior. Ele também mencionou as pesquisas de mestrado e doutorado da autora, além dos estudos de Stubbe sobre o Brasil. Em 1998, no *Sixteenth Century Journal*, Brozek escreveu sobre a obra *Navegadores, colonos, missionários na Terra de Santa Cruz*, lançada em 1997. Tem-se uma via de mão dupla do conhecimento: não apenas as produções dos centros político-culturais hegemônicos chegavam ao Brasil, mas também os conhecimentos produzidos aqui, com suas idiossincrasias, foram difundidos para outros países, contribuindo para relativizar a Psicologia como um saber universal do ser humano.

Em 1992, Brozek recebeu com entusiasmo¹⁵⁷ a proposta de Massimi para retomarem os trabalhos na obra *De Animorum Medicamentis* (DAM - Os Remédios para os Ânimos em tradução livre) do humanista Tideo Acciarini, possivelmente escrita no final do século XV, representativa das ideias psicológicas presentes em tratados ético-pedagógicos humanistas. O objetivo político desse livreto, embora não concretizado, era conquistar um lugar na corte espanhola como preceptor de um filho dos reis. Acciarini foi mestre de Marcus Marulus, o autor que, como mencionado anteriormente, teria sido o primeiro a utilizar o termo “psicologia”. Marulus já vinha sendo estudado por Brozek desde a década de 1970, tendo publicado dois trabalhos sobre ele. Em 1983, foi a vez de Massimi publicar um artigo sobre ele no periódico italiano *Storia e Critica della Psicologia* sobre o dálmata. Na nova frente de trabalho aberta, as recomendações de Brozek incluíam a transcrição do manuscrito, para o qual fez diversas contribuições ao longo do trabalho; a tradução para o inglês, tarefa que assumiu, e a preparação de uma introdução com comentários. O tom das correspondências revelava a proximidade entre os dois pesquisadores, que vinham colaborando há mais de uma década.

¹⁵⁶ O primeiro encontro, segundo Massimi (2004), ocorreu em 1978, quando cursava a graduação em Psicologia. Seu orientador da época, Sadi Marhaba, recomendou que Massimi acompanhasse Brozek nas pesquisas em arquivos.

¹⁵⁷ Brozek, Carta a Marina Massimi, 31 dez. 1992. Sala Helena Antipoff, Acervo Marina Massimi, Pasta 1. a. 001 - doc. 1.a.20. Em 1984, ele havia expressado seu desejo em continuar a trabalhar nessa tarefa em parceria com Massimi. Cf. Brozek, 1984a, p. 29.

No ano seguinte, a discussão sobre o assunto prosseguiu com o objetivo de transformar o trabalho em um livro. Massimi enviava regularmente cópias do progresso alcançado, enquanto Brozek oferecia sugestões detalhadas sobre a transcrição e incluía notas críticas relacionadas ao *De Animorum Medicamentis*.¹⁵⁸ Ao longo da década, Brozek compartilhou com Marina alguns resultados de suas interações com diferentes editoras e periódicos, buscando oportunidades para a publicação do trabalho, como na *Sixteenth Century Essays and Studies*.¹⁵⁹ Um texto sobre o DAM acabou sendo publicado em 2001, na revista italiana *Teorie e Modelli*.

Nessas comunicações, Brozek ressaltava para os editores a qualidade da pesquisa que Massimi vinha desenvolvendo, processo que teve como consequência a circulação de autores e temas de outros países em revistas científicas do mundo anglo-saxão. No final da década, Brozek expressou sua frustração pelo fato de que os trabalhos sobre Marcus Marulus não tivessem atingido uma audiência internacional mais ampla. Ele então se dispôs a traduzir um novo trabalho para o inglês, visando publicá-lo em periódicos com os quais tinha maior familiaridade, como o *History of Psychology* e o *The Journal of the History of the Behavioral Sciences*, ambos ligados à divisão 26 da APA.¹⁶⁰

As frentes de trabalho se expandiram em várias direções, como nas pesquisas etimológicas. Brozek convidou Marina, em 1993, para resenhar o trabalho de Roger Smith acerca da história da palavra “inibição”.¹⁶¹ Ele já havia preparado uma versão inglesa sobre o assunto, a pedido da *British Psychological Society*. Sua preocupação com a origem dos termos, favorecida pelas longas incursões em arquivos e pelo conhecimento de línguas, pode ser exemplificada também pela investigação conjunta com Massimi dos termos *logos e logia* em 1998.¹⁶² Pelo volume de coisas acontecendo simultaneamente, frequentemente Brozek delimitava uma ordem de importância do que ainda havia para ser feito.

Algumas características de Brozek aparecem de forma recorrente nas cartas. Primeiramente, a atenção com a conjuntura dos outros países com os quais mantinha relações. Nesse caso, Brozek advertia sobre os perigos do desemprego na América Latina. Em segundo lugar, destaca-se a afetividade com suas parcerias de pesquisa, alternando entre um tom formal e uma abordagem mais pessoal e próxima. Finalmente, sobressai-se sua disposição

¹⁵⁸ Brozek, Carta a Marina Massimi, 06 set. 1993; 23 out. 1993. Acervo Marina Massimi, Pasta 1. a. 001 - doc. 1.a.20.

¹⁵⁹ Brozek, Carta a Marina Massimi, 26 jul. 1994. Acervo Marina Massimi, Pasta 1. a. 001 - doc. 1.a.20 e Brozek, Carta a Marina Massimi, 21 jul. 1997. Acervo Marina Massimi, Pasta 1. a. 001 - doc. 1.a.18.

¹⁶⁰ Brozek, Carta a Marina Massimi, 22 dez. 1999. Acervo Marina Massimi, Pasta 1. a. 001 - doc. 1.a.19.

¹⁶¹ Brozek, Carta a Marina Massimi, 16 nov. 1993. Acervo Marina Massimi, Pasta 1. a. 001 - doc. 1.a.20.

¹⁶² Brozek, Carta a Marina Massimi, 31 jul. 1998. Acervo Marina Massimi, Pasta 1. a. 001 - doc. 1.a.28.

para aprender novos idiomas, nos quais Brozek demonstrava grande aptidão. Em carta de 07 de julho de 1993, Brozek escreveu o seguinte, em português bastante claro:

Querida Marinha,

Você tem duas coisas a fazer comigo: Rir e chorar.

(...)

Para rir: Desde algum tempo me empenho num esporte muito estranho: Leio con Você a poesia brasileira: Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Ronald de Carvalho, Carlos Drummond de Andrade são alguns de meus poetas favoritos. Que desgraça que não posso solicitar, de vez em quando, Su ajuda! [sic]¹⁶³

A proximidade com pesquisadores brasileiros pode ser vista também no já mencionado interesse de Brozek em escrever um trabalho biográfico sobre o papel de Antonio Gomes Penna na historiografia brasileira da Psicologia e sua contribuição para a institucionalização da área. Tanto Brozek quanto Massimi tiveram contato com Penna na década anterior, seja em seminários europeus ou no brasileiro. O empecilho, porém, foi que o JHBS não aceitava biografias. O reconhecimento de Brozek a esses dois pesquisadores foi reiterado em 1996, quando ele mencionou que ambos serviram como estímulo para o volume em comemoração ao aniversário da Universidade de Praga que estava preparando com Hoskovec.¹⁶⁴

O que se observa nesses trânsitos entre pesquisadores é o fortalecimento de uma rede de sociabilidade entre aqueles que estudavam a História da Psicologia em nível transnacional. Isso não se limita apenas à constituição de grupos locais, mas indica uma nova configuração que orienta as pesquisas e propõe outros problemas. Adotou-se paradigmas comuns para os pesquisadores, ao mesmo tempo que se expandiram os meios para a formação de novos pesquisadores, como visto nos seminários e simpósios, a exemplo daqueles ocorridos na Alemanha na década de 1980. O que essa rede propiciou foi a estruturação do grupo, com uma linguagem comum da prática científica, que solidificou instrumentos, conceitos e técnicas para a apropriação dos objetos de pesquisa, garantindo certa coesão interna de seus membros. Pode-se ver isso na atuação de Brozek em suas publicações compartilhadas com vários autores, tanto na área de Fisiologia Humana quanto na de História da Psicologia, sobretudo quando o assunto envolvia outros países. Nesse sentido, as pesquisas se inseriram em uma coletividade de normas e enunciados que as estruturaram e lhes deram sentido, reforçando a solidariedade intragrupo da História da Psicologia. Torna-se difícil imaginar a publicação de certas obras, como as resenhas de Brozek ou o trabalho de Marina Massimi

¹⁶³ Brozek, Carta a Marina Massimi, 07 jul. 1993. Acervo Marina Massimi, Pasta 1. a. 001 - doc. 1.a.20.

¹⁶⁴ Brozek, Carta a Regina Helena Campos, 05 abr. 1996. Acervo pessoal de Campos.

sobre o *De Animorum Medicamentis* sem essas articulações estabelecidas. São justamente essas vinculações que ajudam a sustentar a comunidade científica. A prática educacional é o local onde essa dinâmica pode se reproduzir e fomentar novos laços entre pesquisadores, algo significativo na institucionalização da História da Psicologia, como nos Seminários de Verão da década de 1960 ou nos cursos que Brozek ofereceu para turmas de graduação durante suas passagens pelo Brasil, os quais discutirei em breve.

Isso não quer dizer que todos os pesquisadores compartilhassem as mesmas inclinações ou adotassem critérios epistemológicos idênticos. A Psicologia se caracteriza por diferentes áreas, cada uma respondendo a perguntas distintas e atendendo interesses diversos, sejam eles teóricos ou políticos. Justamente devido à ampliação da História da Psicologia nos anos 80 e 90, esses múltiplos interesses puderam coexistir sem necessariamente levar a uma fragmentação do campo ou uma dispersão temática. Os congressos e novos periódicos possibilitaram a convergência de conteúdos, em sua variedade epistemológica e metodológica, sob o signo da História. Dessa forma, faz sentido considerar a História da Psicologia como um metacampo, uma forma de congregar as comunidades teóricas e profissionais dentro da Psicologia.

A cientificidade, portanto, caracteriza-se não só por seus pressupostos teórico-metodológicos, mas pelas relações de força, solidariedade, coesão e reprodução de suas práticas, o que inclui a dimensão educacional. Os elementos cognitivos e intelectuais são permeados pelos afetivos e emocionais, sem ser possível separá-los em categorias estanques, uma vez que atuam como mediadores do psiquismo. Além disso, os sujeitos transformam a prática científica ao mesmo tempo que são guiados e transformados por ela, sendo que seus interesses, nem sempre explícitos ou conscientes, são parte inseparável desse movimento. Os modos de fazer ciência - ou os modos de subjetivação científica - emergem do contato com o outro. Trata-se de uma relação, um processo determinado e determinante, em que os cientistas são seres humanos ativos, localizados em determinado espaço e cultura, e cujas práticas profissionais dependem dessas articulações.

5.4 - Brozek, a História da Psicologia e o Ensino

Se a presença de Brozek ajudou a consolidar a área de pesquisa em História da Psicologia no Brasil, é importante compreender que, ao mesmo tempo, a produção nacional já contava com uma base sólida. O processo de institucionalização não se dá de forma súbita, mas é apoiado em condições já estabelecidas, configurando novas dinâmicas. Trabalhos e

pesquisas em História da Psicologia, dotados de robustez teórica e sólida pesquisas documentais, estavam em franco desenvolvimento na década de 1990 no Brasil. Além dos já citados Antonio Gomes Penna, Isaías Pessotti, Maria do Carmo Guedes e Marina Massimi, incluem-se também Regina Helena de Freitas Campos, Luiz Cláudio Figueiredo, Renato Mezan, Mitsuko Antunes, Nádia Rocha e William Gomes Barbosa. Dessa forma, busco realizar uma análise sem superestimar nem desvalorizar a participação daqueles envolvidos nesse processo. Vejamos, então, a atuação de Brozek nesse cenário.

Entre os dias 13 a 17 de maio de 1996, Brozek esteve na USP de Ribeirão Preto, a convite de Marina Massimi, para ministrar aulas de História da Psicologia na graduação, com o tema “Que fazem os historiógrafos?”.¹⁶⁵ As anotações desse curso foram transformadas em um texto publicado na coletânea de História da Psicologia da ANPEPP de 1996, organizada por Regina Helena Campos. A produção e as aulas de Brozek nessa época podem ser caracterizadas pela consolidação de seu pensamento sobre História, Psicologia e Historiografia, após grande número de resenhas, artigos, aulas, seminários, participações em congressos e pesquisas em arquivos. Vejamos o que ele abordou nessas aulas.

Sua perspectiva histórica, semelhante àquela desenvolvida em outras correntes, como a dos *Annales*,¹⁶⁶ considera a investigação do passado como uma reconstrução realizada a partir da seleção do historiador. O pesquisador, guiado por uma teoria, não tem acesso total às informações, pois opera a partir de fragmentos e da intervenção inerente ao ato da escrita.¹⁶⁷ Brozek também manteve a visão descontinuista da História das Ciências, que já havia se manifestado durante a organização da Divisão 26 na década de 1960, questionando um passado regido pela “continuidade, coerência ou ordem” (Brozek *in* Campos, 2008, p. 8). Além disso, ele valorizou as controvérsias na História da Psicologia, pois elas estimulavam novas pesquisas e o diálogo entre diferentes tradições.

Brozek alertou, em sua aula, que os psicólogos deveriam pesquisar o passado atentos à conduta humana em seus contextos específicos, evitando o presentismo. O presentismo envolve tanto a intrusão de fundamentos do presente na maneira de pensar o passado quanto a visão do passado como uma linha contínua que culminaria em uma versão aprimorada nos dias atuais. Nessa situação, glorifica-se o presente e apaga-se os atores de outro tempo, que

¹⁶⁵ A vinda de Brozek contou com recursos do CNPq e auxílio de algumas universidades. Nessa mesma visita, ele também deu um seminário no Centro de Recuperação e Educação Nutricional sobre Biologia Experimental da Fome Humana. Cf. Brozek, 1997, p. 420.

¹⁶⁶ Ver, por exemplo, Bloch (2001).

¹⁶⁷ A esse respeito, Michel de Certeau, que publicou um capítulo na coletânea organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora, apresenta uma análise bastante precisa no texto intitulado “A Operação Historiográfica”, que faz parte de sua obra “A escrita da história”.

são reduzidos a meros precursores dos dias atuais. Em suas discussões sobre modelos, Brozek se opôs a uma interpretação psicanalítica da História, argumentando que a aplicação da Psicanálise poderia reconfigurar os fatos de modo a adequá-los às suas teorias, em vez de partir dos fatos para uma interpretação criteriosa.

Existe um perigo real de que o relato psicanalítico se torne, conforme diz Hugh Trevor-Roper, (Reinventing Hitler, Sunday Times, London, 18 de fevereiro de 1973), um “conto de fadas clínico”. Ao invés de basear-se nos fatos e proceder cautelosamente na interpretação da evidência até chegar às conclusões, os historiadores da escola psicanalítica recriam os fatos a partir de suas teorias.

Freud fundamenta seu relato nas fantasias da infância de Da Vinci. A escassa informação existente é interpretada de modo demasiado gratuito. A psicanálise não proporciona um modelo satisfatório para a análise histórica, apesar da psichistória representar uma perspectiva sedutora (Brozek; Massimi, 2002a, p. 108).

Quanto a esse tema, Penna compartilhava impressões similares a Brozek. Tal como eles, Dosse (2015) aponta problemas nesse tipo de prática historiográfica, como a falta de crítica aos documentos utilizados, explicações tendo como base causalidades únicas - muitas das vezes resumidas a um Complexo de Édipo mal resolvido - e a negação dos fenômenos coletivos. Longe de ser um assunto resolvido, trata-se de uma polêmica aberta tanto entre historiadores quanto entre psicólogos (Tileagã; Byford, 2014).

Peter Gay analisou de forma aprofundada a relação entre essas duas áreas. Como historiador e psicanalista, ele identifica, de um lado, resistências por parte dos historiadores, que frequentemente se apressam em descartar a Psicanálise, e, do outro, um mau uso do cabedal teórico psicanalítico. Gay argumenta que é comumente atribuída ao historiador a responsabilidade de explorar o mundo externo, enquanto ao psicanalista caberia investigar a dimensão interna. Entretanto, ele mostra que essa fronteira é mais opaca, dado que uma instância alimenta a outra. Não se pode explicar a vida interior sem olhar, conjuntamente, os aspectos externos. O aparelho mental precisa ser lido na chave de um “legado social internalizado e tornado próprio” (Gay, 1989a, p. 122), influenciado pela educação, cultura, família e sociedade. Trata-se de uma relação entre indivíduo e sociedade e, justamente por isso, a incursão de Freud na Psicologia Coletiva demonstra, para Gay, a pertinência universal da teoria psicanalítica. Assim, este historiador reconhece o potencial de se utilizar a Psicanálise na História, desde que seja um ponto de partida para as análises e que o trabalho de interpretação seja cauteloso, utilizando categorias que não necessariamente coincidem com as do campo clínico. Há, dessa forma, algumas aproximações entre as críticas de Brozek e Penna e as ressalvas de Gay.

O historiador profissional tem sido sempre um psicólogo - um psicólogo amador. Saiba isso ou não, ele opera com uma teoria sobre a natureza humana; atribui motivos, estuda paixões analisa irracionalidades e constrói o seu trabalho à partir da convicção tácita de que os seres humanos exigem algumas características estáveis e discerníveis, alguns modos predizíveis, ou pelo menos decifráveis, de lidar com as suas experiências. Descobre causas, e a sua descoberta geralmente inclui os atos mentais. Mesmo construtores de sistemas materialistas, como Karl Marx, que sujeitam indivíduos às pressões inevitáveis das condições históricas, admitem e declaram que entendem o papel desempenhado pela mente (Gay, 1989a, p. 25).

Já sobre abordagens históricas, Brozek recomendava uma visão multifatorial dos eventos, reconhecendo as complexidades e defendendo que a metodologia deve se adaptar aos objetos de estudo, e não o contrário. Ele ainda distinguiu diferentes tipos de literatura no trabalho histórico e concluiu a aula com exemplos de estudos quantitativos dentro da abordagem sociocultural, como na comparação entre as estruturas da Psicologia soviética e estadunidense, tema que o autor explorou com profundidade nas décadas de 1960 e 1970, tanto em suas pesquisas quanto em congressos.¹⁶⁸

Além da USP de Ribeirão Preto, Brozek também deu cursos na pós-graduação da PUC-SP, cujo contato foi mediado por Maria do Carmo Guedes. Esses encontros foram especialmente marcantes para alguns estudantes da época, como Raquel Martins de Assis,¹⁶⁹ que destacou a contribuição de Brozek nas metodologias em História da Psicologia. Ela também ressaltou a valorização genuína que ele demonstrava por outras culturas e povos, evidenciada pela escuta atenta aos interesses dos estudantes, uma característica que coaduna com sua obra e prática profissional:

O gesto de aprender português, entretanto, demonstra uma característica especial deste pesquisador que é a valorização de culturas e países diversos do seu e a curiosidade por eles. Este interesse evidenciava-se também, naqueles dias, através de outros gestos, como por exemplo, a disponibilidade de Brozek para a discussão de várias pesquisas que estavam sendo realizadas pelos estudantes, nas mais diferentes áreas, e o seu interesse genuíno por nossos trabalhos e as características curiosas de sempre nos fazer perguntas [...].

Através de suas aulas e de sua atitude, Josef Brozek nos ensinou um método em História da Psicologia que privilegia o relacionamento entre os povos. Tal método parecia ter como ponto de partida um olhar de atenção e valorização ao outro, seja este outro um documento histórico, aspectos da cultura de um país ou estudantes, aprendizes de historiador da ciência.¹⁷⁰

¹⁶⁸ Cf. capítulo 3 desta dissertação, sobre a internacionalização de Brozek na História da Psicologia.

¹⁶⁹ Na época, Raquel Assis cursava o Mestrado em Psicologia na USP, sob orientação de Marina Massimi. Agradeço à gentileza da pesquisadora em ceder seu arquivo para a pesquisa.

¹⁷⁰ ASSIS, R. M. Oitenta e cinco anos de Josef Brozek: um psicólogo entre os povos. **Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Psicologia**, ano 8, março de 1998.

Brozek comentou que o curso em Ribeirão Preto e os encontros com os estudantes de pós-graduação em São Paulo foram “experiências agradáveis e inesquecíveis”.¹⁷¹ Em outro momento,¹⁷² evidenciando sua vasta gama de interesses, Brozek demonstrou apreço pela poesia brasileira moderna, lendo obras de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Jorge de Lima.

5.4.1 - Concepção de História da Psicologia

Como Brozek entendia, então, a História da Psicologia como uma área de pesquisa autônoma? Como visto, ele se opôs à visão da História como uma exposição cronológica dos fatos ou então como algo já contido nos documentos. Brozek a enxergava como uma construção interpretativa do historiador, que se vale dos documentos como matéria-prima da historiografia e que os transforma por meio da análise e da interpretação. Ele chegou a afirmar que “uma história sem explicação torna-se uma crônica [...]” (Brozek; Massimi, 2001, p. 75). Por conta disso, seria necessário transcender o nível descritivo para alcançar o nível interpretativo, com relações e sínteses. Os vestígios históricos dependem da pergunta que o pesquisador busca responder e da teoria que orienta a pesquisa. Como a História investiga o ser humano, os eventos históricos são entendidos como formas de conduta em um determinado tempo.

Embora em sua visão houvesse espaço para um tipo de história antiquária, voltada para a coleta de informações, Brozek enfatizou a necessidade de usos circunspectos e prospectivos. Isso significa que a área deveria estar atenta aos desenvolvimentos contemporâneos e buscar novos caminhos para o futuro, em vez de adotar um olhar meramente retrospectivo. Dessa forma, ele conferia um sentido dinâmico às análises históricas, considerando seus impactos no presente e abrindo perspectivas variadas. “[...] a história deve ser lida não apenas por diversão, mas com referência contínua aos tempos, pessoas, ações e eventos do presente”.¹⁷³

Devido à diversidade de abordagens, teorias e metodologias no campo histórico, ele recomendava, desde os seus primeiros escritos na área, uma abordagem pluralista e multifásica, englobando tanto temas específicos quanto abrangentes e saudando iniciativas de histórias regionais. Além disso, reforçava a importância de examinar as produções dentro de

¹⁷¹ Carta de Josef Brozek a Raquel Martins de Assis, 20 de maio de 1998. Acervo pessoal de Raquel Assis.

¹⁷² Carta de Josef Brozek a Raquel Martins de Assis, 08 de agosto de 1998. Acervo pessoal de Raquel Assis.

¹⁷³ “history is to be read not only for amusement but with continuous reference to the present times, persons, actions and events” (Brozek; Watson; Ross, 1969, p. 310, tradução nossa).

seus contextos científicos, filosóficos e culturais, sem explicações mecânicas ou causalistas. Por conta disso, Brozek preferia abordar “condições e não causas” (Brozek; Massimi, 2002a, p. 104). No seu livro com Pongratz, de 1980, e reeditado no Brasil com a parceria de Marina Massimi em 1998, ele trouxe as seguintes abordagens para a História da Psicologia: biográfica, descritiva e analítica, quantitativa, social e sociopsicológica.¹⁷⁴

Em relação à História da Psicologia, o autor defendia sua integração à História das Ciências, sem deixar de ressaltar suas particularidades. Na década de 1960, Brozek mapeou uma falta de sintonia entre os campos, uma vez que historiadores das ciências pouco se interessavam pelos problemas envolvendo a Psicologia (Brozek, 1969b). O fato de ser um campo recém-fundado, aliado às responsabilidades de Brozek em conferir um estatuto científico a essa nova disciplina, gerou grandes preocupações com preceitos metodológicos e novas formulações de pesquisa. Brozek identificou quatro modelos para a História da Psicologia: o *Zeitgeist* (espírito do tempo), os grandes homens, a abordagem psicanalítica (psicohistórica) e a abordagem multifatorial, considerando esta última como o caminho mais interessante para lidar com a diversidade histórica (Brozek; Massimi, 2002a).

Brozek não via o crescimento da Psicologia e sua divisão em várias áreas como um problema que estaria levando à fragmentação do campo. Pelo contrário, via nisso um sinal de diversidade, associando o crescimento de divisões dentro da APA como uma manifestação positiva da diferenciação de interesses. A capacidade de realizar sínteses e, portanto, aglutinar as diversas avaliações da Psicologia seria uma grande vantagem da pesquisa histórica:

As funções de síntese, incluindo avaliações críticas mais amplas sobre desenvolvimentos ao longo de períodos maiores, são menos bem cuidadas. No entanto, elas são igualmente importantes para a "saúde" e, talvez, para a sobrevivência de longo prazo do empreendimento científico. A ciência é ameaçada por uma fragmentação cada vez mais profunda e por uma especialização cada vez mais estreita. É ameaçada pelo sufocamento sob a avalanche de literatura científica e a crescente montanha de fatos isolados.

A história da ciência e, mais especificamente, a história da psicologia, desempenham um papel importante na síntese avaliativa "vertical" (ao longo do tempo) da informação científica, embora essa não seja sua única função. A história da ciência deve ajudar o estudante, especialmente no nível de graduação...¹⁷⁵

¹⁷⁴ Brozek afirmou que na pesquisa historiográfica o método quantitativo era o seu preferido, tendo realizado diversos estudos historiométricos para analisar, por exemplo, a influência da literatura em inglês na Tchecoslováquia, como vimos. Cf. Brozek; Massimi, 2002b, p. 121-124. No sentido das abordagens, ele enfatizou também o valor de documentos autobiográficos e de história oral (Brozek, 1969b, p. 123).

¹⁷⁵ The synthesizing functions, including broader, critical evaluations of developments over larger segments of time, are less well cared for. Yet they are equally important for the "health" and, perhaps, for the long-range survival of the scientific enterprise. Science is threatened by an ever deeper fragmentation and an ever narrower specialization. It is threatened by suffocation under the avalanche of scientific literature and the rapidly growing mountain of isolated facts. The history of science and, more specifically, the history of psychology, has an important role to play in the evaluative, "vertical" (across time) synthesis of scientific information, even though

5.5 - A ANPEPP de 1996 e a fundação do Grupo de Trabalho em História da Psicologia

De 22 a 25 de maio de 1996, o VI Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia aconteceu em Teresópolis, no Rio de Janeiro. Sob a coordenação de Elizabeth de Melo Bomfim e Teresinha Feres-Carneiro, durante a gestão de 1994 a 1996, o foco do evento foi a inter-relação entre a pós-graduação e a graduação em Psicologia, as quais eram vistas como níveis separados dentro do contexto universitário da época. Foi nesse simpósio que surgiu o Grupo de Trabalho (GT) de História da Psicologia, liderado por Regina Helena de Freitas Campos,¹⁷⁶ com a colaboração das pesquisadoras Marina Massimi e Mitsuko Antunes. Também foram convidados Maria do Carmo Guedes e Josef Brozek, em visita ao Brasil. A lista completa de participantes dos resumos do simpósio inclui Nilza Micheletto, Marina Massimi, Isaías Pessotti, Mitsuko Antunes, Anamaria Ribeiro Coutinho e Josef Brozek. Campos reconheceu a importância do trabalho de Maria do Carmo Guedes, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,

na promoção do intercâmbio acadêmico e científico entre pesquisadores interessados na História da Psicologia. Graças a seu esforço de aproximar os pesquisadores, por meio do trabalho do Núcleo de História da Psicologia do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social da PUC-SP, este Grupo se constituiu e prossegue na tarefa de aprofundar e disseminar o interesse pelo conhecimento da evolução desse campo de conhecimento, seja no período pré-científico, seja no período em que a Psicologia atinge o status de ciência (Campos, 2008, p. 2).

O GT dedicou-se ao estudo da formulação dos conceitos e investigações em Psicologia a partir de uma perspectiva histórica, considerando o contexto sociocultural no qual eles são elaborados, explorando suas conexões com outras ciências e abordagens historiográficas, especialmente em relação à “Nova História”. Essa corrente enfatizou uma ampliação na perspectiva dos temas, objetos, fontes, questões de pesquisa e autores que, até então, haviam sido pouco estudados. Quanto a Brozek, sua proposta centrou-se na discussão do ensino, pesquisa e teoria em História da Psicologia, priorizando investigações em arquivos e métodos quantitativos de análise.

this is not its only function. History of science should help the student, at the undergraduate... (Brozek; Watson; Ross, 1969, p. 311, tradução nossa). Ver também Brozek, 1990b, p. 983.

¹⁷⁶ Na época, a professora era líder do Grupo de Pesquisa em História da Psicologia e Contexto Sociocultural, ligado ao CNPq, e também orientava nessa linha de pesquisa no programa de pós-graduação em Psicologia da UFMG.

No relatório desse GT, os membros entenderam que a História da Psicologia, em sua riqueza e multiplicidade de abordagens, contribui para compreender as diferentes representações do ser humano nas diversas culturas e os impactos dos conceitos e técnicas produzidos pela Psicologia Científica na sociedade contemporânea. O grupo sintetizou seus objetivos da seguinte forma:¹⁷⁷

- promover o intercâmbio acadêmico entre pesquisadores que se dedicam ao estudo da História da Psicologia
- promover a divulgação da pesquisa em História da Psicologia feita no Brasil
- oferecer subsídios para a organização dos cursos de História da Psicologia em programas de graduação e de pós-graduação em Psicologia no país.

O ensino de História da Psicologia foi um tema central nas discussões entre os pesquisadores, com o intuito de melhorar sua estrutura e introduzi-lo como disciplina obrigatória nos primeiros anos da graduação. Na pós-graduação, o foco foi a formação de futuros docentes e pesquisadores na área. Além disso, buscou-se disponibilizar materiais teóricos que pudessem ser utilizados nos programas de Psicologia em ambos os níveis. Como fruto desse trabalho, destaca-se uma coletânea organizada pelo grupo, voltada para o uso didático em História da Psicologia, que abrangesse a pesquisa, o ensino e os estudos já realizados, incluindo as trajetórias de especialistas na área. Brozek expressou satisfação com a reunião da ANPEPP, reforçando textualmente seu interesse pelas atividades do tema no Brasil.¹⁷⁸

Percebe-se que pesquisa e ensino são processos interligados, sendo a dimensão do ensino fundamental para a reprodução da área como campo científico. Segundo Bourdieu (2003), esse aspecto ocupa uma posição privilegiada na formação de novos membros, que não apenas são introduzidos nas disposições estabelecidas, mas também têm a capacidade de reproduzi-las no futuro, garantindo maior coesão ao grupo. A ampliação do campo de pesquisa, entretanto, não é um processo linear ou inevitável. Ela depende do engajamento dos atores envolvidos, do senso de compromisso entre os grupos e das redes de contato. Além disso, essa ampliação não se limita apenas às tensões e disputas internas, mas também está

¹⁷⁷ História da Psicologia, Grupo de trabalho - 1996: Resumos contribuídos, p. 179-183.

¹⁷⁸ Brozek, Carta a Regina Helena Campos, 17 jun. 1996. Acervo pessoal de Regina Helena Campos. Outro exemplo disso foi sua leitura de obras psicológicas brasileiras, tanto as clássicas de Lourenço Filho quanto as que estavam sendo publicadas naquela época, a exemplo do livro “Psicologia: uma introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência”, de Luís Cláudio Figueiredo, lançado pela EDUC em 1995. Carta a Regina Helena Campos, 15 mai. 1997. Acervo pessoal de Regina Helena Campos.

associada a colaborações e laços de solidariedade.¹⁷⁹ Esse entendimento sobre o papel do ensino era compartilhado por Brozek, que, como diretor de programa da Divisão 26 da *American Psychological Association* de 1965 a 1966, ficou responsável pelo primeiro programa científico da nova divisão. Parte desses esforços foi direcionada para a organização dos Seminários de Verão de 1968 e 1971, já discutidos em capítulos anteriores.

Nota-se algumas semelhanças entre as propostas dos Seminários de Verão da década de 1960 e do relatório do grupo de trabalho de História da Psicologia na ANPEPP de 1996, como a valorização de abordagens diversas e a consideração do contexto cultural na elaboração do conhecimento psicológico. Brozek, ao participar de ambos, contribuiu com sua experiência na organização institucional de uma área de pesquisa, na publicação de periódicos especializados e na valorização do ensino como dimensão fundamental para a estruturação e expansão da área. O incentivo ao contato com produções de diferentes concepções teóricas e nacionalidades valorizou a perspectiva pluralista na História da Psicologia. Por fim, as redes de contato constituídas pelo grupo promoveram a integração com outros campos do saber, facilitando diálogos e novas pesquisas, algo igualmente presente nos seminários de verão.

5.5.1 - Desdobramentos

Uma conquista após a ANPEPP de 1996 foi o *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil*, de 2001, organizado por Regina Helena Campos, que contou com mais de 80 colaboradores, incluindo os pesquisadores que fundaram o GT. Essa obra simboliza a expansão após a institucionalização, que já reunia novos membros de diferentes origens acadêmicas. O *Dicionário* foi parte do projeto “Memória da Psicologia Brasileira”, coordenado pelos professores Ana Maria Jacó-Vilela e Marcos Ribeiro Ferreira no Conselho Federal de Psicologia. Entre seus objetivos, encontrava-se a ampliação do conhecimento sobre o desenvolvimento da ciência psicológica no país, compreendendo seus desdobramentos nas dimensões profissionais, institucionais, intelectuais e científicas, e o fomento a novos estudos.

A perspectiva epistemológica do *Dicionário* se pautou na visão da História das Ciências como um debate entre diferentes orientações teóricas, fruto das visões de mundo diversas dentro de seus contextos específicos. Vimos que essa posição apareceu também em textos anteriores de Brozek e Penna, autores que escreveram para o dicionário e que são

¹⁷⁹ A esse respeito, as cartas entre Brozek e Massimi nos anos 90 não deixam dúvida a respeito da amizade e proximidade entre os pesquisadores. Esse juízo é compartilhado por outras pessoas envolvidas, como Regina Helena Campos. Ver Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, Acervo Marina Massimi, Grupo 01, Pasta 1.a.001, doc. 1.a.20 e doc. 1.a.28.

citados na apresentação por conta de suas grandes contribuições à História da Psicologia. Essa obra foi resenhada por Brozek em 2003 no JHBS, mais uma vez ampliando a circulação internacional da produção brasileira. Na resenha, ele destacou a criação do grupo na ANPEPP, além de valorizar a complexidade da obra e suas informações relevantes para a Psicologia internacional. Nos anos que se seguiram, os integrantes do GT da ANPEPP identificaram e catalogaram fontes essenciais para dar continuidade à pesquisa sobre a História da Psicologia no Brasil, assim como suas interações internacionais (Campos; Leopoldino, no prelo).

Em 1997, Brozek retornou ao Brasil para participar de uma série de eventos. Ele definiu essa nova visita como “ponto de virada” na sua carreira como historiador da Psicologia (Brozek, 1997, p. 430). Uma de suas atividades foi a participação no XXVI Congresso Interamericano de Psicologia, realizado de 6 a 11 de julho na PUC, em São Paulo, onde apresentou os desdobramentos da História da Psicologia ao redor do mundo, com ênfase na produção brasileira. Brozek participou dos simpósios sobre “A Historiografia da Psicologia Hoje”, coordenado por Massimi, e “Tendências Contemporâneas no Estudo de História da Psicologia”, sob a responsabilidade de Campos. Durante o congresso, ele também esteve envolvido no lançamento do livro organizado pelo GT de História da Psicologia da ANPEPP. Brozek escreveu quatro capítulos, tanto individualmente quanto em coautoria.

Após sua participação no Congresso de São Paulo, ele visitou o Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA), na cidade mineira de Ibirité. Ele recomendou manter os aposentos de Antipoff como um memorial e sugeriu a criação de um museu dedicado à vida e obra desta psicóloga e educadora russa. Já os livros e arquivos deveriam ser transferidos para uma nova sala dentro da Biblioteca Universitária da UFMG, onde receberiam tratamento, catalogação e seriam disponibilizados como fontes valiosas de pesquisa.

Minha recomendação, apresentada oralmente e por escrito, foi manter os antigos aposentos de Antipoff como um memorial, sem grandes alterações, e transformar uma sala relativamente grande, atualmente abrigando uma biblioteca e arquivos, em um museu dedicado à vida e obra de Antipoff.

O livro, bem como os valiosos e únicos materiais arquivísticos, seriam transferidos para uma sala no novo prédio da biblioteca, que abrigará o Centro de Referência em História da Psicologia no Brasil, dirigido pela Prof^a Regina Campos e projetado para servir como um centro nacional de informações sobre a história da psicologia. O Centro também acomodará os livros em inglês da minha biblioteca pessoal, juntamente com seus periódicos sobre a história da psicologia e uma grande coleção de retratos de psicólogos, na forma de slides.¹⁸⁰

¹⁸⁰ “My recommendation, presented orally and in writing, was to maintain the former living quarters of Antipoff as a memorial, without any major changes, and to transform a fairly large room, now holding a library and

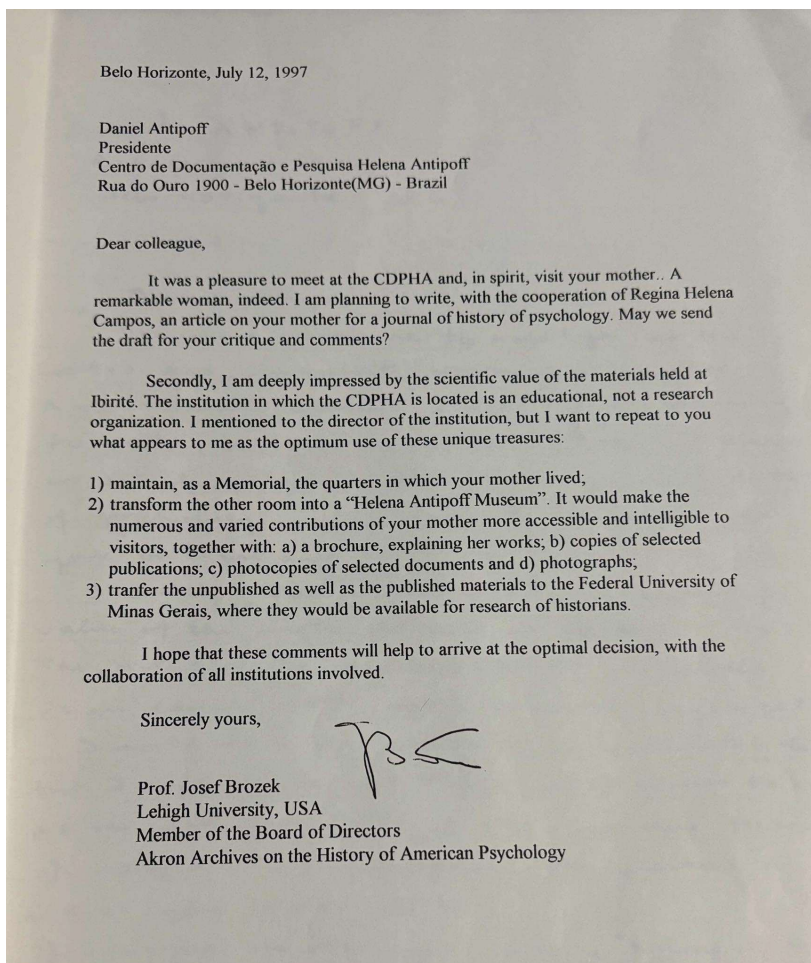
Brozek enviou uma carta a Daniel Antipoff, filho de Helena e presidente do CDPHA, na qual elogiava o instituto e afirmava estar impressionado com o valor científico dos materiais disponíveis. Contudo, como a instituição que abrigava o CDPHA era educacional, mas não uma organização de pesquisa com os recursos otimizados para sua consulta e preservação, Brozek sugeriu a transferência do material para a UFMG, onde poderia estar à disposição dos historiadores. A solicitação foi acatada e, ainda em 1997, o acervo foi encaminhado. Foram criados, então, os Arquivos UFMG de História da Psicologia no Brasil, situados na Sala Helena Antipoff, na Biblioteca Central da universidade. O acervo foi ampliado com doações de Josef Brozek, que contribuiu com parte de sua biblioteca e arquivos pessoais, tal como havia prometido.¹⁸¹ Marina Massimi também enriqueceu a coleção ao transferir parte de sua biblioteca pessoal e ao reunir documentos que havia levantado ao longo de sua carreira como historiadora da Psicologia.¹⁸²

archives, into a museum dedicated to Antipoff's life and work. The books as well as the valuable and unique archives materials would be transferred to a hall in the new library building that is to house the Centro de Referência em História da Psicologia no Brasil, directed by Prof. Regina Campos and designed to serve as a national information center for history of psychology. The Center will house also the English-language books of my personal library, together with its journals on the history of psychology and a large collection of portraits of psychologists, in the form of slides." (Brozek, 1997, p. 431, tradução nossa).

¹⁸¹ Desde 1996, Brozek sondava a doação de alguns de seus livros para o Brasil. A dificuldade encontrada até então era justamente onde abrigar esse acervo. *Cf.* carta de Marina Massimi a Brozek, 08 ago. 1996 e carta de Brozek a Massimi em 19 ago. 1996. AUHP, Acervo Josef Brozek, caixa 03, docs. 67 e 68, 1996.

¹⁸² Para maiores informações sobre o assunto, *cf.* Campos, 2010, 2018.

Foto 01 - Carta de Josef Brozek a Daniel Antipoff de 12 de julho de 1997.



Fonte: foto do autor, acervo pessoal de Regina Helena Campos.

Essa viagem ficou particularmente marcada na memória de Brozek. Em 1998, portanto um ano depois, ele enviou outra correspondência a Regina Helena Campos lembrando essa passagem pelo Brasil:

Parece incrível que logo se completará um ano desde a minha viagem a São Paulo, Belo Horizonte e Ouro Preto. Cada detalhe está tão nítido em minha mente que simplesmente não consigo acreditar que já se passou tanto tempo. Por favor, envie minhas calorosas saudações a todos em Belo Horizonte que conheci.¹⁸³

Em 1998, Brozek recebeu três convites que destacam seu reconhecimento internacional. O primeiro foi do Grupo de Trabalho em História da Psicologia da ANPEPP,

¹⁸³ "Is it possible that soon it will be a year from my journey to São Paulo, Belo Horizonte a Oro Preto [sic]. Every detail is so sharp in my mind that I simply can not believe that so much time has elapsed. Please give my warm greetings to everybody in Belo Horizonte whom I met." Carta de Brozek a Regina Helena Campos, 20 mai. 1998, tradução nossa. Acervo pessoal de Regina Helena Campos.

coordenado por Regina Helena Campos, que o nomeou membro honorário.¹⁸⁴ O segundo veio com sua eleição como consultor dos recém-criados Arquivos de História da Psicologia da UFMG. Por fim, o terceiro convite partiu da Sociedade Espanhola de História da Psicologia, que, em assembleia geral, também o elegeu como membro honorário. Ainda em 1998, Brozek reafirmou seu interesse na trajetória e obra de Helena Antipoff, expressando o desejo de colaborar com Regina Helena Campos na busca por arquivos e na elaboração de artigos sobre a psicóloga russo-brasileira.¹⁸⁵

Esses episódios ajudaram a projetar a Psicologia brasileira em outros países. Além das resenhas feitas no JHBS, Brozek frequentemente compartilhou relatórios sobre o que vinha sendo desenvolvido no Brasil (Brozek, 1997, 1998b), promovendo essas pesquisas internacionalmente. Como exemplo, em 1998, ele relatou à *The British Psychological Society* as atividades que realizou no país, mencionando os trabalhos de autores como Penna, Massimi e Campos.

5.7 - A morte de Josef Brozek: 2004

Em 2004, o JHBS trouxe a seguinte notícia:

O Journal registra com profunda tristeza o falecimento de Josef Maria Brozek, o distinto historiador da psicologia europeia. Um dos fundadores da Cheiron e da Divisão 26 da APA, ele também serviu por 20 anos no conselho editorial deste periódico e contribuiu regularmente para ele até pouco antes de seu falecimento, aos 90 anos.¹⁸⁶

Em uma breve nota lamentando sua morte, o periódico reconheceu a importância de Brozek na institucionalização da História da Psicologia e em sua atuação internacional, embora não mencionasse países fora do eixo europeu, como Brasil e China. Diferente foi a abordagem da *History of Psychology*, revista fundada em 1998 como parte da Divisão 26 da

¹⁸⁴ Neste caso, Brozek solicitou o convite como uma espécie de presente para seu 85º aniversário, que seria comemorado em 15 de agosto de 1998. Carta de Brozek a Regina Helena Campos, 23 de janeiro de 1998. Acervo pessoal de Regina Helena Campos.

¹⁸⁵ Isso pode ser visto nas cartas de 12 de janeiro, 14 de fevereiro e 09 de junho de 1997, todas enviadas a Campos. Quanto ao artigo sobre Antipoff, em 1997, em carta de 25 de julho, Brozek sinalizou seu interesse em um trabalho conjunto. Porém, já em 02 de agosto, ele relata a Regina que havia feito contato com o editor (Sokal) do novo periódico da APA, *History of Psychology*, que aceitou a ideia de uma publicação sobre Antipoff. Cartas do acervo pessoal de Regina Helena Campos.

¹⁸⁶ "The Journal notes with deepest sadness the passing of Josef Maria Brozek, the distinguished historian of European psychology. A founding father of Cheiron and APA Division 26, he also served for 20 years on the editorial board of this journal and contributed regularly to it until just shortly before his passing at the age of 90" (News and Notes, **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 40, n. 2, p. 237-238, 2004, tradução nossa).

APA. Na terceira edição do ano, foram nada menos que 6 obituários, escritos por autores de nacionalidades diversas, refletindo o papel de Brozek na História da Psicologia ao redor do mundo. Vejamos o que cada autor ressaltou.

Quadro 10 - Obituários de Josef Brozek no History of Psychology

Título	Autor	País
Obituary: Josef Brožek.	William Woodward	EUA
Josef Maria Brožek (1913-2004).	Jirí Hoskovec	República Tcheca
Josef Brožek's Bethlehem years.	Mary Mosher Flesher	EUA
Josef Brožek: The Spanish connection.	Helio Carpintero	Espanha
Josef Brožek: Friendship and History.	Marina Massimi	Itália/Brasil
Josef Brožek: Mentor of Young Historians of Psychology.	William Woodward	EUA

Fonte: elaboração do próprio autor.

O primeiro texto de Woodward mencionou a importância de Brozek tanto para a História da Psicologia quanto para a Biologia, devido a seu papel na união de pesquisadores de diferentes campos e partes do mundo. Hoskovec, por sua vez, traçou uma breve biografia de Brozek, destacando os trabalhos que realizaram em conjunto. Ele enfatizou a importância dos Seminários de Verão, organizados por Brozek e Watson, que forneceram valiosos recursos teórico-metodológicos para sua atuação como professor na Universidade Carolina de Praga. Hoskovec também salientou os trabalhos de Brozek nas traduções, suas pesquisas em arquivos, a organização e participações em simpósios, publicações de livros, além das colaborações e redes científicas que ele construiu, possibilitando uma verdadeira internacionalização da História da Psicologia.

Na história da psicologia, seu projeto de vida teve o título 'Historiografia da Psicologia ao Redor do Mundo', e cobriu cerca de 20 áreas geográficas. Foi dada ampla atenção aos desenvolvimentos institucionais e organizacionais, como periódicos, ambientes acadêmicos, arquivos, museus, grupos de pesquisa, conferências e institutos.¹⁸⁷

¹⁸⁷ "In the history of psychology, his lifetime project bore the title 'Historiography of Psychology Around the World,' and it covered about 20 geographical areas. Extensive attention was devoted to institutional and organizational developments such as journals, academic settings, archives, museums, research groups, conferences, and institutes" (Hoskovec, 2004, p. 298, tradução nossa).

Segundo Hoskovec, a morte da esposa de Brozek, Eunice, em 2002, abalou-o profundamente, praticamente cessando suas atividades profissionais. De fato, Brozek reconhecia a presença marcante de Eunice na sua prática profissional. Em um artigo biográfico, ele destaca que ela foi “o nome mais frequente e sua parceria mais essencial, embora raramente aparecesse nominalmente nas publicações” (Brozek, 1999a, p. 97).

Já Mary Flesher lembrou como Brozek ajudou na escolha do tema de sua tese de doutorado (sobre o filósofo e psicólogo Alexander Bain), oferecendo ajuda e orientação de forma extraoficial. Ela salientou que essa prática de Brozek de ajudar os estudantes era algo corriqueiro. Assim como Hoskovec, Flesher indicou elementos da vida pessoal de Brozek, como sua paixão por música, atividades na natureza e conversas durante as refeições.

Já Carpintero publicou um obituário tanto no *History of Psychology* quanto na *Revista de Historia de la Psicología*. Em ambos os periódicos, ele destacou a generosidade com que Brozek recebeu seu grupo de pesquisa, demonstrando vívido interesse pela pesquisa e pela prática científica como algo global, feita por diversas mãos. Essa atitude ficou evidente no estímulo e auxílio para a criação de um periódico espanhol em História da Psicologia, do qual Brozek integrou o conselho editorial. Com grande sensibilidade, o autor expressou sua visão de Brozek:

Talvez a maior parte do tempo de Brozek tenha sido dedicada aos outros - outras pessoas, outros países, outros tempos. O altruísmo e a generosidade eram traços essenciais de sua personalidade. É difícil dizer se essas características eram inatas ou adquiridas. Provavelmente, sua experiência de vida lhe ensinou muito sobre a alteridade, uma vez que nasceu na Tchecoslováquia, cresceu na Sibéria, estudou em Praga, trabalhou nos Estados Unidos e viajou incansavelmente.

[...]

Eu aprecio muito o trabalho de Brozek, mas tenho certeza de que ele estava muito acima de seu próprio trabalho, pois ele era principalmente um verdadeiro pontífice na história da psicologia: um homem dedicado a criar laços e conexões que sustentariam uma rede de pesquisa científica, na qual a ciência e a humanidade seriam a principal inspiração e guia para todos os seus membros.¹⁸⁸

Assim como Carpintero, Massimi realçou o comprometimento de Brozek com a internacionalização da História da Psicologia, por meio de suas sólidas pesquisas e das conexões com diferentes países. Ela também destacou a generosidade de Brozek em ouvir e acolher estudantes e futuros pesquisadores da área, algo que fortalecia a História da

¹⁸⁸ “Perhaps the largest part of Brozek’s time was dedicated to others - other people, other countries, other times. Altruism and generosity were essential traits of his personality. Whether these were inborn or acquired is difficult to say. Probably his life experience taught him very much about otherness, as he was born in Czechoslovakia, grew up in Siberia, studied in Prague, worked in the United States, and traveled endlessly. [...] I do greatly appreciate Brozek’s work, but I am certain he was well above his own work, because he was mainly a real pontifex in the history of psychology: a man devoted to create bonds and connections that would support a scientific research network, where science and humanity be the main inspiration and guide for all its members” (Carpintero, 2004a, p. 302-303 e p. 306, tradução nossa).

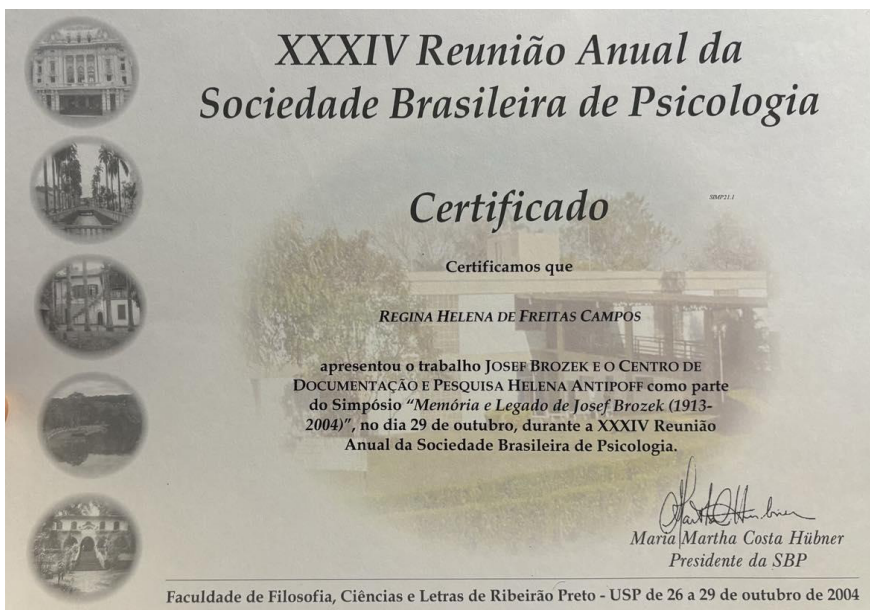
Psicologia como um campo autônomo. Da mesma maneira, Woodward citou a atenção de Brozek para com os estudantes, lembrando sua participação no Seminário de Verão de 1968. Woodward recordou com carinho a paciência de Brozek, a ajuda que recebeu em sua carreira acadêmica e o rigor com que se dedicava aos detalhes - o subtítulo de seu texto, “Mentor de Jovens Historiadores da Psicologia”, é bastante ilustrativo. Por fim, Woodward considerou que Brozek o inspirou a fazer pesquisas em outros países, fornecendo valiosos conselhos e contatos profissionais.

No Brasil, Regina Helena Campos e Marina Massimi escreveram sobre a morte de Brozek em dois periódicos: no *Memorandum: Memória e História em Psicologia* e no *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. As autoras celebraram a trajetória profissional do psicólogo tcheco, pontuando sua valiosa atuação para a consolidação da História da Psicologia no Brasil. Campos e Massimi, com quem Brozek manteve longa correspondência, evidenciam em seus textos a relação não apenas profissional, mas também de amizade entre eles, saudando aspectos da personalidade de Brozek.

O raio da poesia da vida, de fato, iluminava sua pessoa e sua atuação: era esta luz que o tornava capaz de descobrir em cada ser humano, em cada jovem, seu valor, sua dignidade, intuindo talentos às vezes escondidos e acompanhando seu desvelar-se. Era esta luz que tornava sua humanidade intensamente amiga de todos e atraída por tudo que é belo, verdadeiro e bom: a pesquisa, a música, a boa comida, o cheiro do café e o sabor da fruta, o prazer da arte e o encanto das flores e das folhas que amava contemplar. Um homem grande, cujo coração sabia conter as dimensões universais, demonstrando sensibilidade e empenho diante dos graves problemas do mundo, mas que sabia também como abraçar cada pessoa que encontrava e acolhia com cativante simpatia e simplicidade (Massimi; Campos, 2004a, p. 130).

Ainda em 2004, Regina Helena Campos apresentou um trabalho sobre “Josef Brozek e o Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff” no simpósio “Memória e Legado de Josef Brozek (1913-2004)”, na XXXIV Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, mais uma celebração ao psicólogo tcheco.

Foto 02 - Certificado de Regina Helena Campos com o trabalho sobre Brozek



Fonte: foto do autor, acervo pessoal de Regina Helena Campos.

Algo em comum entre todos os relatos é a lembrança saudosa dos pesquisadores com quem Brozek manteve contato, reconhecendo sua importância para a disseminação da História da Psicologia ao redor do mundo. Outro traço marcante é o da escuta e interesse genuínos com os novos pesquisadores. Eles constatam também a generosidade com que foram recebidos, aliada ao rigor teórico-metodológico de Brozek, preocupado em fazer com que a área continuasse prosperando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal investigar as relações de Josef Brozek com a constituição da História da Psicologia como um campo autônomo de pesquisa, tanto no cenário internacional quanto no brasileiro. Algumas questões orientaram este trabalho, como as articulações entre Brozek e as realidades socioculturais; seu percurso na pesquisa, no ensino e nas instituições de História da Psicologia; as relações entre suas obras e sua vida; seus diálogos com o contexto vivido e as redes de sociabilidade construídas. A tese sustentada ao longo do trabalho foi que Josef Brozek desempenhou um papel fundamental na consolidação da História da Psicologia, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, tornando-se um mediador de práticas científicas transnacionais. Uma das estratégias adotadas por este psicólogo foi institucionalizar a área como um campo científico (Bourdieu, 2003), algo que possibilitou maior coesão entre os pesquisadores e a adoção de determinados modos de leitura e resolução de problemas compartilhados pelo grupo. Além disso, esse estatuto favoreceu a formação de novos pesquisadores, incorporando orientações metodológicas, teóricas e conceituais próprias do campo. Isso se deu principalmente por meio da educação, algo observável na prática de Brozek e em suas reflexões sobre ensino e práticas educacionais.

Metodologicamente, a dissertação consistiu em uma pesquisa documental analítico-descritiva (Pongratz *in* Brozek; Massimi, 1998), caracterizada por uma prática historiográfica de arranjo documental, com descrição de seu conteúdo e análise guiada pelo referencial teórico e por procedimentos de confronto das fontes. Como boa parte do material primário foram documentos do próprio Brozek, utilizei os referenciais teórico-metodológicos do contextualismo inglês, com destaque para Pocock (2009) e Skinner (2017). Nessa corrente, os textos criam uma esfera de ação no conjunto do debate com outros autores. Isso requer pensá-los tanto temporal como espacialmente, dentro de um contexto específico. No caso de Brozek, suas pesquisas em História da Psicologia fizeram parte do próprio processo de consolidação da área nos Estados Unidos, ensejando um campo de formação para futuras discussões. Devido à sua atuação em diversos países, nos quais foi figura central para a pesquisa própria em História da Psicologia, pode-se pensar o caso de Brozek dentro da perspectiva transnacional.

Para a análise, coletei documentos tanto em arquivos institucionais quanto em acervos de pessoas que conviveram com Brozek. A principal instituição de pesquisa foi os Arquivos UFMG de História da Psicologia, onde se encontra o acervo de Josef Brozek doado para o

Brasil, em ocasião de sua visita ao país em 1997. Nele, encontram-se boletins informativos da Cheiron europeia; o periódico alemão *Geschichte der Psychologie*; newsletters da APA e da *History of Psychology*; textos biográficos do autor; trechos de revistas científicas que Brozek ou pessoas próximas publicaram, como o *Cuadernos Argentinos de Historia de la Psicología* e a *Revista de Historia de la Psicología*; textos de outros autores; além de um vasto conteúdo de correspondências variadas, desde cartas pessoais até mesmo conversas com editores sobre publicações. Brozek também doou uma série de livros e de periódicos relativos à História da Psicologia. Outro acervo, o de Marina Massimi, conta com uma série de cartas trocadas entre ela e Brozek, que foram de grande valia para reconstruir a trajetória profissional, científica e educacional deste psicólogo tcheco, cuja carreira se concentrou nos Estados Unidos. Finalmente, os arquivos pessoais de Regina Helena Campos e Raquel Assis, professoras e pesquisadoras da UFMG que fizeram parte das redes colaborativas de Brozek, ampliaram o escopo do trabalho ao incluir diferentes perspectivas e complexificar o assunto, revelando outras facetas de suas ações.

Os documentos não falam por si só, mas são produzidos a partir do questionamento dos historiadores. Portanto, todo esse acervo não contém a informação de forma acabada, por isso a análise é imprescindível para a operação historiográfica, nos termos de Certeau (2015). Ao rearranjar as fontes em uma nova organização dentro da pesquisa, modifica-se também seu estatuto, recriando os documentos a partir da pergunta que guia a investigação. Trata-se de questionar sua produção, intenção, armazenamento e usos. Tendo isso em vista, utilizei-os à medida que eles me auxiliaram para tentar responder quais foram as atuações de Brozek para a formação do campo da História da Psicologia.

Para reconstruir o contexto da Psicologia como ciência, recorri a uma literatura secundária composta por pesquisadores nacionais e internacionais que vêm se dedicando ao tema. Destaco as obras de Antunes (2004, 2017), Campos (2010, 2012), Danziger (2006), Massimi (1990, 2016, 2003) e Pickren & Rutherford (2010). Além deles, outros autores permitiram traçar um quadro que dialogava com a documentação utilizada. No caso brasileiro, busquei entender os desdobramentos da Psicologia dentro da Medicina, da Educação e da Organização do Trabalho, áreas nas quais ela se desenvolveu e se autonomizou. Tentei, ainda, identificar algumas de suas relações com a própria História da Educação, seus diálogos e aproximações.

O trabalho possibilitou entender a trajetória de Brozek fora de uma abordagem linear e unívoca, como se os eventos já estivessem determinados *a priori*. Foi possível entender um autor dentro do seu contexto, nas relações intrincadas entre aspectos singulares e gerais. A

infância de Brozek foi marcada pelos desdobramentos da Primeira Guerra Mundial, com as sucessivas mudanças entre países e o cenário de crise econômica dentro da Europa. Sua formação em Psicologia na Tchecoslováquia, na década de 1930, entrelaçou-se com alguns fatores conjunturais, como a Grande Depressão de 1929 e seus efeitos deletérios, a ascensão do nazismo, o antissemitismo e os ódios raciais do período. Brozek presenciou a perseguição a professores, o cerceamento do pensamento crítico e a invasão de seu próprio país ao final da década. A emigração para os Estados Unidos, em 1939, representou uma nova fase em sua vida, mas, naquele ano, era impossível prever que ele ficaria por lá até sua morte ou que trabalharia com temas relacionados às suas experiências de vida. Seria teleológico associar diretamente esses eventos ao seu trabalho sobre desnutrição e comportamento humano no Laboratório de Higiene Fisiológica da Universidade de Minnesota, mas não se pode ignorar o quanto esses temas foram significativos para Brozek, dada sua história de vida. Portanto, a tensão entre vida e obra de um autor deve ser mantida e analisada ao longo do tempo.

Embora a pesquisa em História da Psicologia não tenha predominado entre os anos 1940 e 1960, ela surgiu em resenhas de livros publicadas em periódicos como o *Contemporary Psychology*. Com a mudança de Minnesota para a Pensilvânia a fim de assumir a chefia de departamento na Universidade de Lehigh, Brozek pôde dedicar-se mais à área, que já lhe interessava desde a graduação. Nesse mesmo período, o autor contemporâneo Robert Watson publicou seu famoso artigo sobre a negligência da pesquisa em História da Psicologia, o que despertou um maior interesse entre psicólogos voltados para investigações históricas e fomentou ações concretas para a investigação histórica. A participação ativa de Brozek na fundação do *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, dos Arquivos de História da Psicologia dos Estados Unidos e da Divisão 26 da APA, relativa à História da Psicologia, integrou o processo de institucionalização da área em meados da década de 1960. A liderança de Brozek na organização da divisão científica dessa recém-fundada divisão e dos Seminários de Verão de 1968 e 1971, destinados ao ensino do novo campo, coloca-o como um dos protagonistas no desenvolvimento da História da Psicologia.

Na década de 1970 e 1980, Brozek intensificou sua atuação em outros países, com pesquisas concentradas em temas diversos, incluindo figuras como o dálmata Marcus Marulus, o fisiologista holandês Cornelis Donders e as contribuições do tcheco Jan Evangelista Purkinje para os conhecimentos psicológicos. Suas viagens à Europa, possibilitadas por bolsas e financiamentos de órgãos variados no contexto de expansão científica no período da Guerra Fria, incluíram visitas a arquivos, coleta de documentos, participações em congressos e construção de novas redes científicas, estendendo sua atuação

para além das fronteiras americanas. Exemplo disso foi sua temporada na Alemanha, entre 1979 e 1980, que resultou no livro *Historiography of Modern Psychology*, em coautoria com Ludwig Pongratz. Essa obra foi traduzida para outros idiomas, como o italiano, e reeditada no Brasil em parceria com Marina Massimi, que Brozek havia conhecido na Europa no final da década de 1970.

O interesse pelo Brasil se acentuou a partir da década de 1980, principalmente através da vinda de Massimi para o país e dos trabalhos de Antonio Gomes Penna, de quem Brozek nunca escondeu sua profunda admiração. Os livros de Penna atraíram o interesse do psicólogo tcheco, que o convidou para participar do Simpósio Internacional Gustav Theodor Fechner, realizado em 1987 na Alemanha. No ano seguinte, Penna convidou Brozek para ser presidente honorário do Primeiro Seminário de História da Psicologia da América Latina, no Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais (ISOP). Nessa oportunidade, Brozek ainda visitou o Núcleo de Psicologia Social da PUC-SP, liderado por Maria do Carmo Guedes, que vinha realizando pesquisas em História da Psicologia. Na década de 1990, o autor retornou ao Brasil em diferentes oportunidades, promovendo a troca científica e apoiando o desenvolvimento do campo no país. Em 1996, ele ministrou aulas sobre a historiografia da psicologia, participou da fundação do Grupo de Trabalho de História da Psicologia na ANPEPP e encontrou-se com jovens pesquisadores entusiasmados com a área. No ano seguinte, Brozek esteve presente no XXVI Congresso Interamericano de Psicologia e visitou o Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. Sua satisfação com o andamento das pesquisas no Brasil levou-o a doar parte de seu acervo e biblioteca pessoais ao Centro, cujos materiais se encontram disponíveis para consultas e pesquisas, como no caso desta dissertação.

O contexto da prática científica nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial, as novas epistemologias científicas e a ascensão da Psicologia no país ajudam a dimensionar a atuação de Brozek e de outros atores históricos envolvidos no processo. Da mesma forma, traçar o caminho da rica produção psicológica brasileira auxilia a não exagerar o peso de determinados atores ou eventos, possibilitando examinar o assunto dentro de uma conjuntura mais ampla. Por isso, preocupei-me em considerar esses horizontes para entender como trajetórias individuais se articulam dentro de práticas sociais, políticas, econômicas e culturais.

Alguns limites desta pesquisa residem nos fundos e documentos consultados: outros acervos, como os Arquivos de Akron e os da República Tcheca, contêm documentos ainda não explorados e que podem trazer novas considerações. Longe de esgotar o tema, esta

pesquisa suscitou novas indagações, com a esperança que futuros estudos ajudem a esclarecê-las. A correspondência de Brozek com outros autores, como Hoskovec, Pongratz e Léon, bem como os desdobramentos em seus respectivos países, podem elucidar alguns aspectos das redes científicas e da expansão internacional da História da Psicologia. Da mesma maneira, estudos aprofundados sobre outros autores envolvidos na constituição da História da Psicologia possibilitam delinear um panorama mais rico do assunto. No Brasil, a experiência de pesquisadores que conviveram ou mantiveram contato com Brozek certamente traria perspectivas ainda não exploradas. Para isso, um trabalho aplicando metodologias próprias da História Oral seria bastante frutífero.

A morte de Brozek, em 2004, ensejou a produção de uma série de obituários na revista *History of Psychology*, vinculada à Divisão 26 da APA. As homenagens prestadas por amigos de diversas partes do mundo evidenciaram o reconhecimento do trabalho e do legado de Brozek, que ele já havia desfrutado em vida. Como observou Dosse (2015), a fase após a morte pode alterar o estatuto do biografado, levando a flutuações de sentidos e múltiplas apropriações. Nesse sentido, esta dissertação tentou conferir inteligibilidade ao vivido, processo que elabora - e altera - as experiências mediante uma narrativa ulterior. Ao longo do texto, investiguei como Josef Brozek atuou na constituição da História da Psicologia como um campo autônomo de pesquisa, seja por meio de suas ações individuais ou dentro de práticas sociais. Espero que a análise tenha contribuído para refletir sobre as ações e singularidades humanas nas práticas científicas, relacionadas às estruturas históricas.

REFERÊNCIAS

1 - Fontes de Arquivos

1.1 - Arquivos UFMG de História da Psicologia

1.1.1 - Acervo Josef Brozek

Periódico *Geschichte der Psychologie* v. 1, n. 1, 1984. Acervo Josef Brozek, Caixa 01, Documento 06. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1984.

Periódico *Geschichte der Psychologie* v. 1, n. 2, 1984. Acervo Josef Brozek, Caixa 01, Documento 07. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1984.

Periódico *Geschichte der Psychologie* v. 2, n. 5, 1985. Acervo Josef Brozek, Caixa 01, Documento 09. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1985.

Periódico *Geschichte der Psychologie* v. 2, n. 6, 1985. Acervo Josef Brozek, Caixa 01, Documento 10. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1985.

Periódico *Geschichte der Psychologie*, v. 4, n. 11, 1987. Acervo Josef Brozek, Caixa 01, Documento 13. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1987.

Periódico *Geschichte der Psychologie*, v. 6, n. 17, 1989. Acervo Josef Brozek, Caixa 01, Documento 18. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1989.

Aufruf zur Mitarbeit - Fachtagung für Geschichte der Psychologie - Acervo Josef Brozek, Caixa 02, Documento 39. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1988.

The Cheiron European Newsletter, v. 1, n. 1, 1982. Acervo Josef Brozek, Caixa 03, Documento 02. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1982.

The Cheiron European Newsletter, v. 2, n. 1, 1984. Acervo Josef Brozek, Caixa 03, Documento 04. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1984.

The Cheiron European Newsletter, v. 3, n. 2, 1985. Acervo Josef Brozek, Caixa 03, Documento 06. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1985.

The Cheiron European Newsletter, v. 5, n. 1, 1986. Acervo Josef Brozek, Caixa 03, Documento 09. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1986.

The Cheiron European Newsletter, inverno de 1988. Acervo Josef Brozek, Caixa 03, Documento 11. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1988.

The Cheiron European Newsletter, primavera de 1989. Acervo Josef Brozek, Caixa 03, Documento 13. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1989.

The Cheiron European Newsletter, outono de 1989. Acervo Josef Brozek, Caixa 03, Documento 14. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1989.

The Cheiron European Newsletter, v. 12, n. 1, 1994. Acervo Josef Brozek, Caixa 03, Documento 23. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1994.

BROZEK, Josef. Carta a Hannes Stubbe de 07 de abril de 1989. Acervo Josef Brozek, Caixa 03, Documento 65. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1989.

BROZEK, Josef. Carta a Marina Massimi de 19 de agosto de 1996. Acervo Josef Brozek, Caixa 03, Documento 67. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1996.

English Psychology in the Journal Mind, s.d. Acervo Josef Brozek, Caixa 06, Documento 21. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, s.d.

MASSIMI, Marina. Carta a Josef Brozek de 08 de agosto de 1996. Acervo Josef Brozek, Caixa 03, Documento 68. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1996.

ROSENZWEIG, Saul. Carta a Josef Brozek de 20 de fevereiro de 1993. Acervo Josef Brozek, Caixa 03, Documento 57. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1993.

Texto autobiográfico de 1984. Acervo Josef Brozek, Caixa 06, s.n. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1984.

1.1.2 - Acervo Marina Massimi

BROZEK, Josef. Carta a Marina Massimi de 21 de julho de 1997. Acervo Marina Massimi, Grupo 01, Pasta 1.a.001, Documento 1.a.18. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1997.

BROZEK, Josef. Carta a Marina Massimi de 22 de dezembro de 1999. Acervo Marina Massimi, Grupo 01, Pasta 1.a.001, Documento 1.a.19. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1999.

BROZEK, Josef. Carta a Marina Massimi de 31 de dezembro de 1992. Acervo Marina Massimi, Grupo 01, Pasta 1.a.001, Documento 1.a.20. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1992.

BROZEK, Josef. Carta a Marina Massimi de 30 de abril de 1993. Acervo Marina Massimi, Grupo 01, Pasta 1.a.001, Documento 1.a.20. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1993.

BROZEK, Josef. Carta a Marina Massimi de 07 de julho de 1993. Acervo Marina Massimi, Grupo 01, Pasta 1.a.001, Documento 1.a.20. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1993.

BROZEK, Josef. Carta a Marina Massimi de 06 de setembro de 1993. Acervo Marina Massimi, Grupo 01, Pasta 1.a.001, Documento 1.a.20. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1993.

BROZEK, Josef. Carta a Marina Massimi de 23 de outubro de 1993. Acervo Marina Massimi, Grupo 01, Pasta 1.a.001, Documento 1.a.20. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1993.

BROZEK, Josef. Carta a Marina Massimi de 16 de novembro de 1993. Acervo Marina Massimi, Grupo 01, Pasta 1.a.001, Documento 1.a.20. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1993.

BROZEK, Josef. Carta a Marina Massimi de 26 de julho de 1994. Acervo Marina Massimi, Grupo 01, Pasta 1.a.001, Documento 1.a.20. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1994.

BROZEK, Josef. Carta a Marina Massimi de 31 de julho de 1998. Acervo Marina Massimi, Grupo 01, Pasta 1.a.001, Documento 1.a.28. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1998.

BROZEK, Josef. Carta a Marina Massimi de 20 de agosto de 1998. Acervo Marina Massimi, Grupo 01, Pasta 1.a.001, Documento 1.a.28. Arquivos UFMG de História da Psicologia (Sala Helena Antipoff), Belo Horizonte, 1998.

1.2 - Acervo Pessoal de Raquel Assis

BROZEK, Josef. Carta a Raquel Assis de 20 de maio de 1998. Acervo pessoal da autora, 1998.

BROZEK, Josef. Carta a Raquel Assis de 08 de agosto de 1998. Acervo pessoal da autora, 1998.

1.3 - Acervo Pessoal de Regina Helena Campos

BROZEK, Josef. Carta a Daniel Antipoff de 12 de julho de 1997. Acervo pessoal da autora, 1997.

BROZEK, Josef. Carta a Regina Helena Campos de 05 de abril de 1996. Acervo pessoal da autora, 1996.

BROZEK, Josef. Carta a Regina Helena Campos de 17 de junho de 1996. Acervo pessoal da autora, 1996.

BROZEK, Josef. Carta a Regina Helena Campos de 12 de janeiro de 1997. Acervo pessoal da autora, 1997.

BROZEK, Josef. Carta a Regina Helena Campos de 14 de fevereiro de 1997. Acervo pessoal da autora, 1997.

BROZEK, Josef. Carta a Regina Helena Campos de 15 de maio de 1997. Acervo pessoal da autora, 1997.

BROZEK, Josef. Carta a Regina Helena Campos de 09 de junho de 1997. Acervo pessoal da autora, 1997.

BROZEK, Josef. Carta a Regina Helena Campos de 02 de agosto de 1997. Acervo pessoal da autora, 1997.

BROZEK, Josef. Carta a Regina Helena Campos de 23 de janeiro de 1998. Acervo pessoal da autora, 1998.

BROZEK, Josef. Carta a Regina Helena Campos de 20 de maio de 1998. Acervo pessoal da autora, 1998.

BROZEK, Josef. Carta a Regina Helena Campos de 19 de julho de 1999. Acervo pessoal da autora, 1999.

2 - Textos de Brozek

2.1 - Autoria individual

BROZEK, Josef (org.). **Body measurements and human nutrition**. Detroit, MI: Wayne State University Press, 1956.

BROZEK, Josef. USSR-USA: A Case of Communication Disease. **American Psychologist**, v. 16, n. 11, p. 713-714, 1961a.

BROZEK, Josef. Recent Russian books in psychology. **Contemporary Psychology**, v. 6, p. 62-63, 1961b.

BROZEK, Josef. Current Status of Psychology in the USSR. **Annual Review of Psychology**, v. 13, p. 515-566, 1962a.

BROZEK, Josef. Soviet Studies on Nutrition and Higher Nervous Activities. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 93, p. 665-714, 1962b.

BROZEK, Josef. Recent developments in Soviet Psychology. **Annual Review of Psychology**, v. 15, p. 493-594, 1964.

BROZEK, Josef. Contemporary Soviet Psychology. **Transactions of the New York Academy of Sciences**, v. 27, n. 4, p. 422-438, 1965.

BROZEK, Josef. Current and anticipated research in the history of psychology. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 4, n. 2, p. 180-185, 1968a.

BROZEK, Josef. Recent Russian Books in Psychology. **Contemporary Psychology**, v. 13, n. 12, p. 659-663, 1968b.

BROZEK, Josef. Spectrum of Soviet psychology: 1968 model. **American Psychologist**, v. 24, n. 10, p. 944-946, 1969a.

BROZEK, Josef. History of Psychology: Diversity of Approaches and Uses. **Transactions of the New York Academy of Sciences**, v. 31, n. 2, p. 115-127, 1969b.

BROZEK, Josef. Soviet psychology's coming of age. **American Psychologist**, v. 25, n. 11, p. 1057-1058, 1970a.

BROZEK, Josef. Contributions to the History of Psychology: XII. Wayward History: F. C. Donders (1818–1889) and the Timing of Mental Operations. **Psychological Reports**, v. 26, n. 2, p. 563-569, 1970b.

BROZEK, Josef. USSR: Current activities in the history of physiology and psychology. **Journal of the History of Biology**, v. 4, n. 1, p. 185-208, 1971a.

BROZEK, Josef. The Psychology and Physiology of Behaviour: Some Recent Soviet Writings on Their History. **History of Science**, v. 10, n. 1, p. 56-87, 1971b.

BROZEK, Josef. Recent Russian Pavloviana. **Integrative Conditional Reflex**, v. 6, p. 157-165, 1971c.

BROZEK, Josef. To test or not to test: Trends in the Soviet views. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 8, n. 2, p. 243-248, 1972a.

BROZEK, Josef. Quantitative explorations in the history of psychology in Yugoslavia: translations. **Psychological Reports**, v. 31, n. 2, p. 397-398, 1972b.

BROZEK, Josef. Fourth Congress of Yugoslav Psychologists. **International Journal of Psychology**, v. 7, n. 2, p. 135-136, 1972c.

BROZEK, Josef. Review: Six Recent Additions to the History of Physiology in the USSR. **Journal of the History of Biology**, v. 6, n. 2, p. 317-334, 1973a.

BROZEK, Josef. Soviet historiography of psychology: Sources of biographic and bibliographic information. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 9, n. 2, p. 152-161, 1973b.

BROZEK, Josef. Soviet historiography of psychology: II. Contributions of non-Russian authors. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 9, n. 3, p. 152-161, 1973c.

BROZEK, Josef. Josef Brožek, Whither autobiography? An Essay Review: T. S. Krawiec (Ed.), *The psychologists*. Vol. 1. New York: Oxford University Press, 1972. Pp. 376. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 9, n. 3, p. 273-281, 1973d.

BROZEK, Josef. Josef Brožek, Whither autobiography? An Essay Review: Ludwig J. Pongratz, Werner Traxel, and Ernst G. Wehner (Eds.), *Psychologie in selbstdarstellungen (psychology in autobiography)*. Bern: Hans Huber, 1972. Pp. 388. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 9, n. 3, p. 273-281, 1973e.

BROZEK, Josef. Marcus Marulus (1450-1524), author of *Psychologia*: Early references and dating. **Proc. 81st Annual Conf. Amer. Psychol. Assoc.**, p. 929-930, 1973f.

BROZEK, Josef. *Psychologia* of Marcus Marulus (1450-1524): Evidence in print and estimated date of origin. **Episteme**, v. 7, p. 123-131, 1973g.

BROZEK, Josef. Soviet historiography of psychology: III. Between philosophy and history. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 10, n. 2, p. 195-201, 1974a.

BROZEK, Josef. Soviet historiography of psychology: IV. History of psychology abroad. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 10, n. 3, p. 348-351, 1974b.

BROZEK, Josef. *The American Adventure*. In: KRAWIEC, T. S. **The Psychologists**. New York-London-Toronto: Oxford University Press, 1974c. v. 2, p. 51-84.

BROZEK, Josef. Irons in the fire: Introduction to a symposium on archival research. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 11, n. 1, p. 15-19, 1975a.

BROZEK, Josef. Contemporary West European Historiography of Psychology. **History of Science**, v. 13, n. 1, p. 29-60, 1975b.

BROZEK, Josef. History of Soviet Psychology: Recent Sources of Information in English (1965–1975). In: CORSON, S. A.; CORSON, E. O. (org.). **Psychiatry and Psychology in the USSR**. Boston, MA: Springer, 1976. p. 59-82.

BROZEK, Josef. Contemporary East European Historiography of Psychology. **History of Science**, v. 15, n. 4, p. 233-251, 1977.

BROZEK, Josef. Watson, R. I. (1979), Robert I. Watson, Sr. *The history of psychology and the behavioral sciences: A bibliographic guide*. New York: Springer Publishing Co., 1978. 241 pp. \$11.95 (Reviewed by Josef Brožek). **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 15, n. 2, p. 190-192, 1979a.

BROZEK, Josef. Nutrição, desnutrição e comportamento. **Cadernos de Pesquisa**, v. 29, p. 11-30, 1979b.

BROZEK, Josef. Robert I. Watson, Sr. basic writings in the history of psychology. New York: Oxford University Press, 1979. 420 pp. \$7.50 (Reviewed by Josef Brožek). **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 16, n. 1, p. 101-102, 1980a.

BROZEK, Josef. Wundtian Centennial in Spain. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 16, n. 3, p. 295, 1980b.

BROZEK, Josef. An Italian journal of the history of psychology: a metamorphosis. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 17, n. 4, p. 547-548, 1981.

BROZEK, Josef. Contributions of Robert I. Watson (1909-1980) to the literature on the history of psychology. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 18, n. 4, p. 326-331, 1982.

BROZEK, Josef. Study of the History of Psychology Around the World: Recent Institutional and Organizational Developments. **Revista de Historia de la Psicología**, v. 4, n. 4, p. 293-345, 1983.

BROZEK, Josef. Multiphasic profile: A selective autobiography. **Revista de Historia de la Psicología**, v. 5, n. 1-2, p. 13-40, 1984a.

BROZEK, Josef (org.). **Explorations in the History of Psychology in the United States**. Cranbury, NJ: Bucknell University Press, 1984b.

BROZEK, Josef. Ein halbes Jahrhundert Kontakte mit der deutschen Psychologie. **Geschichte der Psychologie - Nachrichtenblatt**, v. 4, n. 11, p. 44-64, 1987.

BROZEK, Josef. Recent developments in historiography in Brazil. **Teorie e Modelli**, v. 5, n. 1, p. 3-8, 1988.

BROZEK, Josef. Historiography of psychology: a brief look into the past. **Psychologie und Geschichte**, v. 2, p. 96-101, 1990a.

BROZEK, Josef. Disunity versus diversity. **American Psychologist**, v. 45, n. 8, p. 983, 1990b.

BROZEK, Josef. Marina Massimi. História da Psicologia Brasileira da Época Colonial até 1934. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 27, n. 4, p. 399-401, out. 1991.

BROZEK, Josef. From a multiphasic to a monophasic profile: a biobibliographic addendum, 1983-1997. **Revista de Historia de la Psicología**, v. 18, n. 3-4, p. 411-438, 1997.

BROZEK, Josef. 65 years of interaction with German history of psychology. **Geschichte der Psychologie - Nachrichtenblatt**, v. 15, n. 32, p. 11-19, 1998a.

BROZEK, Josef. International Historiography of Psychology. **History and Philosophy of Psychology Section Newsletter**, n. 27, p. 30-35, 1998b.

BROZEK, Josef. History of a historian of Psychology in the United States. **History of Psychology**, v. 2, n. 2, p. 83-101, 1999a.

BROZEK, Josef. From “psichiologia” to “psychologia”: A graphically documented archival study across three centuries. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 35, n. 2, p. 177-180, 1999b.

BROZEK, Josef. Human Biology: From a Love to Profession and Back Again. **American Journal of Human Biology**, v. 11, n. 2, p. 143-155, 1999c.

BROZEK, Josef. Regina Helena de Freitas Campos, (Ed.) Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil: Pioneiros. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001, 464 pp. ISBN 85-312-0760-6. Reviewed by Josef Maria Brozek. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 39, n. 4, p. 386, 2003.

2.2 - Textos de Brozek em coautoria

BROZEK, Josef; BRADY, Joseph V. News and notes. **Conditional Reflex**, v. 6, n. 2, p. 119-122, 1971.

BROZEK, Josef; BUZINA, Ratko; MIKIC, Fedor. Population Studies on Serum Cholesterol and Dietary Fat in Yugoslavia. **The American Journal of Clinical Nutrition**, v. 5, n. 3, p. 279-285, 1957.

BROZEK, Josef; DAZZI, Nino. Contemporary Historiography of Psychology: Italy. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 13, n. 1, p. 33-40, 1977.

BROZEK, Josef.; DIAMOND, Solomon. Die Ursprünge der objektiven Psychologie [Origins of objective psychology]. In: BALMER, Heinrich (Ed.). **Die Psychologie des 20. Jahrhunderts**. Zurich: Kindler, 1976. p. 721-819.

BROZEK, Josef; DIAMOND, Solomon. Die Ursprünge der objektiven Psychologie [Origins of objective psychology]. In: BALMER, Heinrich (Ed.). **Geschichte der Psychologie**. Bd. 2. Weinheim: Beltz, 1982a. p. 37-135

BROZEK, Josef. & DIAMOND, Solomon. **Le Origini della Psicologia Obiettiva**. Roma: Bulzoni Editore, 1982b.

BROZEK, Josef; EVANS, Rand B. **R. I. Watson's Selected Papers on the History of Psychology**. Hanover, New Hampshire: University Press of New England, 1977.

BROZEK, Josef; GUERRA, Erlaine. Josef Brožek: relato de um historiador da psicologia. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org.). **História da Psicologia: pesquisa, formação e ensino**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008/[1996]. p. 57-67.

BROZEK, Josef; GUNDLACH, Horst. Henning, Hans. In: KAZDIN, A. E. **Encyclopedia of psychology**. Vol 4. Oxford: Oxford University Press, 2000.

BROZEK, Josef; HOSKOVEC, Jiří. Current Soviet Psychology: A Systematic Review. **Soviet Psychology and Psychiatry**, v. 4, n. 3–4, p. 16-44, 1966a.

BROZEK, Josef; HOSKOVEC, Jiří. Contemporary psychology in Czechoslovakia: The general setting. **Psychologia: An International Journal of Psychology in the Orient**, v. 9, n. 1, p. 53-59, 1966b.

BROZEK, Josef; HOSKOVEC, Jiří. **J. E. Purkyne and Psychology, with a focus on unpublished manuscripts**. Prague: Academia, 1987.

BROZEK, Josef; HOSKOVEC, Jiří. Psychology of the Scientist: LXII. Prospects of psychology in Czechoslovakia. **Perceptual & Motor Skills**, v. 71, p. 44-46, 1990.

BROZEK, Josef; HOSKOVEC, Jiří. Progress report: Facilitating development of psychology in free Czechoslovakia. **American Psychological Society Observer**, v. 6, n. 2, p. 30, 1993a.

BROZEK, Josef; HOSKOVEC, Jiří. Contributions to the History of Psychology: XCVI. Psychology in communist and post-communist Czechoslovakia: Toward a synthesis. **Psychological Reports**, v. 73, n. 1, p. 239-248, 1993b.

BROZEK, Josef; HOSKOVEC, Jiří. Contributions to the history of psychology: CI. Psychology in the Czech Republic, 1993–1994. **Psychological Reports**, v. 77, n. 2, p. 531-539, 1995a.

BROZEK, Josef; HOSKOVEC, Jiří. Psychology in the Czech Republic. *In*: SCHORR, Angela; SAARI, Salli. **Psychology in Europe: Facts, Figures, Realities**. Göttingen, Alemanha: Hogrefe & Huber Pub, 1995b. p. 3-14.

BROZEK, Josef; HOSKOVEC, Jiří. **Psychological ideas and society: Charles University 1348-1998**. Prague, Czech Republic: Charles University, 1997.

BROZEK, Josef; HOSKOVEC, Jiří. Psychology in the Czech Republic, 1995–1998. **Psychological Reports**, v. 83, n. 3, p. 1275-1284, 1998.

BROZEK, Josef; LEÓN, Ramón. New journal of the history of psychology. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 16, n. 4, p. 394-395, 1980.

BROZEK, Josef; LEÓN, Ramon. Gerhard Strube (Coordinator). Die Psychologie des 20. Jahrhunderts (The Psychology of the Twentieth Century). Zurich: Kindler Verlag, 1976-1979. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 19, n. 3, p. 309-311, 1983.

BROZEK, Josef; MASSIMI, Marina (org.). **Historiografia da Psicologia Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

BROZEK, Josef; MASSIMI, Marina. Curso de Introdução à Historiografia da Psicologia: apontamentos para um curso breve. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 1, p. 72-78, 2001.

BROZEK, Josef; MASSIMI, Marina. Curso de Introdução à Historiografia da Psicologia: apontamentos para um curso breve. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 2, p. 103-109, 2002a.

BROZEK, Josef; MASSIMI, Marina. Curso de introdução à historiografia da psicologia: apontamentos para um curso breve. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 3, p. 112-131, 2002b.

BROZEK, Josef; MCPHERSON, Marion White. Pavloviana in the USA: Archives of the History of American Psychology, University of Akron. **Conditional Reflex**, v. 8, n. 4, p. 236-244, 1973.

BROZEK, Josef; MECACCI, Luciano. New Soviet Research Institute of Psychology: A milestone in the development of psychology in the USSR. **American Psychologist**, v. 29, n. 6, p. 475-478, 1974.

BROZEK, Josef; PONGRATZ, Ludwig (org.). **Historiography of Modern Psychology**. Toronto: C. J. Hogrefe, 1980.

BROZEK, Josef; SCHNEIDER, Leslie S. Second Summer Institute on the History of Psychology. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 9, n. 2, p. 91-101, 1973.

BROZEK, Josef; SIBINGA, Maarten. **Origins of Psychometry**: Johan Jacob de Jaeger, Student of F. C. Donders, on Reaction Time and Mental Processes (1865). Nieuwkoop: B. de Graaf, 1970.

BROZEK, Josef; SLOBIN, Dan I. Toward A History of Soviet Psychology: A Set of Bibliographies. **Soviet Psychology**, v. 6, n. 3-4, p. 8-18, 1968.

BROZEK, Josef; SLOBIN, Dan I. (org.). **Psychology in the USSR**: An Historical Perspective. New York: International Arts and Sciences Press, 1972.

BROZEK, Josef; WATSON, Robert; ROSS, Barbara. A summer institute on the history of psychology: I. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 5, n. 4, p. 307-319, 1969.

BROZEK, Josef; WATSON, Robert; ROSS, Barbara. A summer institute on the history of psychology: II. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 6, n. 1, p. 25-35, 1970.

MECACCI, Luciano; BROZEK, Josef. Soviet Psychophysiology: Introduction. **Soviet Psychology**, v. 11, n. 3, p. 4-22, 1973.

3 - Bibliografia

ALVES, Cláudia. Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 33, n. 67, p. 27-55, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/47879>. Acesso em: 2 jun. 2024.

ALVES, Isaias. **Teste individual de inteligencia**. 2 ed. Salvador: Oficinas Graphicas da Luva, 1928/[1927].

ALVES, Isaias. **Os testes e a reorganização escolar**. Salvador: A Nova Graphica, 1930.

ANGELINI, Arrigo Leonardo; AGATTI, Antonio Paschoal Rodolpho. A investigação psicológica no Brasil. **Revista Latinoamericana de Psicología**, v. 19, n. 1, p. 31-50, 1987. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/805/80519103.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2024.

ANTONIO GOMES PENNA. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 2, n. 1, p. 109-134, 1997. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26120107>. Acesso em: 17 abr. 2024.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. Sobre a formação de psicólogos: aspectos históricos. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 5, p. 35-56, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/42899>. Acesso em: 11 mar. 2024.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (org.). **História da psicologia no Brasil: primeiros ensaios**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia, 2004.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. **A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição**. - 5ª ed. - São Paulo: EDUC, 2017.

ARAÚJO, Saulo de Freitas. Wilhelm Wundt e o estudo da experiência imediata. *In*: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira. **História da Psicologia: rumos e percursos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

ARDILA, Rubén. Desarrollo de la Psicología Latinoamericana. **Revista Latinoamericana de Psicología**, v. 1, n. 1, p. 63-71, 1969. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/805/80510106.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

ASSIS, Raquel Martins. Oitenta e cinco anos de Josef Brozek: um psicólogo entre os povos. **Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Psicologia**, ano 8, março de 1998.

ASSIS, Raquel Martins de; PERES, Sávio Passafaro (org.). **História da Psicologia: tendências contemporâneas**. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2016.

AUTUORI, Marina. Uma história do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 34, n. 86, p. 7-23, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2014000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 mar. 2024.

BALDWIN, James Mark. **The Story of the Mind**. 3. ed. New York: D. Appleton and Company, 1905/[1898].

BALDWIN, James Mark. **History of Psychology: a sketch and an interpretation**. New York and London: G. P. Putnam's sons, 1913. v. 1

BEEBE-CENTER, J. G.; MCFARLAND, Ross A. Psychology in South America. **Psychological Bulletin**, v. 38, n. 8, p. 627-667, 1941.

BENJAMIN, Ludy T.; CROUSE, Ellen. The American Psychological Association's response to Brown v. Board of Education: the case of Kenneth B. Clark. **American Psychologist**, v. 57, n. 1, p. 38–50, 2002.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício de historiador**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BLOWERS, Geoffrey. Remembering Joseph Brozek (1913-2004): Brozek's China Connection. **History of Psychology**, v. 9, n. 1, p. 75–78, 2006.

BORING, Edwin Garrigues. **A History of Experimental Psychology**. 2. ed. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1950.

BOTO, Carlota, BARZOTTO, Valdir Heitor. A Faculdade de Educação da USP: trilhas de uma história de formação de professores. **Jornal da USP**, São Paulo, 21 fev. 2024. Disponível em: [https://jornal.usp.br/artigos/a-faculdade-de-educacao-da-usp-trilhas-de-uma-historia-de-fo-macao-de-professores/](https://jornal.usp.br/artigos/a-faculdade-de-educacao-da-usp-trilhas-de-uma-historia-de-fo- macao-de-professores/). Acesso em: 11 mar. 2024.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006, p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Texto revisto pelo autor com a colaboração de Patrick Champagne e Etienne Landais. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Curso no Collège de France, 2000-2001. Lisboa, Portugal. Edições 70, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BRANDÃO, Zaia. **A intelligentsia educacional um percurso com Paschoal Lemme**: por entre as memórias e as histórias da escola nova no Brasil. Bragança Paulista: EDUSF, 1999.

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: a longa duração. **Revista de História**, v. 30, n. 62, p. 261–294, 1965.

BRINGMANN, Wolfgang; LUCK, Helmut; MILLER, Rudolf; EARLY, Charles (org.). **A Pictorial History of Psychology**. Londres, Reino Unido: Quintessence Pub Co., 1997.

BROCK, Adrian C (org.). **Internationalizing the History of Psychology**. New York and London: New York University Press, 2006.

BURNHAM, John C. R. I. Watson's Selected Papers on the History of Psychology by Josef Brožek; Rand B. Evans. Review by: John C. Burnham. **ISIS**, v. 70, n. 2, p. 292, 1979.

BURKE, Peter. **A Escrita da História** - Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 2011.

C. P. D. Review of Explorations in the History of Psychology in the United States, by J. Brozek. **The American Journal of Psychology**, v. 98, n. 1, p. 160-162, 1985.

CABRAL, Annita de Castilho e Marcondes. A Psicologia no Brasil (1950). *In*: ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (org.). **História da Psicologia no Brasil: primeiros ensaios**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia, 2004.

CAMPOS, Nilton. Memory. **Psychological Bulletin**, v. 27, n. 7, p. 514-563, 1930.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas (Org.). **Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil: Pioneiros**. - 2. ed. - Brasília: Conselho Federal de Psicologia/BVS-PSI. Publicação original em 2001, junto com a Editora Imago.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Sources: the UFMG archives of the history of psychology in Brazil. **History of Psychology**, v. 13, n. 2, p. 201-205, 2010a.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. A função social do psicólogo. *In*: YAMAMOTO, Oswaldo Hajime; COSTA, Ana Ludmila Freire (Orgs.). **Escritos sobre a profissão do psicólogo no Brasil**. 1ª ed. Natal, RN: EDUFRN, 2010b, v. 1, p. 203-212.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org.). **História da Psicologia: pesquisa, formação, ensino**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008/[1996].

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Helena Antipoff: psicóloga e educadora - uma biografia intelectual**. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. O acervo Helena Antipoff como laboratório de pesquisa sobre a história das Ciências da Educação. **Educar em Revista**, v. 34, n. 71, p. 83-101, 2018.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas; LEOPOLDINO, Armando Magno de Abreu. O Grupo de Trabalho em História da Psicologia da ANPEPP e a Expansão da Pesquisa em História da Psicologia no Brasil. *In*: STRAPASSON, Bruno; WALGER, Carolina; CARNEIRO, Filipe Degani; MIRANDA, Rodrigo Lopes. **Histórias da Psicologia no Brasil: da profissionalização à diversidade de saberes, práticas e lutas**. No prelo.

CAPSHAW, James H. **Psychologists on the march: science, practice, and professional identity in America, 1929-1969**. UK: Cambridge University Press, 1999.

CARPINTERO, Helio. Josef Brožek: The Spanish connection. **History of Psychology**, v. 7, n. 3, p. 302-306, 2004a.

CARPINTERO, Helio. Josef Brozek (1913-2004). Unidad y Pluralidad de una Vida. **Revista de Historia de la Psicología**, v. 25, n. 1, p. 85-94, 2004b.

CARPINTERO, Helio *et al.* Historiography of Psychology in Spain: the Last Decade. **History of Psychology**, v. 13, n. 3, p. 277-308, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. O novo, o velho, o perigoso: relendo a cultura brasileira. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 71, p. 29-35, 1989. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1166>. Acesso em: 03 jun. 2024.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde nacional e fôrma cívica**: higiene, moral, e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A configuração da historiografia educacional brasileira. *In*: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. - 6ª ed. - São Paulo: Contexto, 2007. p. 329-353.

CASTRO, Rafael Dias de. A psicanálise no tratamento das doenças nervosas e mentais: dos primeiros leitores à tese de Genserico Souza Pinto (Rio de Janeiro, décadas de 1900 e 1910). **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 23, n. 2, p. 349–371, abr. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/TMCYgcZ9BJS7kXmrmMLWQwH/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 27 jul. 2024.

CATTELL, James McKeen. Mental tests and measurements. **Mind**, v. 15, p. 373–380, 1890.

CENTOFANTI, Rogério. Radecki e a Psicologia no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 3, n. 1, p. 2-50, 1982.

CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise**: entre ciência e ficção. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. - 3ª ed. - Rio de Janeiro: Forense, 2015.

CHARTIER, Roger. **A história cultural** - entre práticas e representações. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. Vol. 5, n.11, jan/abr 1991.

CHARTIER, R. Verdade e prova: História, retórica, literatura, memória. **Revista de História**, n. 181, p. 1-22, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/181759>. Acesso em: 23 jun. 2024.

CHRISLER, Joan C.; McCREARY, Donald R. **Handbook of Gender Research in Psychology**. New York: Springer, 2010. v. 1.

CLARK, Kenneth B.; CLARK, Mamie P. Segregation as a factor in the racial identification of Negro preschool children: a preliminary report. **Journal of Experimental Education**, v. 8, n. 2, p. 161-163, 1939.

CLARK, Kenneth B.; CLARK, Mamie P. Skin Color as a Factor in Racial Identification of Negro Preschool Children. **The Journal of Social Psychology**, v. 11, n. 1, p. 159-169, 1940.

CLARK, Kenneth B.; CLARK, Mamie P. Emotional Factors in Racial Identification and Preference in Negro Children. **The Journal of Negro Education**, v. 19, n. 3, p. 341-350, 1950.

CLOPINE, John J. Translation Programs. **Bulletin of the Medical Library Association**, v. 50, n. 2, p. 188-195, 1962.

COAN, Isadora Cristina de Melo. **As bases filosóficas da metodologia de Quentin Skinner para a história intelectual**. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Orientador: Ricardo Silva. Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106852>. Acesso em: 14 mai. 2024.

COSTA, Ana Ludmila Freire; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. 50 anos de pós-graduação stricto sensu de Psicologia no Brasil: notas sobre seu processo de constituição (1966-2015). **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 31, p. 133–160, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6432>. Acesso em: 26 abr. 2024.

COTRIN, Jane Teresinha Domingues. **Itinerários da Psicologia na Educação Especial: uma leitura histórico-crítica em Psicologia Escolar**. 2010. 248 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CRAWFORD, Meredith P. Rapid Growth and Change at the American Psychological Association: 1945 to 1970. In: EVANS, Rand B.; SEXTON, Virginia Staudt; CADWALLADER, Thomas C. (org.). **The American Psychological Association: a historical perspective**. Washington, DC: American Psychological Association, 1992.

CRUZ, Robson Nascimento da. **B.F. Skinner e a vida científica: uma história da organização social da análise do comportamento**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.

CUDINA, Jean Nikola; OSSA, Julio César & JACÓ-VILELA, Ana Maria. Redes de colaboración científica en la investigación historiográfica de la psicología en América Latina. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, v. 55, n. 3, 2021. Disponível em: <https://journal.sipsych.org/index.php/IJP/article/view/1661>. Acesso em: 23 jun. 2024.

CUSTÓDIO, Eda Marconi. Os 70 anos da Associação de Psicologia de São Paulo, antiga Sociedade de Psicologia de São Paulo. **Boletim Psicológico**, São Paulo, v. 66, n. 144, p. 1-6, 2016. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432016000100002.

Acesso em: 10 mar. 2024.

DANZIGER, Kurt. Review of Josef Brozek (Editor). Explorations in the History of Psychology in the United States. *ISIS*, v. 76, n. 2, p. 255-256, 1985.

DANZIGER, Kurt. Introduction. **History of the Human Sciences**, v. 4, n. 3, p. 327–333, 1991.

DANZIGER, Kurt. Universalism and indigenization in the history of modern psychology. *In*: Adrian C. Brock (org.). **Internationalizing the history of psychology**. New York University Press, 2006, p. 208-225.

DEWSBURY, Donald. **Unification Through Division: Histories of the Divisions of the American Psychological Association, Volume 1**. Washington, DC: American Psychological Association, 1996.

DEWSBURY, Donald. The History of Psychology Newsletter, 1969-1997: History and Index. **History of Psychology**, v. 16, n. 4, p. 282–287, 2013.

DITTRICH, Alexandre; STRAPASSON, Bruno; SILVEIRA, Jocelaine; ABREU, Paulo. Sobre a Observação enquanto Procedimento Metodológico na Análise do Comportamento: Positivismo Lógico, Operacionismo e Behaviorismo Radical. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n. 2, p. 179-187, 2009.

DOSSE, François. **A História em Migalhas - dos Annales à Nova História**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma Vida**. - 2. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

DUNCAN, Carl P. R. I. Watson's Selected Papers on the History of Psychology. Review by: Carl P. Duncan. **American Journal of Psychology**, v. 91, n. 3, p. 539, 1978.

DUTRA, Luiz Henrique de Araújo. Behaviorismo, Operacionalismo e a Ciência do Comportamento. **Philosophos - Revista de Filosofia**, v. 9, n. 2, p. 179-206, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/3035>. Acesso em: 2 jul. 2024.

EVANS, Rand B.; SEXTON, Virginia Staudt; CADWALLADER, Thomas C. (org.). **The American Psychological Association: a historical perspective**. Washington, DC: American Psychological Association, 1992.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução Elementar no Século XIX. *In*: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. - 2. ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 135-150.

FARR, Robert M. **As raízes da psicologia social moderna**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FEBVRE, Lucien. Uma visão de conjunto: história e psicologia. *In*: FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Lisboa: Editorial Presença, 1985. p. 205-216.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI**: a religião de Rabelais. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade clássica**. - 8. ed. - São Paulo: Perspectiva, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. - 7ª ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Antonio Gomes Penna**: razão e história. Rio de Janeiro: Imago Ed., Brasília, DF: CFP, 2002 - Pioneiros da Psicologia Brasileira.

FLESHER, Mary Mosher. Josef Brožek's Bethlehem years. **History of Psychology**, v. 7, n. 3, p. 300-302, 2004.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. Mestiçagem e mediadores culturais e história da educação: contribuições da obra de Serge Gruzinski. *In*: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (orgs.). **Pensadores sociais e história da educação**. Vol. 2. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. O transnacional na pesquisa histórica: o que pensam os historiadores. *In*: LINHALES, Meily Assbú; PUCHTA, Diogo Rodrigues; ROSA, Maria Cristina. **Diálogos transnacionais na história da educação física**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

FURUMOTO, Laurel; SCARBOROUGH, Elizabeth. Placing Women in the History of Psychology: the First American Women Psychologists. *In*: PICKREN, Wade E.; DEWSBURY, Donald (org.). **Evolving Perspectives on the History of Psychology**. Washington, DC: American Psychological Association, 2002.

GAY, Peter. **Freud para historiadores**. São Paulo: Paz e Terra, 1989a.

GAY, Peter. **Freud**: uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989b.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In*: **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GINSBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, São Paulo: Bertrand, 1991.

GOMES, William Barbosa e Hutz, Cláudio. Anotações Históricas e Conceituais sobre o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 23 (Supl 1), p. 47-57, 2010.

GOMES, William Barbosa; FRADKIN, Chris. Historical Notes on Psychology in Brazil: The Creation, Growth and Sustenance of Postgraduate Education. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 28, p. 2–13, 2015.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GRUZINSKI, Serge. O historiador, o macaco e a centaura: a “história cultural” no novo milênio. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, 2003.

GUEDES, Maria do Carmo. Carolina Bori: retratos. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 225-236, 1998.

HALL, Margaret E. The present status of psychology in South America. **Psychological Bulletin**, v. 43, n. 5, p. 441-476, 1946.

HILGARD, Ernest R.; LEARY, David E.; MCGUIRE, Gregory R. The history of psychology: a survey and critical assessment. **Annual Review of Psychology**, v. 42, p. 79–107, 1991.

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA, Grupo de trabalho - 1996: Resumos contribuídos. *In*: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (org.). **6º Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP** (Anais, Tomo I, p. 179-183). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, 1996.

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA, Grupo de trabalho - 1996: Relatório do GT. *In*: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (org.). **6º Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP** (Anais, Tomo II, p. 205-211). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, 1996.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**. O breve século XX. - 2. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios, 1875-1914**. - 13. ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HOBSBAWM, Eric. **A era do capital, 1848-1857**. - 2. ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2012.

HOLLIDAY, Bertha Garrett. The History and Visions of African American Psychology: Multiple Pathways to Place, Space and Authority. **Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology**, v. 15, n. 4, p. 317–337, 2009.

HOSKOVEC, Jiří. Josef Brožek and Psychology in Czechoslovakia. **Revista de Historia de la Psicología**, v. 5, n. 1–2, p. 173-182, 1984.

HOSKOVEC, Jiří. Josef Maria Brožek (1913-2004). **History of Psychology**, v. 7, n. 3, p. 297–300, 2004.

INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS SOCIAIS - Sumário das atividades de 1988. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 41, n. 2, p. 137-164, mai. 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/abp/article/download/21367/20120/39181>. Acesso em: 20 mar. 2024.

JACÓ-VILELA, Ana Maria. Antonio Gomes Penna: psicologia, história e filosofia em uma trajetória dedicada ao ensino. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, [S.l.], v. 19, p. 239-248, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6570>. Acesso em: 17 abr. 2024.

JACÓ-VILELA, Ana Maria (org.). **Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil**. Rio de Janeiro/Brasília: Imago/CFP, 2011.

JACÓ-VILELA, Ana Maria. Eliezer Schneider: um esboço biográfico. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 4, n. 2, p. 331–350, jul. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/WMqgpcLPgqwWjq6LwNj5cSt/?lang=pt#>. Acesso em: 17 abr. 2004.

JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira. **História da Psicologia: rumos e percursos**. - 3. ed. - Rio de Janeiro: Nau Editora, 2013.

JAMES, William. **The Principles of Psychology**. New York: Henry Holt and Company, 1890.

KLAPPENBACH, Hugo; JACÓ-VILELA, Ana Maria. The future of the history of psychology in Argentina and Brazil. **History of Psychology**, v. 19, n. 3, 2016, p. 229-247. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2Fhop0000030>. Acesso em: 23 jun. 2024.

KRÜGER, Helmuth. Antonio Gomes Penna. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 21, n. 1, p. 97–97, mar. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/HKFRBdZ5ttKmdfDgxz6q8Wh/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. - 12. ed. - São Paulo: Perspectiva, 2013.

LACAPRA, Dominick. **History and Criticism**. Cornell University Press, 1985.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LÉON, Ramón. Antonio Gomes Penna. Introdução à história da psicologia contemporânea [Introduction to the history of contemporary psychology]. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 18, n. 4, p. 387-388, 1982.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. *In*: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

LIMA, Henrique Espada. Micro-história. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 207-223.

LIMA, Paulo Gomes. **Política científica e tecnológica**: países desenvolvidos, América Latina e Brasil. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009.

LITTMAN, Richard. Review of Josef Brozek, Ed. *Explorations in the History of Psychology in the United States*. Lewisburg, Penn. : Bucknell University Press, 1984. 333 pp. \$39.50 (cloth). **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 22, n. 4, p. 388–391, 1986.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. - 2. ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LORIGA, Sabina. **O Pequeno X** - da biografia à história. Editora Autêntica, 2011.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. A Psicologia no Brasil (1955). *In*: ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (org.). **História da Psicologia no Brasil**: primeiros ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia, 2004.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. A Psicologia no Brasil nos últimos 25 anos (1969). *In*: ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (org.). **História da Psicologia no Brasil**: primeiros ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia, 2004.

LÖWY, Ilana. Intersexe et transsexualités: les technologies de la médecine et la séparation du sexe biologique du sexe social. **Cahiers du Genre**, v. 34, n. 1, p. 81–104, 2003.

LÖWY, Ilana; ROUCH, Hélène. Genèse et développement du genre: les sciences et les origines de la distinction entre sexe et genre. **Cahiers du Genre**, v. 34, n. 1, p. 5–16, 2003.

MACCOBY, Eleanor Emmons; JACKLIN, Carol Nagy. **The Psychology of Sex Differences**. Stanford, California: Stanford University Press, 1974. v. 1.

MARIA DO CARMO GUEDES. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 29, n. 2, p. 432–432, 2009.

MASSIMI, Marina. The origins of modern psychology: explorations in the Old and the New World. **Revista de Historia de la Psicología**, v. 5, n. 1-2, p. 221–227, 1984.

MASSIMI, Marina. **História da psicologia brasileira**: da época colonial até 1934. São Paulo: EPU, 1990.

MASSIMI, Marina. *De Animorum Medicamentis*: conselhos e perspectivas para o futuro oferecidos a um adolescente do século XV. **Temas psicológicos**. Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 133-150, ago. 1994. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MASSIMI, Marina *et al.* Navegadores, colonos, missionários na Terra de Santa Cruz: um estudo psicológico da correspondência epistolar. São Paulo: Loyola, 1997. Resenha de: BROZEK, Josef. **The Sixteenth Century Journal**, v. 29, n. 1, p. 158-160, 1998.

MASSIMI, Marina. Josef Brožek: Friendship and History. **History of Psychology**, v. 7, n. 3, p. 306-309, 2004.

MASSIMI, Marina. **História dos saberes psicológicos**. São Paulo: Paulus, 2016.

MASSIMI, Marina. **História dos Saberes Psicológicos na Cultura Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023.

MASSIMI, Marina; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Josef Brožek: história e memória (1913-2004). **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 6, p. 128-131, 2004a. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6792>. Acesso em: 09 out. 2024.

MASSIMI, Marina; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Notícia: Josef Brožek (1913-2004): Somos Todos Herdeiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 1, p. 91-92, 2004b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/4RmWpRCZrj3BRj3tLLGmkcM/?lang=pt>. Acesso em: 09 out. 2024.

MASSIMI, Marina; GUEDES, Maria do Carmo (org.). **História da Psicologia no Brasil: novos estudos**. São Paulo: EDUC; Cortez, 2004.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa de. **Tests: introdução ao estudo dos meios científicos de julgar a inteligência e aplicação dos alunos**. -2. ed. - Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1924.

MENDONÇA, Diego do Nascimento e HOLANDA, Adriano Furtado. Nilton Campos e a Psicologia Brasileira: Um Resgate Biográfico e Bibliográfico. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 21, v. 2, p. 786-804, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/61069>. Acesso em: 13 mar. 2024.

MEYERSON, Ignace. **Les fonctions psychologiques et les œuvres**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin 6, 1948.

MIRANDA, Rodrigo Lopes; SANTOS, Lourdes Rosalvo da Silva. História e memória da profissão de psicólogo no Brasil: Legislações e contexto sócio-histórico (1940-1950). **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 39, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/35360>. Acesso em: 12 mar. 2024.

MONARCHA, Carlos. Sobre Clemente Quaglio (1872-1948): notas de pesquisa Patrono da Cadeira nº 31 "Clemente Quaglio". **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**. São Paulo, v. 27, n. 2, p. 25-34, dez. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2007000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 14 mar. 2024.

MONARCHA, Carlos. Notas sobre a institucionalização da Psicologia em São Paulo: o serviço de Psicologia Aplicada (1930-1938). **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**. São Paulo, v. 29, n. 1, p. 7-15, jun. 2009. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2009000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 mar. 2024.

MORAES, Marcia. O gestaltismo e o retorno à experiência psicológica. *In*: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira. **História da Psicologia: rumos e percursos**. - 3. ed. - Rio de Janeiro: Nau Editora, 2013.

MOSCOVICI, Serge. **A invenção da sociedade: sociologia e psicologia**. Petrópolis: Vozes, 2011.

NETTO, Samuel Pfromm. A Psicologia no Brasil (1982). *In*: ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (org.). **História da psicologia no Brasil: primeiros ensaios**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia, 2004.

NEVES, Guilherme Pereira das. História: a polissemia de uma palavra. *In*: **História, teoria e variações**. Rio de Janeiro: Contracapa/Cia das Índias, 2011.

NEWS AND NOTES. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 40, n. 2, p. 237–238, 2004.

NICARETTA, Marcelo Morais. A formação do mercado das psicoterapias nos Estados Unidos da América e no Brasil: Psicanálise, Psicologia Clínica e Psicoterapias. **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**, v. 29, n. 1, p. 20–36, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2009000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 jul. 2024.

NUNES, Clarice. A instrução pública e a primeira história sistematizada da educação brasileira. **Cadernos de Pesquisa**, n. 93, p. 51–59, 1995.

O'DONNELL, John M. The Crisis of Experimentalism in the 1920s: E. G. Boring and His Uses of History. *In*: PICKREN, Wade E.; DEWSBURY, Donald (org.). **Evolving Perspectives on the History of Psychology**. Washington, DC: American Psychological Association, 2002.

OLINTO, Plínio. A Psicologia Experimental no Brasil (1944). *In*: ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (org.). **História da Psicologia no Brasil: primeiros ensaios**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia, 2004.

OLIVEIRA, Mônica; ALMEIDA, Carla (orgs.). **Exercícios de micro-história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

ORTIZ, Renato (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

PENNA, Antonio Gomes. Nilton Campos e a divulgação do método fenomenológico e do gestaltismo. **Boletim do Instituto de Psicologia**, ano XIII, n. 9/10, 1963.

PENNA, Antônio Gomes. **Introdução à história da psicologia contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PENNA, Antônio Gomes. **História das ideias psicológicas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

PENNA, Antônio Gomes. **História e psicologia**. São Paulo: RT/Edições Vértice, 1987a.

PENNA, Antonio Gomes. **História da psicologia**: apontamentos sobre as fontes e sobre algumas das figuras mais expressivas da psicologia na Cidade do Rio de Janeiro (111): Farias Brito e a crítica da psicologia moderna. Rio de Janeiro: ISOP, Centro de Pós-Graduação em Psicologia, 1987b, 23 p.

PENNA, Antônio Gomes. Minha caminhada na psicologia. **Mnemosine**, p. 3–18, 2004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41332>. Acesso em: 17 abr. 2024.

PERLMAN, Baron; MCCANN, Lee I. The Most Frequently Listed Courses in the Undergraduate Psychology Curriculum. **Teaching of Psychology**, v. 26, n. 3, p. 177-182, 1999.

PESSOTTI, Isaías. Dados para uma história da Psicologia no Brasil (1975). In: ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (org.). **História da psicologia no Brasil**: primeiros ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia, 2004.

PESSOTTI, Isaías. Notas para uma história da Psicologia no Brasil (1988). In: ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (org.). **História da psicologia no Brasil**: primeiros ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia, 2004.

PETERS, Gabriel. Habitus, reflexividade e neo-objetivismo na teoria da prática de Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 83, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/DVWhYRHDxhgN3yz49tVHTKz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2024.

PETERSEN, Laênia Martins. **Diferenças individuais**: contribuições dos estudos de Alfred Binet para as reformas educacionais de Minas Gerais (1925-1940). Tese (Doutorado em Educação). Orientador: Mônica Yumi Jinzenji. Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2021.

PICKREN, Wade E.; SCHNEIDER, Stanley F. (org.). **Psychology and the National Institute of Mental Health: a historical analysis of science, practice and policy**. Washington, DC: American Psychological Association, 2005.

PICKREN, Wade E.; RUTHERFORD, Alexandra. **A History of Modern Psychology in Context**. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, 2010.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. Historiadores da educação brasileira: gerações em diálogo. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, p. e059, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/47525>. Acesso em: 25 mar. 2024.

POCOCK, John Greenville Agard. **Political thought and history**: essays on theory and method. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

POCOCK, John Greenville Agard. **O momento maquiaveliano: o pensamento político florentino e a tradição republicana atlântica**. Niterói: Eduff, 2021.

POPPESTONE, John A.; KULT, Milton L. The archives of the History of American Psychology, January 1965 - August 1966. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 3, n. 1, p. 60–63, 1967.

PRADO, Maria Lígia Coelho. América Latina: Historia comparada, historias conectadas, historia transnacional. **Anuario de la Escuela de Historia**, Facultad de Humanidades y Artes (UNR), n. 24, p. 9-22, 2012.

PURDY, Sean. A História comparada e o desafio da transnacionalidade. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 64-84, 2012.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (Org). **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

REVEL, Jacques. **História e historiografia: exercícios críticos**. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

RITTER, Joachim.; GRUNDER, Karlfried; GABRIEL, Gottfried (org.). **Historisches Wörterbuch der Philosophie**. Alemanha: Schwabe Verlag, 1965.

ROCHA, Nádia Maria Dourado; TRANQUILLI, Alessandra Graciosa; LEPIKSON, Bianca Becker. A Faculdade de Medicina da Bahia no século XIX: a preocupação com aspectos de saúde mental. **Gazeta Médica da Bahia**, v. 74, n. 2, p. 103-126, jul.-dez. 2004.

RUSSO, Jane; VENÂNCIO, Ana Teresa A. Classificando as pessoas e suas perturbações: a “revolução terminológica” do DSM III. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. IX, n. 3, p. 460–483, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/56hWVSkWPtnWTGrjVB6qWGS/?lang=pt#>. Acesso em: 04 abr. 2024.

SCARBOROUGH, Elizabeth. Cheiron’s Origins: Personal Recollections and a Photograph. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 40, n. 2, p. 207–211, 2004.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 187-206.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. **A History of Modern Psychology**. 10. ed. Belmont, California: Wadsworth Cengage Learning, 2011.

SEIDL, Ernesto. Estratégia/estratégias de reprodução. In: CATANI, Afrânio Mendes et al (orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SILVA, Daniele Hungaro da; MACHADO, Maria Cristina Gomes. O Método de Ensino Intuitivo e a política educacional de Benjamin Constant. **Revista Eletrônica de Educação (São Carlos)**, v. 8, p. 198-211, 2014. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/836>. Acesso em: 19 abr. 2024.

SILVA, Ricardo. História intelectual e teoria política. **Revista de Sociologia e Política**, v. 17, n. 34, p. 301-318, out. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/tHY9fp7g83vL4JpLhcb5sVm/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

SILVA, Ricardo. O contextualismo linguístico na história do pensamento político: Quentin Skinner e o debate metodológico contemporâneo. **Dados**, v. 53, n. 2, p. 299-335, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/hshdGfmbJL4s7stBWNxgm6g/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

SILVEIRA, Zuleide S. Relatório da Equipe de Assessoria do Planejamento do Ensino Superior (EAPES) - Acordo MEC-USAID. **Movimento-revista de educação**, v. 7, n. 14, 28 nov. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/47208>. Acesso em: 05 abr. 2024.

SIMIAND, François. **Método histórico e ciência social**. Bauru: EDUSC, 2003/[1903].

SIMPKINS, Gary; RAPHAEL, Phillip. Black students, APA, and the challenge of change. **American Psychologist**, v. 25, n. 5, p. xxi–xxvi, 1970.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SKINNER, Quentin. Significado e interpretação na História das Ideias. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 358-399, 2017.

SMITH, Roger. Does the history of psychology have a subject?. **History of the Human Sciences**, v. 1, n. 2, p. 147–177, 1988.

SOARES JÚNIOR, Renan da Cunha; MARCELO, Ana Camila; FRANÇA, Jéssica de Sousa; PEREIRA, Laís Finotto; ROHDEN, Roberta Francielli de Siqueira; FREIRE, Heloísa Bruna Grubits; MIRANDA, Rodrigo Lopes. Historicizando a trajetória de um pioneiro: Reinier Johannes Antonius Rozestraten (1924-2008). **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 39, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/33093>. Acesso em: 28 abr. 2024.

SOKAL, Michael M. James McKeen Cattell and American Psychology in the 1920s. In: BROZEK, Josef. **Explorations in the History of Psychology in the United States**. United States of America: Associated University Presses, Inc., 1984. p. 273-323.

SOUZA, Carla Sardinha Siebra de; GONGORA, Joana Branco. A objetivação da psiquiatria fisiológica brasileira no início do século XX. **XIV Encontro Nacional da ABRAPSO - Associação Brasileira de Psicologia Social**, n. 14, Rio de Janeiro, 2007. Poster. Disponível em: https://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/html/poster/1877_poster_resumo.htm. Acesso em: 20 fev. 2024.

STOCKING, George W., Jr. On the limits of “presentism” and “historicism” in the historiography of the behavioral sciences. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 1, n. 3, p. 211–218, 1965.

STUBBE, Hannes. História da Psicologia no Brasil - Noticiário. **Arquivos Brasileiros de Psicologia - FGV**, v. 40, n. 1, p. 113-117, 1988. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/abp/article/view/20297>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected histories: notes towards a reconfiguration of early modern Eurasia. **Modern Asian Studies**, v. 31, n. 3, p. 735-762, 1997.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Em busca das origens da história global: aula inaugural proferida no Collège de France em 28 de novembro de 2013. **Estudos Históricos**, v. 30, n. 60, jan/abr. 2017.

TEIXEIRA, Manoel Olavo Loureiro. Pinel e o nascimento do alienismo. Estudos e pesquisas em Psicologia. Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 540-560, ago. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 mar. 2024.

THE BIRTH OF A JOURNAL. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 1, n. 1, p. 3-4, 1965.

TILEAGĂ, Cristian; BYFORD, Jovan. **Introduction: psychology and history** – themes, debates, overlaps and borrowings. Reino Unido: Cambridge University Press, p. 1-12, 2014.

TURCI, Deolinda Armani. **A licenciatura na regulamentação da formação de psicólogos no Brasil**: um estudo a partir da legislação e do caso do curso de Psicologia da UFMG. 2018, 147 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

VAUGHN-BLOUNT, Kelly *et al.* History's Mysteries Demystified: Becoming a Psychologist-Historian. **American Journal of Psychology**, v. 122, n. 1, p. 117-129, 2009.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2007.

VIDAL, Diana; RABELO, Rafaela Silva. A criação de Institutos de Educação no Brasil como parte de uma história conectada da formação de professores. **Cadernos de História da Educação**, v. 18, n. 1, p. 208-220, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/47659>. Acesso em: 28 set. 2024.

WASSERMAN, Claudia. História intelectual: origem e abordagens. **Tempos Históricos**, v. 19, n. 1, p. 63–79, 2015. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/12762>. Acesso em: 17 mai. 2023.

WATSON, Robert. The History of Psychology: a neglected area. **American Psychologist**, v. 15, n. 4, p. 251–255, 1960.

WATSON, Robert. **The Great Psychologists**: from Aristotle to Freud. Philadelphia & New York: J. B. Lippincott Company, 1963.

WATSON, Robert. The historical background for national trends in psychology: United States. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 1, n. 2, p. 130–138, 1965.

WATSON, Robert. The role and use of history in the psychology curriculum. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 2, n. 1, p. 64–69, 1966.

WATSON, Robert. A note on the History of Psychology as a specialization. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 3, n. 2, p. 192–193, 1967.

WATSON, Robert. The history of psychology as a speciality: a personal view of its first 15 years. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 11, n. 1, p. 5-14, 1975.

WATSON, Robert. The history of psychology conceived as social psychology of the past. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 15, n. 2, p. 103-114, 1979.

WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n.14, p. 9-36, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/2331>. Acesso em: 06 jun. 2024.

WEYANT, Robert G. Some reflections on the NSF Summer Institute in the History of Psychology. **The Canadian Psychologist**, v. 9, n. 4, p. 505–510, 1968.

WIESER, Martin. Psychology's “crisis” and the need for reflection. A plea for modesty in psychological theorizing. **Integrative Psychological & Behavioral Science**, v. 50, n. 3, p. 359–367, 2016.

WOODWARD, William. Obituary: Josef Brožek. **History of Psychology**, v. 7, n. 3, p. 297–311, 2004a.

WOODWARD, William. Josef Brožek: Mentor of Young Historians of Psychology. **History of Psychology**, v. 7, n. 3, p. 309–311, 2004b.

YOUNG, Robert M. Scholarship and the History of the Behavioural Sciences. **History of Science**, v. 5, n. 1, p. 1-51, 1966.

4 - Sites

BRASIL. Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931. Estatuto das Universidades Brasileiras. **Coleção de Leis do Brasil**: v. 1, p. 325, 1931 (Publicação Original). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 30 set. 2024.

BRASIL. Decreto nº 74.299, de 18 de julho de 1974. Dispõe sobre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e dá outras providências. Diário Oficial da União - Seção 1 - 19/7/1974, Página 8133 (Publicação Original). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-74299-18-julho-1974>. Acesso em: 14 mar. 2024.

CAPES. **Catálogo de Teses e Dissertações**. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 13 out. 2024.

FGV ISOP - **Instituto de Seleção e Orientação Profissional**. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/communities/37c0cdb5-1163-41cc-9503-e2dd10ff672f>. Acesso em: 17 abr. 2024.

HOSPITAL NACIONAL DE ALIENADOS. **Base de dados História E Loucura**. Disponível em: <http://historiaeloucura.gov.br/index.php/hospital-nacional-de-alienados>. Acesso em: 13 mar. 2024.

MINTO, Lalo Watanabe. MEC-USAID. **HISTEDBR** - Coleção "Navegando pela História da Educação Brasileira" - Glossário. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/mec-usaid>. Acesso em: 13 mar. 2024.

PUBLIC RELATIONS DEPARTMENT. **History of Charles University**. Disponível em: <https://cuni.cz/UKEN-106.html>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SEIKEN, Jeffrey. **Object 46**: Harry Colmery's Handwritten Draft of GI Bill. Publicado em 14 de novembro de 2022. Disponível em: <https://department.va.gov/history/100-objects/object-46-draft-of-gi-bill/>. Acesso em: 14 mai. 2024.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Publicações de Brozek no Journal of the International Folk Music Council

Título	Tipologia	Ano
Bozidar Sirola	Obituário	1957
Ludvik Kuba	Obituário	1958
Ludvik Kuba, the founder of Slavic musical folkloristics. Josef Stanislav, 1963, 534 p.	Resenha	1965
A Survey of Ethnic Folkmusic across Western Canada. Kenneth Peacock. (Anthropology Papers, No. 3, Nov., 1963, National Museum of Canada, Ottawa.) 13 p.	Resenha	1966
Grlica (Turtle Dove: A Music Education Review), Pavle Sivic, 1964-65.	Resenha	1967
Jačkar: Hrvatske narodne jačke iz Gradišćaby Martin Meršić; Vinko Žganec.	Resenha	1967

Fonte: elaboração do autor.

APÊNDICE B – Periódicos com artigos de Brozek sobre temas de fisiologia e Psicologia Aplicada da década de 1940

Título	Periódico	Ano	Co-autoria
The Performance of Normal Young Men on Controlled Thiamine Intakes	The Journal of Nutrition	1943	Ancel Keys, Austin F. Henschel e Olaf Mickelsen
Absence of rapid deterioration in men doing hard physical work on a restricted intake of vitamins of the B complex	The Journal of Nutrition	1943/1944	Ancel Keys, Austin Henschel, Henry Longstreet Taylor, Olaf Mickelsen
Physiological and Biochemical Functions in Normal Young Men on a Diet Restricted in Riboflavin	The Journal of Nutrition	1943/1944	Ancel Keys, Austin F. Henschel, Olaf Mickelsen e J. H. Crawford
The Effect of Successive Fasts on the Ability of Men to Withstand Fasting During Hard Work	American Journal of Physiology	1944	Henry Longstreet Taylor, Austin Henschel, Olaf Mickelsen e Ancel Keys
Interdisciplinary Research in Human Biology with	American Scientist	1945	Ancel Keys

Título	Periódico	Ano	Co-autoria
special reference to Behavior Studies			
A study of personality of normal young men maintained on restricted intakes of vitamins of the B complex	Psychosomatic Medicine	1946	Harold Guetzkow, Ancel Keys e colaboração de Raymond Cattell, Mary Harrower e Starke Hathaway
Intellectual Functions with Restricted Intakes of B-Complex Vitamins	The American Journal of Psychology	1946	Harold Guetzkow
A Note on Estimation of the Components of Variation in a Two-Way Table	The American Journal of Psychology	1947	Howard Alexander
A Work Test for Quantitative Study of Visual Performance and Fatigue	Journal of Applied Psychology	1947	Ernst Simonson e Ancel Keys
Intellective Tests for Longitudinal Experiments on Adults	The American Journal of Psychology	1947	Harold Guetzkow
The relation between distribution of practice and learning efficiency in psychomotor performance	Journal of Experimental Psychology	1947	Joseph Franklin
Review of "The psychology of diet and nutrition" [resenha]	Journal of Applied Psychology	1947	
Effects of Illumination Level on Visual Performance and Fatigue	Journal of the Optical Society of America	1947/1948	Ernst Simonson
The Effect of Spectral Quality of Light on Visual Performance and Fatigue	Journal of the Optical Society of America	1948	Ernst Simonson
A note on methodological evaluation of selected visual tests	American Journal of Ophthalmology	1948	Ernst Simonson e Joseph C. Franklin
Effects of Practice and the Consistency of Repeated Measurements of Accommodation and Vergence	American Journal of Ophthalmology	1948	Ernst Simonson, Wilfred J. Bushard e John H. Peterson
Drastic Food Restriction - Effect on Cardiovascular Dynamics in Normotensive and	The Journal of the American Medical Association	1948	Carleton B. Chapman e Ancel Keys

Título	Periódico	Ano	Co-autoria
Hypertensive Conditions			
Clinical significance of the Minnesota Multiphasic F Scale evaluated in Experimental Neurosis	The American Journal of Psychiatric	1948	Burtrum C. Schiele
Review of "Manual for the Study of Food Habits" [resenha]	The American Journal of Psychology	1948	
Observations on Human Behavior in Experimental Semistarvation and Rehabilitation	Journal of Clinical Psychology	1948	Joseph C. Franklin, Burtrum C. Schiele e Ancel Keys
Effect of Meals on Visual Performance and Fatigue	Journal of Applied Physiology	1948	Ernest Simonson e Ancel Keys
Experimental Neurosis Resulting from Semistarvation in Man	Psychosomatic Medicine	1948	Burtrum C. Schiele
Item analysis of the psychoneurotic scales on the Minnesota Multiphasic Personality inventory in experimental starvation	Journal of Consulting Psychology	1948	Nancy Keely Erickson
Measurement of Elastic Properties of Skeletal Muscle in Situ	Journal of Applied Physiology	1948/1949	Ernst Simonson, Arthur Snowden e Ancel Keys
Effect of Submersion in Water on the Volume of Residual Air in Man	Journal of Applied Physiology	1949	Austin Henschel e Ancel Keys
Quantitative Criteria of Oculomotor Performance and Fatigue	Journal of Applied Psychology	1949	
Review of "Various Advances in Military Medicine Made by American Investigators Working under the Sponsorship of the Committee on Medical Research" [resenha]	The American Journal of Psychology	1949	
The Rosenzweig P-F Test as a measure of frustration response in semistarvation	Journal of Consulting Psychology	1949	Joseph C. Franklin
Variability of the	American Heart Journal	1949	Ernst Simonson e Ancel

Título	Periódico	Ano	Co-autoria
electrocardiogram in normal young men			Keys

Fonte: elaboração do autor.

APÊNDICE C - Periódicos e instituições com publicações de Brozek em ordem alfabética

Periódico	
American Anthropologist	Journal of Applied Psychology
American Association for the Advancement of Science	Journal of Chronic Diseases
American Heart Journal	Journal of Clinical Psychology
American Institute of Biological Sciences	Journal of Consulting Psychology
American Journal of Clinical Nutrition	Journal of Experimental Psychology
American Journal of Human Biology	Journal of Internal Medicine
American Journal of Ophthalmology	Journal of Nutrition
American Journal of Physical Anthropology	Journal of Personality
American Journal of Physiology	Journal of Russian and East European Psychology
American Journal of Psychiatric	Journal of the History of Biology
American Psychological Society Observer	Journal of the History of the Behavioral Sciences
American Psychologist	Journal of the International Folk Music Council
American Scientist	Journal of the Optical Society of America
American Slavic and East European Review	Le Travail Humain
Annals of the New York Academy of Science	Memorandum: Memória e História em Psicologia
Annual Review of Psychology	Monographs of the Society for Research in Child Development
Anthropologischer Anzeiger	Music Library Association
Applied Psychology	Notes, Second Series
Bulletin of the American Association of University Professors	Nutrition Reviews
Bulletin of the Institute of Folklore Research	Perceptual and Motor Skills

Periódico	
Cadernos de Pesquisa	Perspectives in Biology and Medicine
Canadian American Slavic Studies	Psychological Bulletin
Conditional Reflex	Psychological Reports
Contemporary Psychology	Psychological Reviews
Current Anthropology	Psychologie und Geschichte
Ecology of Food and Nutrition	Psychosomatic Medicine
Episteme	Quarterly Review of Biology
European Journal of Applied Physiology	Revista de Historia de la Psicología
Food and Nutrition Bulletin	Science
Geschichte der Psychologie - Nachrichtenblatt	Sixteenth Century Journal
History of Psychology	Slavic Review
History of Science	South African Journal of Psychology
Human Biology	Soviet Psychology
Integrative Psychological and Behavioral Science	Soviet Psychology and Psychiatry
Integrative Conditional Reflex	Storia e Critica della Psicologia
International Journal of Psychology	Studies in Soviet Thought
ISIS	Teorie e Modelli
Journal of Abnormal and Social Psychology	The American Archivist
Journal of American Folklore	The American Biology Teacher
Journal of Applied Physiology	The American Journal of Psychology
Journal of Chronic Diseases	The Journal of Higher Education
Journal of Clinical Psychology	The Journal of the American Medical Association
Journal of Consulting Psychology	The Lancet
Journal of Experimental Psychology	The Russian Review
Journal of Internal Medicine	The Scientific Monthly
Journal of Nutrition	The Slavic and East European Journal

Periódico	
Journal of Personality	Transactions of the New York Academy of Sciences
Journal of Russian and East European Psychology	Western Folklore